



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de Pedagogia e Educação

Mestrado em Educação – Administração Escolar

**REALIDADE ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICA
DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO ENSINO FORMAL:
Um Estudo numa Escola Secundária do Ensino Público**

Filomena Coquenão Samina Ferreira

Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu
Co-Orientadora: Professora Doutora Marília C. Cid

Évora: 2009

Filomena Coquenão Samina Ferreira

**REALIDADE ORGANIZACIONAL E PEDAGÓGICA
DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO ENSINO FORMAL:
Um Estudo numa Escola Secundária do Ensino Público**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre, sob a orientação do Professor Doutor Leonardo Charréu e da co-orientação da Professora Doutora Marília C. Cid

ÉVORA, 2009

Dedicatória

Aos meus Samina(s) Ferreira(s)

Agradecimentos:

Aos Orientadores desta tese, Professores Doutores Leonardo Charréu e Marília Cid e ainda aos Professores Doutores da parte curricular deste mestrado.

A todas as pessoas da Escola Secundária Gabriel Pereira, pela sua disponibilidade e compreensão, imprescindíveis para a consecução deste estudo.

Ao presidente do Conselho Executivo da ESGP, Dr. Ananias Quintano, pela total abertura e colaboração.

À minha família, onde incluo o Florêncio Leite e o José Jorge Panão, que tornaram possível a minha formação académica e pessoal, pelos valores que me transmitiram, contribuindo decisivamente para a pessoa que hoje sou.

E ainda a todos os que colaboraram em vários momentos neste estudo, ajudando-me a prosseguir para chegar ao fim desta dissertação, com especial agradecimento à minha nova 'irmã' Teresa.

RESUMO

O presente trabalho de investigação realizado na Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP) tem como público-alvo os decisores da Política Educativa do Ensino artístico, da Cultura, Educadores, Investigadores e interessados pela Gestão Escolar. Foi assumido o compromisso de dar uma contribuição para os estudos que relacionam a Administração Escolar ao Ensino das Artes Visuais em particular. A investigação residiu em saber como a Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP), gere a Educação Artística e em que medida o modelo de gestão e o Ensino das Artes Visuais influenciam a optimização dos resultados escolares dos seus alunos; e ainda qual a contribuição desse ensino no enriquecimento da região.

Por outro lado, queremos dar a conhecer a aplicação das Políticas Educativas do Ensino Artístico na ESGP e o papel do seu Serviço de Psicologia e Orientação Educativa.

Deu-se a conhecer a ESGP como a única das três escolas secundárias da cidade de Évora, que tem como Oferta Formativa, a Educação Artística, os Cursos Profissionais direccionados ao acesso aos Cursos do Ensino Superior e a de dar resposta às necessidades do mercado de trabalho locais, nacionais e internacionais.

Foram analisadas as relações interpessoais, a liderança da gestão e a sua influência nos resultados dos alunos, o Desenho Pedagógico da Educação Artística desta Escola Pública – referência regional; as estratégias para a manutenção da estabilidade dos quadros de docentes e não docentes, e as perspectivas gerais da Escola para os próximos anos, através do Programa de Requalificação a ser levado a efeito pela ‘Parque Escolar S.A.’ (2008/09).

No contexto do estudo, centrámo-nos na caracterização do meio, da Instituição, da Cultura Organizacional a nível dos Recursos Humanos, nos Projectos de Cooperação e Internacionalização. A nível das Artes Visuais, estudámos a configuração da estrutura do curso e a sua influência nos resultados escolares dos alunos da ESGP, justificada pela classificação da Avaliação Externa da Inspeção Geral de Educação (IGE), pelo Ranking dos resultados escolares e pela análise do conjunto de entrevistas realizadas.

Refira-se ainda que, pela grande afinidade com Angola, se pretende que a experiência adquirida com este estudo, possa ter continuidade neste país, como partilha e contributo de dois países irmãos.

Palavras - chave: Conceitos de Organização, Gestão e Direito Administrativo Escolar, a Educação e o Ensino das Artes Visuais no Secundário.

ABSTRACT

The present investigation done in Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP) has its target on Education Policies concerning Artistic Education, such as, Culture, Educators, Investigators as well as those interested in School Management. It was assumed the commitment to give a contribution to the studies that have to do with School Management as well as Art teaching in particular case.

This investigation has its target on how this school (ESGP) manages the artistic education and in what sense the model used to manage it can influence on students' results; furthermore, we want to know in what way this management contributes to enrich the teaching in this region.

It is also our aim to explain the applicability of these Education Policies of Artistic Teaching at ESGP and the role it plays in Psychology and Educative Orientation.

ESGP is the only secondary school in Évora city that offers students Artistic Education as well as Professional Courses and trainings to follow further studies in universities. This school also concerns about the necessities of local work market at national and international levels.

This investigation, analyses the relationship and leadership of this school management in student's results; the Artistic Education Didactics; strategies used to guarantee teacher's and school staff stability and finally, the general perspectives this school has for the following years helped by a Requalification Program done by "Parque Escolar S.A." (2008/2009).

This study focuses on the Institution characterization as well as on Organizational Culture for Human Resources and National and International Cooperation Programs. Concerning Arts, we studied the course curriculum and its influence in student's final results of this school (ESGP), justified by External Evaluation from the Ministry of Education (Inspeção Geral de Educação IGE); by school results ranking and the results from the interviews we did.

We want to refer that due to the relationship between this school and Angola, it is our aim to share this experience with this country in order to contribute and cooperate with it.

Key words: School Organization, School Management School Law, Art Education and Art teaching in secondary schools.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória	
Agradecimentos	
RESUMO	
ABSTRACT	
Índice Geral	
Índice de Figuras e Gráficos	
CAPÍTULO 1-INTRODUÇÃO.....	9
1.2. Motivação.....	12
1.3. Problema	13
1.4. Definição dos Objectivos	13
1.5. Formulação das Hipóteses.....	14
CAPÍTULO 2-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Conceito de Organização	16
2.2. As Estruturas Organizacionais	17
2.2.1- As Estruturas de Mintzberg.....	17
2.2.2- Tipos de Estrutura de Mintzberg	18
2.3. Conceito de Gestão	19
2.3.1. Funções de Gestão	20
2.3.2. A Cultura Organizacionais	24
2.4. O Direito Administrativo Escolar	27
2.4.1. Órgãos de Administração Escolar	27
2.4.2. Participação, Democraticidade, Descentralização	30
2.5.1 Política Pública da Educação e o Ensino Artístico	31
2.5.2. Reforma do Sistema Educativo e o Futuro.....	33
2.5.3. Os Professores e o Ensino na Sociedade Moderna.....	33
2.5.4. As Artes Visuais	34
CAPÍTULO 3- METODOLOGIA DO ESTUDO.....	37
3.1. Opções Metodológicas – O Estudo de Caso.....	38
3.2. Análise deDiscurso.....	38
3.3. Análise de Conteúdo.....	38
3.4. Realidade Organizacional e Pedagógica da Educação Artística na ESGP.....	41
CAPÍTULO 4- CARACTERIZAÇÃO	45
4.1- Caracterização da Escola Secundária Gabriel Pereira.....	46
4.2 -Caracterização da Amostra.....	61
4.3. Análise de Discurso dos Entrevistados	113
4.4. Considerações Finais	159
Da Necessidade da Emergência de um Novo Paradigma para a Educação Artística e do Papel do Professor.....	182
BIBLIOGRAFIA	189
ANEXOS.....	197

ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura nº 1 – Organigrama.....	51
Gráfico nº1 Quadro de Pessoal Docente.....	52
Gráfico nº2 Quadro de Pessoal não Docente.....	53

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº1 - Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias.....	54
Quadro nº2 - Curso Científico Humanístico de Ciências Sócio Económicas.....	54
Quadro nº3 - Curso Científico de Línguas E Humanidades.....	54
Quadro nº4 - Curso Profissional de Técnicos de Manutenção Industrial Aeronave.....	54
Quadro nº5 - Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias.....	55
Quadro nº 6 - Curso Científico Humanístico de Ciências Sócio Económicas.....	55
Quadro nº7 - Curso Científico de Ciências Sociais e Humanas.....	55
Quadro nº8 - Curso Tecnológico de Informática.....	55
Quadro nº9 - Curso Profissional De Técnicos de Manutenção Ind.- Electromecânica....	55
Quadro nº10 - Curso Profissional de Técnicos de Secretariado.....	55
Quadro nº11 - Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias.....	56
Quadro nº12 - Curso Tecnológico de Informática.....	56
Quadro nº13 - Curso Profissional de Técnicos de Manutenção Ind.- Electromecânica...	56
Quadro nº14 – Ensino Secundário Recorrente.....	56
Quadro nº15 - Curso de Formação de Adultos.....	57
Quadro nº16 – Alunos do Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais 10º ano.....	57
Quadro nº17 – Alunos do Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais 11º ano.....	57
Quadro nº18 – Alunos do Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais 12º ano.....	57
Quadro nº19 – Alunos do Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais, residentes fora de Évora.....	58
Quadro nº20 – Intervenientes (cargos/objectivos/questões)	61
Quadro nº21 – Número de citações por questões referenciadas	76

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Enquadramento

A Administração Escolar e o Ensino Artístico

Portugal, na qualidade de membro da Comunidade Europeia e a cumprir o seu XVII Governo institucional, pretende reformular aspectos da Política Educativa, dando cumprimento à recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho Europeu, que dita que as escolas devem ter a capacidade de aprender a divulgar, a nível nacional e europeu, as boas práticas e instrumentos eficazes, em matéria de avaliação da qualidade do Ensino, devendo construir redes de escolas que se apoiem, reciprocamente, e através de parcerias, e num intercâmbio de ideias, partilhar e enriquecer as práticas de sucesso. Assim, as escolas devem apostar na pesquisa das melhores práticas utilizadas nos processos escolares e de ensino, incluindo o do ensino artístico, que permitam melhorar os resultados dos alunos e a satisfação das suas famílias, ('Benchmarking'¹ e as escolas).

Estabeleceu-se como objectivo geral desta pesquisa, sob o tema "*Realidade Organizacional e Pedagógica da Educação Artística no Ensino Formal - Um Estudo numa Escola Secundária do Ensino Público*", verificar de que forma a gestão implementada pelos órgãos directivos de uma Escola pública de Évora, Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP), influencia o sucesso escolar dos alunos de Artes Visuais.

A escolha do trabalho de campo recaiu sobre a ESGP, por a considerarmos uma escola *sui generis*, quer pelas suas características históricas, quer pela Cultura Directiva de longa representação, quer ainda pelas características do Ensino Artístico que ministra; com aspectos, a saber:

- Estabilidade do quadro docente;
- Diversidade da oferta formativa;
- A sua adaptação à inovação;
- A sua internacionalização;
- A heterogeneidade dos seus alunos e o aproveitamento escolar.

Apesar da pretensão inicial ser a realização de um trabalho de campo cuja reflexão se centrasse nos Órgãos de Gestão, essa pretensão foi alargada, devido ao passado histórico da escola e do próprio presidente do Conselho Executivo. Assim, optou-se por entrevistar

¹ "O 'Benchmarking' aplicado às escolas consiste na pesquisa das melhores práticas utilizadas nos processos escolares e de ensino, com especial ênfase naquelas cujo impacto, no desempenho, permite melhorar os resultados dos alunos e a satisfação das suas famílias".

professores e recolher depoimentos de pessoas com conhecimento desta escola e do Ensino ali ministrado, com o intuito de proceder a um confronto de ideias.

Retrata-se, nesta tese, de que forma a Escola Secundária Gabriel Pereira tem implementado as Políticas Educativas Públicas na docência das Artes Visuais; como rege a Cultura Administrativa; e qual a sensibilidade às Novas Pedagogias do Ensino Artístico; e se estas (Gestão e Ensino) se ajustam às evoluções tecnológicas do século XXI.

1.2. Motivação

Diariamente quem optou por uma carreira ligada à docência, como é o caso, é confrontado com novos problemas e novos desafios. Assim, os avanços tecnológicos, as alterações comportamentais, reestruturações das políticas educativas, etc., exigem dos vários intervenientes, uma cada vez maior capacidade de se reinventarem no exercício da sua actividade. Observar como outros implementam as leis do Sistema Educativo neste contexto de mudança, constitui uma mais-valia importante para qualquer pessoa, especialmente se estiver ligada à docência.

Ao nível pessoal, ser professor de Artes Visuais, impôs-se naturalmente. Associar a Expressão Artística à arte de ensinar, foi a meta visada, desde a frequência do Curso Profissional de Pintura, instituído numa das poucas Escolas Industriais existentes em Angola, conforme a estrutura organizacional educativa do Estado Novo, na década de 70.

Mais tarde, já em Portugal, a fim de dar continuidade à formação nessa área, e devido à inexistência do ensino artístico, no regime nocturno, no Alentejo, optou-se pela Escola de Ensino Artístico António Arroio, em Lisboa. O grau superior e a profissionalização viria a ser obtido, de volta ao Alentejo, na cidade de Portalegre.

Assim, há todo um percurso que demonstra bem a importância do Ensino, e do Ensino das Artes Visuais em particular, que deixa patente a razão da escolha deste tema.

Outra das razões, prende-se com o facto de ao longo da carreira como docente ter ainda desempenhado funções de direcção de turma e delegada de disciplina de Educação Visual. De facto, cada vez mais os professores são chamados a desempenhar cargos de administração e gestão.

Finalmente, esta investigação traduziu-se na aquisição de importantes conhecimentos, contribuindo para o enriquecimento pessoal e profissional, no exercício duma prática docente levada a efeito durante quase duas décadas.

1.3. Problema

Nos dias 19 e 20 de Novembro de 2007, a Escola Secundária Gabriel Pereira, (ESGP), a título de convite, foi alvo de uma acção da Inspeção Geral de Educação (IGE), efectuada ao abrigo da Lei nº 31/2002 de 20 de Dezembro, que define orientações gerais para a auto-avaliação e avaliação externa aos estabelecimentos de ensino do pré-escolar ao secundário.

Consta do relatório que a ESGP obteve a classificação de “Bom” no domínio dos resultados, na sequência dessa Avaliação Externa.

No ranking de resultados escolares a nível nacional, constituído por um universo de 529 escolas, a ESGP ocupa o 66º lugar.

Das três Escolas Secundárias da cidade de Évora, situa-se em 1º lugar.

Perante estes dados, a nossa pergunta de investigação prende-se em saber: *em que medida a Cultura Organizacional desta escola influenciou os níveis de sucesso escolar do Ensino Artístico de Artes Visuais.*

1.4. Definição dos Objectivos

1.4.1. Objectivo Geral

- Saber se a gestão da ESGP conduz a um clima pedagógico favorável aos resultados escolares dos alunos das Artes Visuais.

1.4.2. Objectivos Específicos.

- Analisar a organização da ESGP no passado e eventuais influências na presente organização; Verificar o contributo do Ensino Artístico ministrado na ESGP para o desenvolvimento da região; Aferir de que forma o clima existente entre o Conselho Executivo e os Professores, se traduz numa melhoria dos resultados dos alunos; Saber quais os Projectos da Escola para os próximos anos; Alertar para uma maior aplicação das ferramentas digitais no quotidiano do ensino; Contribuir para a melhoria de aspectos na Educação, particularmente nas unidades de gestão e artes; Abrir o universo da investigação nesta área.

1.5. Formulação das Hipóteses

Segundo Quivy e Campenhoudt, (1992: 119), «a organização de uma investigação em torno de hipóteses de trabalho constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade (...) um trabalho não pode ser considerado uma verdadeira investigação se não se estrutura em torno de uma ou de várias hipóteses (...) porque a hipótese traduz por definição este espírito de descoberta que concretiza qualquer trabalho científico», acrescentando ainda os mesmos autores que «raramente é suficiente uma única hipótese para responder à pergunta de partida» (ibidem:140).

Após a selecção do problema e definição dos objectivos a alcançar com a presente investigação, formulámos as seguintes hipóteses.

- H₁: Os resultados escolares dos alunos de Artes Visuais estão relacionados com o modelo de gestão
- H₂: A performance da Gestão conduz a uma boa prática pedagógica
- H₃: Os resultados escolares dos alunos de Artes Visuais estão relacionados com a prática pedagógica

CAPÍTULO 2
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo presente os objectivos, decidimos orientar a pesquisa bibliográfica para estudos que abordassem as temáticas de acordo com as questões que nos propusemos desenvolver, relativamente a Organização e Gestão, e às Políticas Educativas Públicas sobre as Artes Visuais.

2.1 Conceito de Organização

O conceito de organização conduz-nos a um universo de definições, pontos de vista, quadros conceptuais, etc. Apresentamos alguns conceitos de organização defendidos por autores consagrados.

Hobbes (1985:274) define uma organização como «um número qualquer de homens reunidos pelo encargo de um negócio que lhes é comum».

Segundo Bertrand e Guillement (1988:14), a organização é entendida como um sistema constituído por «um subsistema cultural/intenções, finalidades, valores, convicções, um subsistema tecnocognitivo (conceitos, técnicas, tecnologia e experiência), um subsistema estrutural (uma divisão formal e informal do trabalho), um subsistema psicossocial (pessoas que têm relações entre elas), assim como um sistema de gestão (planificação, controlo e coordenação)».

Segundo Neves (2002:272), uma organização é « um conjunto articulado de recursos com vista à prossecução de uma ou mais finalidades, que justifiquem a sua razão de ser». Por sua vez, Hutmacher (1992:58), define uma organização como «um colectivo humano coordenado, orientado por uma finalidade, controlado e atravessado pelas questões do poder».

Relativamente à literatura organizacional e sociológica, e segundo Lima (1998:48) o termo organização está quase sempre associado a um ímpeto, ou a um qualificativo, de que geralmente depende a própria definição do seu conceito. É nesse âmbito que surgem os quatro conceitos relacionados com a organização: organização social, organização formal, organização informal e organização completa.

Blau e Scott desenvolvem o conceito de “organização formal” por oposição a um conceito mais amplo, o de “organização social”, afirmando: «Contrastando com a organização social que aparece sempre que os seres humanos vivem juntos, existem organizações estabelecidas deliberadamente para um certo fim» (Lima 1998:49).

No entanto, Etzioni (citado por Lima, 1998:49) prefere a utilização do termo “organização complexa”, em vez dos termos “organização social” e “organização formal”. Para

o autor, organização consiste em «unidades sociais (ou agrupamentos humanos intencionalmente construídos e reconstruídos, a fim de atingir os objectivos específicos».

2.2. As Estruturas Organizacionais

Teixeira (1998:91) define Estrutura Organizacional como o conjunto de relações formais entre os grupos e os indivíduos que a constituem. Está habitualmente representada num organograma onde estão definidas as funções de cada unidade e a articulação entre elas.

A escola como instituição é um espaço físico criado para servir a sociedade em geral, particularmente a comunidade estudantil de uma localidade. Da sua estrutura organizacional fazem parte todos os intervenientes da comunidade escolar, nomeadamente, os Órgãos de Gestão, pessoal docente e não docente, os alunos, os pais ou encarregados de educação, os membros da acção educativa e ainda psicólogos no caso da sua existência.

2.2.1- As Estruturas de Mintzberg

Mintzberg (1995:55), refere que a organização apresenta cinco partes que se encontram em constante comunicação: vértice estratégico, centro operacional, linha hierárquica, tecnoestrutura e pessoal de apoio

Vértice Estratégico - constituído pelos gestores de topo, onde se incluem, os conselhos de administração, de gerência e o seu pessoal de apoio tendo como objectivo responder às necessidades de todos para que a organização atinja os seus objectivos. Em termos da organização escolar, podemos incluir no Vértice Estratégico os elementos do Conselho Executivo, cujas funções são regulamentadas pelo Decreto-Lei nº 115A/98, de 04 de Maio, art.º 15º que reconhece este organismo como sendo o “órgão de administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa e financeira”. Também ainda segundo Mintzberg, se podem enquadrar neste Vértice, todos os membros que apoiem directamente os quadros dirigentes. No caso das escolas, estes podem ter a designação de Coordenador de Escola, Assessor, ou outros.

Linha Hierárquica - constituída pelos gestores intermédios, directores funcionais e operacionais, chefes de serviço, etc., que têm como principal função fazer a ligação entre o vértice estratégico e o centro operacional, através de uma hierarquia. Nas escolas, enquadram-se nesta linha os coordenadores de departamento curricular, de Curso, de Ano ou de Ciclo, os directores de Turma e os delegados de disciplina, sempre que tal esteja contemplado no Regulamento Interno de Escola. Fazem, como já se referiu, a ligação entre o Conselho

Executivo (Vértice Estratégico) e os professores (Centro Operacional). Neste grupo, o Director de Turma, recebe orientações dos coordenadores, transmitindo-as aos restantes elementos do conselho de turma. Faz também a ligação entre a escola e a comunidade (encarregados de educação) e assume ainda o papel de presidente em reuniões de conselho de turma. Junto dos alunos, é o responsável pelo controlo do desempenho académico e comportamental.

Centro Operacional - constituído por todos os operacionais que executam os trabalhos de base relacionados com a produção de bens ou serviços, nos quais se incluem a transformação de *inputs* em *outputs*. No seio escolar, este Centro reúne todos os professores das diferentes áreas disciplinares. Têm como grande objectivo implementar da melhor forma as práticas pedagógicas, de acordo com os programas curriculares. Assim, “*Transformam inputs em outputs*”, visando o sucesso dos seus alunos.

Tecnoestrutura - constituída por analistas, engenheiros, contabilistas, responsáveis pelo planeamento e pela organização de métodos, os quais visam obter sistemas de trabalho que permitam a standardização da organização. Na organização escolar, a tecnoestrutura é composta, hierarquicamente, por: Assembleia de Escola, Conselho Administrativo, Conselho Pedagógico, Departamentos, Conselho de ano, ciclo ou curso, Conselho de Docentes e Conselho de Turma.

Logística: constituída por pessoas que têm a seu cargo serviços de apoio, serviços jurídicos, relações públicas e laborais, investigação, etc. Na escola, enquadram-se neste item, os funcionários dos Serviços Administrativos, do Refeitório/Bufete, os Auxiliares de Acção Educativa, da Biblioteca Escolar e os Serviços Especializados de Acção Educativa, como por exemplo, o Serviço de Psicologia e Orientação Educativa (SPOE).

2.2.2- Tipos de Estrutura de Mintzberg

Relativamente aos tipos de estrutura, este autor, refere os seguintes (1995: 329,457):

Estrutura simples, burocracia mecanicista, burocracia profissional, estrutura divisionalizada e adocracia são os tipos de estrutura apontados por Mintzberg.

Na Estrutura Simples predomina a divisão do trabalho e a pouca formalização. A supervisão directa exerce o mecanismo de controlo, enquanto o vértice estratégico empurra a organização para a centralização.

A Burocracia Mecanicista caracteriza-se pela burocracia e alguma descentralização horizontal, exercendo uma maior pressão nos elementos da tecnoestrutura. O principal mecanismo de coordenação é a standardização dos processos.

Na Burocracia Profissional o maior peso é exercido sobre o centro operacional, já que é predominante a tendência para a profissionalização, exigindo grande especialização e elevado controlo sobre o próprio trabalho, por parte dos profissionais. Embora seja uma estrutura burocrática, apoia-se na standardização das qualificações, ao invés dos processos de trabalho ou dos resultados. Há uma descentralização vertical e horizontal.

Numa Estrutura Divisionalizada o elemento fundamental situa-se na linha hierárquica intermédia, sendo esta que detém o maior poder. Caracteriza-se por estar dividida em unidades autónomas, com uma acentuada burocracia mecanicista, coordenadas por um ou vários gestores de topo, sendo o principal mecanismo de coordenação a standardização de resultados. Há uma descentralização vertical limitada.

Adocracia é uma estrutura pouco formalizada, em que a linha hierárquica intermédia “força” a colaboração, sendo o mecanismo de controlo, o ajustamento mútuo. Há o domínio de especialistas altamente treinados. Verifica-se uma descentralização selectiva.

2.3. Conceito de Gestão

Em qualquer sociedade, todos temos deveres e direitos.

Nos nossos dias todos os cidadãos são gestores de si mesmos. Todos temos necessidade de gerir as nossas próprias vidas. Desde as tarefas domésticas às profissionais e familiares, entre outras. A gestão compreende vários patamares, dificuldades e diversidades, sendo uma ferramenta importante para o sucesso individual e colectivo.

Numa organização, para além da gestão de bens, trata-se de gerir pessoas, visando uni-las em torno de um objectivo comum. Assim, a consecução dos objectivos da organização, passa por gerir as pessoas de forma, a que coloquem ao serviço da mesma, o melhor das suas capacidades pessoais e profissionais.

No que concerne à gestão escolar, segundo Clímaco (CRSE 1988:14)

Gerir é organizar os recursos e os processos de actuação de modo a obter os melhores resultados possíveis em determinadas circunstâncias. Por isso, ao referirmos a escola como objecto de gestão estamos-nos a referir à sua dimensão de **organização social para a educação**.

Não havendo uma teoria de gestão escolar propriamente dita, a prática mostra – a nível dos estabelecimentos e a nível das políticas dos sistemas educativos e dos valores que lhe associamos - a influência da evolução das teorias de gestão em geral filtradas por diferentes correntes pedagógicas, a que não são alheias, evidentemente, as influências da psicologia e da sociologia educacional. Cada vez mais a gestão escolar é uma área interdisciplinar, que implica saberes específicos, e que tem evoluído de acordo com o percurso histórico das suas influências.

Desta definição infere-se que nos podemos basear nas teorias existentes no âmbito da gestão em geral, para proceder à análise do nosso objecto de estudo, a escola, uma vez que as mesmas se podem aplicar, tendo embora sempre presente, a dimensão social específica do nosso objecto de estudo.

2.3.1. Funções de Gestão

Planeamento, Organização, Direcção e Controlo

Fayol, citado por Rocha, J.A. Oliveira, (1999:17), apresenta quatro funções principais na actividade exercida pelos gestores: Planeamento, Organização, Liderança e Direcção e Controlo. Na mesma linha de pensamento, Teixeira (1998:5), apresenta como funções fundamentais da gestão: Planeamento, Organização, Direcção e Controlo.

Para ambos, essa actividade, deverá sempre compreender: Objectivos, Recursos e Pessoas.

- **Planeamento**

O Planeamento define-se como a primeira etapa e consiste na elaboração de planos para que as actividades convirjam para o objectivo pretendido, ou seja, planear as acções a encetar, no sentido de as encaminhar para uma determinada finalidade, previamente estabelecida.

Tal planeamento só poderá ser devidamente efectivado, mediante um conhecimento profundo da organização, nomeadamente, um conhecimento preciso da natureza dos objectivos da organização, do mercado de trabalho e das disponibilidades internas da organização e o domínio de técnicas de planeamento, Rocha, J. A. Oliveira, (1999:75).

Poderemos concluir então que planear correctamente exige um conhecimento profundo da missão da organização.

- **Missão**

O ponto anterior, planeamento, remete-nos para o conceito de missão da organização. Num dicionário de Gestão, encontramos a seguinte definição:

A Missão corresponde à razão de ser da organização e constitui a súpula dos valores, objectivos e intenções da organização. Ao representar a identificação da própria organização e a justificação para a sua razão de existir, a missão constitui um potencial ponto de unificação e motivação de todos os membros da organização. A missão é definida pelos fundadores, podendo sê-lo também pelos gestores de topo².

A missão constituirá assim o ponto a partir do qual se definem os objectivos.

Para Teixeira (1998:32), a missão consiste precisamente na definição dos objectivos estratégicos gerais e permanentes da empresa, devendo ser formalmente expressa a fim de servir de linha orientadora para todas as pessoas que fazem parte da organização. Para o autor, independentemente de estar ou não formalmente expressa através da definição dos objectivos estratégicos gerais, a missão, tem sempre como função dar continuidade de orientação e uniformidade de propósitos.

Neste pressuposto, pode-se entender a missão da organização, como o eixo principal em torno do qual se devem congregiar todos os elementos, num esforço concertado para a prossecução dos seus objectivos.

Então, a gestão de uma organização deverá estar directamente ligada à missão, estratégia e objectivos da mesma.

- **Objectivos**

Os objectivos são as metas que se pretende atingir, tanto a médio como a longo prazo, isto é, o resultado desejado numa qualquer organização.

Na perspectiva de Paulo Nunes³, ao contrário da missão (que é definida de uma forma genérica e não quantificada), os objectivos devem ser expressos de forma concreta e respeitar um conjunto de requisitos, nomeadamente:

² Ver em http://www.notapositiva.com/dicionario_gestao/missao_organizacao.htm

³ Paulo Nunes, economista, contabilista e professor universitário, autor da página “notapositiva”

-Hierarquia: diz respeito à hierarquização dos objectivos por ordem de importância ou de prioridade, o que permitirá estabelecer interdependências e dosear esforços para os atingir;

-Consistência: os múltiplos objectivos definidos devem harmonizar-se entre si, de forma, a que, os esforços para atingir uns não entre em conflito com os esforços para atingir os restantes;

-Mensurabilidade: de pouco servem os objectivos se não for possível verificar se estão ou não a ser atingidos e tal apenas é possível se os objectivos estiverem quantificados ou valorados;

-Calendarização: pelas mesmas razões que a mensurabilidade, também é necessário definir os objectivos no tempo (com um prazo para ser atingido e eventualmente com uma série de fases intermédias);

-Realistas e desafiantes: devem ser possíveis de ser atingidos mas em simultâneo devem ser ambiciosos, constituindo um desafio motivante para todos os colaboradores.

Também em Teixeira (1998:34), encontrámos o mesmo tipo de análise, adiantando este autor que, quando os objectivos duma organização satisfazem as características supra-referidos, há um reforço da pró-actividade do planeamento, permitindo antecipar e construir o futuro desejado; mas não só, contribuirá para melhorar as comunicações, pois fomenta a troca de informações, fomentará ainda o desenvolvimento da coordenação das actividades da empresa e dos seus membros e contribuirá para um aumento da motivação, promovendo a participação e colaboração e, finalmente, estimula os mecanismos de controlo, uma vez que o planeamento não faz sentido se não for analisado em que medida os objectivos pré-definidos estão ou não a ser alcançados.

- **Organização**

Como funções essenciais da gestão, temos, como referido anteriormente, o Planeamento, que implica o conceito de missão e objectivos a que acabámos de fazer alusão, a Organização, a Direcção e o Controlo.

Quanto à organização, ela significa, neste sentido, a alocação dos recursos da forma o mais eficaz possível, para que os objectivos sejam alcançados, também eles, da melhor forma. Tal subentende a escolha de pessoas com o perfil adequado, tanto ao nível das qualificações

como ao nível pessoal, para que se cumpra de uma forma o mais eficaz possível as metas que a empresa se propõe; ou, como diz Teixeira, (1998:4), «é assegurar que a pessoa certa, com as qualificações certas, está no local e no tempo certos para que melhor sejam cumpridos os objectivos»

- **Direcção**

Uma vez mais, e porque as coisas estão interligadas, é óbvio que tudo o que vimos expondo, não bastará por si só, se não houver um mecanismo de liderança que direcione as pessoas no sentido que mais convenha à organização. Essa função de Direcção ou Liderança está relacionada com a capacidade de gerar motivação nas pessoas, colocando em prática o fim definido pela estratégia e estruturado nas funções executivas. Trata-se pois, de influenciar as pessoas no sentido de executarem de sua livre vontade as tarefas propostas.

A este respeito, Teixeira (idem: 4) refere que a direcção envolve motivação, liderança e comunicação. A motivação seria como que uma apropriação por parte do indivíduo relativamente aos objectivos globais da organização, dependendo, essa motivação, da capacidade do líder para conseguir que os outros façam o que ele quer.

Este autor dá ênfase ainda à comunicação, como um «processo de transferência de informações, ideias, conceitos ou sentimentos entre as pessoas».

- **Controlo**

A função de controlo consiste em delinear acções no sentido de rectificar os desvios, e evitá-los no futuro. Tal pode ocorrer através de acções de cariz pedagógico, formativo e educativo, bem como da reformulação do plano, do organograma organizacional e das formas de direcção.⁴

Nesta função da gestão, deve-se ter presente que nada é estanque, isto é, por melhor que decorram as etapas planeamento, organização, direcção, há sempre factores imprevistos que se traduzem em perturbações que podem ser externas, internas, dependentes ou independentes das pessoas.

Assim, o Controlo consiste no processo de comparação do desempenho da organização num dado momento com os objectivos pré-estabelecidos, e conseqüente tomada de decisão.

⁴ Ver http://eden.dei.uc.pt/~dourado/cadeiras/pg/public_html/acetatos/cap2.pdf

2.3.2. A Cultura Organizacional

Conceito de Clima

Neves, (2002:110) refere-se ao Clima Organizacional como «o estado de saúde do corpo social interno de uma organização, analisado à luz do grau de satisfação e de motivação dos trabalhadores da mesma».

Está patente nesta definição a ideia de que o clima organizacional está directamente ligado à forma como as pessoas sentem e interpretam a organização, reagindo em conformidade com essa interpretação.

Neste sentido, podemos afirmar que os trabalhadores, cujos comportamentos podem indiciar desagrado, desmotivação, conflitualidade, apatia, acomodação, ou por outro lado, agrado, satisfação, cooperação, motivação, etc., são o espelho do clima de uma organização. Assim, o clima organizacional, constituindo-se a partir das satisfações e insatisfações dos indivíduos da organização, apresenta um acentuado cariz de impermanência e subjectividade, que se traduz num acréscimo de dificuldade quando se pretende efectuar um diagnóstico do clima de uma organização.

Luc Brunet (1995:138) ⁵ refere, a respeito do clima organizacional das escolas, que cada escola tem a sua personalidade própria, que a caracteriza e que formaliza os comportamentos dos seus membros. O clima organizacional é percebido ao mesmo tempo, de uma forma consciente e inconsciente, por todos os actores de um sistema social, tal como o clima atmosférico que nos afecta, sem que necessariamente estejamos ao corrente da sua composição. De facto, o clima de uma escola é multidimensional e os seus componentes estão interligados. Os efeitos do clima são múltiplos e importantes e, neste sentido, a avaliação do clima deve constituir um momento prévio de mudança. O êxito de novas políticas ou de novas estratégias de desenvolvimento organizacional está estreitamente dependente da natureza do clima da escola.

O conhecimento do clima permite identificar as dimensões que desempenham um papel fundamental na percepção do ambiente de trabalho e, deste modo, facilita a planificação dos projectos de intervenção e de inovação. Finalmente, é importante sublinhar que a eficácia da escola e o sucesso dos alunos são afectados pelo clima organizacional.

⁵ BRUNET, Luc (1995): “Clima de trabalho e eficácia da escola”, in NÓVOA, A. (ed.): As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote.)

- **Conceito de Cultura Organizacional**

Thévenet, citado por Câmara (1997:131) refere que «a cultura da Empresa mostra-nos um estado de espírito dos homens na organização – actua-se sobre os problemas da organização com os utensílios e maneiras de pensar adaptados à época».

Lembremos que ainda no início do século, os paradigmas teóricos assentavam numa visão racionalista e mecanicista da empresa e dos seus trabalhadores, sendo só sensivelmente a partir dos anos 70, que se começou a assistir a um interesse crescente pelos factores não económicos que subjazem ao desempenho dos trabalhadores, e consequentemente pelo estudo da cultura organizacional.

Câmara (idem:141), em referência a Schein e ao seu modelo, refere que a cultura organizacional apresenta três níveis distintos: artefactos, valores e pressupostos básicos.

Os sujeitos percebem a realidade da empresa e constroem as suas atitudes com base num conjunto de pressupostos básicos. No referido modelo, este constitui o nível mais profundo da cultura, pertencendo à esfera do inconsciente. Depois seguem-se as crenças, valores e convicções dos criadores ou dos portadores da cultura, a um nível mais consciente, e finalmente os artefactos, ao nível superficial. Conclui Câmara (idem:133), que «Existirão, portanto, **pressupostos básicos** – uma ideologia de base – o lado simbólico, que vai sustentar a parte mais visível de qualquer cultura organizacional.».

Destas considerações, podemos entender a cultura da organização como um modelo de pressupostos básicos, que um determinado grupo cria, descobre e desenvolve, como resposta a problemas de integração interna e adaptação externa. Após a validação desses pressupostos, por via do seu bom resultado, serão transmitidos aos restantes membros da organização, como a forma correcta de se perceber, pensar e sentir perante uma determinada situação.

Sebastião Teixeira (1998:173), define a cultura de uma organização como «um conjunto único de características que permite distingui-la de qualquer outra», fazendo a analogia entre esta e a personalidade. Assim, a cultura estaria para a organização como a personalidade está para o indivíduo. Também para este autor, a cultura da organização transmite a forma como as pessoas se comportam, representando os ritos, rituais, mitos, lendas e acções a expressão do sistema de valores estabelecido.

Nesta óptica, podemos afirmar que a cultura representa a personalidade da organização.

Das características atrás mencionadas, que tornam cada organização única, aponta-nos o autor dez que, em seu entender, traduzem a essência da cultura de uma organização, a saber:

a identificação do colaborador mais com a empresa no seu todo, do que com a sua profissão ou tarefa específica; a colocação de ênfase no grupo, isto é, se o trabalho é organizado privilegiando o trabalho em equipas, ao invés do trabalho individual; a focalização nas pessoas, no sentido das decisões da gestão terem mais ou menos em linha de conta o impacto sobre os membros da instituição; a integração departamental, traduzindo um maior ou menor incentivo à coordenação e interdependência; o controlo, analisando de que forma a gestão usa as regras, os regulamentos e a supervisão directa, para exercer um controlo sobre o comportamento dos trabalhadores; a tolerância do risco, ver em que medida se incentiva nos funcionários, a agressividade, inovação e a assunção do risco; os critérios de recompensa, verificando se a atribuição de recompensas é feita em função de factores como o desempenho, ao invés da antiguidade, favoritismo ou outro que não esteja relacionado com o desempenho; a tolerância de conflitos, reflectindo em que medida se encoraja na organização uma atitude afirmativa, no sentido de se enfrentarem críticas e conflitos com espírito de abertura; a orientação para fins ou meios, em que medida as preocupações essenciais da gestão privilegiam os resultados, ou os meios e técnicas utilizadas para os alcançar; por último, a concepção de sistema aberto, ou seja, até que ponto a organização analisa as mudanças externas, e actua em resposta às mesmas.

Para este autor, será a avaliação de cada uma das características supra-referidas, que permitirá que se efectue uma leitura e se definam claramente as especificidades de uma cultura organizacional, pois são características que, em maior ou menor grau, estão sempre presentes em qualquer organização.

As organizações escolares, ainda que estejam integradas num contexto cultural mais amplo, produzem uma cultura interna que lhes é própria e que exprime os valores e as crenças que os membros da organização partilham Nóvoa, (1995)⁶. As organizações educacionais, como afirma Brunet (1995:138)⁷, apesar de estarem integradas num contexto cultural mais amplo, relacionado com a cultura nacional, produzem uma cultura interna que as diferencia umas das outras.

⁶ NÓVOA, António (1995): As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote.

⁷ BRUNET, Luc (1995): “Clima de trabalho e eficácia da escola”, in NÓVOA, A. (ed.): As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote.

2.4. O Direito Administrativo Escolar

Após abordarmos sucintamente os conceitos supra-referidos, no que concerne à organização e gestão em geral, pensamos ser pertinente passar à descrição dos mesmos, mas no contexto específico do nosso objecto de estudo, ou seja, a Escola.

No entender de João Formosinho⁸, «a escola é um tipo de administração estadual participada porque nela participam os pais, os alunos, as autarquias, as associações», i.e., «quando haja participação da comunidade escolar e da sociedade civil. Nas deliberações não apenas com meras funções de consulta, a escola, embora sendo Administração Estadual, é Administração Estadual participada».

O autor considera que: «a escola presta serviços especializados, pelo que, se é lógico que seja o Estado, através dos seus órgãos de soberania, a definir os objectivos gerais dos serviços prestados, já não é aceitável que defina minuciosamente os procedimentos técnicos adequados a cada situação».

2.4.1. Órgãos de Administração Escolar

Tendo presente a legislação básica constante do Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, modificado pela Lei nº 24/99, de 22 de Abril, que regula o Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos da Educação Pré-Escolar, dos Ensinos Básicos e Secundário, propomo-nos descrever a composição e funções dos respectivos órgãos.

- Assembleia de Escola ou agrupamento: é o órgão que tem a incumbência de definir as linhas orientadoras da actividade escolar.

O artº8 do Decreto-Lei acima citado, define: «A assembleia é o órgão de participação e de representação da comunidade educativa, devendo estar salvaguardada na sua composição a participação de representantes dos **docentes**, dos **pais e encarregados de educação**, dos **alunos**, do **peçoal não docente** e da **autarquia local**»

Ainda neste âmbito, esta legislação reconhece autonomia à escola para integrar neste órgão, representantes das áreas cultural, artística, científica ou outras que julgue uma mais-valia para o seu projecto educativo, não devendo no entanto ultrapassar o limite máximo de 20 elementos.

⁸ Em documento elaborado no âmbito das actividades da Comissão de Reforma do Sistema Educativo.

A designação dos representantes (pessoal docente, não docente e alunos), é feita por eleição, em listas separadas.

Determina ainda o artº14º do regime de autonomia, que a duração do Mandato para a Assembleia de Escola deverá ser de três anos para todos os elementos, à excepção dos encarregados de educação ou pais e dos alunos.

- **Competências da Assembleia de Escola**

- Eleição do respectivo presidente;
- Aprovação, acompanhamento e avaliação da execução do Projecto Educativo, (documento que consagra a orientação educativa da escola);
- Emissão de parecer sobre o plano anual de actividades, e verificação da sua conformidade com o projecto educativo;
- Elaboração do Regulamento Interno e a celebração de Contratos de Autonomia;
- Apreciação dos relatórios de contas de gerência, os resultados do processo de avaliação interna da escola;
- Promoção e incentivo do relacionamento com a comunidade educativa;
- Acompanhamento da realização do processo eleitoral para a direcção executiva;
- Determinar novas áreas curriculares ou disciplinares de conteúdo regional ou local, bem como as respectivas estruturas curriculares.
- Exercer as demais competências que lhe forem atribuídas na lei e no regulamento interno.

- **Direcção Executiva**

Este é o órgão responsável pela administração e gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa e financeira (art. 15º do regime de autonomia, Decreto-lei 115-A/98)

No ensino secundário, o Conselho Executivo é composto por um presidente e dois vice-presidentes e a sua eleição é feita por assembleia eleitoral especialmente constituída para este efeito, integrando o pessoal docente e não docente, representantes dos alunos e dos encarregados de educação e pais. Os candidatos a este órgão devem ter os seguintes requisitos:

- Ser docentes do quadro de nomeação definitiva, exercendo funções na escola;
- ter cinco anos de serviço
- possuir qualificação específica para o exercício de funções de administração e gestão escolar; (idem: 92).

- **Competências do presidente do Conselho Executivo**

- Representar a escola;
- Coordenar as actividades decorrentes das funções da direcção;
- Exercer o poder hierárquico, em matéria disciplinar, relativamente a pessoal docente e não docente, e aos alunos;
- Avaliar o pessoal docente e não docente.

- **Conselho Pedagógico**

O Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e orientação educativa da escola, nomeadamente no domínio pedagógico – didáctico, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente, (Artigo 24º do Decreto-Lei 115A)

O art.º 25º do citado Regime de Autonomia, define as condições de constituição deste órgão. Assim, têm assento neste Conselho, o presidente, por inerência de funções, sendo os restantes elementos, até um limite de 20, designados no Regulamento Interno da Escola.

Deste órgão deverão fazer parte: o conselho de docente, coordenadores dos departamentos curriculares, coordenadores dos conselhos dos directores de turma, serviços de apoio educativo e outros, representantes da associação de pais e de alunos (ensino secundário), representantes de pessoal não docente e dos projectos de desenvolvimento educativo.

- **Competências do Conselho Pedagógico** (contempladas no art.º 10º do Regime de Autonomia):

- Eleger o respectivo presidente de entre os seus membros docentes;
- Elaborar a proposta de projecto educativo
- Apresentar propostas para a elaboração do plano anual de actividades e pronunciar-se sobre o respectivo projecto;
- Pronunciar-se sobre a proposta de regulamento interno;
- Pronunciar-se sobre as propostas de celebração de contratos de autonomia;
- Elaborar o plano de formação e de actualização do pessoal docente e não docente em articulação com o respectivo centro de formação de associação de escolas, e acompanhar a respectiva execução

- Definir critérios gerais nos domínios da informação e da orientação escolar e vocacional, do acompanhamento pedagógico e da avaliação dos alunos;
- Propor aos órgãos competentes a criação de áreas disciplinares;
- Definir princípios gerais nos domínios da articulação e diversificação curricular, dos apoios e complementos educativos e das modalidades especiais de educação escolar;

Este órgão assume também uma função consultiva, excepto no que concerne à avaliação de alunos, em que tem um papel deliberativo.

- **Conselho Administrativo**

É o órgão deliberativo no que diz respeito à área administrativo-financeira da escola.

É normalmente constituído pelo presidente ou director do conselho executivo, o qual preside a este conselho. Fazem também parte do mesmo um dos vice-presidentes do conselho executivo ou um dos adjuntos, conforme artº29 do citado Regime de Autonomia. A atribuição dos cargos processa-se por eleição.

- **Competências do Conselho Administrativo**

Nos termos do disposto no artº30 do Regime de Autonomia, compete-lhe:

- Aprovar o projecto de orçamento anual da escola em conformidade com as linhas orientadoras definidas pela Assembleia;
- Elaborar o relatório de contas de gerência
- Autorizar a realização de despesas e o respectivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira da escola;
- Zelar pela actualização do cadastro patrimonial da escola;
- Exercer as demais competências que lhe estão legalmente cometidas

2.4.2. Participação, Democraticidade, Descentralização

As ideias de autonomia, participação, democraticidade e descentralização da Administração e Gestão das Escolas perpassam em muitos dos diplomas da área da educação, conforme artigo 3º, alínea g) da Lei de Bases do Sistema Educativo,

Descentralizar, desconcentrar e diversificar as estruturas e acções educativas, de modo a proporcionar uma correcta adaptação às realidades, um elevado sentido da participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes.

A democraticidade de um sistema ou de um modelo organizacional traduz-se pelo nível / grau de participação permitida, directamente ou por representação. Estes têm a ver com o cumprimento dos mecanismos eleitorais. Clímaco, C.R.S.E. (1988:14)⁹, acrescenta a este respeito que, para além destes aspectos formais, a democraticidade ou a participação implica capacidade, ou poder de decisão, o que obriga o despoletar de mecanismos que o possibilitem, são eles: a «política de informação», e a organização da comunicação. Refere a autora (idem: ibidem), que «Podem ser indicadores de democraticidade do modelo de gestão das escolas o nº de conselhos directivos eleitos, o tipo de informações que se fazem circular, o modo como se processa a tomada de decisão, como se distribui o poder de decisão, o estilo de liderança, etc.»

2.5.1 Política Pública da Educação e o Ensino Artístico

Iniciamos este capítulo com os direitos contemplados na Constituição da República para os cidadãos naturais e residentes no território de Portugal Continental e Ilhas, relativamente à Educação, Cultura e Ciência.

Posteriormente, particularizaremos os aspectos relativos à Educação Artística, nomeadamente, as Artes Visuais do nível secundário de ensino.

Artigo 73 Educação, cultura e ciência	Artigo 74 Ensino
1. Todos têm direito à educação e à cultura”.	1. Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar. 2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado:
2. O Estado Promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso	a)Assegurar o ensino básico universal, obrigatório e gratuito; b) Criar um sistema público e desenvolver o sistema geral de educação pré-escolar; c)Garantir a educação permanente e eliminar o analfabetismo”; d)Garantir aos cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística;

⁹ Documento elaborado no âmbito das actividades da Comissão de Reforma do Sistema Educativo

<p>social e para a participação democrática na vida colectiva”.</p> <p>3. “O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as colectividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais”.</p> <p>4. “ A criação e a investigação científicas bem como a inovação tecnológica, são incentivadas e apoiadas pelo Estado, de forma a assegurar a respectiva liberdade e autonomia, o esforço da competitividade e a articulação entre as instituições científicas e as empresas”.</p>	<p>e)Estabelecer progressivamente a gratuidade de todos os graus de ensino;</p> <p>f)Inserir as escolas nas comunidades que servem e estabelecem a interligação do ensino e das actividades económicas, sociais e culturais;</p> <p>g)Promover e apoiar o acesso dos cidadãos portadores de deficiência ao ensino e apoiar o ensino especial quando necessário</p> <p>h)Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto a expressão cultural e instrumento de acesso à educação da igualdade de oportunidades;</p> <p>i)Assegurar aos filhos dos imigrantes o ensino da língua portuguesa e o acesso à cultura portuguesa;</p> <p>j) Assegurar aos filhos dos imigrantes apoio adequado para efectivação do direito ao ensino.</p>
---	---

Quadro 1 – Direitos e deveres dos cidadãos segundo a Constituição da República

Por nos parecer pertinente para o nosso estudo, referimos ainda os seguintes artigos:

Artigo.77º

“Relativamente à participação democrática no ensino, o estado atribui aos professores e alunos o direito de participarem na gestão democrática das escolas, nos termos da lei”.

“A lei regula as formas de participação das associações de professores, de alunos, de pais, das comunidades e das instituições de carácter científico na definição da política de ensino”.

Artigo 78º – Fruição e criação cultural

Segundo a legislação o Estado incumbe-se: *“colaborar com todos os agentes culturais nos seguintes moldes:*

a) *“Incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de acção cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio”;*

b) *“Apoiar as iniciativas que estimulem a criação individual e colectiva, nas suas múltiplas formas e expressões, e uma maior circulação das obras e dos bens culturais de qualidade”;*

c) *“Promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum”;*

d) *“Desenvolver as relações culturais com todos os povos, em especial com os de língua portuguesa, assegurar a defesa e a promoção da cultura portuguesa no estrangeiro”.*

e) *“Articular a política cultural e as demais políticas sectoriais”.*

2.5.2. Reforma do Sistema Educativo e o Futuro

- **Organização do Sistema Educativo Português**

Segundo o art.º 1º da lei de Bases do Sistema Educativo, este é um conjunto de meios pelos quais se concretiza o direito à educação, tendo por âmbito geográfico a totalidade do território português e outros países onde existam comunidades portuguesas, pois como estabelece a lei, deve ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivam comunidades de portugueses ou em que se verifique acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa.

Compete ao Estado criar uma rede de estabelecimentos públicos de educação e ensino que cubra as necessidades de toda a população. Apesar de, o Estado não ser o único responsável pela realização das tarefas educativas, é ao Ministério da Educação, enquanto responsável pela coordenação da política educativa, que cabe a garantia da necessária eficácia e unidade de acção nesta área administrativa (art.46.ºnº 3), do regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos de Educação desde o Pré-Escolar ao Secundário e Agrupamentos.

Toda a rede de estabelecimentos públicos de Educação Pré-escolar, de Ensinos Básico e Secundário, incluindo os respectivos agrupamentos de escolas, assim como os Serviços de Administração directa, centrais e periféricos, são da responsabilidade do Ministério de Educação.

2.5.3. Os Professores e o Ensino na Sociedade Moderna

Segundo a apreciação da OCDE¹⁰, (1985:131),

O contributo que os professores poderiam dar às reformas do ensino tem sido muitas vezes esquecido ou subestimado por ocasião da elaboração dos planos de aplicação. Na grande maioria não recebem orientação especial que os prepare para exercer novas funções.

Segue-se que as reformas passam, mas muitos professores continuam a utilizar os mesmos métodos e a proceder como anteriormente. A especialização das matérias ensinadas permanece.

Os alunos continuam a ser distribuídos por secções e os valores teóricos dominantes mantêm-se do mesmo modo que a procura de bons resultados nos exames pelos mais dotados, se bem que esta preocupação deixaria de existir se os exames fossem suprimidos.

O moral dos professores está afectado não só pela redução dos efectivos da sua profissão, mas também pelas pressões a que estão sujeitos

¹⁰ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

para modificar o seu estilo e métodos pedagógicos, alargar a sua experiência da sociedade e abandonar uma parte mais ou menos importante da sua autoridade na aula.

Fazemos referência a esta citação, por nos parecer importante realçar a clivagem entre quem elabora as reformas do ensino e os que, no seu quotidiano laboral, lhes têm que dar cumprimento. Parece-nos óbvio que este distanciamento, vem afectar de forma significativa o desempenho e o moral dos professores.

Qual é o melhor meio de preparar os que seguem uma formação inicial a enfrentar estas pressões e como se pode ajudar os professores em exercício a adaptar-se a elas?

Em relação à formação contínua de professores é indispensável modificar a organização, o estilo e o conteúdo da formação inicial (idem: *ibidem*).

A formação dos professores está ainda limitada à preparação inicial. No entanto é necessário modificar o equilíbrio entre a formação inicial e a formação permanente em exercício. Isto não significa que os professores tenham que adoptar todas as ideias, teorias e métodos mais recentes. Pode, contudo, admitir-se que deveriam participar em acções organizadas na sua zona ou região e, ao mesmo tempo, nas actividades de aperfeiçoamento organizadas na escola, em todas as actividades destinadas a fornecer-lhes novos conhecimentos de informação e a comunicar-lhes as finalidades das reformas do ensino e as suas incidências sobre os programas e métodos pedagógicos.

Isto significa que a formação permanente deve fazer parte integrante da vida profissional dos professores e estar de acordo com os interesses e exigências de cada um.

É indispensável a constituição de um corpo inovador e flexível de formadores. O tempo de presença dos professores é indispensável para tornar a escola melhor. Para orientar acções empreendidas nas escolas, mobilizar os pais ou motivar as formas de organização, o programa ou os métodos pedagógicos.

Os professores têm que ter tempo para procurar ideias, difundir a informação, fazer a síntese de experiências realizadas noutros locais e reflectir sobre elas. (OCDE:132)

2.5.4. As Artes Visuais

A génese do Ensino Artístico em Portugal, dá-se com a criação de duas grandes escolas: a António Arroio em Lisboa¹¹, e a Soares dos Reis, no Porto, estendendo-se

¹¹ A sua origem remonta a 1919, ano em que foi fundada a Escola de Arte Aplicada de Lisboa, cujo funcionamento tinha como base legal o decreto n.º 5:029, de 1 de Dezembro de 1918, *Diário do Governo*, I série de 05.12.1918. Em 1934, funde-se com a Escola de Cerâmica António Gonçalves e passa a designar-se Escola

posteriormente às capitais das ex-colónias, nomeadamente Angola, Escola Industrial Oliveira Salazar, posteriormente Escola Industrial de Luanda, e Moçambique. Nestas escolas, funcionaram os Cursos de Pintura Decorativa, substituídos depois pelo Curso de Artes Visuais, e Cursos Preparatórios destinados ao ingresso no Ensino Superior. Dada a inexistência de instituições de nível superior nas ex-colónias, só os alunos que tinham possibilidades económicas para se instalar em Portugal, podiam dar continuidade aos seus estudos.

- **O Desenho nas Artes Visuais**

Em 1760, Ribeiro Sanches define como base das Artes Visuais, o Desenho Geométrico¹². Mais tarde, em 1787, o escultor Machado de Castro, dirigindo-se à Corte, referiu o Desenho como disciplina essencial da aprendizagem.

Para além do exercício de destreza manual, o Desenho apresentava-se como um processo estruturante do pensamento e como uma disciplina racional. A racionalidade, própria do iluminismo, foi o caminho escolhido durante muito tempo em Portugal no ensino em geral e no ensino artístico em particular, refere Teresa Eça, nas IV Jornadas de Historia de La Educación Artística¹³.

Assim, o caminho seguido não contemplava o Belo, a dimensão mística, divina e libertadora do processo criativo, apontando antes para uma finalidade prática e palpável de precisão, destreza e técnica, « (...) particularmente por contribuir para o aperfeiçoamento da indústria por ser um meio prático de ligar a Ciência à Técnica», Betâmio, (1967), citado pela mesma autora.

Com a revolução de 1974, e a conseqüente instauração da democracia, assistimos a uma educação artística assente em pressupostos modernistas que contudo não responde de forma eficaz às questões criadas pela globalização.

Industrial António Arroio (arte aplicada); a formação ministrada (em cinco anos) contemplava as áreas profissionais de cerâmica, cantaria, cinzelagem, talha, desenho litográfico, labores femininos, e ainda habilitação às escolas de belas artes. Com a reforma do ensino técnico de 1948, a escola passou a designar-se Escola de Artes Decorativas António Arroio. Com a revolução de Abril de 1974, passou a adoptar a designação de Escola Secundária António Arroio, em virtude da extinção formal do ensino técnico-profissional, em que os cursos unificados (de ciclo trienal) vieram substituir os cursos vigentes. Em 1993 foi finalmente possível recuperar para o nome da escola a evocação do carácter artístico do ensino que sempre a distinguiu, consagrando-a na designação Escola Secundária Artística António Arroio (mais informações em http://www.antonioarroio.org/estrugraf/lateral_iger/hesc/hesc_main.html)

¹² cartas sobre educação da mocidade, publicadas em 1766 pelo Real Colégio dos Nobres

¹³ Comunicação apresentada nas IV Jornadas de Historia de La Educación Artística (Barcelona: 24/Nov. - Girona : 25/Nov. 2000)-150 Anos de Ensino das Artes Visuais Em Portugal : www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html

Também Arno Stern¹, especialista de expressão gráfica que se assume como um praticante da educação criadora, preconizando um ensino artístico que não se confine ao desenho, mas que estimule o potencial criativo do aluno, critica a forma como se ensina a arte e defende a importância de alterar as práticas em curso.

Para Efland (2003) «A finalidade da educação Artística num currículo pós moderno deveria contribuir para a compreensão dos contextos sociais e culturais dos indivíduos».

Assim, o Ensino tem que estar em sintonia com a realidade, edificando um conhecimento onde o sentido crítico e a consciência estejam presentes. Ora, sendo os nossos dias marcados pela velocidade vertiginosa ao nível das inovações tecnológicas, nomeadamente ao nível das comunicações, telefone, internet, etc., pautando-se pela fugacidade, imprevisibilidade e consumismo, as práticas pedagógicas e o currículo do Ensino Artístico terão que responder e adequar-se a todas estas grandes questões levantadas pela globalização. Este é o desafio que terá que ser enfrentado por todos os envolvidos no processo educativo.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DO ESTUDO

3.1. Opções Metodológicas – O Estudo de Caso

«Para cada investigação, os métodos devem ser escolhidos e utilizados com flexibilidade, em função dos seus objectivos próprios, do seu modelo de análise e das suas hipóteses» Quivy (1995:231).

Para este autor, um Estudo de caso é uma investigação de natureza empírica, baseando-se fortemente no trabalho de campo. Estuda uma determinada entidade no seu contexto real, tirando todo o partido possível de fontes múltiplas de evidência como entrevistas, observações, documentos e artefactos, Quivy (idem:ibidem). Em qualquer investigação, há sempre um problema que deve ser formulado através de uma pergunta, de forma a tornar esse problema mais claro e preciso.

Esta pergunta já foi formulada na introdução deste trabalho, desempenha o papel de mola impulsadora; é a “pergunta de partida” que, segundo Quivy et al (1992), servirá de “primeiro fio condutor” da investigação e com ela, «o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor» Quivy et al (1992:41).

Contudo, não basta identificar o problema ou definir a pergunta de partida para se proceder a uma investigação e a razão da sua escolha, o procedimento utilizado, os instrumentos usados na recolha de dados e os sujeitos do estudo, são elementos indispensáveis para que o problema se torne claro.

Assim, a nível metodológico optámos por uma perspectiva de natureza qualitativa por nos parecer a mais adequada para o presente estudo. Concordamos com Bogdan & Biklen, (1994) que nos remetem para uma análise de dados qualitativa como a mais rica, valorizando as palavras e o diálogo entre entrevistador e entrevistados.

A realização deste trabalho permitirá dar algum enfoque à problemática da gestão para o ensino artístico, esperando incrementar o interesse por este estudo, no sentido a que conduza a futuras investigações neste campo.

Segundo Quivy et al (1992), é importante conceber um instrumento capaz de produzir todas as informações adequadas e necessárias contendo questões sobre cada um dos indicadores, formuladas com o máximo de precisão, de forma a que todas as pessoas inquiridas as interpretem da mesma maneira, « (...) mas esta precisão não é obtida imediatamente. A segunda operação a realizar consiste, então, em testar o instrumento de observação» Quivy et al (1992:183).

3.2 Análise de Discurso

O aparecimento de uma nova corrente de pesquisa em qualquer área do conhecimento, surge sempre quando os modelos existentes deixam de dar resposta às questões e inquietações dos homens e do seu tempo. É pois assim, que velhos paradigmas dão lugar a novos paradigmas, num mundo em constante evolução e onde, cada vez mais, aquilo que era tido como verdadeiro e absoluto, cede, perante a impermanência e a velocidade que caracterizam os nossos tempos.

Segundo refere Ceia,

A Análise do Discurso aparece no final dos anos 1960. Michel Pêcheux lança, em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso* que, para a maioria dos estudiosos, representa a fundação dessa disciplina.

(...)Pêcheux coloca em cena o discurso como objecto de análise. Este elemento diferencia-se tanto da língua, quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso evoca uma exterioridade à linguagem – a ideológica e o social.
14

Quando se quer apenas mostrar o que se fala, a análise do conteúdo é o método recomendado.

3.3. Análise de Conteúdo

Surge na primeira metade do Séc. XX, nos Estados Unidos, impondo-se inicialmente na continuidade de uma tradição histórica de analisar textos – a hermenêutica

A AC, surge como um esforço de interpretação do texto oculto, ou texto por detrás do texto, devendo esta ser conduzida por «processos técnicos de validação» Bardin (1995:14)

Acrescenta ainda esta autora que:

... não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de adaptação muito vasto: as comunicações. Bardin (1995:31)

¹⁴ CEIA, Carlos, s.v. "Estruturalismo", *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm>> (20.11.2008).

Adopta uma atitude interpretativa dos textos ver para além do que está expresso, com recurso a processos técnicos de validação.

Os primeiros estudos foram feitos nos Estados Unidos, no âmbito dos textos jornalísticos e textos de propaganda, sendo H. Lasswell¹⁵ o primeiro a adoptar esta metodologia.

As técnicas de validação acima referidas, visam colmatar a incerteza e subjectividade da dimensão psicológica e social, das quais o discurso é um reflexo, bem como a, « descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam ou infirmam o que se procura demonstrar a propósito das mensagens», Bardin (1995:29).

O procedimento metodológico consiste na análise categorial, visando objectiva e racionalmente verificar e classificar a presença ou ausência de itens de sentido.

Um segundo momento da AC acontece com a contraposição da análise qualitativa à análise quantitativa, afirmando que o sentido produzido por um texto pode ser obtido através de um método interpretativo e não através de frequências estatísticas.

Para a análise qualitativa era mais importante a presença ou ausência de itens no texto (o não expresso), do que a frequência com que os mesmos apareciam no texto.

Pêcheux seria um dos críticos desta metodologia, recusando uma concepção instrumental da linguagem, (vista como informações), referindo que tal metodologia contribuiria para mascarar e obscurecer a função das ciências sociais com a prática política, e colocar as mesmas no prolongamento das ciências naturais.

Dá ênfase às condições de produção do discurso, rejeitando o esquema estímulo-organismo-resposta, por entender que este não respeita os lugares que o agente de produção do estímulo e o seu destinatário ocupam.

Procede ainda à reformulação do esquema informacional vigente (emissor, destinatário, mensagem, referente, código, canal). Desta forma, em vez de mensagem, prefere chamar-lhe discurso, defendendo que o que funciona no processo discursivo, não serão organismos humanos individuais, mas formações imaginárias que designam o lugar que ambos, emissor e destinatário, atribuem a si mesmos e ao outro.

A Análise de Discurso preocupa-se em ver além do conteúdo, ou seja, analisando como se fala e como acontece a interacção entre o emissor e receptor de uma mensagem, tendo em linha de conta a subjectividade do pesquisador¹⁶.

¹⁵ Ver informações sobre este autor em: http://en.wikipedia.org/wiki/Harold_LasswellM; (20/11/2008)

¹⁶ Luiz Henrique Eiterer (<http://lheiterer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html>); (20-11-2008)

3.4. Realidade Organizacional e Pedagógica da Educação Artística na ESGP

- **Sentimento da Escola**

“A ESGP é para muitos que nela trabalham e aqui passam uma boa parte dos seus dias, que o mesmo é dizer da vida, uma espécie de extensão das suas casas e das suas famílias... e é assim, ou só assim, que uma escola tem sentido”! ... Bem, para além das pessoas que constituem a população residente...Alunos, Técnicos, Auxiliares de Acção Educativa, Professores e todas as que de uma forma mais ou menos esporádica ou frequente nos visitam, incluindo Pais e Encarregados de Educação... desta família fazem também parte os pássaros, quer os que aqui cruzam os céus, como os que por cá decidem edificar os seus ninhos, certos da segurança e paz que uma escola sempre oferece...Sem qualquer discriminação, nossas parentes”.

(Excerto retirado de um cartaz exposto no Átrio nº2, da ESGP).

Retomamos o objectivo geral desta pesquisa, que se centra em saber se a gestão da ESGP conduz a um clima pedagógico favorável aos resultados escolares dos alunos das Artes Visuais.

A presente investigação surge para se dar cumprimento aos objectivos apresentados na orientação do curso de Mestrado em Administração Escolar da Universidade de Évora e tem o propósito de analisar o desenho organizacional e pedagógico da ESGP, enquanto escola – referência regional. Trata-se da única escola da região Alentejo, ao nível do Ensino Secundário, a oferecer Cursos Profissionais e Cursos de Educação Artística, as Artes Visuais.

Tentou-se perceber em que medida o modelo de gestão implementado conduz a práticas pedagógicas assertivas e, conseqüentemente, a bons resultados por parte dos alunos.

Variáveis em estudo:

- Clima/Cultura Organizacional
- Relação entre a Gestão e o ensino artístico
- Resultados escolares dos alunos das Arte Visuais

Problema: Saber em que medida o modelo de gestão adoptado pela ESGP influencia os resultados dos alunos da Educação Artística.

Hipóteses de Partida: Estratégias Administrativas para o sucesso na avaliação da aprendizagem dos alunos.

Os dados foram obtidos através de entrevistas presenciais feitas a 9 elementos (quatro do género feminino e cinco do masculino); na selecção dos entrevistados teve-se em conta, para além do género, os factores idade e anos de serviço.

O professor de Multimédia prestou colaboração por via electrónica. Para além dos entrevistados, houve necessidade de se recolher depoimentos de outras pessoas, no intuito de obtermos um melhor conhecimento da Realidade Organizacional, Pedagógica e de Cooperação desta escola.

Para a Recolha da Informação optou-se pela técnica da entrevista semi-estruturada, da observação participada¹⁷, Recolha de Depoimentos e análise de documentos, por entendermos serem as que melhor se adequavam ao caso em estudo.

Elaborámos um guião de base que foi posteriormente validado pelos orientadores; todos os outros foram organizados a partir desse guião de base, ajustando-os à especificidade de cada grupo: Gestão, Educação Artística e Novas Tecnologias.

Procedeu-se às entrevistas aos elementos do Conselho Executivo e a alguns professores ligados às Artes e às Novas Tecnologias.

Posteriormente foram feitas as leituras, elaborados os quadros das categorias e realizada a Análise de Discurso de cada entrevistado.

Já no decorrer do trabalho, devido à necessidade de verificar algumas informações resultantes de duas das nove entrevistas em que o factor Comunicação havia sido apontado como uma eventual fragilidade ao nível da Gestão da ESGP, houve necessidade de se proceder à recolha de Depoimentos formais, acima mencionada, junto de outros elementos da ESGP, bem como junto da Representante do Poder Local. Com este procedimento procurámos saber se mais elementos apontariam a comunicação como uma fragilidade ao nível da gestão, e, ao mesmo tempo, consolidar informação relativamente à influência do modelo de gestão da ESGP nos resultados dos alunos.

¹⁷ A Observação – Técnica por excelência para estudar fenómenos através das manifestações comportamentais.

Pode ser participada, quando o sujeito da observação sabe que está a ser observado ou não participada, quando há um desconhecimento desse facto. A observação pode também ser estruturada, quando o investigador construiu a priori uma grelha de análise usada para no decorrer da observação registar a ocorrência de comportamentos por ele pré-definidos ou não estruturada, se o investigador pretende receber do próprio acto de investigação toda a informação para construir posteriormente a sua grelha de análise;

neste caso, regista cuidadosamente tudo o que lhe é dado observar. Na observação semi-estruturada ocorrem as duas situações. http://odiliamaria.blogspot.com/2008_06_26_archive.html (21/11/2008)

Entrevistados e unidades:

- **Conselho Executivo**

E1. Presidente;

E2. A Vice-presidente;

E3. O Vice-presidente;

- **Educação Artística (Artes Visuais e Teatro de âmbito não formal) e Serviço de Psicologia e Orientação Educativa**

E4. Professora de Desenho e Coordenadora do Curso de Artes Visuais;

E5. Professor de Teatro

E6. Psicóloga;

- **Novas Tecnologias:**

E7 Coordenador da TIC;

E8 Coordenadora de Informática;

E9 Professor Geometria Descritiva e Coordenador da Área das Tecnologias.

- **Depoimentos de elementos da ESGP e do Poder Local)**

D10 Professor de Língua Portuguesa (regime nocturno);

D11 Professor de Informática e participante no Programa Comenius

D12 Professora de Filosofia

D13 Profissional da Autarquia

D14 Professor de Multimédia do Departamento das Artes Visuais.

- **Procedimentos**

Para o cumprimento ético que deu lugar à investigação foram efectuados todos os procedimentos habituais, junto do Conselho Executivo, onde foram entregues os instrumentos de trabalho para a realização do estudo de caso.

As Entrevistas tiveram lugar na ESGP, no decorrer do 2º e 3º períodos lectivos. Os horários foram acordados entre todos os intervenientes, tendo sido notória a sua disponibilidade, e decorreram em ambiente escolar, dentro das condições que a escola oferece. Foram gravadas em áudio, para uma melhor análise dos seus conteúdos, tendo-se procedido posteriormente ao tratamento de todo o material recolhido.

As transcrições do áudio foram passadas em suporte de papel e dadas a conhecer aos entrevistados que manifestaram interesse em rever. Com esta estreita colaboração julgamos ter contribuído para a melhoria do conteúdo das declarações por se tratar de um trabalho de elevada responsabilidade.

Posteriormente procedeu-se a análise do discurso, no sentido de se retirar as considerações mais relevantes e através da análise do discurso ser ou não encontrada a resposta à pergunta de investigação.

Como apoio complementar ao suporte teórico tivemos a documentação interna da escola; a informação sobre os cursos do Ensino Artístico do nível secundário, a Legislação sobre a Educação Artística; a informação sobre o ranking dos resultados dos alunos da ESGP e o Relatório sobre a Avaliação Externa do IGE.

Foram abordadas as seguintes categorias: Missão e Visão; Organização do passado; Características da Gestão no presente; Os resultados escolares; Requalificação e Projectos da Escola para os próximos anos e o papel das Artes Visuais da ESGP no desenvolvimento artístico da região. E ainda a implementação da internacionalização com particular interesse sobre as relações com os países de expressão portuguesa.

CAPÍTULO 4

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para este capítulo do trabalho, incluímos quatro sub-pontos: O primeiro descreve a Escola Secundária Gabriel Pereira; o segundo caracteriza os entrevistados, os seus textos originais e no terceiro apresentamos os quadros com a nossa análise dos discursos, relativamente aos aspectos da gestão, dos resultados dos alunos do curso das Artes Visuais da ESGP.

4.1- Caracterização da Escola Secundária Gabriel Pereira

Conectamos um sub-ponto neste capítulo, para a caracterização da ESGP, por considerarmos pertinente para os leitores terem uma visão do espaço onde decorre as vivências profissionais dos participantes da amostra.

A Escola Secundária Gabriel Pereira (ESGP) está localizada em Évora, capital da região Alentejo, cidade, classificada como património mundial, e também contemplada na Carta das Cidades Educadoras, redigida no 1.º Congresso Internacional, realizado em Barcelona em 1990 e, posteriormente, revista em Bolonha em 1994 e em Génova em 2004.

Esta Carta defende os princípios essenciais ao impulso educador das cidades. Assim sendo, cada cidade educadora, tendo personalidade própria, deve ter presente que um dos grandes desafios do século XXI, está precisamente, na formação integral e ao longo da vida, de cada um dos seus habitantes, sem exclusões, tentando a todo o custo, contrariar os constrangimentos ainda existentes na nossa sociedade, no âmbito da educação.

A ESGP teve o seu início a 17 de Setembro de 1914, com origem na Escola de Desenho, passando pela Escola Industrial da Casa Pia de Évora até 1919, Escola Técnica, actual Escola de Santa Clara, tendo funcionado posteriormente no Colégio Espírito Santo, actual Universidade de Évora, até 1970, passando então para as actuais instalações.

A Escola Secundária Gabriel Pereira tem uma população heterogénea, recebendo alunos quer do distrito quer de fora, como é o caso de Coruche, distrito de Santarém.

Sobre o patrono desta escola, Victor do Monte Gabriel Pereira, Évora (1847 – 1911), ficámos a saber que Gabriel Pereira¹⁸ foi filho de um professor do ensino primário. Fez os estudos básicos e secundário na cidade natal. Estudou paleografias na Torre do Tombo, em Lisboa. Teve a seu cargo a organização do Arquivo histórico da Santa Casa da Misericórdia de Évora, entre outros feitos.

É nesta “Cidade Educadora”, sob o prestígio da memória e obra do seu patrono que a ESGP tem vindo a funcionar, sob o lema “Formar para valorizar!”

¹⁸ Mais informações em : http://www.bdalentejo.net/conteudo_a.php?id=115; (20/11/2008)

- **ESGP- um primeiro olhar: Estrutura Física, Espaços e Serviços**

Após terem sido seguidos todos os trâmites relativos à efectivação deste estudo, preparação e aprovação do plano de trabalho, aprovação do pedido de autorização feito às entidades devidas, (Conselho Executivo da ESGP), demos inicio ao nosso trabalho.

Esta fase teve início com pesquisas via internet, consultando com especial atenção a página própria da escola.¹⁹.

Prosseguimos com a observação do nosso objecto de estudo, conforme a metodologia adoptada e já referenciada.

É um edifício que remonta aos anos 70, cuja construção obedeceu a um modelo de Arquitectura Sueco.²⁰ Ao aproximarmo-nos desta escola, o que nos salta imediatamente à vista é a soberba decoração exterior do seu edifício, onde se destacam as imagens de Belas Artes, trabalhos de pintura dos seus alunos, reproduções de obras de artistas internacionais reconhecidos, como Picasso, Monet, Degas, Matisse, Modigliani, Van Gogh, entre outros.

Outras obras expostas nas suas paredes são de Serralharia Mecânica, resistentes ao tempo, e constituem um legado da então Escola Comercial e Industrial Gabriel Pereira.

No solo, circundam as áreas do edifício, peças de escultura de diferentes materiais. Destas destacam-se as de metal em zinco, acastanhadas, colorido que lhes é atribuído pela ferrugem, testemunho das suas idades.

Ao nível de espaços verdes, no exterior, as árvores de porte médio circundam toda a escola. Assim, o que é transmitido a qualquer visitante desta escola é um ambiente de liberdade artística, fazendo jus à criatividade de professores e alunos, e conferindo-lhe singularidade.

Todas as solicitações de acesso de estranhos ao edifício são comunicadas superiormente via telefone, sendo as pessoas encaminhadas posteriormente, o que revela a existência de controlo de segurança e funcionalidade nas ligações entre os vários sectores.

Os profissionais da Acção educativa ajudam a personalizar a escola, deixando transparecer cooperação e organização.

O Polivalente da escola funciona como sala de convívio, de exposições e de espectáculos; é também a área central de acesso a outros serviços tais como a papelaria, telefone público, bufete, a sala dos professores e o palco do teatro.

¹⁹ Site da ESGP: www.esgp.pt/

²⁰ voltaremos a pronunciar-nos a este respeito, nomeadamente, referindo alguns inconvenientes que este tipo de construção trouxe para o funcionamento da escola.

Ao entrarmos neste espaço, o que nos despertou mais a atenção foi o poema de António Gedeão “lágrima de preta” inscrito no seu pavimento.

Encontrei uma preta	Recolhi a lágrima
Que estava a chorar	Com todo o cuidado
Pedi-lhe uma lágrima	Num tubo de ensaio
Para analisar	Bem esterilizado
Olhei-a de lado	Mandei vir os ácidos
Do outro de frente	As bases e os sais
Tinha um ar de gota	As drogas usadas
Muito transparente	Em casos tais
Ensaiei a frio	Nem sinais de negro
Expus ao lume	Nem vestígios de ódio
De todas as vezes	Água quase tudo
Deu-me o qu' é costume	E cloreto de sódio

A Poesia está espalhada um pouco por toda a escola, no chão, nas paredes, entre outros espaços, poemas de Mário Dionísio, “Utilidade/Consciência”; Afonso Lopes Vieira “Onde a Terra começa e o Mar acaba”; Miguel Torga, “Fuga”, e ainda de Fiama e Alexandre O’Neill.

É no Polivalente que são afixadas as avaliações dos alunos, entre outras informações relativas aos exames e afins.

Observamos que os Serviços (a Biblioteca, o GAS - Gabinete de Afectos e Sexualidade, Áreas dos professores, a Secretaria, a Papelaria, a Reprografia, a Cozinha, o Bufete e o Refeitório), indispensáveis em qualquer estabelecimento de ensino, funcionavam com regularidade. Todas as prestações de serviços são pagas por cartões magnéticos.

- **Pavilhão Gimnodesportivo/ Rentabilização das Instalações**

As instalações do Pavilhão Gimnodesportivo, também são cedidas a entidades institucionais, para a realização de actividades desportivas, cuja gestão está a cargo do coordenador e professor de Educação Física.

- **O Museu da ESGP - Espaço Cultural**

É um espaço que revela as relações que esta escola tem mantido ao longo da sua história. Constatam do seu património testemunhos da vida sócio - cultural da região do Alentejo e de Portugal. De África, destaca-se uma raiz exuberante da Welwitschia Mirabilis²¹, artesanato Tchokué. Reuniram ainda pinturas de Júlio Resende, Palolo, Leonor Branco, peças da extinta arte da Serralharia Mecânica, mantas tecidas com pontos centenários de Arraiolos, peças de Cerâmica e Azulejaria entre outras tantas revelações se situa o avião “que voou” (E3) construído pelos alunos da escola.

O Museu da ESGP funciona como a sala de visitas da escola. Os visitantes e cooperantes, no âmbito dos programas europeus de intercâmbio.

- **As Relações Interpessoais entre alunos-alunos**

Convívio Sem Bullying²² Verificamos ainda que, ao nível das relações interpessoais, o espírito de cumplicidade entre os estudantes. O seguinte excerto foi retirado de um placard colocado num dos átrios da escola, onde os alunos se caracterizavam uns aos outros publicamente:

A - awesome	P - protector	R - reading is no - addiction
N - natural	E - extrovertido	I - imagination is a gift
A - autêntica	D - determinado	T - tolerance is a virtue
	R - resistente	A - amusing, all the time
	O - observador	

Ao longo deste estudo, foram observadas várias e diversificadas actividades vividas e partilhadas entre os alunos, nos recintos da escola. Apesar de se tratar de uma população estudantil jovem e heterogénea, constatou-se a existência de um convívio saudável e sem atritos, denotando sincera fraternidade. Parece, a quem observa, que os apelos citados nos cartazes, no chão e nos corredores em defesa dos “Direitos Humanos” e da expressão “Todos diferentes, todos iguais”, estão interiorizados e passados à prática.

Parece-nos pertinente esta pequena referência, por considerarmos ser sintomático de um ambiente de respeito, liberdade, aceitação e tolerância entre os alunos.

- **Relações Institucionais e Participação da ESGP na Comunidade**

Relativamente à cooperação entre a ESGP e a Universidade de Évora (UE) também acontece com visibilidade nos seguintes aspectos que observámos: Cartazes da vida

²¹ Esta espécie foi baptizada a partir do nome do Dr. Friedrich Welwitsch, que contribuiu para o conhecimento desta e de muitas outras plantas de Angola. Para mais informações, consultar : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Welwitschia>

²² Bullying é um termo inglês para designar actos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo; mais informação em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>; (20/11/2008)

universitária afixados neste espaço escolar; Cartazes de instituições locais e de autarquias próximas de Évora, com a divulgação das suas iniciativas sociais e culturais; Cartazes de promoção dos cursos da UE e a abrirem no próximo ano lectivo; e a participação de estudantes universitários nas iniciativas da ESGP, como comprovámos no desfile de moda a convite da coordenadora do departamento das Artes Visuais.

- **Projecto de Requalificação da ESGP – Parque Escolar**

Em informação veiculada pelo Boletim dos professores, Nº 09, Dezembro de 2007, Edição doze, do Ministério de tutela, soubemos que a ESGP é uma de entre as 26 escolas contempladas pelo programa de requalificação iniciado em Julho e que conta com um investimento de 120 milhões de euros.

Este programa centra-se nas escolas secundárias e visa a requalificação dos edifícios degradados, pressupondo também “... a intenção de assegurar a adequação do espaço escolar, tendo em conta as exigências decorrentes da organização e dos currículos do ensino secundário, que implicam, nomeadamente uma maior flexibilidade na oferta curricular, uma diversidade de práticas pedagógicas, o acesso a centros de recursos, o reforço do ensino experimental de ciência e tecnologia, e a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação”.

Pretende ainda proceder a uma reabilitação das instalações escolares, promovendo a sua modernização, de forma a dar resposta aos novos desafios que actualmente se colocam à escola.

Pudemos observar o avançado estado de degradação em algumas instalações, estando em pior estado as Oficinas das Artes, e em termos de climatização, neste e noutros pavilhões, apesar da preocupação dos órgãos de gestão em manter a aparência agradável ao olhar de todos. Todos depositam esperanças neste projecto levado a efeito pela Empresa Parque Escolar, SA.

Estrutura Organizacional da ESGP

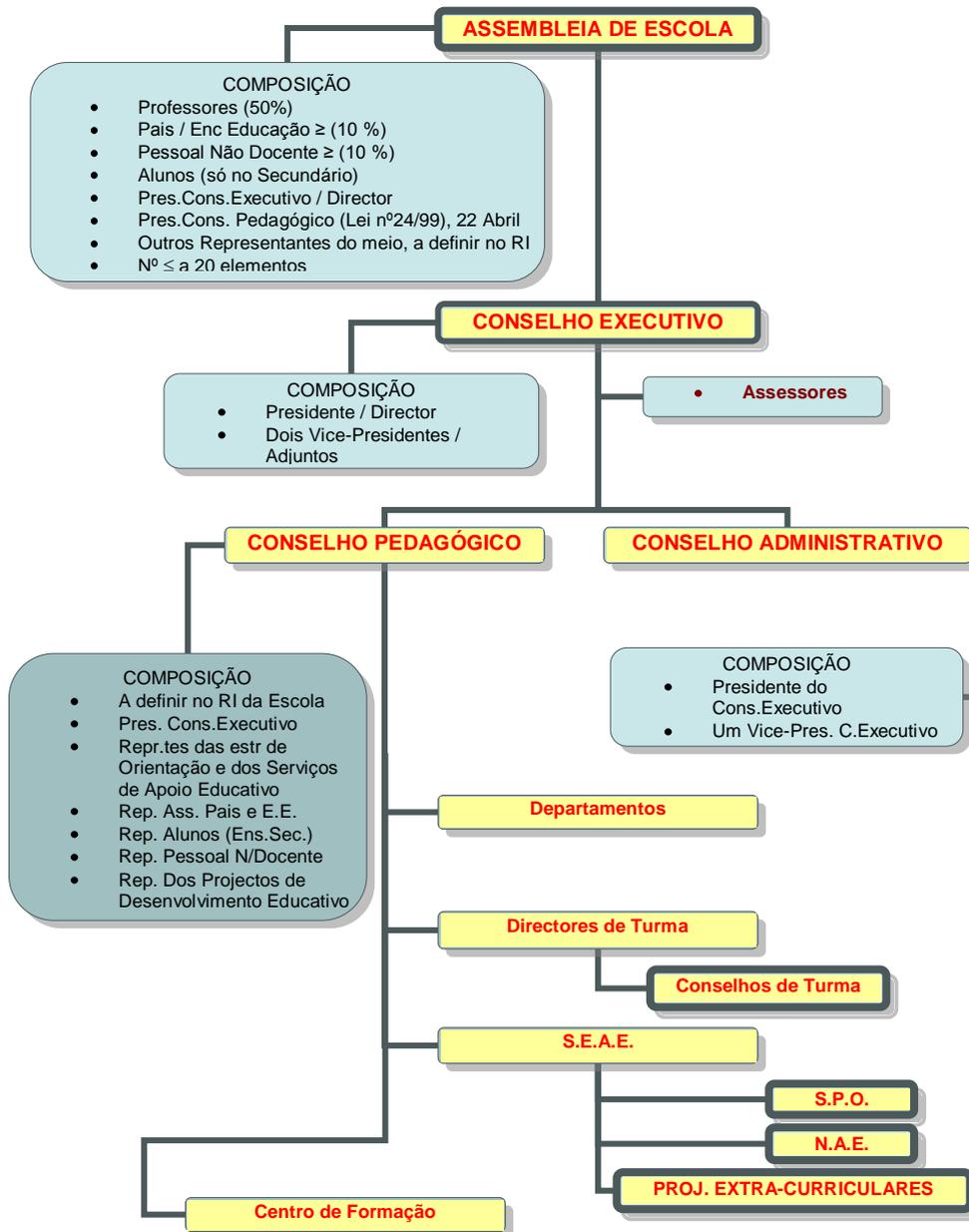


Figura nº1-
Organograma da
ESGP²³ em
2007/2008

Através deste organograma podemos analisar a configuração da estrutura organizacional desta Escola Secundária. Os quadros seguintes ilustram a constituição dos Recursos Humanos.

O Conselho Executivo é constituído por Presidente, uma Vice-presidente e um Vice-presidente.

²³ Figura cedida por um professor da ESGP

- **Pessoal Docente e os Departamentos da ESGP**

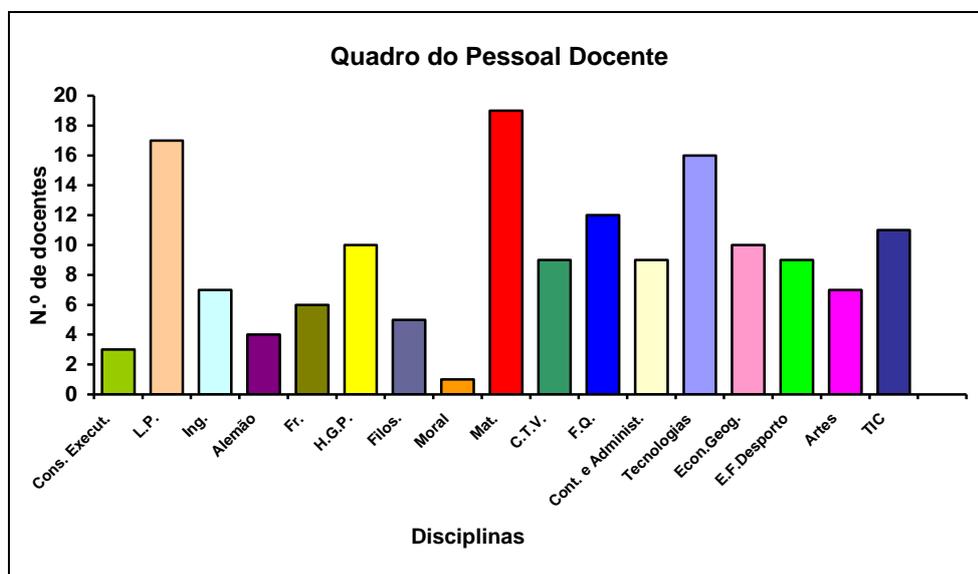


Gráfico nº1: Quadro de Pessoal Docente; Fonte: ESGP

O número total de Professores é de 145, distribuídos por 8 departamentos.

O departamento de Línguas: Língua Portuguesa, (17 docentes), Língua Inglesa e Alemã, (11 docentes) e Língua Francesa, (6 docentes).

Departamento de História e Geografia, Filosofia e EMRC: 16 docentes.

Departamento de Matemática: 19 docentes; Ciências da Terra e da Vida: 9 docentes; Física e Química: 12 docentes.

Departamento de Contabilidade e Administração: 9 docentes;

Departamento de Tecnologias: 16 docentes; Economia: 10 docentes;

Departamento de Educação Física e Desporto: 9 docentes.

O Departamento das Artes Visuais tem 7 professores, podendo entre todos leccionar todas as disciplinas do curso, à excepção da disciplina Multimédia, orientada por uma docente.

SERVIÇOS DE PESSOAL NÃO DOCENTE

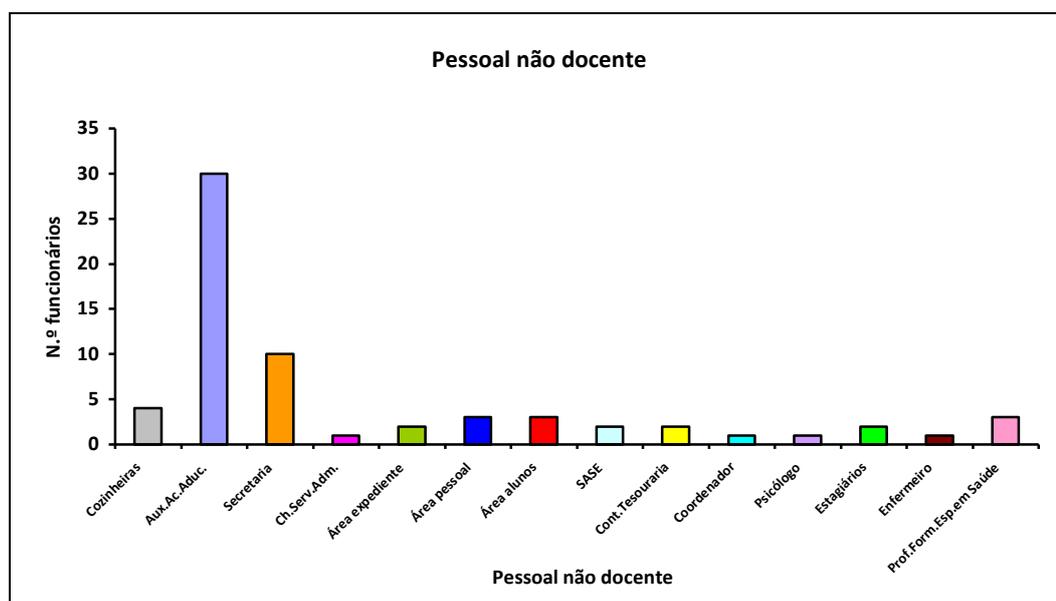


Gráfico nº2- Quadro de Pessoal não docente; Fonte: ESGP

• Serviços de Pessoal Não Docente

Nesta área os profissionais estão distribuídos de acordo com as funções específicas: Cozinha, 4; Auxiliares de Acção Educativa, 30; Secretaria, 10; Chefe dos Serviços Administrativos 1; Área de expediente, arquivo e património – 2; Área de pessoal, 3; Área de alunos, 3; ASE – 2; Contabilidade e Tesouraria, 2; GAS – Gabinete de Afectos e Sexualidade (área de saúde e bem estar) e SPOE, 1 Coordenador / 1 Psicóloga, 2 estagiários, 1 enfermeiro e 3 professores com formação específica em saúde, sendo 7 no total. Somando todos os elementos dá um total de 65 do quadro de pessoal não docente de todos os níveis académicos.

• Oferta Formativa e Cursos a Funcionar 2007/08

Cursos Científico Humanístico:

- Ciências e Tecnologias; Artes Visuais; Ciências Sócio – Económicas; Ciências Sociais e Humanas.

Cursos Profissionais (nível ii): Técnico de Manutenção Industrial (2 turmas -2º e 3º anos); Técnico de Instalações Eléctricas;*

Cursos Técnico de Gestão de Equipamento Informático; *- Técnico de Secretariado (duas turmas 10º e 11º anos)*

Cursos sem implementação: Técnico de Construção Civil/ Desenho de Construção; Técnico de Energias Renováveis/Sistemas Solares e Fotovoltaicos: Técnico de Gestão de Equipamento.

Curso de Educação e Formação (Tipo 6, Nível III); Técnico de Mecatrónica; Técnico de Desenho Gráfico.

• **Quadros de Discentes Matriculados: Ano Lectivo: 2007/08**

Curso Científico Humanístico de Ciências E Tecnologias				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total de alunos
10.º	A	15	14	29
10.º	B	14	17	31
10.º	C	16	13	29
10.º	D	19	12	31

Quadro nº1

Curso Científico Humanístico de Ciências Sócio Económicas				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
10.º	E	17	11	28

Quadro nº2

Curso Científico de Línguas E Humanidades				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
10.º	F	6	24	30
10.º	G	14	15	29
10.º	H	14	17	31

Quadro nº3

Curso Profissional de Técnicos De Manutenção Industrial Aeronaves				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
1.º	M1	13	1	14
1.º	N	8	0	8
1.º	O	18	1	19

Quadro nº4

Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total de alunos
11.º	A	15	14	29
11.º	B	12	18	30
11.º	C	10	19	29
11.º	D	19	12	31
11.º	E	15	13	28

Quadro nº5

Curso Científico Humanístico de Ciências Sócio Económicas				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
11.º	F	14	13	27

Quadro nº 6

Curso Científico de Ciências Sociais e Humanas				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
11.º	G	4	18	22
11.º	H	8	14	22

Quadro nº7

Curso Tecnológico de Informática				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
11.º	M	0	15	15

Quadro nº8

Curso Profissional de Técnicos de Manutenção Industrial - Electromecânica				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
2º Ano	N	12	0	12

Quadro nº9

Curso Profissional de Técnicos de Secretariado				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
2º	O	0	9	9

Quadro nº10

Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total de alunos
12.º	A	6	9	25
12.º	B	19	5	24
12.º	C	13	12	25
12.º	D	12	9	21
12.º	E	11	17	28
12.º	F	14	11	25

Quadro nº 11

Curso Tecnológico de Informática				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
12.º	I	12	2	14

Quadro nº 12

Curso Profissional de Técnicos de Manutenção Industrial - Electromecânica				
Ano	Turma	Masculino	Feminino	Total
3º Ano	J	7	0	7
3.º ciclo	Ensino Recorrente por:	Unidades	Capitalizáveis	8 Total 5 alunos 3 alunas
		Blocos		2 Total 2 alunos

Quadro nº 13

Quadro nº 14

no	ENSINO SECUNDÁRIO RECORRENTE POR MÓDULOS CAPITALIZÁVEIS	23 Total 7 alunos 16 alunas
		22 Total 10 alunos 12 alunas
		42 Total 14 alunos 28 alunas
		20 Total 9 alunos 11 alunas
		21 Total 15 alunos 6 alunas
	• ENSINO SECUNDÁRIO RECORRENTE POR UNIDADES CAPITALIZÁVEIS	22 Total 8 alunos 14 alunas
•		
•		
•		
Curso de Formação de Adultos	EFA S	2 alunos
	EFA B.	4 alunos

Quadro nº 15

Observação: Total de
alunos matriculados
ensino de regime
nocturno: 156

• **Alunos do Curso Científico Humanístico
das Artes Visuais**

Turmas	Masculino	Feminino	Total
I	10	14	24
J	8	17	25
L	12	13	25

Quadro nº16; alunos do 10º Ano

Turma	Masculino	Feminino	Total
I	7	19	26
J	0	13	26
L	13	13	26

Quadro nº17; alunos do 11º Ano

Turma	Masculino	Feminino	Total
G	10 -	11 – Aprovados	21
H	6	20	26

Quadro nº18; alunos do 12º Ano de Artes Visuais

• **Observação dos Resultados:**

Dos vinte e um alunos da Turma do 12º G de Artes Visuais, todos ficaram aprovados, o que indica que concluíram o Curso de Artes Visuais ao nível do Secundário. Dos vinte e um alunos da Turma do 12º H de Artes Visuais, verificou-se o seguinte:

Dos seis alunos ficaram aprovados cinco, e um não aprovado. Das vinte alunas, duas não ficaram aprovadas, duas pediram transferências, uma foi excluída e uma anulou a matrícula.

Quadro Estatístico dos Alunos residentes fora de Évora

Turmas	Alunos	Residências	Alunas	Residências	Total
10° I	1	Santana PRL	1	Mora	
	1	V. Alentejo	1	S. Miguel Machede	
	1	Aguiar	1	Montemor	
	1	Portel			
	1	Alvito			
	1	Vendas N.			
Total	6		3		9
10° J			1	S. Pedro Gafanhoeira	
			1	Montargil	
			1	Lavre Montemor	
Total	0		3		3
10° L	1	Mourão	1	N. Sra. Graça	
			1	S. Miguel Machede	
			1	Igrejinha	
			1	N. Sra. Torre	
Total	1		4		5
11° F	1	Redondo			
	1				1
11° J	1	Almodôvar	1	S. Mancos	
	1	Vendas N.	1	Arraiolos	
	1	Foros Vale Figueira			
	1	Santiago Maior			
	1	Mourão			
	1	Montemor			
Total	6		2		8
11° L	1	Mora	1	Viana Alentejo	
	1	Vendas N.	1	S. Miguel Machede	
	1	Estremoz			
Total	3		2		5
12° G	1	Aguiar	1	N.Sra.Graça	
	1	Mourão	1	Foros Vale Figueira	
	1	Portel	1	Arraiolos	
	1	Portel	1	S.Cristóvão Coruche	
	1	Portel	1	Montemor	
			1	Portel	
			1	Alcáçovas	
			1	Azaruja	
Total	5		8		13
			3	Montemor	
			1	Redondo	

	1	Mora	1	N. Sra.Graça	
Total	1		5		6
Total	22		27 alunas		50 alunos

Quadro nº 19; fonte: ESGP

O Quadro nº 19 ilustra quantos alunos do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais residem fora de Évora e que diariamente se deslocam das suas localidades para a cidade de Évora ou ficam hospedados na cidade.

No ano lectivo 2005/06 o número de alunos foi de 94; em 2006/07 foi de 95 alunos e em 2007/08 foi de 89 alunos, registando-se um ligeiro decréscimo no número total de alunos vindos de outras localidades.

O total de alunos da ESGP é 999, pertencendo 761 aos Cursos Científico Humanísticos, onde se enquadram os 199 alunos do Curso de Artes Visuais, sendo os restantes distribuídos pelos seguintes cursos: Tecnológicos, 29 alunos; cursos profissionais, 65; Ensino Secundário recorrente, 132 alunos; Ensino Básico recorrente, 9 alunos.

A ESGP conta ainda com alunos de língua portuguesa para estrangeiro, num Curso Sócio - Educativo.

Desse total de alunos, apenas existem 2 com Apoio devido a Necessidades Educativas Especiais, que requerem grande atenção do Serviço de Psicologia e Orientação Educativa. A condição para o acesso da população jovem ao regime diurno, é terem idade superior aos 14 anos e o EB concluído.

Em relação à população adulta que tem especificidades próprias, estão reservados os cursos do regime nocturno, que lhes confere o estatuto de trabalhador-estudante.

Não observámos haver discriminação do género, racial ou por qualquer outra diferença. Observámos no decorrer da sessão de pintura ‘humanização’ do espaço do Centro de Saúde, a autonomia de uma aluna ‘muda’, de 20 anos de idade, de uma das turmas de Artes Visuais, que recorre á linguagem gestual, sabendo gerir essa sua particularidade. Soubemos que tem maior dificuldade nos estudos relativos à abstracção como a disciplina de Geometria Descritiva, contudo tem tido apoio de NEE, em separado, com uma professora do grupo de Ensino Especial, em horário ajustado ao da turma.

Os alunos têm ‘voz’, têm uma Associação de Estudantes, que ao contrário da Associação de Pais estes não revelam qualquer dinamismo.

A ESGP reserva anualmente uma semana, geralmente escolhida no mês de Maio, para proceder à divulgação da sua oferta formativa, junto de várias escolas e agrupamentos escolares do distrito de Évora. Essa dinamização é da responsabilidade do SPO – Serviço de Psicologia e Orientação Educativa da ESGP.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Quadro dos Entrevistados (E)/, Cargos/Objectivos/Questões

Intervenientes	Objectivos	Questões/Categorias
E1 - Presidente do Conselho Executivo	<ul style="list-style-type: none"> - Apreender os seguintes pontos: clima, ambiente, relacionamento humano, liderança, democraticidade, comunicação, entre outros aspectos da gestão administrativa. - Qual a influência do Clima Escolar na Pedagogia das Artes e nos resultados escolares. 	Visão, Missão e Organização; Recursos Humanos e Materiais; Políticas Educativas para o Ensino Artístico; Formação Contínua dos Professores; Avaliação da escola com as Novas Tecnologias; O conhecimento sócio - cultural dos alunos; As Associações dos Estudantes e dos Pais; A monitorização; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
E2 - Vice – Presidente (Área Administrativa) e membro do Conselho Administrativo	<ul style="list-style-type: none"> - Apreender como a gestão tem sabido responder às necessidades educativas do ensino, cuja oferta formativa é diversificada. - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares. 	Missão e Visão (Composição dos órgãos de gestão); Organização Escolar: A Avaliação Externa da IGE; A matriz do Curso das Artes Visuais; Os Resultados escolares e estratégias para superação das dificuldades dos alunos; Relações internacionais, Relações com o meio; Requalificação da escola.
E3 - Vice-Presidente (Área Financeira) e presidente do Conselho Administrativo	<ul style="list-style-type: none"> - Saber como a ESGP tem respondido aos Projectos internos e externos a nível financeiro. - Saber qual a aplicação dos orçamentos e métodos de registos da gestão financeira e afins. - Saber qual a funcionalidade do Museu na escola. 	Políticas Financeiras Organização Administrativa e Financeira; Formação Contínua dos professores; Orçamento para as Artes Visuais; As verbas para superação de dificuldades dos alunos; O financiamento dos Fundos Europeus; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
E4 - Coordenadora do Departamento das Artes Visuais (Professora e pintora)	<ul style="list-style-type: none"> - Saber qual a coordenação do funcionamento pedagógico do Departamento das Artes Visuais, com vista a chegar aos resultados dos alunos; - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares. 	Missão, Visão e as relações humanas; Avaliação do ambiente de trabalho no Departamento das Artes; Avaliação qualitativa dos docentes; Recursos físicos e materiais; Organização curricular das Artes; Políticas Educativas públicas para as Artes; Contribuição das Artes da ESGP na região; Motivação, conhecimento dos alunos no EB 2,3; Qualidade do ensino adequado ao Séc. XXI; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
E5 – Professor de Língua Portuguesa e Teatro	<ul style="list-style-type: none"> - Saber qual a avaliação da educação artística na ESGP; - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares. 	Avaliação da Gestão, Clima e Organização Escolares: Apoios, resultados, dinâmicas, o papel do grupo de Teatro ‘O Temporal’; Democraticidade, o ensino artístico e o empenho dos professores; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.

E6 - Psicóloga do SPOE	- Conhecer o papel do SPOE na condução dos alunos para o êxito escolar;	Organização do Serviço de Psicologia e Orientação; Planificação dos Serviços de Apoio às Necessidades Educativas, Planos Educativos; As Artes Visuais, Associação de pais e as relações de cooperação.
E7 - Coordenador das TIC	- Conhecer as competências dos alunos das Artes Visuais, a nível das TIC; - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares.	A Organização do Departamento das TIC na ESGP (recursos humanos, materiais e curricular); Avaliação dos conhecimentos dos alunos do EB 2,3; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
E8 – Coordenadora da Área de informática	- Conhecer as competências dos alunos das Artes Visuais; - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares	Organização e avaliação da gestão dos recursos humanos e materiais; Avaliação dos conhecimentos dos alunos das Artes Visuais; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
E9 - Coordenador das Tecnologias	- Conhecer como são abordadas as dificuldades dos alunos em Geometria Descritiva; - Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares.	Missão e Visão; Avaliação da liderança, da gestão e da organização; Apoios da gestão aos professores, Influência da gestão nos resultados escolares; Superação das dificuldades dos alunos em Geometria Descritiva; Avaliação do mundo digital da ESGP; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
D10 – Prof. de Língua Portuguesa (regime nocturno)	-Saber qual a opinião de um professor do regime nocturno relativamente a avaliação da gestão, e aos outros aspectos abordados aos restantes elementos do curso diurno.	Avaliação da gestão; Justificação dos resultados dos alunos; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
D11- Professor de Informática (elemento com menos idade e tempo de serviço entre os intervenientes neste trabalho; participante no Programa Europeu).	-Saber qual a opinião de um professor participante no projecto Sócrates /Comenius sobre a importância da internacionalização; -Saber qual a avaliação da gestão, relativamente a: democraticidade, descentralização e resultados escolares.	Avaliação dos resultados escolares, Influência da gestão nos resultados escolares; Avaliação dos apoios da gestão; Avaliação do ambiente de trabalho; Opinião sobre os rankings.
D12 – Professora de Filosofia	-Saber qual a opinião de uma professora de Filosofia sobre: Aspectos gerais da ESGP; Os alunos das Artes Visuais (em particular na sua disciplina).	Avaliação do desempenho dos alunos das Artes Visuais em Filosofia; A influência da gestão nos resultados escolares; Actividades desenvolvidas; Relações internacionais; Relações com o meio; Requalificação da escola.
D13 - representante da autarquia junto da ESGP	-Saber qual a opinião relativamente a: - Cooperação entre a autarquia e a ESGP; - Papel da edilidade na materialização das orientações da carta das cidades educadoras;	Avaliação da cooperação entre o poder local (autarquia) e a ESGP; Desempenho da edilidade como “Évora, cidade educadora”; Avaliação das actividades de final de ano da ESGP em colaboração com as outras

	- Estabelecimento de parcerias, que culminaram com a apresentação da produção dos trabalhos de Área de Projecto das Escolas Secundárias de Évora	três escolas Secundárias da cidade.
A.1 - Professor de Multimédia (colaboração via Internet)	Disponibilizou-se a fornecer-nos os objectivos e as orientações curriculares sobre a disciplina Multimédia.	Recolha das informações curriculares e opiniões sobre a disciplina de Multimédia.

Quadro N° 20- intervenientes (cargos/objectivos/questões)

E1- ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO DA ESGP

VISÃO E MISSÃO:

1. QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA ESGP?

O objectivo geral está consagrado no nosso Projecto Educativo, sendo que a formação integral do aluno, como em qualquer estabelecimento de ensino deste país, é a meta a atingir.

Em relação ao objectivo específico somos uma escola, por tradição, mais ligada ao ensino técnico. Um ensino mais especializado, quer nas áreas das artes, quer nas outras áreas técnicas como a informática, o canto e a construção civil.

Embora a ESGP não se limite, nem se quer limitar apenas a esse tipo de ensino. A nossa perspectiva é sempre o equilíbrio entre o ensino, chamemos-lhe agora, profissional e o ensino Científico Humanístico.

Ou seja, a formação de alunos para a vida activa, profissional, e também para ingressar no Ensino Superior.

2. OS ALUNOS TÊM ENCONTRADO APOIO PARA A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO?

Exactamente. Os alunos do Ensino Profissional saem com o 12º ano e fazem os estágios nas empresas da sua área de especialização. E depois ingressarão no mercado de trabalho.

Sim, sim. Temos a funcionar 3 cursos profissionais: Secretariado, Metalomecânico e Aeronaves. E também o de Processos Informáticos. Dois deles com o 12º ano e já têm os estágios garantidos. Aliás nem se pode começar. Neste momento a lei não permite. Não se pode iniciar qualquer um destes cursos sem ter a garantia dos estágios para os alunos.

3. A ESCOLA TEM TIDO SUCESSO NOS OBJECTIVOS A QUE SE PROPÕS?

- Sim, felizmente quer numa área, quer noutra.

Os alunos que têm por aqui passado no ensino, antes técnico - profissional, agora profissional, têm tido saídas em termos de trabalho, quando falo de mercado de trabalho, grande parte é da sua área. Os do Científico Humanístico têm entrado na sua primeira escolha. Digamos, no ano passado, entraram 85 % dos alunos para a 1ª escolha

4. QUAIS SÃO AS ESTRATÉGIAS QUE A ESCOLA ADOPTOU PARA OS ALUNOS QUE NÃO CONSEGUEM CONCLUIR O 12º ANO?

Nós, ... São já maiores, grande parte deles. Esperamos que isso não aconteça.

Neste momento, as saídas para esses alunos são os cursos nocturnos. Os cursos... recentes que lhes dá a possibilidade de tirarem o 12º Ano, com alguns princípios que já têm e até alguma especialização.

4.1 A ESGP TEM ALTERNATIVAS PARA OS ALUNOS QUE ABANDONAM O CURSO ANTES DO 12º ANO?

Não são muitos. Se quer que lhe diga, não sabemos a percentagem. São muito poucos os alunos que abandonam a ESGP.

4.2 RELATIVAMENTE ÀS ARTES, HÁ PEDIDOS DE MUDANÇA DE CURSO?

Quando vêm para Artes Visuais, é muito raro mudarem de curso. O que se tem verificado nos últimos anos, é o contrário, dos outros (cursos) é que há uma tendência de mudança para as Artes Visuais.

5. OS ALUNOS TÊM VOZ NAS DECISÕES DA ESCOLA?

Têm. Continuam a estar representados no Conselho Pedagógico. Sempre houve três alunos: dois do secundário e um do nocturno. São alunos que sabem o que estão a fazer. Conhecem a Escola. São alunos com boa qualificação.

MONITORIZAÇÃO:

6. A ESGP FAZ ALGUM TIPO DE MONITORIZAÇÃO PÓS-SECUNDÁRIO AOS SEUS ALUNOS?

É uma questão a ser pensada no futuro.

Por lei a escola deve saber qual o percurso dos alunos nos dois anos seguintes, quer pelo bom nome da escola, quer pela avaliação externa.

Estamos a fazê-lo a partir de agora. Portanto, de facto tem sido uma lacuna, o saber onde estão os alunos. Estamos neste momento a arranjar uma solução para tudo isso. Quer aqueles que terminam, quer aqueles que não terminam.

6.2 OS ALUNOS QUANDO SAEM DA ESGP PARA O ENSINO SUPERIOR TÊM ÊXITO?

A escola teve, já este ano, uma avaliação externa. Nós sabemos que em termos do ensino superior entram 80%. Se desistem ou terminam os cursos, não sabemos.

A ORGANIZAÇÃO DA ESGP NO PASSADO, NO PRESENTE E NO FUTURO.

7. COMO DESCREVE A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR DO PASSADO?

A ESGP é de grande tradição... como acabei de dizer há pouco, a base está no passado. Ou seja começou com a Casa Pia de Évora ligada sempre e apenas até certa altura, ao Ensino Profissional. Como sabe uma Escola Técnica, de Ensino Profissional. Daí também estas ligações agora ao Ensino Profissional.

Lembro-me, e aliás fui aluno desta Escola, antes de ir para Lisboa, fui aluno na Escola de Santa Clara desta cidade.(nota: a Escola Técnica funcionou no edifício da actual Escola de Santa Clara).

E lembro – me os que enveredaram pelo mercado de trabalho, hoje são ou já foram grandes empresários, pessoas / técnicos de muita valia aqui na zona. Ou seja, a escola preparava, já nessa altura, muito bem, os seus alunos para serem futuros técnicos.

Esta era uma vertente da escola, que primeiro se chamou Escola Comercial e Industrial Gabriel Pereira, depois chamou-se Escola Comercial e Industrial de Évora. E depois, em 1979, é que voltou a ser Escola Gabriel Pereira.

Assim sendo essa parte técnica é já uma tradição, que nos vem do passado e que nós não queremos largar, porque entendemos que o futuro deste país não está só no Ensino Superior. Está nos... técnicos médios que não existem. Que não existem!

Esta é a nossa perspectiva! Por outro lado, já que estamos no Sistema Educativo temos também a obrigação de preparar os alunos para o Ensino Superior. Daí que os nossos objectivos estejam fixados no mercado de trabalho e no Ensino Superior.

8. COMO É QUE SE SUSTENTAM OS OBJECTIVOS EM RELAÇÃO AOS DOCENTES?

Acho que passa e tem passado ao longo dos anos por um quadro de docentes sobretudo muito estável. Nós temos, há longos anos, provavelmente agora os 100%. Não temos nenhum contratado, neste

momento. Ou melhor, há dez, doze ou quinze anos que o grau de estabilidade do corpo docente é maior que 90%. Portanto isto ajuda muito, ... a atingir os objectivos definidos e consegui-los, porque as pessoas não mudam.

Por outro lado é uma escola que tem todos os grupos disciplinares, estou a dizer isto da escola porque implica ter engenheiros civis, engenheiros mecânicos, implica ter engenheiros informáticos, implica ter uma série, ... contabilidades e contabilistas, economistas e ainda ter uma série de áreas e pessoas nessas áreas de formação que conhecem todo o mercado da zona. E é nesses ... que nós nos baseamos muito para saber o que podemos abrir em termos de especialização. E até para formarmos os nossos Engenheiros de Construção Civil. Formar não, porque eles são profissionais da escola. Têm grande conhecimento do mercado de trabalho, que responde às ofertas e às necessidades locais. Quando abrimos um curso é porque há ... outros ... quer dizer...

9. COMO SURGIRAM OS NOVOS CURSOS?

Abrimos o Curso Técnico de Manutenção de Aeronaves, porque sabemos que é uma área de formação, ... embora Évora comece a ter alguma tradição na área de manutenção de aviões, é evidente que não é, ... uma especialização de Évora, mas uma especialização da Europa. Sabemos que há um défice na Europa de técnicos de manutenção de aviões.

RECURSOS HUMANOS

10. COMO É QUE O PROFESSOR SE ENTREGA E SE DISPONIBILIZA?

Pode acontecer coisas deste género. Num curso profissional um professor ter um horário de 28 horas e não ter nenhuma hora extraordinária. E nos últimos três meses de aulas ter um horário de 14 horas para equilibrar o número de horas no final do ano lectivo. É uma equação que há, para as faltas dos docentes do âmbito profissional.

11. QUAL É A ESTABILIDADE DO CORPO NÃO DOCENTE?

No geral, ... entendo que é também um quadro estável de há sete, oito anos. Por questões de aposentação, houve alguma renovação. Digamos, não piorou as coisas, ou seja, as pessoas que gostam da escola e sobretudo vindo delas, (o gosto pela escola), e que sendo assim, fazem o que é possível para dar um bom ambiente à escola.

Acho que a relação funcionário – aluno é excelente.

12. COMO É FEITA A INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS DO REGIME REGULAR E COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS?

A nível de professores, temos pessoas muito empenhadas nos postos intermédios, ou seja em cargos como os de Direcção de Turma.

Um dos pontos fortes da escola tem sido, no meu entender, o facto de haver um número de profissionais, que é muito grande, e muito bom. É possível, como em todo o lado, que haja bons e maus profissionais. Somos neste momento 160 professores e de facto, grande parte são pessoas empenhadas.

Acontece que temos pessoas muito empenhadas nos cargos intermédios. Aqui está o que chamar-lhe-ia de sucesso. E tem sido algum.

Ou seja, são escolhidos bons Directores de Turma para desempenhar este trabalho. O Director de Turma é um dos pontos fortes desta escola. É o DT que assume a integração sócio - familiar dos alunos na escola.

Os alunos com NEE já vêm referenciados. Outros são referenciados aqui na escola.

13. EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO CONTÍNUA, COMO SE PROCEDE A ACTUALIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PARA OS DOCENTES E NÃO DOCENTES?

Em relação aos docentes cumpre-se o que é normal.

As necessidades de formação dos docentes saem dos Departamentos e depois do Conselho Pedagógico. Os Departamentos através dos seus docentes dizem quais são as necessidades que sentem, em termos de formação. E o Conselho Pedagógico faz um Plano que dirige ao Centro de Formação Contínua.

Normalmente tem havido uma resposta. Até há quatro, cinco anos atrás tem havido uma resposta do centro, sobre essas actividades. Ultimamente por questões financeiras e por imposição da legislação foram definidos outros critérios, beneficiando apenas a Físico-Química e a Matemática.

Neste momento por défice a nível específico não se sabe o que vai acontecer a esses Centros. A nível geral neste momento estão em fase de espera da nova legislação. Há um centro a funcionar aqui na escola.

AUTONOMIA

14. SENTE QUE A LEGISLAÇÃO CONFERE AUTONOMIA SUFICIENTE OU UTILIZA A CRIATIVIDADE?

Não, não, eu não posso dizer isto. Não vamos só pelo cumprimento da legislação, porque se fossemos as coisas não poderiam funcionar tão bem.

15. ACHA QUE A CRIATIVIDADE É UM DOS PONTOS FORTES DA SUA GESTÃO?

É porque entendo, que não fazemos nenhuma aldrabices, agora fazemos as coisas com bom senso. Porque há uma desadequação. Temos a noção que há uma desadequação grande. Por exemplo, neste momento, entre o que são os recursos da escola e o que é a contagem de horas, por exemplo, num horário de professor.

Para quem não sabe, o número de horas de um Curso Profissional não é contado da mesma maneira como num outro curso qualquer. Ora bem, isto cria questões administrativas no horário do docente que não são fáceis de resolver, porque num curso profissional uma hora é uma hora. E no outro tipo de ensino um bloco é 90 minutos.

Há coisas que temos que resolver, e resolve-se. - Com bom senso, (reforçou) com bom senso. Para que no final a Administração não saia prejudicada.

Porque nós chegámos ao final do ano em que o docente terá exactamente as mesmas horas que teria num horário normal, de um curso regular.

“Não sei se me faço perceber?”.

16. RELATIVAMENTE À POLÍTICA EDUCATIVA PARA O ENSINO ARTÍSTICO, ACHA QUE ESTE TIPO DE ESCOLA DEVERIA TER MAIOR AUTONOMIA?

Sim. Em relação a este tipo de ensino artístico, sim. Este tipo de ensino artístico, ...

Para já era dar mais alguma autonomia em termos de a escola poder manobrar este tipo de ensino. Este tipo de ensino não se compadece só dentro da Escola, também tem que ir para fora e isso é uma dificuldade.

17. QUAIS AS ALTERAÇÕES FUTURAS PARA O CURSO DE ARTES VISUAIS?

Vamos manter o curso de Artes Visuais. Estamos a desenvolver projectos para o hospital local. Há já bastante intervenção. Em relação às artes a participação é grande.

Será a área onde há mais participação da ESGP na comunidade e vice-versa, mas que é feita um pouco, digamos, à margem das aulas. É feita um pouco na base da boa vontade. São os professores que se disponibilizam fora do horário de trabalho. Enfim! E Embora se faça algum trabalho dentro da escola para depois se aplicar noutro lado qualquer. Mas quer dizer, não há flexibilidade suficiente, para que nós possamos dizer, as aulas hoje vão ser dadas no hospital e teriam que fazer isto e aquilo. Não há essa flexibilidade também.

COOPERAÇÃO ENTRE A ESGP E: COMUNIDADE, AUTARQUIA, ESCOLAS ESTRANGEIRAS.

18. HÁ SOLICITAÇÃO POR PARTE DA COMUNIDADE, PARA A INTERVENÇÃO DA ESGP?

Temos muitos e variadíssimos convites para intervir... Temos até dificuldades em responder a todos.

19. A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO SÃO CHAMADOS A PARTICIPAR NA VIDA DA ESCOLA?

Os pais são chamados a vir à escola. São chamados mas há muito pouca participação. Nota-se de facto ... quando os alunos chegam aqui no 10º Ano, ... No 10º Ano nos primeiros dois meses, os pais ainda os acompanham, mas depois...provavelmente para dar alguma autonomia às criancinhas, começam a deixar de aparecer. Portanto, digamos que a participação dos pais como Associação de Pais na escola é muito fraca. Muito fraca. Este ano até não tem direcção.

Há participação dos Pais, nas reuniões com o Director de Turma, ...essa presença é elevada. As actividades deveriam ser a partir da Direcção de Pais, mas de facto a capacidade de resposta é pouca. Poderia ser muito maior. Nós já fizemos tudo o que poderíamos fazer. Tentámos tudo, mesmo com o apoio de outros pais. Desde fazer cá uma conferência, desde fazer sei lá o quê, para chamarmos cá os pais à escola e a verdade é que ao longo dos últimos cinco anos tem sido um fiasco.

20. COMO SÃO AS RELAÇÕES ENTRE A ESGP E O PODER LOCAL?

Nós temos de facto um contacto muito grande e uma relação boa com a Autarquia. Sempre houve. Quer agora, quer de anos atrás.

Da nossa participação nos eventos deles ou Exposições nossas em espaços do Concelho: Palácio D. Manuel, ... Há também uma grande abertura por parte da Autarquia. E a escola também tem sido chamada a participar nos eventos da Câmara.

RECURSOS FÍSICOS

21. RELATIVAMENTE AOS RECURSOS FÍSICOS, ACHA QUE A ESGP ESTÁ EQUIPADA PARA UM ENSINO PARA O SÉC. XXI?

Não. Eu acho que a escola está razoavelmente adequada. (Reforçou) Razoavelmente. Relativamente às tecnologias de ponta já as temos mas, quer dizer, a funcionar em poucos sítios e em pouca quantidade, ou seja, temos dois quadros interactivos, se calhar seriam precisos mais. As máquinas, quando me refiro às máquinas falo de computadores. Gostaríamos de ter um parque mais actualizado. Embora ... o que temos, julgamos cobrir 90% das nossas necessidades, porque em relação aos cursos informáticos já são necessárias máquinas mais sofisticadas. Provavelmente na parte mecânica há necessidade de uma revolução dos equipamentos. Essa é uma parte que é importante em alguns casos. São as bases dos cursos. Noutros nem por isso!

O fundamental da escola é termos um parque, um conjunto de equipamento mais actualizado. Em alguns casos temos lutado há muitos anos, pelo conforto dentro da escola...Ou seja os professores e os alunos sentirem que às oito horas e um quarto da manhã, não estarem com gabardines e capotes enfiados para não terem frio dentro das salas de aula. ...Como em Maio ou em Junho, não terem de vir em “cuecas” para não terem tanto calor. É isso que neste momento estamos a tratar. Para nos centrarmos na parte da escola que vai ser modernizada. Vai ser uma escola nova...

22. EM QUE CONSISTIRÁ A REMODELAÇÃO?

A nível físico a escola tinha mesmo que ser alterada, há anos...

A escola tem poucos espaços e em termos de equipamento consideramos que é razoável mas que poderia melhorar um pouco. O edifício é mau, embora a escola esteja conservada, no entanto a estrutura em si é má. Muito calor no Verão, muito frio no Inverno. As estruturas de água, luz e saneamento básico são de um edifício de 37 anos. São esses pormenores que neste momento estamos a tentar resolver, com uma obra que vai demorar todo o ano lectivo. Durante o dia não vai haver estacionamento para professores e alunos. As oficinas vão abaixo. Vamos ter laboratórios novos, aquecimento e salas de trabalho para os professores e alunos.

Vão manter a fachada.

22.1 A ESCOLA VAI CONTINUAR A FUNCIONAR EM SIMULTÂNEO COM AS OBRAS?

Vai, vai. Tem que ser! (reforçou) Tem que ser. Não é possível interromper. Vai ser por fases e vão ser assim. Vão ser feitas por fases e vão ser isoladas as partes em que vão fazer-se as obras que iniciarão no próximo mês de Junho/Julho e terminam no final do ano lectivo de 2009.

Fomos contemplados na requalificação a ser feita pela empresa “ Parque Escolar”, que para o ano vai fazer intervenções em 26 escolas do país. É uma empresa em que a maioria do capital é, e ... cumpre as orientações do Ministério de Educação.

As oficinas vão abaixo. Vamos ter laboratórios novos e maior conforto, como aquecimento, salas de trabalho para os professores e para os alunos. Vão manter a fachada da escola.

22.2 AS ALTERAÇÕES VÃO TRAZER MAIS ALUNOS À ESGP?

Não, (reforçou) não, não. Vai trazer maior qualidade em termos de equipamento e em termos de comodidade. Em termos de números, não.

SOBRE O CURSO DE ARTES VISUAIS:

23. QUAL É O CURSO MAIS ESCOLHIDO PELOS ALUNOS NESTA ESCOLA?

É o de Artes Visuais seguido do Curso de Ciências Tecnológicas.

Os alunos para o curso de Arquitectura podem ir pelas Artes se tiverem feito Matemática ou pelo Curso de Ciências Tecnológicas, que prepara também os alunos para os cursos de Engenharias, Medicina e Arquitectura....

24. CONSEGUE SABER A FONTE DE MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DO CURSO NA ESGP?

Há uma motivação, não se sabe, poderá vir de onde saíram, da família ou do impacto que encontram na escola localmente ou até do país!

25. COMO É FEITA A PROMOÇÃO DOS CURSOS DA ESGP?

Temos o Gabinete de Orientação Vocacional, a funcionar com uma psicóloga, que ... normalmente em Maio organiza a chamada Feira das Profissões, para dar a conhecer em pormenor, os cursos profissionais que temos e dar a conhecer as saídas profissionais.

Juntando a isto, ainda temos o contacto da nossa psicóloga com as escolas que têm o 9º Ano.

26. RELATIVAMENTE AO CUMPRIMENTO DO CURRÍCULO ARTÍSTICO DO ENSINO BÁSICO, OS ALUNOS VÊM BEM PREPARADOS?

Penso que sim, penso que sim. Os alunos que vêm para o Curso de Artes Visuais é muito raro pedirem a mudança de área.

27. OS ALUNOS DAS ARTES VISUAIS QUANDO SAEM TÊM TIDO ÊXITO?

Os do Científico Humanístico têm tido entrada na sua primeira escolha em cerca de 85 %. A ESGP teve já este ano uma avaliação externa. Só se sabe que 85% entram na primeira escolha.

São muito raros os casos de alunos de Artes que pedem para mudar de área. Antes pelo contrário alguns alunos de outros cursos acabam por pedir para se mudarem para as Artes Visuais.

1. COMO SÃO CONSTITUÍDOS OS ÓRGÃOS DE GESTÃO DA ESGP?

O Órgão do Conselho Executivo tem o presidente e dois vice-presidentes. Faço parte da gestão da escola também, no grupo do Conselho Administrativo.

O presidente do Conselho Administrativo (que não é o professor Ananias, podia ser, mas não é) e um dos Vice-Presidentes que é, neste caso, o meu colega professor Joaquim Félix e ainda a chefe dos Serviços Administrativos, que é a D. Caetana.

Tudo o que é da área dos alunos em geral, e na Secretaria é da minha responsabilidade directa. Eu estou a coordenar essa área e a dos Directores de Turma, a dos Coordenadores dos Directores de Turmas. Também sou responsável pela coordenação da equipa da cozinha e no que diz respeito ao plano de higiene de acordo com o CIADAP: manutenção e monitorização de equipamento, nomeadamente o equipamento de frio.

2. QUAL A DURAÇÃO DO MANDATO DO CONSELHO EXECUTIVO?

Este ano excepcionalmente. Como o nosso mandato terminava a meio de Junho, e ficava a meio do processo de avaliação do desempenho dos professores... foi-nos atribuído mais um ano para que pudéssemos concluir o processo de avaliação que se reporta a 2 anos, 2007/2009.

3. COMO ANALISA A NOVA AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES.

Quero só que fique claro, que não sou contra a avaliação dos docentes. Eu acho que os docentes têm que ver o seu desempenho avaliado. Não concordo é com o momento em que este modelo é proposto. Não concordo na totalidade com o modelo proposto, acho demasiado complexo, de difícil aplicação e considero que um dos motivos da contestação dos professores está relacionado com... não só com o momento mas a complexidade deste modelo. Nós temos uma formação que nos preparou para dar aulas em determinadas áreas específicas e muitos de nós estão neste momento inseguros, quanto à construção e recolha de instrumentos de recolha de informação para suportar o modelo de avaliação proposto. É um trabalho para o qual nós não nos sentimos seguros e não nos sentimos preparados.

4. COMO SE PROCESSOU A AVALIAÇÃO EXTERNA?

A IGE, (Inspeção Geral de Educação) propôs à nossa escola, um modelo de avaliação externa. Portanto, foi-nos apresentado em forma de convite ao qual a escola aceitou e ...respondeu de forma positiva. Este processo de avaliação externa decorreu durante o mês de Novembro de 2007. É o modelo de avaliação proposto pela IGA, que é um dos serviços do Ministério de Educação. Tem um esquema conhecido por toda a gente e está publicado na Internet na página do IGE.

Os critérios que presidem à avaliação foram dados a conhecer à escola, bem como a escala dessa avaliação. A Escola foi contactada, produziu todos os documentos que a equipa nos solicitou, nomeadamente, a apresentação da escola em que foram caracterizados vários aspectos. Nomeadamente Contexto e Caracterização Geral da Escola, Projecto Educativo, Organização e Gestão da escola, a Ligação à Comunidade, o clima educativo e os resultados. Esse documento de apresentação da escola foi feito em suporte de papel foi enviado à IGE juntamente com toda a documentação solicitada. E foi feita uma apresentação pública do mesmo a toda comunidade educativa.

4.1 QUAIS FORAM OS RESULTADOS

A avaliação é uma avaliação qualitativa e essa avaliação é uma avaliação por domínios. O que quer dizer: um dos domínios avaliados foram os resultados; tem a ver com o desempenho dos nossos alunos, não só os resultados dos exames nacionais mas também nos resultados internos, nas

classificações internas dos nossos alunos. E no domínio dos resultados tivemos uma avaliação de Bom.

Essa avaliação foi relativa só aos três últimos anos, foi feita neste ano lectivo, mas reporta-se aos três últimos anos.

A grande vantagem é a possibilidade que é dada à escola, de repensar, de reavaliar de reformular alguns dos domínios que se revelaram menos positivos, durante esse processo de avaliação. Neste relatório foram apontados os pontos fracos e os pontos fortes da escola. E como eu já tinha dito antes, este é um olhar externo feito à escola de uma entidade independente de pessoas que não conheciam a escola e se calhar estão mais atentos a determinados aspectos que a nós nos passam despercebidos pela convivência que temos no dia-a-dia. Ah...Eu penso que a grande vantagem do modelo de avaliação é essa mesmo, permite-nos conhecer melhor a nossa instituição e permitirá identificar, de uma forma muito eficaz os pontos fracos. E conhecendo os pontos fracos, obviamente podemos desencadear um conjunto de estratégias para os ultrapassar.

Foram cinco domínios avaliados. E não há um único valor que traduza a avaliação externa da escola. A avaliação é feita por domínios. E o conjunto de cinco domínios traduz a avaliação externa.

4.2 TEM CONHECIMENTO DE OUTRAS ESCOLAS QUE TENHAM SIDO AVALIADAS PELO IGE?

Sim, (sim, sim). Aliás na página da IGE estão publicadas todas as escolas que já foram avaliadas e estão disponíveis também os relatórios de avaliação de cada uma das escolas, já tínhamos conhecimento disso.

Não fizemos o estudo comparativo. Não tivemos essa preocupação. Preocupamo-nos com a avaliação concreta da nossa escola. Não estamos a fazer o estudo comparativo com outras escolas.

5. QUAIS AS DISCIPLINAS EM QUE OS ALUNOS DAS ARTES VISUAIS, APRESENTAM MAIOR DIFICULDADE?

Os alunos revelam de uma forma geral, maior dificuldade em Língua Portuguesa e em Matemática. No caso concreto das avaliações dos alunos, isso também acontece. Os alunos das Artes Visuais, tal como os alunos dos restantes cursos têm uma formação geral da qual faz parte o Português. O Português ao nível do Secundário é uma disciplina trienal. Disciplina de três anos com conclusão obrigatória por exame, no 12º ano.

É uma das disciplinas em que os alunos, ... - é uma disciplina transversal em que eles apresentam algumas dificuldades, como as Ciências, a Físico - Química e a Geologia.

No caso concreto das artes os alunos de artes têm a possibilidade de optarem no 10º ano também por Matemática. Não é uma Matemática idêntica à dos outros cursos. É a Matemática B. Não sei se conhece a matriz dos Cursos de Artes do Secundário. É uma matriz que tem a seguinte organização: tem as disciplinas da formação geral que são: o Português, uma Língua Estrangeira, a Filosofia, Educação Física. Todos os alunos do 10º ano têm obrigatoriamente, estas quatro disciplinas, quer sejam de curso de artes visuais, quer sejam de outro curso do secundário.

Depois há a componente de formação específica. É constituída por uma disciplina trienal que é o Desenho A. O Desenho A é a disciplina base estruturante deste curso tem a duração de três anos e termina obrigatoriamente com a realização de um exame. Para além da disciplina trienal que é a obrigatória para todos os alunos de artes, eles podem, optar ainda, podem não, têm que optar ainda, por duas disciplinas da formação específica. E optam por duas de entre: Geometria Descritiva A, Matemática B e História da Cultura e das Artes.

Destas três escolhem duas. Repare, temos aqui a Matemática B. O que é que nós constatamos em relação à Matemática "B"? O número de alunos que escolhem a Matemática "B", normalmente é baixo e, desses alunos que escolhem Matemática B, pelo menos metade anula a matrícula. O que significa que os alunos de Artes têm alguma dificuldade ou algum mau relacionamento com a Matemática B, mas eu penso que isso também está relacionado com o facto desta disciplina não ser exigida como prova de ingresso nos exames no Ensino Superior(ES).

Como ela não é exigida como prova de ingresso para o ES os alunos optam pela História da Cultura e das Artes e pela GD que são mais atractivas.

5.1 QUAIS TÊM SIDO OS RESULTADOS A NÍVEL DA GEOMETRIA DESCRITIVA (GD)?

Os resultados a nível da GD geralmente são bons. A GD tem uma particularidade: os alunos ou têm muito bons resultados, ou têm resultados muito baixos. Chega a haver alunos com 20 a GD nos exames.

Há muitos, muitos alunos a terem GD. Aliás é uma disciplina muito importante, obviamente. E no Curso de Artes Visuais, estas disciplinas de opção têm uma pequena particularidade, são disciplinas bienais. São disciplinas que os alunos iniciam no 10º ano e terminam no 11º ano por exame também.

5.2 QUAIS AS ESTRATÉGIAS PARA SEREM SUPERADAS ESSAS DIFICULDADES?

Há, (...) sempre que são diagnosticadas dificuldades nos alunos, quer seja a nível da Geometria Descritiva ou seja Matemática ou qualquer outra disciplina, há um mecanismo que tem a ver com a proposta de alunos para Apoio Pedagógico Acrescido.

Ou seja o professor da respectiva disciplina onde o aluno revela as dificuldades, propõe o aluno para apoio e nessa proposta de apoio são logo sinalizadas as dificuldades que o aluno revela... Para quê? Para que o professor que vai administrar o apoio, (que pode não ser o professor da disciplina) saiba exactamente o que é que tem que trabalhar com o aluno.

Esse Apoio Pedagógico Acrescido, são aulas combinadas com o aluno e com o professor do Apoio e com o Encarregado de Educação. O Encarregado de Educação tem que autorizar, porque são aulas que acontecem nos períodos pós lectivos, já depois dos alunos terem a sua carga horária regular.

6. A ESGP TEM REGISTADO SITUAÇÕES DISCIPLINARES?

Questões disciplinares, não são para nós felizmente um problema. A nossa escola é exclusivamente secundária. Os alunos já estão fora da escolaridade obrigatória. Em princípio nós temos aqui alunos que estão por opção, vêm estudar porque querem. Têm determinados objectivos, mais ao menos definidos. (...) é muito pouco frequente haver problemas disciplinares.

7. COMO SE PROCESSAM OS CURSOS NOCTURNOS?

(...) Temos o ensino recorrente nocturno, neste momento, à luz da actual legislação. Os alunos que frequentam o recorrente por módulos, cujos planos curriculares são os mesmos de dia. No entanto, mas à noite não faz parte da nossa oferta o Curso de Artes Visuais.

7.1 TODOS OS ALUNOS SAEM COM O CURSO CONCLUÍDO?

É nosso objectivo que todos os alunos que entram concluem os cursos iniciados. É claro que não conseguimos atingir esse objectivo, porque há algum abandono. Àquelas situações que nos possam indicar que o aluno tem dificuldades de aprendizagens...

Explicadores não..., mas através das APA (Apoio Pedagógico Acrescido) ou seja aulas onde os alunos têm um apoio muito direccionada para as dificuldades que apresentam.

8. QUAL O AMBIENTE SÓCIO-CULTURAL DA ESGP?

O ambiente sócio - cultural está aqui no relatório da IGE.

A escola é ... A nossa escola é caracterizada por desenvolver uma grande quantidade de actividades extra - curriculares em... com os seus alunos com os professores, e em parceria com outras entidades da região.

Temos essa tradição e eu penso que isso é uma mais valia para a escola. Isso também a torna atractiva para os alunos.

9. CADA DEPARTAMENTO DISCIPLINAR TEM O SEU REGIMENTO?

Sim, a escola tal como a lei exige, nomeadamente o Decreto - Lei 115A que rege a gestão da escola...e que está ultrapassado obrigava que a escola construísse os seus modelos orientadores,

nomeadamente o Projecto Educativo e o Regulamento Interno da escola. Esse Regimento Interno serve de base a todos os outros regimentos

Outras estruturas intermédias de gestão, nomeadamente os Departamentos Curriculares. Cada Departamento Curricular contém características muito específicas e muito próprias tem que ter um regimento interno que é feito à luz do Regimento Interno que define as regras gerais mas, depois particulariza as regras que têm que ver com as características específicas desse departamento.

O Departamento de Artes Visuais tal como os restantes departamentos têm o seu regimento interno.

10. OPINIÃO SOBRE A SUBSTITUIÇÃO DO 115A

O 115A era o Decreto - Lei que regulamentava a gestão Escolar. Regulamentava todo o modelo de Administração. Esse 115A, esse modelo definido por essa legislação, agora é substituído pelo novo modelo de Gestão Escolar, proposto, penso que já saiu, já foi até publicado, não sei se já foi publicado no Diário da República, não posso precisar.

Esse novo modelo de gestão que está a ser tão contestado, em que aparece ... a figura ... O 115A determinava a existência de uma Assembleia de Escola, o Conselho Executivo, Departamentos Curriculares, as estruturas intermédias de Gestão, (não é?)... O novo modelo de gestão, agora proposto por este actual governo e que veio substituir aquele que está, determinado pelo 115 A, é modelo em que desaparece o presidente do Conselho Executivo e em que aparece o Director. O director e uma equipa de assessores. Para além disso desaparece também a Assembleia de escola e aparece um novo órgão em que o director tem assento, bem como os representantes do pessoal docente e não docente têm assento, as autarquias têm assento, em que os Encarregado de Educação têm assento, portanto, todos estão representados como aliás já estavam todas as forças da comunidade.

No modelo que tem estado em vigor preconizado pelo 115A, todos tinham representação, porque no Conselho Pedagógico estão representados os professores, estão representados os Encarregados de Educação e estão representados o pessoal não docente. Tal como na Assembleia de Escola. Aí na Assembleia de Escola, acresce a representação da autarquia.

11. COOPERAÇÃO

A escola tem projectos com outros países. Temo - nos candidatado aos Projectos Sócrates e Comenius. Temo-nos candidatado a esses projectos europeus. E já há alguns anos que temos a tradição de ... termos dois ou três projectos em curso. As nossas candidaturas têm sido praticamente todas aceites, temos ... desenvolvido projectos financiados por vários países da Comunidade Europeia.

Com África, curiosamente, também já tivemos algum intercâmbio, nomeadamente com Cabo Verde. Já fizemos inclusive viagens a Cabo Verde com professores. E tivemos um intercâmbio com uma escola da Ilha do Sal, que eu não sei agora exactamente o nome e isto resulta do facto de um filho de um dos nossos professores ser professor nessa escola. E portanto, recolhemos livros e enviámos para lá, e mantivemos alguns contactos. Há dois anos, tentámos retomar novamente um projecto. Ainda iniciámos, mas depois eles tiveram tantas dificuldades, tantos entraves e também passaram por uma turbulência política, inclusive naquela altura, e depois o projecto acabou por não ir avante.

12. INDICARIA O LIVRE ACESSO DO PÚBLICO AO MUSEU?

O museu tem peças que foram doadas à escola... muitas delas, peças que vieram de África, e que retratam a cultura africana... grande parte daquelas peças são peças que foram construídas por ex - alunos dos antigos cursos, quando... quando a escola era Escola Comercial e Industrial.

Neste momento, o Museu é muito visitado e sempre que fazemos reuniões com entidades externas, a sala museu é utilizada para essas reuniões.

Com a reestruturação do edifício, com a intervenção... que ele vai sofrer com a empresa Parque Escolar, um dos objectivos é tornar a escola aberta a Comunidade, e facilitar a utilização de estruturas da escola pela comunidade. Nomeadamente a utilização do Pavilhão Desportivo, da Biblioteca, do Museu, das áreas de exposição, dos auditórios... O Museu... As peças que nós temos actualmente no Museu vão enriquecer o futuro Museu, que estará aberto à comunidade.

13. NA VISÃO DA ESGP, QUE PAPEL É ATRIBUÍDO A UM ENSINO ARTÍSTICO ADEQUADO AO SÉC XXI?

Eu tenho receio de particularizar para o ensino artístico porque não é a minha área e posso não estar... Penso que um ensino para o século XXI tem que ser um ensino, para já, com as condições do Séc. XXI.

Do ponto de vista físico, as escolas estão desadequadas, pouco atractivas.

Eu penso que neste aspecto a nossa escola vai ser substancialmente melhorada. O projecto que nos foi apresentado pela Parque Escolar, vai criar um edifício com outras condições físicas. Muito mais atractivas do que as actuais. É claro que as condições físicas não basta. O ensino para o Século XXI tem que ser um ensino em que o aluno é preparado para os desafios que a actual comunidade lhe coloca. E um aluno, antes, saía da escola e tinha a certeza, que estava preparado para esse emprego. Eu penso que, agora, não podemos preparar os alunos para um futuro emprego. Temos que preparar os alunos para responder às solicitações várias da vida, e para as constantes alterações a que eles estão a ser submetidos.

Portanto, temos que lhes dar ferramentas que lhes permitam resolver questões, serem inovadores, passar de um emprego para outro, e rapidamente se adaptarem, e simultaneamente desempenharem várias funções e funções diversificadas. Porque é o que, os nossos alunos e os nossos filhos agora fazem. Enquanto que nós, há uns anos, quando éramos estudantes, abríamos o livro e apenas estudávamos.

Interrogou: Como é que os alunos agora estudam?

Têm o computador ligado, ouvem música no MP3, têm o telemóvel disponível e têm livro.

Eles são capazes de simultaneamente estar a coordenar tudo. E eu penso que a escola também tem que atender a esses aspectos. O aluno de hoje é um aluno com imensas competências e nós temos de facto de atender a essas competências.

14. ACREDITA QUE A REQUALIFICAÇÃO TRARÁ MAIS TECNOLOGIA AO NÍVEL DO MUNDO DIGITAL?

A nossa escola tem uma particularidade, nós temos tido sempre alunos dos cursos tecnológicos de informática. E...temos feito um esforço grande para nos mantermos actualizados no que diz respeito às Novas Tecnologias. Somos no entanto confrontados com várias dificuldades. Dificuldades de ordem financeira. Essas são logo uma grande limitação, e depois também, dificuldades de ordem técnica.

Porque, como o edifício não foi construído a pensar nestas necessidades, temos constantemente de improvisar e também temos constrangimentos de ordem humana digamos assim, porque a escola não tem técnicos. Uma equipa de técnicos é um professor que para além do seu horário de trabalho, presta a assistência necessária, para a escola se manter actualizada, nomeadamente a Biblioteca informatizada, a sala dos professores devidamente funcional.

E3 - ENTREVISTA AO VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO (Área Financeira)

1. COMO VÊ A POLÍTICA FINANCEIRA E A AUTONOMIA DAS ESCOLAS, RELATIVAMENTE À SUA EXPERIÊNCIA NO CARGO?

Entre 1990, meu primeiro mandato, e agora, as diferenças não são muitas....

Paradoxalmente ao que possa parecer, não são muitas de facto, porque o regime jurídico e a autonomia das escolas, é o 115. O 115A/89, que tem a ver com a gestão das escolas, mas com Organização dos órgãos: a organização pedagógica da escola e a organização em termos de direcção da escola.

Mas retirando aquilo que define a autonomia em termos pedagógicos, culturais, administrativos e financeiros de 1989, o que continua em vigor é o Decreto - Lei 43/89. Esse define o enquadramento da autonomia das escolas. Depois o 115A/89 é uma concretização daquilo que se faz ... Em 90 já era assim.

A escola tem duas grandes fontes de financiamento: Uma que advém directamente do Orçamento Geral do Estado - as transferências de verbas e uma outra que é chamada de Orçamento de Despesas, Orçamento de Intercepções de Despesas, Compensações às receitas. Despesas mais conhecido como orçamento privativo das escolas. Orçamento de Despesas Próprias. Esse Orçamento de Despesas próprias ... engloba o quê? Engloba tudo o que são: taxas de matrícula dos alunos; emolumentos; inscrições para exame; os lucros, que são poucos mas são alguns, os do Buffet, ...tudo o que seja receita gerada pelos próprios edifícios escolares. Quando se alugam salas, quando se cede um pavilhão desportivo; quando se faz protocolos com uma instituição qualquer à cedência das instalações, há um pagamento para isso. Tudo isso constitui receita da escola.

Isto acontece numa Escola Secundária, porque nas Escolas Básicas os alunos não pagam taxas de exames, não pagam esse tipo de taxas. Portanto, as receitas não são tão grandes e numa Escola Secundária essa receita é significativa e permite o financiamento de actividades da escola. Muitas vezes com o trabalho com os alunos. É esse o Orçamento de Receitas Próprias.

Aquilo que são, as transferências do Orçamento Geral do Estado, cobre o funcionamento básico da escola. Isto é, cobre as despesas das instalações: o telefone, a electricidade, o gás, alguma conservação, muito pouco. Então e o resto que são despesas da escola? Vêm do Orçamento de Receitas Próprias.

Agora há uma diferença, que também é significativa, que são os Fundos Comunitários. ...Há determinadas medidas no âmbito, quer do PRODEP - Programa de Desenvolvimento de Educação em Portugal, que é uma das medidas do Fundo Social Europeu, quer outro tipo de medidas às quais as escolas podem candidatar-se, quer no âmbito da formação contínua de professores, quer no âmbito do Ensino Tecnológico, agora do ensino profissional, portanto e aí a ESGP também... soube tirar algum partido, desse tipo de Fundos: com projectos, candidaturas e aí a escola também constituiu receita. Quer esses Programas Específicos, quer outros, no âmbito do Programa Sócrates. Por exemplo financia intercâmbio de alunos de vários países. Temos aproveitado, esse tipo de diferentes medidas de financiamento. Aqui reside a grande diferença entre 1990 e os Fundos Comunitários actuais. Em 90 não havia isso, começou a haver depois com o Quadro Comunitário de Apoio que veio logo a seguir. Mas no início do meu mandato, não havia de facto! E agora há!

2 - SENDO A ESGP UMA REFERÊNCIA REGIONAL APONTARIA OUTRA ALTERNATIVA FINANCEIRA?

Quer dizer, o dinheiro é sempre pouco. Se houvesse mais era melhor. Vamos lá ver: uma fatia muito importante, a mais importante do financiamento dos cursos profissionais do ensino profissional advém dos Fundos Comunitários.

Interrogou-se: Hoje qual é a principal dificuldade que levanta à escola?

É o tratamento administrativo inerente a esse tipo de financiamento que não é uma coisa fácil de fazer, a nível da candidatura, porque as regras são muito rígidas. O tipo de despesas que é elegível ou não é elegível; que se pode dar ou não dar àquele tipo de cursos. Tudo aquilo é visto. Ainda bem que é visto. Visto no sentido de saber se está tudo correcto. Mas também implica que da parte da ESGP haja quem saiba fazer isso muito bem. Felizmente temos tido. Temos um dos assessores da Direcção Executiva, da Assessoria Técnico – Pedagógico, que só trata, praticamente, daquilo que é candidatura a Fundos Comunitários. A tarefa dele é organizar as candidaturas, tratar da documentação, ter os dossiers permanentemente actualizados. Mas é uma tarefa que implica alguns conhecimentos muito específicos nessa área, implica algum trabalho burocrático, quase. E se isso pudesse ser mais agilizado, não ser tão rígido, quer os mecanismos da candidatura, quer depois os mecanismos da execução das próprias despesas seria melhor, para a ESGP!

Relativamente às Artes, estas não são, por Fundos Comunitários, porque as artes aqui são importantes e caracterizam de alguma forma, a escola. Representam um Curso Científico – Humanístico, como os outros do ensino regular. Só que as Artes Visuais mais em particular são uma preocupação porque são cursos que exigem da parte dos alunos alguma despesa. Utilizam materiais específicos, e nós temos tido sempre a preocupação de nunca exigir nada aos alunos, desde tintas, telas e outros materiais. O que os alunos compram é deles.

A escola investe aí. Gasta uma parte significativa das suas disponibilidades financeiras.

Interrogou: Porquê?

Entendemos que não pode ser factor de discriminação. Digamos, o acesso aos cursos, o trabalho que se produz ou não, o facto de ter ou não dinheiro para fazer aquilo. E portanto a escola gasta aí muito dinheiro é preciso ter um stock de materiais de trabalho plástico e a escola compra.

Mesmo na Área de Projecto, que é uma área nova, do 12º ano, também implica a realização de trabalhos de natureza diversa, as saídas como visitas de estudo e a aquisição de materiais, a escola tenta não limitar o trabalho dos alunos. Dentro do que é razoável, estabelece mais ou menos uns valores por grupo de trabalho e compra.

Está aqui o avião (no Museu), este trabalho, o ano passado levou um grupo, este é um exemplo apenas, que está aqui à mão, um grupo produziu um avião que voou. Tinha motor, tinha... foi produzido e implicou a realização de estudos, como cálculos... Tudo o que foi necessário para montar o avião foi pago pela escola. Os alunos quiseram oferecer e, tudo bem. Não é que a escola exija isso mas eles é que entenderam, pois, que esse material ficasse na escola. A escola pagou e tem preocupação ao aceitar dinheiro.

Outra fatia, que leva também, parte significativa prende-se com a conservação da escola. É de 1971, tem quase 40 anos e nós também gastamos uma fatia do orçamento na conservação, pinturas... para que a escola esteja cuidada.

3 - CLASSIFICA O CURSO DE ARTES VISUAIS COMO O MAIS DISPENDIOSO?

Os cursos que neste momento estão a gastar mais dinheiro porque também o há, são os Cursos Profissionais. Estes exigem... Todo o curso é voltado para a execução prática e para a aprendizagem de uma profissão. E aí... é necessário gastar muito dinheiro.

No Curso das Artes já se gastou mais. Neste momento há disciplinas como a Oficina de Artes por exemplo, deixou de ser uma disciplina curricular que os alunos tinham desde o 10º ao 12º ano. Neste momento apenas existe uma disciplina que é o Desenho, Desenho A. E gasta-se menos do que há algum tempo atrás nas Oficinas de Artes. Hoje a Oficina de Artes é uma disciplina optativa do 12º ano, ao contrário do que era antes, ou seja uma disciplina da formação técnica leccionada todos os anos. Não lhe consigo dizer com exactidão se é o curso onde se gasta mais dinheiro. Se se gastar não é muita a diferença.

4 - A GESTÃO FINANCEIRA CUMPRE OS OBJECTIVOS PROPOSTOS PELA ESGP?

São sempre orientados para aquilo que são os objectivos de natureza pedagógica da escola, mesmo quando se fala em conservação dos espaços, pinturas, ...Podíamos optar por não gastar, ... mas enfim! Ou esperar que alguém mandasse pintar, ou esperar que alguém... tivesse algum cuidado com os edifícios. Gastámos esse dinheiro, escola... é um investimento que fazemos, pensámos nós. Porque os alunos quando aqui chegam são pessoas, respeitam o espaço. Que é um espaço deles e respeitam-no. Se o espaço estiver degradado... o respeito não é muito, porque aquilo já está estragado, e portanto, mais facilmente pode permanecer estragado não há tanto cuidado. Se houver o cuidado de manter sempre em bom estado, os alunos são pessoas e continuam a respeitar aquilo. Sempre que gastamos alguma verba.

Todas as férias de Verão são feitas pinturas na escola. Damos aquilo que os funcionários costumam chamar dar os *"baixinhos". É fazer a pintura onde os alunos costumam encostar o pé à parede, 'que é normal'. Todos os anos, isso é feito. Para receber os alunos no novo ano lectivo com um aspecto agradável e tentar manter-se. Este é um edifício com 40 anos, praticamente. Na nossa opinião tem muitas deficiências ao nível das condições de trabalho, das condições climatéricas é muito quente no Verão, muito frio no Inverno. Mas em termos de ... não se pode dizer que seja um edifício muito degradado, porque tem sido sempre conservado. Os alunos têm contribuído para isso. Também porque nós ...temos esta postura, podíamos ter outra. Aí gastámos... Até nisso, pode aparentemente não ter nada que ver com os objectivos de natureza Pedagógica da escola, mas tem, na nossa opinião, que é criar condições para que os alunos se sintam bem no trabalho que têm de fazer.

5 - CONCORDA QUE EXISTAM VERBAS PARA COLMATAR AS DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS, ÀS DISCIPLINAS DE GD E MATEMÁTICA, POR EXEMPLO?

Não, isso não! Para já não são um tipo de despesas que se possam pagar. Porque nós, ... nem faríamos isso. Mesmo que se pudesse!

O que nós temos a nível do apoio aos alunos pode ir por duas vias e gastámos algum dinheiro na aquisição de equipamentos que são específicos para facilitar as aprendizagens, tais como software específico para trabalhos em determinadas disciplinas, seja na Geometria Descritiva, na Matemática, na Física, ... ou em equipamento informático. Houve há dois anos, “Projectos a Computadores Portáteis”, mas antes a escola já tinha alguns. Portanto tinham sido adquiridos pela própria escola que permitiam também algum trabalho a esse nível, ‘Os quadros inter – activos’ os que foram adquiridos, um foi através do Projecto, o outro foi adquirido pela escola. É um equipamento que pode facilitar, em alguns casos, as aprendizagens. E isso é um tipo de despesa que no fundo, tem sempre um objectivo que é proporcionar melhores condições de trabalho e de aprendizagem aos alunos.

- Outra forma de apoio é a disponibilização do ... que é, o trabalho não lectivo dos professores destinado ao atendimento e apoio aos alunos. Isso não é uma despesa porque o professor recebe sempre o mesmo. Recebe o seu ordenado, esse está garantido. Não tem a ver com as receitas que a escola consegue ou não realizar, mas é uma despesa.

6 É UTILIZADO O POC EDUCAÇÃO NA EXECUÇÃO DE MAPAS E TRABALHO DE CONTABILIDADE?

Sim, sim, sim. De há três anos para cá que utilizamos o POC Educação, enquanto instrumento de escrituração.

7 - QUAL O NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS NA ÁREA FINANCEIRA?

Concretamente ligados a parte financeira, temos três.

A Chefe de Serviços grande parte das tarefas dela, enquanto chefe é supervisionar os restantes, uma parte significativa do seu trabalho tem a ver com a Administração Financeira.

A Tesoureira. Todas as escolas têm.

A Contabilista dedicada à Contabilidade.

8 - HÁ RENTABILIZAÇÃO DOS RECURSOS FÍSICOS PARA ANGARIAÇÃO DE FUNDOS?

Sim, em tempos, já foi mais. Já tivemos, aqui há uns anos atrás, uma política de rentabilizar os recursos da escola, sendo nós a fomentar essa utilização, com o arrendamento das salas para formação, o polivalente para baptizados, ...Deixámo-nos disso porque achamos que as receitas que daí advinham muitas vezes, eram suficientes, mas não contrabalançavam com o tipo de prejuízos que se acabavam por ter...a nível do material da cozinha e ... Neste momento, os espaços muitas vezes, são já uma utilização pontual, mais a instituições propriamente do que a empresas.

Por exemplo, às vezes emprestávamos, há muitos anos, para a Festa de Natal, de um Jardim de Infância para fazerem a sua Festa de Natal com os pais e as crianças, e, não cobrávamos verba nenhuma.

Em relação a alguns Serviços da Administração Pública quando precisam de fazer concursos, como a GNR, a Câmara Municipal, precisam de utilizar várias salas, aí cobramos só as despesas com o pessoal, se tem que cá vir o funcionário, têm de ser pagas as horas extraordinárias. Mas o aluguer das salas propriamente nada cobramos neste momento. Empréstamos às instituições de Solidariedade Social, às do serviço do Estado. Em relação ao Pavilhão Gimno-desportivo, temos um protocolo e um pagamento estabelecido permitindo a sua utilização por vários agentes desportivos, quer para treinos durante a semana, quer para jogos ao fim-de-semana.

9 - QUAL A PERSPECTIVA RELATIVA À FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES?

A perspectiva para a formação, não havendo dinheiro específico para ela, não sei se vai haver ou não. Penso que sim. Mas mesmo ainda que haja não são incompatíveis as duas coisas. A grande parte da formação é a que é feita ou pode ser feita em inter - pares. Aquilo que nós podemos aprender uns com os outros. Em alguma formação depois, existem problemas que é ser ou não formação acreditada, e por isso, permitir, passar certificados com créditos para as pessoas. Mas enfim! Dou mais... importância, muitas vezes não quer dizer que essa Formação que é creditada nos Centros de Formação não tem importância. Têm como é óbvio. Mas há muita formação que é feita. E que pode vir a ser mais vezes feita. Que é aquela inter - pares. Isto é, um vai aprender ou vai receber formação depois pode desdobrar, sem custos de natureza financeira, para outros seus colegas. Isto tem sido feito em várias áreas. Por exemplo a formação que tem sido feita a nível da utilização de quadros interactivos tem funcionado assim. Houve algumas pessoas que receberam formação específica e a escola organizou uma série de sessões, ministradas pelos que receberam essa formação específica. A utilização para a plataforma Moodle por exemplo, também foi feita assim, houve alguns que receberam formação específica, na Universidade, através do Centro de Competências do CRIA, esta sediada aqui na Universidade e depois organizaram sessões para os outros colegas. Essa formação é relevante. Não deixa de o ser, porque são ferramentas para o professor. Esse pode ser um caminho.

10 - A REMODELAÇÃO VAI TRAZER MUDANÇAS A NÍVEL DA GESTÃO FINANCEIRA?

A nível da gestão financeira, parece que vai trazer mudanças. Nós ainda não sabemos exactamente quais são as mudanças, porque foi criada uma empresa, a empresa Parque Escolar, uma empresa pública para gerir aquilo que é o Património das Escolas Públicas do Ensino Secundário. A nossa escola vai ser intervencionada no próximo ano.

O Projecto está feito, o concurso está lançado.

Vamos ter um ano inteiro de obras e depois pensamos que vamos ter condições de trabalho, por aquilo que é o projecto, muito melhores do que as existentes hoje.

Vai haver trabalho para todos os que cá estão.

Os alunos, a própria comunidade, pode ter depois o acesso mais facilitado do que tem hoje, a algumas áreas, nomeadamente à Biblioteca, ao Museu, ... a esses serviços.

As alterações, de natureza financeira que isso possa vir a ter ainda não sabemos muito bem, quais vão ser, porque essa empresa obviamente faz as obras mas depois vai gerir os espaços. E portanto, de que forma é que esses espaços vão ser geridos no âmbito da 'autonomia' porque não é muita, mas é alguma! Em termos de gestão financeira da escola, para nós ainda não está muito claro, como isso vai ser. E portanto aí não lhe posso adiantar muito, porque não sabemos ainda. Ah... Mas penso que não vai ter, não pode ter, como é óbvio, implicações de natureza, daquilo que é o trabalho pedagógico de pessoas, e aquilo que são os objectivos pedagógicos. Poderá ter, em termos daquilo que é a utilização da comunidade ou pela comunidade de espaços da escola, aí poderá haver algumas diferenças. Mas não sei precisar exactamente quais.

11 - O FUTURO VAI TRAZER MAIOR APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA, A COMUNIDADE E OS VISITANTES DA CIDADE?

Eu penso que poderá vir a ter. O facto de, no novo edifício haver um espaço contíguo à Biblioteca escolar. Vai funcionar em moldes diferentes.

A Biblioteca integrou a partir deste ano a Rede de Bibliotecas Escolares, ainda não estávamos integrados na rede. Era para ter sido feita uma obra específica para a Biblioteca, estava prevista, foi aprovado o projecto. Acabou por não ser feita porque vai ser feita uma obra na escola toda. A biblioteca vai integrar o espaço mais nobre...de certeza absoluta, porque a própria área é maior, com acesso quase directo para o exterior e contíguo a esse espaço há um espaço de exposições, um espaço para colocarmos o nosso acervo museológico, algum dele, e outro ficará em vários espaços da escola, e que permitirá, quer aos alunos, quer a toda comunidade escolar e não só... conviver com algumas das peças que estarão em vários sítios da escola. Desse ponto de vista irá ter necessariamente uma

abertura maior à comunidade. Mas depois também há outra vertente, já agora aproveito, que é outra abertura à comunidade, já é tradição também da escola, por isso, aquilo que é feito todos os anos com os nossos alunos das artes, que é a Feira de Artes, na Praça do Giraldo - sala de visitas da cidade. Que muita gente como já se habituou espera que se realize a feira para adquirir algumas peças. São peças com qualidade, a nível da Pintura, a nível da Escultura, mas mais Pintura e cuja receita nunca é a receita da escola.

Tivemos sempre o cuidado de: por um lado, aquilo que se vende seja a preços simbólicos. Não queremos inculcar nos nossos alunos um espírito mercantilista relativamente à produção artística. Eles são alunos de artes, produzem aquele trabalho mas o objectivo pelo menos aquele que nós tentamos transmitir não é, ... fazer dinheiro com aquilo que produzem, vendemos sempre a preços simbólicos mas a receita que é cobrada que se consegue arrecadar nessas feiras de arte é sempre entregue a uma instituição de solidariedade social. Já foram várias... para a cidade ou não. Para a Unicef. Houve um ano em que entregamos toda a receita à Unicef. E foi numa altura ainda, antes dos euros, oitocentos contos. Penso que foi bom. E, e, ...e essa relação. Portanto. Tem, essa relação, quer dizer, essa actividade em concreto, permite uma inter -ligação da comunidade com a escola.

A comunidade sabe que naquela altura do ano existe aquela actividade que é produzida pela escola. O próprio grupo de Teatro, “Temporal” que fez este ano dezoito anos de existência na escola. Tem tido sempre uma actividade regular. Tem alunos da escola, mas também alunos de outras escolas que aqui vêm, aos fins de tarde, às Quartas – feiras à tarde, às Sextas - feiras ao fim do dia. Têm as suas actividades e que têm na Cidade dinamizado já várias actividades, quer com animações de rua, quer com espectáculos em vários espaços e que também é outra forma de interagir com a cidade, com a comunidade.

12 - COMO VÊ A GLOBALIZAÇÃO E INTERCÂMBIO ENTRE ALUNOS E PAÍSES?

Vejo isso como, como ...uma fatalidade, mas uma coisa boa. É quase um sentimento dual. Quer dizer: há vantagens e há desvantagens com a globalização. As desvantagens são quase todas elas de natureza económica, como é evidente por aquilo que se está a ver.

As vantagens são que de facto somos cidadãos do mundo e portanto tentamos também que os nossos alunos aprendam isso hoje no Mercado de Trabalho, que é um Mercado Global, um Mercado Europeu e para além do espaço europeu, por vezes, e olhando para o lado das expectativas dos nossos alunos; e porque trabalhamos com alunos do Ensino Secundário, esses estão mais próximos de ter de enfrentar a vida fora da escola. A idade traz nesta altura das suas vidas alguma desvantagem.

Mostrar o lado bom da Escola. Há vários projectos que envolvem alunos e professores.

Permite conhecimentos que abrem portas. São investimentos a longo prazo.

Com África, um grupo Alentáfrica, (Alentejo e África), durante vários anos receberam, muitos alunos de África, através da Cooperação. Eram alunos do 12º ano que vinham preparar-se para ingressar na Universidade de Évora. E isso permitiu uma relação forte com todos os PALOP'S (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). E organizaram uma visita a Cabo Verde. Foram recolhidos manuais e outros objectos e ...continuou-se a entregar durante vários anos. Este ano tem actividades mais reduzidas. As regras mudaram entre 2000 e 2004. Havia alunos que não tinham completado o Ensino Básico. Cinco ou seis alunos depois prosseguiram o 11º ano lá, nos países de origem.

E os alunos da Escola Profissional de Música de Cabo Verde vieram ensinar cá, durante dois anos.

A ESGP tem cada vez mais alunos do Brasil e de cidadãos do Leste, no Curso de Formação de Adultos e no Ensino Nocturno Recorrente do nível secundário. Tem três grupos correspondentes a três turmas, numa soma de 70 alunos de ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros. Quase todos chineses, adultos. Cursos de 2 módulos equivalente a 100 horas. Esta certificação pode contribuir para a legalização dos estrangeiros.

Neste ano lectivo de 2007/08, os cursos estão a ser ministrados por professores com horário “0”.

A ESGP tem poucos alunos de dia, mas não são muito significativos. Não chega aos 900 alunos. Têm 3 turmas do 10º ano, 2 turmas do 11º ano e 1 turma do 12º ano. Todos os alunos pagam um seguro escolar. A ESGP tem uma vertente que orienta um curso de Manutenção Industrial, variante de Aeronáutica. A escola paga tudo o que é consumível. A ligação entre a Academia e a ESGP estabelece uma forma de colaboração com o mercado altamente deficitário para o qual são precisos técnicos e a Academia tem 20 aviões.

(*Pintar o rodapé do edifício ou a parte inferior das paredes.)

E4 - ENTREVISTA À PROFESSORA DE DESENHO, DE ÁREA DE PROJECTO E COORDENADORA DO DEPARTAMENTO DE. ARTES VISUAIS

1 – PERMITA-ME QUE LHE PERGUNTE SE OS ALUNOS TAMBÉM A VÊM COMO PINTORA?

Acho que me vêem mais como professora, embora também pintora devido à minha formação. Vou agora realizar também uma exposição...

No entanto, vêem-me mais como professora, definitivamente.

1.1 - ACHA QUE ESSA CONDIÇÃO INFLUI NA MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PARA VISITAREM EXPOSIÇÕES E VALORIZAREM AS ARTES PLÁSTICAS?

Acho que sim, que a nossa sensibilidade transmite-se e passa, digamos assim, e eles vêem-nos também com outra sensibilidade, com outro olhar.

Claro que a nossa formação vai ter influência no olhar dos nossos alunos. Com certeza que sim!

2 - COMO AVALIA OS RECURSOS HUMANOS DO ENSINO ARTÍSTICO DA ESGP, A NÍVEL DA QUALIDADE E DA QUANTIDADE?

Os recursos humanos são bons, são mesmo bons!

Bons e suficientes! Se fossem mais alguns... porque as turmas são muito grandes, temos turmas com 30 alunos, o que é complicado. E se tivéssemos mais alguns elementos ...

Somos um grupo que funciona muito bem e quem vier é bem-vindo.

3 – POR QUANTOS ALUNOS SÃO CONSTITUÍDAS AS TURMAS DE ARTES?

No 10º ano geralmente são mais. Depois infelizmente, por algum insucesso na Geometria Descritiva ou na Matemática, no 12º Ano as turmas são mais pequenas. De qualquer maneira inicialmente as turmas são muito grandes.

Numa turma com essas características é complicado chegar a todos individualmente.

Mesmo assim, a redução dos alunos ao longo dos três anos do curso é sempre muito pouca, felizmente, porque iniciamos com 30 alunos e terminamos geralmente com 26.

4 - ACHA QUE O DESEMPENHO DA ESGP CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO DA REGIÃO?

Eu acho que sim, nós, professores somos todos muito diferentes. Temos todos formação diferente: uns são de Design, outros são de Pintura, Design de Equipamento, Design de Comunicação... Temos pessoas com várias formações.

O que nos dá um olhar também diferente.

E temos também uma coisa muito importante, que é, respeitarmo-nos muito.

A nível do Departamento, quando fazemos as planificações há uma exigência de rigor, em termos globais, depois de conhecermos a turma que temos à nossa frente e em função dela adaptamos a planificação às suas necessidades.

Agora como somos uma das poucas escolas a nível do Distrito, ...já temos também alguma tradição aqui implementada na escola. Há muito tempo que as artes estão a funcionar aqui. Temos vindo a fazer um trabalho de equipa porque isso nunca é feito por um professor isolado. Acho que temos vindo a fazer um bom trabalho que é importante para o Distrito. Acho que sim.

Neste momento sou a coordenadora de Departamento ... nós, logo no início do ano planificamos as actividades. Somos muito solicitados, o que é importante. Costumamos fazer uma exposição no final do ano, que chamamos Feira de Arte e costuma ser na Praça do Giraldo, a favor de alguma Associação ou Instituição de Solidariedade.

5 – COMO SÃO EFECTUADAS AS PLANIFICAÇÕES PARA OS TRÊS ANOS DO CURSO DE ARTES VISUAIS?

Nós temos vários objectivos para os 3 anos.

Fazemos uma planificação cuidada para o 10º Ano;

Uma para o 11º ano e outra para o 12º. Claro, estudamos muito bem os programas e planificamos os seus conteúdos.

Por exemplo, o que nós queremos para um aluno do 10º ano?

Primeiro saber qual o seu perfil e o que queremos que ele saiba, como: aprender a ver, perceber o que é a linguagem visual e a importância dessa linguagem para ‘aprender a ver/observar’.

Ter bases a nível da linguagem visual e da representação objectiva.

Conhecer uma variedade de técnicas de representação e dominar as formas bidimensionais e tridimensionais. Começam com formas muito simples a nível da natureza morta e com a exploração de várias técnicas: carvão, a sanguínea, grafite, lápis de cor, guache, aguarela. Procuramos fazer isso e também um pequeno trabalho que não está previsto no programa mas que achamos ser muito importante, a nível da tridimensão, que consiste em representar uma forma em barro ou arame.

A nível do 11º ano aprofundamos esse conhecimento do objecto mais distante. Começa a representar a figura humana e o rosto. Adquire aprendizagem de proporções e como trabalhar a criatividade.

No 12º ano, o aluno aprofunda todos esses conhecimentos. Realiza trabalhos bidimensionais e tridimensionais a nível do desenho e desenvolve o seu sentido crítico.

Também a nível da investigação vão ver exposições de pintura, de escultura, de artesanato... Vamos em conjunto fazer visitas de estudo. Procuramos que este adquira um sentido crítico perante o que vê. Também é importante intervir enquanto aluno de artes, na escola e fora da escola e na relação com a comunidade. Adquirem as bases para intervir praticamente, ... no Hospital, com a Cercidiana, etc...como fazer trabalhos com várias instituições que nos solicitam. Nós já vamos sendo conhecidos também por este trabalho fora da escola.

6 – QUAL TEM SIDO O ÊXITO NESSAS ACTIVIDADES?

Temos sido muito bem sucedidos, em média em 2 dias numa feira de Arte fazemos cerca de 1000 contos, com desenhos pequenos ou telas. Arranjamos um tema vendável. Ou Évora, ou Naturezas Mortas, ou (...). O ano passado o tema foi a representação da água. Fizemos reproduções de obras de arte. Vamos procurar os temas a trabalhar junto dos alunos e aplicar técnicas. Claro, nunca esquecendo os conteúdos programáticos. Relembro que já fizemos exposições para o “Chão dos Meninos”, para a Unicef, para a Assistência Médica Internacional. Fizemos também aqui (...) para Évora (...) para a Associação de Paralisia Cerebral. Já temos feito trabalhos para várias associações e procuramos trabalhar em directo também com essa Associação sabendo o trabalho que desenvolve, o que faz e quais os seus objectivos fundamentais.

Também é uma coisa que nos caracteriza, que é perceber que o desenho pode ser uma coisa útil para ajudar. O desenho, a pintura não pode ficar só na dimensão egocêntrica. É necessário perceber que há outras dimensões... a parte humana na aprendizagem para a vida e formação integral.

7 - COMO CLASSIFICA OS CONHECIMENTOS ARTÍSTICOS QUE OS ALUNOS TRAZEM DO ENSINO BÁSICO?

Esse conhecimento é muito variado. Aliás, eu para estabelecer na 1ª aula o contacto com os alunos, pergunto de onde vieram, quem foram os seus professores. Mas procuro não rotular porque acho que rotular é muito complicado e portanto o que sinto é que há trabalho feito. Não vou estar a distinguir, estes que vêm da André de Resende vêm assim ou assado, ou vêm da Santa Clara...

Às vezes verifico, por exemplo que se vêm das Pites podem vir na Geometria um pouco mais desenvolvidos, de Santa Clara, podem vir com a criatividade um pouco mais desenvolvidos. Não é sempre como condição. Porque aquilo que eu também acho, é que o grupo do Departamento de Artes Visuais é muito heterogéneo. Porque a nossa formação ao sermos pintores, ou sermos de Design, (...) pode influenciar um pouco os trabalhos que fazemos com os nossos alunos. Porque todos nós decerto cumprimos o programa e por isso procuro não rotular.

Claro que os alunos vêm com conhecimentos. Mas eu procuro não etiquetar. Aliás isso é fundamental.

Porque acho que eles vêm realmente com abertura, uns num sentido, outros noutra. E depois há também um trabalho nosso a ser desenvolvido.

8 – QUAL A FONTE DA MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DO CURSO DE ARTES?

Sim, e isso preocupa-me um bocado. Há 22 anos que estou aqui (e...e...) aquilo que sinto é que a arte também se está a tornar uma moda. O que me preocupa! Porque faltam alunos com muita qualidade, como nós tínhamos há muitos anos ...e eu não sou saudosista, é importante que se diga. Este ano lectivo temos 3 turmas do 11º ano, 3 turmas do 10º ano, 3 turmas do 11º ano e 2 turmas do 12º ano de Artes.

São muitos alunos. Para nós é óptimo enquanto professores. É muito bom termos muitos alunos, mas alguns vêm porque o curso pode não ter Matemática. É muito complicado.

Se têm capacidade para a Matemática, vão geralmente para as Ciências.

Se gostar de ler e tiver apetência para escrever, irá para Humanidades. Se não gostar nem de uma coisa nem de outra, vou para artes...Claro que esta é uma maneira muito simplista de ver as coisas. Estou a sentir – me com alguma tristeza, nesse sentido da escolha.

Claro que aparecem sempre alunos com qualidade e muito interessados.

9 – SÃO OS RESULTADOS ESCOLARES DAS ARTES QUE TRAZEM NOVOS ALUNOS PARA A ESGP?

Penso que acontece o seguinte, esta escola está a ter bastante visibilidade. Eu não estou só a dizer a nível das Artes, mas a esse nível fazemos trabalhos fora. Verificamos que os ‘miúdos’ estão muito saturados, digamos, de um saber ‘livresco’. Estou a dizer isto com todo o respeito.

Mas os miúdos precisam de fazer coisas ... diferentes.

E aqui a nível das artes ...ouve-se! A cidade vai sabendo o que os alunos fazem.

Isto, claro que é apelativo. Digamos que é também uma publicidade para o curso.

Agora outros vêm porque gostam de fazer coisas com as mãos. Todos nós somos seres criativos, isso é uma verdade. Eles experimentam muitas coisas aqui nos cursos de Artes Visuais.

10 - A NÍVEL DO GÉNERO, (Masculino/Feminino) QUEM MAIS PROCURA O CURSO DE ARTES VISUAIS?

É conforme! Elas (alunas) são levadas, digamos assim...por exemplo: estávamos ali na turma da professora (de Desenho), eu acho que está muito equilibrada a nível de rapazes e de raparigas. Eu por exemplo tenho uma turma mais de raparigas. As minhas turmas são mais de raparigas.

.... O 10º ano está muito equilibrado de rapazes e raparigas. Acho que está equilibrado.

Eu acho que a maior parte dos nossos alunos irá para a Universidade.

Eu tive uma aluna que só ficou com a Geometria Descritiva por fazer, já acabou o 12º ano, e ela disse-me: “Oh professora, eu julgava que era mais fácil encontrar trabalho com o 12º ano. Eu vivia no mundo da lua!”. (Um caso único, mas pode ser sintomático).

E aqui a nível das artes ...ouve-se! A cidade vai sabendo o que os alunos fazem.

Isto, claro que é apelativo. Digamos que é também uma publicidade para o curso.

Agora outros vêm porque gostam de fazer coisas com as mãos. Todos nós somos seres criativos, isso é uma verdade. Eles experimentam muitas coisas aqui nos cursos de Artes Visuais.

11 – E A NÍVEL DO ENSINO SUPERIOR?

Os alunos em geral procuram ir para o Ensino Superior!

Eles vêm essencialmente para Arquitectura e para Design de Moda. Aliás uns anos mais atrás, o Design de Moda, o Estilismo, era a palavra dita. Hoje em dia, desapareceu o estilista, e começou a aparecer mais o Designer de Moda.

Muitos deles começam a cair dentro da realidade, começam-se a aperceber que a média para Arquitectura em Lisboa é 17 valores.

Nesta turma que tenho agora, mais de 50% dos alunos são residentes fora de Évora.

São alunos que chegam a casa depois das 8 da noite. Vão e vêm de Portel todos os dias. Vão e vêm de Mourão todos os dias, também de Alcáçovas, Arraiolos, Montemor...ou seja, o tempo para trabalhar ... é complicado. Só os fins – de - semana. Temos alunos que organizam muito bem o tempo e outros que não se conseguem organizar. E a Arquitectura é posta de lado. Só se forem para uma Universidade Privada, porque as médias são elevadas no Ensino Público. É complicado. Os pais depois não têm essa possibilidade de pagar eles começam a pensar noutros cursos.

Como professora, procuramos falar com a psicóloga da escola, que tem feito um trabalho excepcional nesta escola. Orienta os nossos alunos o melhor possível, porque eles começam a ver uma estrada sem saída. Tem que existir outros caminhos, procurando responder aos interesses e necessidades destes alunos.

12 - QUE ALTERNATIVA EXISTE PARA UM ALUNO COM O 12º ANO, MAS COM UMA DISCIPLINA EM ATRASO?

Recordo o caso de uma aluna que quer ir para Multimédia, mas tem uma disciplina por fazer, a Geometria Descritiva. E para terminarem aqui o 12º ano em Artes Visuais têm que fazer a disciplina de Geometria descritiva. Posso ser muito pragmática?

É muito triste dizer isto, mas (...) têm que arranjar uma explicação, externa e ...

13 – QUAL É A SUA AVALIAÇÃO A NÍVEL DOS RECURSOS MATERIAIS?

Isto é muito engraçado. Eu estou aqui como disse há bocado e nós fazíamos vários trabalhos nas salas ditas normais. Depois tínhamos que lavar tudo, aí não tínhamos condições rigorosamente nenhuma.

Há bastantes anos atrás, as Oficinas de mecânica infelizmente acabaram estou a dizer infelizmente, porque, eram preparados excelentes profissionais nesta área.

Se temos nesta cidade excelentes profissionais de mecânica, devemos muito a esta escola porque era uma escola técnica.

As Artes Visuais ocuparam estas oficinas.

As oficinas são muito boas a nível de espaço. Temos muflas para poder fazer cerâmica, temos cavaletes para poder pintar, temos um amplo espaço físico. A nível de temperatura como sabe esta escola era um modelo sueco. (Até tinha sítio para poder colocar os sticks). Há-de reparar nas aberturas das janelas que são enormes para pleno Alentejo, não faz sentido rigorosamente nenhum. E portanto as aberturas são imensas, o que é extremamente quente e extremamente frio. Com o calor é horrível leccionar nestes espaços.

Mas nós vamos estando habituados a estes espaços, porque fomo-nos adaptando.

Agora o que é que acontece, a nível da climatização é horrível, mas é um espaço que foi sendo construído como estou a dizer. A escola vai entrar em obras, não sei se sabia, este pavilhão das Artes, será destruído. Vai ser complicado...

Não ouvimos um toque. Vivemos à parte. Somos uns privilegiados.

O tempo ali é diferente. Mas depois das obras... Também será bom. Vai haver vantagens. A nível da climatização, vamos ficar melhores e com certeza vamos também construir aquele espaço.

14 - COMO CLASSIFICA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESGP, A NÍVEL DOS:

- **ALUNOS – ALUNOS;**
- **PROFESSORES – ALUNOS,**
- **ALUNOS- FUNCIONÁRIOS;**
- **PROFESSORES - GESTÃO?**

- São boas, são boas!

- Muito boas também!

- Muito boas!

- Todas as relações interpessoais a nível da escola são muito boas.

- Aliás temos uma gestão que eu acho que permite isso mesmo.

- Temos uma Gestão da Escola, um Conselho Executivo muitíssimo bom.

Com competências muitíssimo boas. Ouvem várias partes. Decidem! Há muito bom senso nesta escola. Sentimos que há uma... (Cultura organizacional?) um Conselho Executivo com bom senso.

Há normas, mas com democracia, digamos, e a partir do diálogo. Sente-se.

Há muito bom ambiente. Por exemplo se nós quisermos fazer alguma coisa estão sempre disponíveis. Claro que isso reflecte-se no bem - estar do pessoal docente e não docente e dos alunos. Em relação às artes quero frisar que temos um excelente departamento ao nível de troca de experiências. Aprendemos todos uns com os outros.

15 – POR QUANTOS ELEMENTOS É CONSTITUÍDO O DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS?

Somos sete professores de momento. Trabalhamos mesmo em grupo. Se alguém tem uma aprendizagem nova, partilhamo-la. Não quer dizer que estejamos todos de acordo, mas respeitamo-nos uns aos outros. Eu acho condição fundamental. Os alunos sentem isso.

16 – COMO CLASSIFICA AS RELAÇÕES O NO DEPARTAMENTO?

As relações, a partilha e troca de experiências são muito boas.

17 - ACHA QUE A ESGP É UM EXEMPLO NO PLANO NACIONAL PELA PARTICIPAÇÃO INTERNACIONAL?

Acho que sim. Aliás, não tenho participado, mas sei que há muitos colegas que estão em Projectos Europeus.

Não estou por uma questão, - não quer dizer que não gostasse -, mas a nível familiar neste momento também não posso. Mas há vários colegas que estão a desenvolver projectos com a Turquia, a Eslovénia ... Há uma troca de experiências. A escola é aberta a isso...

18 - E OS LAÇOS HISTÓRICOS COM ÁFRICA?

Não tenho conhecimento e infelizmente...

Lembrei-me. Houve no entanto, já há alguns anos, um projecto através de um colega, com Cabo Verde.

19 - COMO VÊ O MUSEU DA ESGP?

Como vejo o Museu da ESGP?

Eu vi este Museu a ser organizado, por dois ou três colegas com o máximo de empenho e as peças estão etiquetadas. Lindíssimas. Tem peças muito interessantes. Acho que não valorizamos esse espaço sinceramente. Temos lá obras de pintores da nossa terra, um Palolo, ...

Temos vários pintores: Júlio Resende, ... pintores consagrados até, temos lá, representados. Mas nós, ... É uma das lacunas, ... Acho que o Museu está “morto”. Agora com a nova direcção da escola. Eu não sei. É uma questão que temos que levantar também em Pedagógico, mas neste momento, fico triste neste aspecto. Mas acho que o Museu está muito bem organizado.

20 – QUAL O SEU PONTO DE VISTA NO ASPECTO DA FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES?

Existe! Eu vou lhe dizer uma coisa, aqui em relação à escola, a situação está um bocado complicada. Está comprometida, não sei se sabe. (...) nós queremos Acções de Formação (...) neste momento aqui na escola, a única que está creditada por exemplo é a do Moodle. Portanto, já houve, várias...nomeadamente “O computador para professores”, “trabalho digital de imagens” tem havido vários cursos.

Agora vou dizer com toda a honestidade em relação a mim:

- Eu se tiver uma Acção de Formação de Cerâmica ou de Raku, eu prefiro.

- Sei que as outras Acções me fazem falta! Não é verdade?

- Não sou uma pessoa que me tenha fechado ao computador, de maneira nenhuma, mas prefiro, por uma questão de formação e de realização pessoal, outras áreas.

Neste momento, não estão a haver verbas nenhuma. Nós não estamos a receber verbas nenhuma e a formação de professores está comprometida neste momento.

Nós não sabemos se vamos ter que pagar, como já acontece em Lisboa.

Nós neste momento temos uma Acção de Formação sobre o Moodle, que foi creditada.

21 – CONSIDERA QUE DEVERIAM SER FEITAS MUDANÇAS NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA ESGP?

Gostaria que:

- As turmas tivessem menos alunos;
- No Programa Curricular, o Desenho fosse Desenho e Artes Plásticas;
- Pudesse tocar outras técnicas como a Cerâmica, o Raku, os Gessos...
- Houvesse mais abertura...;
- Mais formação em várias áreas.
- E tivesse menos ... e não ter de ler tantas, tantas leis e decretos...agora estou no Pedagógico...ultimamente tem havido uma selva de legislação.

Sinto-me completamente atrofiada, - a palavra é esta - leio legislação, leio, leio, leio. Procuo informar o melhor possível, os meus colegas.

Faço parte da comissão que está a elaborar as fichas que acompanham as fichas do Ministério para a avaliação. Estou a sentir-me mal, pressionada. Portanto, o que eu queria, era ter mais tempo para poder estar e preparar as minhas aulas. Não estou a ter tempo nenhum. Estou a sentir-me mal. Portanto, neste momento o meu grande desabafo é estar a sentir-me mal. Estar a despejar tanta informação aos colegas.

Ainda hoje vou ter a Comissão, amanhã Pedagógico e nas aulas penso dar o meu melhor. Não estou a ter tempo para preparar as aulas.

22 - ACHA QUE A ESGP DEVERIA TER MAIS AUTONOMIA PARA REFORMULAR OS CURSOS DE ARTES VISUAIS?

Acho que sim. De que maneira! Acho que podia.

23 - O ARTESANATO TEM LUGAR NESTA ESCOLA?

Tem! Com a Associação Alliede fomos desenvolvendo Projectos. Há uns anos vieram contactar-nos se nós estaríamos interessados em trabalhar com artesãos para ver como eles trabalhavam. Fizemos uns trabalhos muito interessantes com o mestre Francisco Tarefa e temos desenvolvido parcerias extremamente interessantes em que o aluno desenha aquilo que quereria conceber e...depois com o artesão, concretizar o Projecto. Foi das coisas mais enriquecedoras que nós tivemos na nossa escola.

24 - A FOTOGRAFIA TAMBÉM OCUPA LUGAR NESTA ESCOLA?

Também. Existe um mini - laboratório. Isto tem a ver com as apetências de cada professor. Nós temos aqui professores que sabem trabalhar na área da fotografia.

Já se tem feito alguns trabalhos interessantes. Mas não é uma área que esteja muito activa.

25 - ACHA QUE A EDUCAÇÃO ESTÁ ADEQUADA AO NÍVEL DO SÉC. XXI?

De maneira nenhuma, pelo contrário. Acho que está na “ Idade Média”.

O professor está a ser completamente “castrado” com estas novas legislações.

O professor deixa de ser educador para começar a ser um burocrata.

Estou a dizer isso a nível da papelada, a nível...e não estou a falar de cor.

De tudo que nos solicitam, por exemplo, o professor tem que ver, que “quantidade” de alunos tem sucesso? Quantas negativas há? E porquê?

E estabelecer regras para que os alunos tenham sucesso.

É claro que se houver verdadeira atenção, se forem poucos alunos por turma, decerto que será uma medida para o sucesso escolar.

Eu acho que este governo está muito virado para uma procura de números e de sucesso.
Nós temos é que ter sucesso.

E o professor tem que responder a estas coisas todas.

Eu sou contra a massificação. Estamos a enumerar. Se os alunos por turma é de acordo com o tamanho das salas e é por metro quadrado. Se nós queremos ter turmas mais pequenas, porque as nossas salas têm a ver com metro².... Então, eu não acredito em nada disto. Nós estamos a massificar.

Porque nós na Europa, somos um país, temos “X”, e temos que mostrar nº para ser um país “Y”, a nível da educação. Estamos a regredir absolutamente.

Eu sou absolutamente contra a massificação do ensino estandardizado.

E outra coisa, nós estamos a formatar alunos.

Educação do Século XXI “O tanas”!

(Este foi o ponto mais efusivo da professora Leonor, dando mesmo pancadas em cima da mesa.)

26 – ACHA QUE FARIA SENTIDO HOJE, O MODELO DA ESCOLA CULTURAL DE MANUEL PATRÍCIO?

Claro. Perfeitamente. Aliás, eu pergunto, como nós tivemos aqui há tempo, agora não me estou a lembrar do nome, mas era um modelo, Lei de Bases do Sistema Educativo, que teve a ver com a Escola Cultural, onde se dava importância à “ Formação Integral do Aluno”. Estamos a deixar a “Formação Integral do Aluno” porque é assim, a pressão do aluno, é tão grande, para os exames, tão grande, tão grande... em que o professor, passa a treinador! O professor trabalha para os testes intermédios, para ter bons resultados.

Há uma colega minha que me diz: “ Ou tiro dúvidas ou dou o programa todo”.

Isto é o que? Isto é o que? Século XXI? Não é Séc. XXI!

Neste momento, não há tempo! Percebe o que eu quero dizer?

É uma tristeza muito grande. Eu estou completamente revoltada, com isto tudo.

27 - RELATIVAMENTE ÀS REMODELAÇÕES DA ESCOLA CONSIDERA QUE VAI TRAZER PARA AS ARTES VISUAIS MELHORES CONDIÇÕES FÍSICAS E MATERIAIS?

Eu acho que sim. A nível arquitectónico do espaço e da climatização certamente.

Foi-nos apresentado o projecto e era agora que entrava neste projecto ou então nunca mais! (Não é?) É um dos graves problemas. Porque estar, e eu não estou a exagerar, estar com 40º dentro numa sala de aula, é dose para professores e alunos.

Quer dizer: é uma coisa completamente surrealista.

E portanto faziam exames às 3 da tarde, por exemplo, Biologia, em Évora, é completamente diferente do que fazer em Lisboa, se calhar, noutra escola mais amena, com outro tipo de climatização.

28 - A ESCOLA ESTÁ A OFERECER AOS ALUNOS UM DESENVOLVIMENTO GLOBAL?

É muito difícil... Os professores, os alunos, as escolas estão sob pressão. Têm que cumprir os extensos programas. (Não é?). Eu acho que a Área de Projecto, é para haver alguma abertura para pôr o aluno a pensar!

Esta área recente poderá/deverá desenvolver nos alunos a sua autonomia, responsabilidade e outras competências importantes.

29 – HÁ CUMPRIMENTO DAS REGRAS DE SEGURANÇA E DE HIGIENE?

São reduzidas. Por exemplo: Nós temos aparelhos de ar condicionados, a funcionar com pós cerâmicos. Temos os fornos cerâmicos dentro das salas de aula. É muito complicado, se pensarmos em termos de saúde.

E5 - ENTREVISTA AO PROFESSOR DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE EXPRESSÃO DRAMÁTICA/TEATRO.

1 - COMO AVALIA OS ÓRGÃOS DE GESTÃO DA ESGP EM RELAÇÃO AOS RESULTADOS DOS ALUNOS?

Eu penso que de facto há uma relação muito íntima. É evidente que há. Que se estabelece esta relação. Nós há muito pouco tempo, tivemos uma avaliação na escola justamente nessa área e foram tiradas conclusões pelo grupo de inspectores, que vem de encontro aquilo que nós pensamos e acreditamos aqui.

Pessoalmente estou ligado ao grupo de Teatro há dezanove anos, coincide com a minha chegada aqui à escola, trata-se de uma actividade que envolve muita gente e com grande dinamismo. Uma actividade que criou uma larga tradição. Este ano, por exemplo, estamos a trabalhar com quatro grupos, que totalizam entre oitenta e cem 'miúdos', envolvidos, a representar e a actuar.

Interrogou: temos neste momento quatro grupos porquê?

Porque entretanto temos uma estrutura que nos permite também ter alunos que já saíram da escola. Pessoas que estão à sua vida profissional mas que voltaram à escola para trabalhar também com os alunos. Temos duas peças que estão neste caso. A serem ensaiadas por antigos elementos da escola, que foram alunos do grupo. Portanto, há de facto um grande dinamismo aqui. Acredito e se calhar vou contra algumas teorias e algumas ideias que tenho ouvido por aí, acredito que de facto toda esta dinâmica parte evidentemente daquilo que é a gestão da escola, incrementada na escola, desde o princípio. O grupo de trabalho que esta no Conselho Executivo... tem sido de uma maneira muito clara responsável por toda esta dinâmica. Que se permita em todos os aspectos. Não só pelos incentivos que ao longo destes anos, em que eu tenho aqui estado, vejo que acontecem, mas pelo apoio que é muito claro e que de facto estimula a estas participações. Portanto, tirando e fazendo uma conclusão neste sentido, de facto, a dinâmica desta escola prende-se indiscutivelmente com a forma como ela é gerida e eu penso que as duas coisas estão intimamente ligadas, de uma forma muito intensa.

Ainda hoje estive num debate sobre arte e educação, onde pressenti por parte de elementos o lançamento de uma ideia, de uma teoria que, eu também tenho que aceitar, e que aceito mas que não funciona, teoria que parte da vontade do professor ...

É evidente que tem que haver a vontade do profissional que é o professor, fazer criar e criar as condições... Mas, há uma grande responsabilidade por parte da gestão no desenvolvimento, no incremento no apoio destas coisas.

Esta escola vive exactamente esse ambiente, em que tem havido desde sempre sem grandes alterações uma política de incentivo àquilo que são as actividades extra-curriculares, (que saem fora da aula e que envolvem a escola, e os alunos). E esse apoio é sempre muito claro, muito consciente e muito preparado. Muito preparado. Acredito de facto que a presença deste órgão, ou melhor, a postura deste órgão de gestão da escola ao longo destes dezanove anos é de facto decisivo neste aspecto. É evidente que é preciso que a escola também corresponda. E ela corresponde.

E depois os outros órgãos são também, ...estou a falar do Conselho Pedagógico, dos Departamentos, ... São de facto órgãos que também se colocam numa perspectiva de trabalho e de apoio a esse trabalho. Que devia ser assim. Não bastaria que fosse só da vontade do Conselho Executivo que as coisas acontecem como é evidente. É preciso...!

Continuo a acreditar, (nós dizemos isto muitas vezes, aqui dentro) é de facto um Conselho Executivo que ao longo deste tempo soube trabalhar, tratar proporcionar, apoiar de maneira que esta escola tem a vida que tem. É evidente que se calhar não é ideal porque o espaço está longe de ser o ideal, não é ideal porque a disponibilidade das pessoas está longe de ser ideal, não é ideal porque de facto a escola em Portugal ainda não é a escola que todos nós gostaríamos que fosse e a escola que nas nossas cabeças idealizámos em absoluto. Mas ...é uma escola que deixa – nos a todos muito satisfeitos, para já, porque a reacção exterior, a reacção do meio é sempre, muito positiva. E porque nós próprios sentimos isso aqui dentro. Costumo dizer isto: É paralelo e as coisas estão indiscutivelmente ligadas, ainda hoje, estive com algumas pessoas ligadas a Psicologia e percebemos enfim, em termos mais estruturais, porque isso está ligado. Mas está certamente. Repare que se trata de uma escola que não tem um caso disciplinar há anos. Há anos! Estas coisas estão ligadas e só podem estar ligadas. Este

ambiente está ligado a uma escola de ensino artístico. É muito importante e penso que é devido também às nossas reflexões mais imediatas.

1.1. CONCORDA QUE OS BONS RESULTADOS DOS ALUNOS DEPENDEM DESTA GESTÃO?

Sem dúvida. Acredito claramente que sim, em todos os aspectos. Aliás, eu penso que há uma relação muito íntima e muito lógica entre os bons resultados da escola e esta gestão que tem sido muito homogénea. Esta é uma característica, que colocamos logo no início. E que tem sido muito homogénea, muito sólida, muito democrática. Muito democrática e muito diplomática. E muito diplomática. Eu diria muito consciente.

1.2. A QUEM SE REFERE CONCRETAMENTE QUANDO FALA DA GESTÃO?

Às pessoas que sempre o acompanharam ao longo destes anos.

O que acontece é que o presidente, acaba por se cercar de pessoas que depois trabalham ao mesmo ritmo e com o mesmo objectivo. Eu penso que isso... Mas há aqui uma marca clara dele. Falar da pessoa é falar do presidente. Não há hipótese, é a minha opinião pessoal, mas eu sei que ela é praticamente unânime na escola. Não podemos dissociar o que têm sido os bons resultados em todos os aspectos. Quer em termos científicos, de trabalho em relação ao processo escolar, mas também em termos das produções e das relações entre a escola e o meio, com o poder local e Tudo passa evidentemente pelo professor ... E1, que tem sido um Homem que está de facto ligado a esta escola e que a marca profundamente em todos os aspectos. Esta escola tem um clima que ele criou, um clima de tranquilidade, de diplomacia. Olhamos com alguma preocupação para os novos modelos que o ME quer impor de uma forma muito pouco democrática. Muito pouco democrática. E isso é preocupante. E eu penso que é preocupante em todas as escolas do país. Todas as pessoas olham com preocupação para o novo modelo. Que é um modelo, que se calhar precisaria de ser mais pensado, mais estudado, e que está muito ligado a certas motivações, enfim, que não interessa aqui abordar, mas que de facto, repare, na nossa escola, muito maior é esta preocupação, porque nós sabemos que esta gestão tem tido um resultado magnífico. A ESGP é uma escola que é... um sinal. Que é uma escola que marca claramente, que é reconhecida como uma escola que funciona muito bem e isso tem a ver com esta gestão.

2. NO ÂMBITO DA DEMOCRATICIDADE E CLIMA ESCOLAR, COMO AVALIA A GESTÃO?

Tanto quanto sei, toda a escola respondeu quando se lhe perguntou se a gestão da escola era democrática, todas as pessoas concordaram que sim. Há de facto um clima ligado a esta gestão democrática. Sem dúvida, por outro lado, também há na gestão desta escola, (e eu estou a repetir-me) (risos) porque já disse há uns tempos atrás quando fui entrevistado também pelos inspectores que fizeram essa análise, o que é verdade. A parte desta gestão que é democrática, há também uma capacidade muito clara de resolver e de lidar com os problemas concretos da escola. E há também uma postura que está certamente ligada a esta postura democrática, de diplomacia que gera um clima e um ambiente que vê aqui. Eu não me lembro de nenhum caso extremamente grave de indisciplina aqui, nos últimos anos. Porque de facto, isto está ligado a este clima de gestão e a esta capacidade. Mas também por outro lado, a esta capacidade de resolver com muita clareza cada vez que surge um problema. E isto é muito importante também.

É muito importante, numa escola hoje em dia, haver uma rápida, eficaz, clara, prática mas também muito lúcida àquilo que são os problemas que vão surgindo, ligados à própria natureza da escola.

3. O QUE VAI GERAR A MUDANÇA FÍSICA ? UM ENSINO PARA O SÉC.XXI?

É indiscutível que a mudança física trará mais valias importantes para a escola. Haverá espaço para o teatro de certeza absoluta e acima de tudo, espaço para estas actividades que caracterizam hoje a Escola Gabriel Pereira, de uma forma mais digna, porque a nossa escola tem um aspecto físico

aceitável, ela está já está muito velha, já está muito velhinha e isso vai-se notando naquilo que são também as relações que o espaço tem com o trabalho.

Agora, esta mudança da escola vai seguramente modificar e melhorar.

Em relação ao próprio ensino, como sabe os professores em Portugal neste momento vivem uma crise grande. E estão de alguma maneira, eu diria, em sem querer usar os termos mais clássicos, os professores estão em luta contra o ME. Há pontos de vista que são muito diferentes. Há uma perspectiva muito pouco aberta do ME face ‘às coisas’ da escola. Isto é, nós professores, penso que somos quase unânimes em acreditar nisto, pelo que tenho visto em debates e nas conversas que temos na escola e fora dela. Eu tenho que lembrar sempre, aquilo que ouvi de pessoas muito informadas e que muito reflectem sobre o ensino. Ouvi - as dizer há pouco tempo, que é preciso lembrar, que a qualidade do ensino não depende dos professores, porque não são os professores que fazem os programas; não são os professores quem fazem as orientações, não são os professores que fazem os horários, não são os professores que fazem as cargas horárias, não são os professores que definem as regras principais que gerem o ensino. Ora isso é muito importante. Isso, por vezes as pessoas esquecem-se. Porque parece que deixam ... de pensar que é da responsabilidade do professor, àquilo que ele diz na aula. Ele transmite, mas tudo isto é condicionado por orientações superiores. Isto de facto, o ensino de Matemática, ...

Penso que a resolução do problema passa também de cima. Não é a Escola Gabriel Pereira, não é a Escola Severim Faria..., não é a escola... a escola só por si que pode em absoluto resolver o ensino do Século XXI. Cabe ao Ministério, transformar-se, crescer. Cabe ao Ministério, modernizar-se no sentido de também ele construir e colaborar na construção desta escola. Hoje vim de um lugar onde se debateu com intensidade e com espírito muito científico, o valor das artes no ensino. O valor do ensino artístico. Seria hoje provado claramente quais são os benefícios do ensino artístico nas escolas. O que nós temos hoje é o Ministério de Educação a recusar o ensino artístico e a valorizá-lo como devia ser. Havia uma disciplina no 10º, 11º e 12º ano, disciplina ligada a Expressão Dramática que foi extinta. Portanto, eu vejo sempre com muita relutância e com muita preocupação, quando de facto se afastam da escola as artes e o ensino artístico. E, ... e o futuro não sei, como é que será em relação ‘a estas coisas’. Não sei. Não depende somente da escola.

4. SOBRE A GLOBALIZAÇÃO E AS RELAÇÕES COM ÁFRICA?

A nossa escola tem uma grande tradição também de relações com África e de relações com Timor. E temos tido umas experiências muito bonitas aqui e tivemos uma série de actividades muito ligadas a Timor, na altura da independência.

Temos uma relação também muito activa com Angola. E Moçambique, sei que sim.

5. CONCORDA ENTÃO COM OS SUCESSIVOS MANDATOS?

O que eu concordo é que acima de tudo haja uma discussão à volta da nova gestão sobre as escolas que haja uma ponderação muito séria, que haja uma ponderação séria e se calhar feita por pessoas e não por políticos que estão de passagem pelo Ministério que estão ali quatro anos ... e que passam muito ao de leve por cima destas coisas, cuja preocupação, é uma preocupação política que tem a ver com outras coisas. Não pode ter a ver com a qualidade, com o dia-a-dia... Não pode ter, com outras motivações. Não pode, de carácter eleitoral, de carácter imediato, e de serviço a um partido, a outro e a outro... A escola tem que passar muito longe disso tudo. Depois a escola tem que ser pensada pelos técnicos que a vivem, que a conhecem, por aqueles que a estudam e investigam sobre ela.

1 - EM QUE CONSISTE O SERVIÇO DE PSICOLOGIA DA ESGP?

A ESGP já há muitos anos que é apenas uma Escola Secundária. Tivemos uma interrupção nos 3 anos lectivos anteriores, em que tivemos 2 turmas do 3º ciclo. Mas, o grosso dos nossos alunos, (...) a maioria é proveniente de outras escolas. Das Escolas Básicas do 2 e 3 ciclos da cidade e também de escolas dos arredores.

A escola normalmente, já há muito, que faz um trabalho de divulgação da sua oferta ao nível do ensino secundário... Começou por fazê-lo, via Serviços de Psicologia. Nós, psicólogos comunicamos uns com os outros e fazemos a divulgação junto dos nossos colegas das respectivas formações das escolas. Houve anos que a escola criou folhetos de divulgação das suas ofertas formativas, que enviava por correio...divulgando-as pelas várias escolas do EB 2,3 da cidade e restantes da região.

De há uns anos a esta parte, fazemos aquilo que chamamos a “Semana da Gabriel Pereira”, que é uma semana escolhida a meados do 3º período e que visa promover a divulgação da nossa oferta formativa quer junto de outras escolas, quer junto da comunidade educativa. O ano passado e também já há alguns anos, que fazemos inclusive a divulgação da oferta da escola e da própria escola, por exemplo, usando eventos clássicos da nossa cidade como seja a “Feira de S. João”, como o ano passado onde tivemos um quiosque, onde tivemos disponível a informação sobre a oferta formativa da escola.

Como sabe, há escolas aqui na cidade que têm serviços de Psicologia e há escolas que ...não têm. De qualquer das formas, por exemplo, ... através da Universidade de Évora, ... Mas fazemos esse trabalho mesmo nas escolas como por exemplo a Santa Clara que tem trabalho na Área da Psicologia e da Psicologia Vocacional com alunos do 9º ano.

Mas criou-se mais ao menos um hábito...das pessoas, dos meus colegas, dos estagiários de virem à ESGP. Normalmente, essas visitas são organizadas pelos Serviços de Psicologia e Orientação, ou então pelos Estagiários de Psicologia, que contam com a minha colaboração. Durante vários anos eu recebia os alunos das turmas do 9º ano. Por exemplo, os alunos da EB 2,3 Conde de Vilalva, de Santa Clara, às vezes também da André de Resende que vinham aqui à escola. Visitavam a nossa escola e depois eu falava-lhes da oferta formativa. Nestes dois últimos anos que temos feito “A Semana Gabriel Pereira” nós normalmente canalizamos essas visitas para essa data.

2 - EXISTEM OUTRAS QUESTÕES ABORDADAS NO SPOE?

Este é um Serviço de Psicologia, que tem um profissional da área da Psicologia.

Eu tenho por hábito, todos os anos, no início do ano lectivo, ir apresentar-me a todas as turmas do 10º ano de escolaridade. Apresento-me e informo o que eles podem obter do Serviço de Psicologia e Orientação, através da sua vinda ao Gabinete. Normalmente dou - lhes um folheto, ... que explica ou dá informações sobre o que se faz no SPOE. Recebemos alunos que podemos agrupar em várias áreas. Por um lado há os alunos que vêm ao gabinete por questões de aconselhamento vocacional, são alunos do 10º ano que, por exemplo, querem reformular a sua escolha. Portanto, que escolheram uma Área no 10º Ano e não estando satisfeitos recorrem aos nossos serviços para fazermos essa reformulação, ou ainda, alunos do 11º e do 12º ano que chegam preocupados, por exemplo, com o prosseguimento dos estudos e com o acesso ao Ensino Superior.

A maioria dos alunos têm por hábito por hábito comparecer no 11º e no 12º de escolaridade. Isto é um processo que eles vão fazendo nos dois anos. E tenho vários alunos que sigo nos dois anos lectivos terminais.

Normalmente no 11º ano procuram informações sobre cursos e saídas profissionais relativas à escolha feita. Por exemplo, alunos de Ciências, que perguntam sobre o que existe em termos de saídas profissionais naquela área. Geralmente se estão confusos a cerca dos seus gostos, eu faço com esses alunos a avaliação de interesses, a exploração de cursos, dou-lhes informação sobre cursos superiores, sobre sites que têm informações sobre o acesso ao Ensino Superior. Às vezes consultamos em conjunto as universidades, etc.

No 12º essa informação já é mais canalizada. Saber quais são os cursos que eles põem como hipótese, onde existem, faz-se a exploração das Instituições de ensino, as notas dos últimos colocados, provas de ingresso, pré - requisitos, etc. ... No 12º ano, já é mesmo, a preparação do acesso ao ensino superior.

No 11º ano é normalmente uma intervenção de carácter mais exploratório, porque eles ainda estão à procurar de caminhos, isto ao nível do aconselhamento vocacional. Depois também faço acompanhamento de alunos por exemplo ao nível daquilo a que eu chamo, um apoio mais Psico – Pedagógico. Ou seja uma abordagem dos problemas que têm que ver com o sucesso escolar, com o seu método de estudo, com o seu papel enquanto estudantes.

Sei lá! Coisas que passam pela planificação de horários de estudo, avaliação dos seus métodos e hábitos de estudo, ...reformulação das suas escolhas, mas tem a ver com o percurso escolar do aluno, como as escolhas vocacionais, porque isso entra dentro do aconselhamento vocacional. Escolhas por exemplo: como é que eles ocupam os tempos livres, que tipo de actividades é que eles têm, etc.?

3 - COMO ANALISA AS MUDANÇAS DE CURSOS DOS ALUNOS?

Normalmente é no 10º ano. Um aluno que já está no 11º ou no 12º pode fazer pequenas adaptações. Sei lá, escolher uma disciplina no 12º ano que lhe permita adquirir conhecimentos para depois se propor a exame, numa coisa qualquer. Ou ... aí são pequenas adaptações. Mudanças, mesmo, acontecem no 10º ano. Por vezes logo no início, há alunos que chegam aqui à escola e que, quando estão a implementar a escolha feita no 9º ano. No início dessa implementação acham logo que não, ... é aquilo que eles querem fazer, ou então no final do 10º ano, quando por exemplo, são confrontados com o insucesso escolar. Normalmente é no 10º ano...

4 - SÃO MUITOS OS ALUNOS QUE PEDEM A MUDANÇA DE ÁREA DO CURSO?

Não, ... Não são muitos. São alguns. Não são muitos!

Não são muitos por exemplo se nós pensarmos que a nossa escola tem neste momento 14 turmas do 10º ano. E este ano no 1º Período houve para aí uns cinco, seis ou sete casos de mudanças.

Em 14 turmas, se calhar não é muito. Agora no final do ano, haverão ainda mais alguns.

Por exemplo, hoje já vieram ter comigo dois alunos a dizer que no 3º período, queriam cá vir falar comigo porque estão a pensar mudar de curso, porque estão a ser confrontados com dificuldades e com o seu insucesso.

Depois, relativamente a outra área intervenção. Normalmente, é aquela que eu considero mais de intervenção psicológica.

Pode ser por questões mais íntimas e de índole pessoal.

Pode ser problemas que os alunos manifestam por exemplo nas suas relações familiares, relações amorosas, questões de adaptação e de inadaptção social. Sei lá nas suas relações pessoais.

5-COMO SE PROCESSA A INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS RESIDENTES NOS ARREDORES?

Depende de aluno para aluno. Isto depende muito das características pessoais deles. Alguns não têm qualquer dificuldade, integram-se bem.

Até porque, a ESGP está um bocadinho na moda, junto dos jovens. Todos querem vir para a GP, acham que a GP é uma escola, tem... Idealizam um bocadinho a GP. Pronto. Normalmente, esses alunos que vêm de meios pequenos, fora daqui da cidade de Évora, etc...na sua generalidade, acho que eles se adaptam à escola, mais ao menos bem. Há sempre alguns casos que têm mais dificuldades. Pois que, que ...pronto. Que virem para uma escola grande, numa cidade onde não conhecem ninguém e até deixarem de viver com os pais durante a semana.

Há ainda situações mais problemáticas, postas pelo tempo gasto, nas deslocações.

Há alunos que manifestam isso como uma dificuldade, até relativamente ao seu rendimento escolar. Por exemplo, os alunos que saem, a uma hora e vinte minutos e têm que esperar pelas cinco horas para irem para casa porque não têm transportes antes. Ficam aqui na escola ...Alunos que todos os dias se levantam às seis da manhã para puderem entrar aqui na escola às oito horas e um quarto. E que só chegam a casa às sete e tal ou oito horas da noite. É evidente que isto custa mais, do que a um aluno que vive aqui na cidade e que não tem este tipo de entreves.

6 - TÊM TIDO ALUNOS DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS?

Sim. É da responsabilidade ou tem sido até agora o acompanhamento dos alunos com Necessidade Educativas Especiais. No artigo do Decreto - Lei 319, a elaboração dos Planos Educativos Individuais ou a Reavaliação dos Planos Educativos era da competência dos Serviços de Psicologia e Orientação, em colaboração com os professores do Ensino Especial. Nós já há dois ou três anos que não temos cá nenhum professor do Ensino Especial, o quer dizer que os casos de Educação Especial recaem, todos aqui nos Serviços de Psicologia e são acompanhados. Agora estamos a assistir alguma reformulação neste processo, nomeadamente com o Decreto Lei 3 / 2008, traz algumas alterações que vai ficar o responsável pelo Programa Educativo Individual é o Director de Turma. Os Serviços de Psicologia vão ficar mais como um staff técnico de avaliação e de recomendação das medidas a serem aplicadas aos alunos.

A nossa escola, ... não tendo alunos na escolaridade obrigatória, ... não temos casos muito graves, ao nível das dificuldades, das NEE. Temos efectivamente alguns alunos com dislexia. Temos alunos surdos. Porque a nossa escola ao nível do ensino secundário é aquela que prossegue os estudos ... é aquela que tem em exercício a unidade de apoio a crianças e jovens deficientes auditivos. Até ao final da escolaridade obrigatória eles funcionam na Malagueira, depois quando querem prosseguir os estudos para o ensino secundário vêm para a nossa escola.

7 - A ESCOLA TEM MEIOS PARA RECEBER ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS PROFUNDAS?

Já tivemos uma aluna... que tinha um problema degenerativo neuromuscular que não conseguia deslocar-se a não ser em cadeiras de rodas. E essa aluna... a escola construiu rampas, tudo isso.

Já tivemos também alunos com miopias acentuadas. Tivemos um aluno que tinha descolamento da retina que lhe provocava realmente uma redução da visão e que a evolução seria a cegueira... Tivemos este ano, (soube hoje, que o aluno tinha abandonado a escola), um aluno com paralisia cerebral... Não temos casos, ... muito graves, porque os casos de deficiências muito graves normalmente estão até ao final da escolaridade obrigatória. As escolas Secundárias acabam por ser um pouco menos procuradas por esses alunos.

Agora, ao nível das dislexias, ... a escola está apetrechada com meios que lhe permitem uma ajuda sistematizada a esses alunos. Este ano, temos um professor ... que faz, o apoio só a alunos disléxicos.

7.1 - E A OUTROS NÍVEIS, SURDEZ, ...?

É a Unidade de Apoio às Crianças e jovens portadores de Deficiências Auditivas que proporciona esse tipo de apoio.

Temos, neste momento, duas alunas surdas. Uma que, ...entretanto deve ter reprovado por faltas, por questões que tem a ver com a sua vida pessoal e familiar e não propriamente com a escola.

Outra que é uma surda profunda que é acompanhada por esta unidade e que tem exemplo uma intérprete de língua gestual que está permanentemente com ela e também tem uma professora do Ensino Especial que vem trabalhar com ela, (um ou dois dias por semana, por exemplo a tarde toda). Tem aulas individualizadas. Tem professores que só lhe dão aulas a ela, que estão só com ela e com o intérprete. E também, porque a escola dela tem apoio comigo.

Temos outra aluna surda, cuja mãe, ... não quer que ela seja apoiada pelo núcleo, acima citado, e portanto tem mais dificuldades. É uma aluna integrada numa turma do 11º ano (entrou o no ano passado. Tem Apoios Pedagógicos Individualizados nas disciplinas em que têm mais dificuldades e têm também apoio comigo.

8 - HÁ CASOS DE ALUNOS QUE REQUEREM O ENSINO DOMÉSTICO?

Não. Neste momento, não. Tivemos uma situação, já há alguns anos, de uma aluna que tinha leucemia e portanto, foi... fez transplante de medula e durante algum tempo ela tinha mesmo que estar em casa porque os contactos podiam ser perigosos no ponto de vista das infecções, etc. E essa aluna teve apoio domiciliário com uma professora do ensino especial que na altura estava cá colocada.

9 - HÁ SITUAÇÕES CONTURBADAS, A NÍVEL DISCIPLINAR E SÓCIO- FAMILIARES?

Este ano, particularmente estamos a deparar com alunos, com graves problemas graves do ponto de vista económico e até social e familiar.

Vamos tendo conhecimento de alunos com dificuldades económicas graves e... vamos tendo também conhecimento de alunos com... com queixas que eventualmente podem ter a ver com maus tratos, etc., por questões que se prendem por exemplo com alcoolismo. É evidente que os serviços de Psicologia, ... porque os professores, os Directores de Turma vêm ter comigo, relatam-me essas situações. Por norma sou eu que faço os contactos com a Segurança Social, etc. Estamos a ver, se este ano operacionalizamos isto tudo de outra forma, essa ajuda.

Questões disciplinares, na nossa escola não há muitas.

Também pelas características. Como é uma escola secundária, etc., não há graves questões disciplinares. Esses casos geralmente são sanados pelos professores.

10 - QUAL A FONTE DE INSPIRAÇÃO DOS ALUNOS NA ESCOLHA DA ESGP?

Quando eu digo que a escola está na moda, não é como ideia fútil!

A escola está bem vista na cidade.

Os alunos acham que temos bons professores, que aqui se fazem coisas giras.

Que as pessoas trabalham bem. Acho também, que é um certo reconhecimento da cidade, e da... da comunidade relativamente à qualidade de ensino daqui da escola, o que leva que pais e alunos escolham esta escola.

Depois há alunos que vêm para aqui porque, só aqui é que há essa oferta. É o caso dos alunos das artes. Só a nossa escola na cidade de Évora é que tem a opção das Artes Visuais. O Curso Científico – Humanístico de Artes Visuais. Por exemplo também ao nível dos Cursos Profissionais, também temos alguns cursos que fazem com que alunos de outras escolas e de outros Concelhos venham à nossa escola.

11 - OS ALUNOS QUE PRETENDEM INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO PROCURAM-NA?

Sim alguns vêm, mas não é a maioria dos alunos.

A maioria dos nossos alunos é... vêm falar comigo porque têm projectos vocacionais que se prendem com o prosseguimento dos estudos.

12 - QUAL A INTERVENÇÃO DOS PAIS NA VIDA DA ESCOLA?

A presença dos pais na escola e a intervenção dos pais, através das formas possíveis de intervenção na escola, nomeadamente, por exemplo, da Associação de Pais e Encarregados de Educação, é um ponto fraco aqui na escola.

Por exemplo, neste momento, a nossa escola não tem Associação de Pais, eleita.

Pronto. Têm os representantes de pais por turma, mas não houve movimentação, para... funcionar uma Associação de pais.

As Associações de Pais não têm funcionado nos últimos anos. Tem-se deparado sempre com muitas dificuldades. Têm por exemplo dificuldades em participar, no Conselho Pedagógico, etc. Porque as pessoas não têm disponibilidade para virem à escola. Depois isto acaba por recair sempre sobre uma mesma pessoa, e quando aquela não pode, ninguém vem! Depois a Associação de Pais faz reuniões vêm três pessoas, que são as pessoas que estão eleitas para a Associação e portanto as coisas não andam para frente.

Em termos de participação formal há dificuldades em trazer os pais à escola. E nós temos tido algumas dificuldades. Por norma os professores têm por hábito fazer reuniões periódicas com os Encarregados de Educação e a maioria vêm à escola. Vêm por motivos que se relacionam com o percurso escolar dos seus filhos, nomeadamente, as notas, as..., as transições, etc.

Agora não vêm muito à escola para participarem noutra tipo de actividades. Eu ontem por exemplo fiz uma reunião de pais de alunos com dislexia, vim aqui e apresentei as alterações do novo Decreto - Lei, etc. E todos os pais convocados vieram à escola.

13 - HÁ UMA VALORIZAÇÃO PARA O GÊNERO?

Há. Por exemplo, os nossos cursos de mecânica não tem alunas e o Curso de Secretariado só tem raparigas.

14 - COMO VÊ A INTERVENÇÃO DO PODER LOCAL NESTA ESCOLA?

A escola tem boas relações com a autarquia. Quando há necessidade por parte da escola ou de estabelecer um protocolo... Já aconteceu também para a colocação de estagiários, etc. Portanto, a Câmara normalmente, aceita e tem uma relação mais ao menos fácil com a escola. O Órgão de Gestão da Escola prevê neste momento a intervenção da autarquia. ... A intervenção da Câmara a nível de situações do dia-a-dia, relativamente aos pedidos da escola, relativos a logística. Não temos tido problemas.

E7 - ENTREVISTA AO PROFESSOR E COORDENADOR DAS TIC

1 - QUANTOS DOCENTES TEM O DEPARTAMENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS?

O Departamento em princípio tem 14 elementos, embora a nível das Tecnologias e com a nova classificação, existam mais 4 que estão agregados ao Departamento de Administração. Para a mais recente designação de Departamentos, o grupo 530, somos vários e como digo no das Tecnologias propriamente dito, existem catorze mais quatro. Ao todo dezoito elementos. As Tecnologias incluem a Informática, a Electrotecnia, a Mecanotecnia e a Construção Civil. Esses 4 elementos, pertencentes às Tecnologias estão mais agregados à área da Administração.

2 - EM QUANTAS SALAS FUNCIONAM ESTES PROFESSORES?

Portanto, isto é variável, mas em termos das TIC funcionamos com uma sala específica, a sala TIC, equipada há dois anos com 15 computadores. Temos mais quatro salas que nós chamamos Sala de Informática, ou Laboratório de Informática, também razoavelmente equipadas, porque há equipamentos que já precisavam de ser substituídos.

3 - O EQUIPAMENTO QUE TÊM É SUFICIENTE PARA O N° DE ALUNOS?

Podemos considerá-lo insuficiente, ou desactualizado, pelo menos.

4 - QUANTAS TURMAS É QUE BENEFICIAM DA DISCIPLINA?

Directamente à disciplina TIC existem 3 turmas, dos cursos profissionais. Indirectamente teremos outras, como a Área de Projecto e Actividades Extra-curriculares. Todos passam e beneficiam destes recursos. Para além disso, ainda temos o Curso Tecnológico de Informática, que é constituído por 3 turmas; uma do 10º, uma do 11º e uma do 12º, que também desenvolve as suas actividades nas salas TIC e Informática.

4 - QUAL A DURAÇÃO DESSAS AULAS?

São blocos de 90 minutos e ocorrem uma, duas ou três vezes por semana.

5 - ACHA QUE A ESGP TEM A TECNOLOGIA ADEQUADA AO SÉC. XXI?

Podemos analisar em 2 prismas.

A remodelação que a escola vai sofrer a nível das instalações, não temos nenhuma informação, se vão reformular os equipamentos ou apenas as instalações.

Estamos em crer que haverá o reequipamento, dessas instalações com novos equipamentos mais actuais, e se calhar mais potentes, respondendo em maior número às nossas necessidades.

6 – HÁ NECESSIDADE DE MELHORES CONDIÇÕES FÍSICAS? E DE EQUIPAMENTO?

Esperamos que sim, justifica-se plenamente, não só pelo que já lhe disse, temos alguns equipamentos que já estão um pouco desactualizados, embora se trabalhe com eles gostaríamos realmente de ter à altura novos equipamentos, mais potentes e condignos com as novas instalações.

7 - QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS E COMPETÊNCIAS DAS TIC PARA O INGRESSO DOS ALUNOS NO MERCADO DE TRABALHO?

A disciplina de TIC prepara os alunos, ou pretende-se que prepare os alunos numa área muito abrangente, ou seja, para já, eles são informáticos na óptica do utilizador, que é adquirir competências na área de Informática, e não só, portanto adquirem competências para utilizarem as Tecnologias de Informática Comunicação, nas mais diversas abrangências e portanto pretende-se que seja qualquer coisa que sirva de apoio...ou de trabalho complementar nas diferentes áreas curriculares.

Existe mesmo um princípio que é o de considerar as TIC como uma área inter e transdisciplinar.

Portanto não só aqui nas competências disciplinares das áreas, mas também para o futuro. Hoje, não se concebem jovens e pessoas que não tenham uma formação mínima, senão mesmo bastante razoável, no domínio das TIC.

Porque estamos inseridos no mundo global das Tecnologias, e eles estão inseridos e dominam as Tecnologias da Comunicação como os telemóveis, os computadores, as consolas, porque também estamos a caminhar para uma sociedade de conhecimento e informação muito automatizada e vê-se o exemplo dos quiosques, das Lojas do Cidadão, da consulta, da comunicação entre pares, entre países, alunos, pessoas, etc., portanto, nós estamos mesmo nessa Aldeia Global, logo acho que é, fundamental e importante que eles dominem e tenham apetências, não só competências de como dominar essas ferramentas.

8 - O CURRÍCULO DAS TIC É IGUAL PARA AS ARTES VISUAIS E PARA OS OUTROS CURSOS?

É assim por princípio; o Currículo TIC é igual para todas as áreas disciplinares, para todas as áreas profissionais. De qualquer das formas existe flexibilidade suficiente para se adequar quer aos conteúdos, quer às ferramentas de acordo com as necessidades e com as aprendizagens e os domínios que essas áreas exigem. Estou a lembrar por exemplo, nós temos aí o curso das artes, não sei agora a denominação. Mas tem algo como Oficina Multimédia em que eles utilizam hoje o computador como uma ferramenta e recorrem às diversas aplicações, consoante as necessidades para tratarem os conteúdos para aprofundar os seus conhecimentos, para a pesquisa de determinados conteúdos específicos da Multimédia, da área da Publicidade, do Design, do Cartaz, da BD, não conheço bem o desenvolvimento Curricular mas sei que tem áreas muito diversificadas de actuação.

Portanto, face à pergunta, e em síntese, a resposta é sim. As TIC são transdisciplinares mas adaptam-se em cada momento às necessidades curriculares de uma determinada área TIC.

9 - A NÍVEL DO GÉNERO, (MASCULINO/FEMININO), COMO É CONSTITUÍDO O DEPARTAMENTO?

50% do corpo docente é feminino e o restante, masculino .

10 - A NÍVEL DO GÉNERO, (MASCULINO/FEMININO), O QUE TEM VERIFICADO EM TERMOS DA APRENDIZAGEM?

Da minha experiência e ...trabalhando um pouco mais com o Curso Tecnológico de Informática onde as TIC estão sempre presentes, o masculino manifesta mais apetência, e mais destreza, e mais facilidade. Talvez porque se dedique mais, talvez porque comunique mais. No entanto a parte feminina também desenvolve bem e responde bem.

11 - TEM VERIFICADO SE O FACTO DESTA DISCIPLINA SER LECCIONADA POR UM PROFESSOR OU POR UMA PROFESSORA, TEM INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM?

Quando os alunos nos chegam aqui, isto é, quando entram no 10º ano eles já vêm com as ideias mais ao menos esclarecidas e definidos os seus objectivos. Penso que não se importam ou não se influenciam pela presença de ser um professor ou professora.

12 - A NÍVEL DAS TIC, COMO CLASSIFICA OS CONHECIMENTOS QUE OS ALUNOS TRAZEM DO ENS. BÁSICO?

Supostamente trazem conhecimentos, porque os alunos já tiveram no 9º e/ou 8º ano uma iniciação às TIC. Isto resulta da experiência que tenho, em termos do Ensino Básico e conhecendo um pouco o programa, nem sequer é propriamente o currículo na sua totalidade. Acho que eles terão a esse nível, a nível do EB uma preparação e formação adequada para ingressar no 10ºano e continuar o seu percurso, melhorando, desenvolvendo o seu conhecimento, a sua prática, o seu domínio na área das TIC. Mais ainda, hoje em dia o conhecimento em TIC não se aprende só na escola. Não se aprendem só, nem no Ensino Básico, nem no Ensino Secundário. No fundo, o mundo ‘tecnológico’ em que vivemos, permiti-nos ter quase 100 % dos jovens com equipamento informático em casa.

Nós não sabemos exactamente, quem tem ou não condições económicas desfavoráveis, mas se nos apercebermos disso, também reparamos nalguns casos, isto numa primeira abordagem, reparamos que também lá, existe o computador e ou com frequência eles podem aceder às TIC no IPJ ou em casa do amigo, ou na escola (áreas curriculares ou extra-curriculares). Aqueles que se entregam e ingressam numa área tecnológica e/ou com TIC, já trazem um domínio muito razoável e muito seguro.

13 - VÊ DIFERENÇA ENTRE OS ALUNOS DE ARTES E OS DAS OUTRAS ÁREAS?

É assim, sobre a especificidade das Artes Visuais também não sou pessoa que conheça em concreto. O que sei é o que observo por aí nos contactos com os meus colegas dessa área específica, não consigo dizer muito ou fazer a diferenciação entre esta área e uma outra. O que me apercebo, acontece na observação de exposições com trabalhos desenvolvidos pelos alunos, no âmbito das aulas e práticas oficiais, na área das artes visuais.

14 - OS PROJECTOS, O DESIGN, TODAS AS ÁREAS REQUEREM PROGRAMAS INFORMÁTICOS?

Ao nível da parte técnica, do desenho técnico e áreas afins – como disse - da multimédia, sei e tenho conhecimento pelo relacionamento que vou tendo com os colegas, Sei que existem programas específicos e que estão a utilizar por exemplo: Auto-Cad, para o desenho técnico, para a projecção, etc. Para fazer os projectos estão a utilizar algumas ferramentas, programas e equipamentos informáticos, inclusivamente nós, escola, estamos a fazer um esforço para que nos espaços dos ateliers eles tenham ferramentas a vários níveis, e é verdade, eles têm computadores, têm scanners quase profissionais, impressoras disponíveis.

Para além do mais, a escola, proporciona aos alunos das artes que saiam com frequência das suas salas e vão para as salas de informática que estão melhor equipadas, com melhores recursos onde eles habitualmente estão a trabalhar, quer a projectar, quer a desenhar, quer a pesquisar, quer a produzir projectos de várias ordens.

Mas como lhe digo, realmente só conheço o trabalho através dos produtos que eles conseguem editar e mostrar nas suas exposições, enfim, até nas vendas públicas que fazem para causas humanitárias. Reparo que os alunos das artes trabalham muito à base do manuseamento manual, da estética e do design. Eles trabalham também muito ao nível do barro, olaria, moldagem, criação de peças, etc. mas, tudo de “cunho” manual.

15 - COMO SÃO CONCEBIDOS OS PROJECTOS? MANUALMENTE?

Os projectos são todos concebidos e auxiliados com recurso a ferramentas informáticas. Concebem dossier, fazem os planos, fazem perspectivas. Nós temos turmas por exemplo de 15 ou 20 indivíduos e

temos cinco ou seis equipamentos capazes para nos ajudar nessas tarefas, o que quer dizer, tem que ser tempo repartido junto dos equipamentos e das Tecnologias mas, que eles de alguma maneira se organizam. E conseguem. Depois outros fazem em casa, também, porque têm equipamentos à altura. Outros com o auxílio dos professores vão para outros espaços, Gabinetes, mediateca e/ou biblioteca.

16 -. COMO AVALIA A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL ENTRE A ESGP E OUTRAS ESCOLAS?

Eu não lhe posso concretizar, eu penso que só um elemento do Conselho Executivo é quem lhe podia dar informações mais concretas. Eu sei que não é tradição, mas nós sempre que podemos trabalhamos em parcerias.

Estou agora a lembrar que há quatro, cinco anos, também decorreu entre esta escola e mais seis escolas nacionais e seis escolas Macaenses, o desenvolvimento de um programa, por dois anos consecutivos, que se chamou, Portugal, Macau, Internet e as Escolas, em que nós fomos vencedores desse concurso nesses dois anos. Fomos vencedores, melhor dizendo, a nossa escola em parceria com outra escola de Macau, vencemos esse concurso.

E agora continuamos a ter parcerias. Neste momento, a escola tem parceria com outras escolas europeias em que estão integrados em projectos de trabalho europeu, não lhe posso concretizar quais, mas sei que sim, porque a cerca de quinze dias atrás houve uma comitiva nossa que esteve fora e que sai com alguma regularidade. Já estiveram na Itália, estiveram na Alemanha. Acho que também já estiveram na Holanda.

Não posso precisar. Mas portanto há um conjunto de projectos europeus em que a escola participa, que é parceira e que recebe cá, bem como também vai lá. Há intercâmbios culturais, científicos, pedagógicos a esse nível.

17 - E LAÇOS HISTÓRICOS COM ÁFRICA?

Não sei.

Laços históricos com África, não sei muito, talvez pudesse supor esses laços históricos, observando o nosso Museu. Ou seja, nós temos um Museu, com uma série de peças e espólio. Daquilo que me é dado observar, porque já entrei algumas vezes naquele espaço, tem origem ou esteve ligado a participações de pessoas de renome ou ligadas à ESGP e também a espaços africanos. Não sei precisar quais, mas existiram decerto, alguns laços ou contactos. As peças, ou são de Angola, de Moçambique ou eventualmente de outras paragens. Elas são crocodilos, tartarugas, lanças ou flechas, etc. Portanto é tudo de uma qualquer zona Africana. Agora de concreto não sei. Acho que foi um espólio doado à escola. Penso que foi de alguém ligado à escola anteriormente que doou esse espólio. ...E que está lá! É o nosso Museu!

18 - EXISTEM TROCAS DE EXPERIÊNCIAS COM ÁFRICA NA ÁREA DAS TECNOLOGIAS?

Não temos. Eu não conheço. Podem existir mas eu não conheço.

- Pelo menos nunca fui chamado a intervir nessa área.

Não, não. Não, não temos, acho que a esse nível não. Não temos! Embora, (pronto) como isto é uma aldeia global e um conhecimento global. As nossas pesquisas, o nosso conhecimento passam por aí. Mas como parceria e intercâmbio, não. Que eu saiba. Posso desconhecer.

19 - INTERVIRIA SE FOSSE CHAMADO?

Sim, decerto que poderia colaborar. Não tenho problemas. Posso dizer, que já há alguns anos atrás se fez uma recolha de livros. E... foram entregues, salvo o erro, a Cabo Verde.

Se a escola entrasse nisso não tenho problema nenhum. E acho que era uma cooperação que a escola podia estabelecer.

20 - O QUE REMODELARIA NA ESCOLA A NÍVEL DAS TECNOLOGIAS MULTIMÉDIAS?

Eu não estou bem por dentro, quer dos outros currículos, quer das suas necessidades tecnológicas para poder aqui traçar um 'role' de necessidades.

Se calhar sondaria o mercado. O local. Não sei. Não tenho formação nem muito conhecimento, nessa área da multimédia. Preferia colaborar numa equipa onde houvesse alguém com mais experiência, com conhecimento mais concreto nessas áreas...e dissesse: olha, nós precisamos de ti aqui ou ali. Qual é a tua opinião? O que é que achas?

A minha colaboração está com as TIC, está com a Informática.

21 - O QUE ACRESCENTARIA MAIS NO DEPARTAMENTO DAS TIC?

Área a explorar com os restantes elementos do departamento. Não me importava nada de começar uma nova experiência. Isto porque é assim, as tecnologias são sempre um desafio. Nunca temos nem a aprendizagem, nem a capacidade de ensinar, acabada. Portanto nós temos que estar sempre em constante aprendizagem e não me importo nada de começar novas áreas de interesse e também transmitir aos alunos ou à população escolar de uma maneira geral, como uma nova área de interesse.

E8 ENTREVISTA À COORDENADORA DE INFORMÁTICA

1 - COMO AVALIA OS RECURSOS MATERIAIS E HUMANOS NA ESCOLA?

Em relação aos recursos humanos eu acho que a escola está muito bem servida.

Partilho da opinião que, no geral, professores e funcionários são bons profissionais. Os professores são pessoas empenhadas com os resultados do ensino e, aliás, isso muitas vezes reflecte-se nos próprios resultados dos exames que tem havido na escola e que aparecem nos rankings, como sendo bons ao longo dos anos. Mas, no que se refere a resultados, também é a única coisa, que temos, para nos guiarmos.

Em relação ao que conseguimos saber das pessoas, enquanto colegas, tenho a mesma opinião, acho que, fazem um bom trabalho e que no geral, são pessoas cuidadosas e bons profissionais.

Em relação aos recursos materiais, penso que esta escola, também, pode não ser a ideal. Isto é sempre um pouco difícil, porque nós nunca estamos satisfeitos com o que temos e queremos sempre melhor. Mas em relação à maioria das escolas e pelo feedback (tenho tido aqui pessoas de fora), acho que esta escola está bem servida em termos de recursos materiais, dependendo das áreas. Falo mais da área que melhor conheço, a da Informática, porque se formos ali às Oficinas, eu acho que há deficiências em termos físicos e não só. Mas, também, vamos ter obras no próximo ano e está prevista uma remodelação completa dos espaços físicos.

2- ACREDITA QUE ESSA REMODELAÇÃO VENHA TRAZER MELHORIAS À ESCOLA?

Penso que sim. Pelo menos, é essa a ideia. Esta escola é uma escola muito antiga. Eu entrei aqui como aluna do 7.º ano de escolaridade.

2.1 - ACHA QUE AS ALTERAÇÕES FÍSICAS TAMBÉM TRARÃO MELHORIAS A NÍVEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS?

Acho que responde às necessidades, embora nós tenhamos alguns computadores desactualizados, mas é muito difícil tê-los sempre actualizados porque as coisas evoluem muito rapidamente. Um computador com 2 ou 3 anos fica desactualizado, com os programas mais pesados e, às vezes, é difícil fazer essa actualização. De qualquer forma, penso que os recursos que temos e aqueles que vamos adquirindo, permite à escola responder bem às suas necessidades.

O Órgão de Gestão preocupa-se em dar resposta e manter actualizados os equipamentos. Conforme as verbas financeiras estão disponíveis, assim são dadas respostas para a preocupação das actualizações.

Nesta escola temos o Curso Tecnológico de Informática e o Curso Profissional. Os recursos que temos são suficientes para os alunos.

3 - TÊM UM GRANDE NÚMERO DE ALUNOS NESSA ÁREA?

Nem por isso. Neste momento, frequentam o Curso Tecnológico de Informática oito alunos. No 11.º ano são 13 alunos e no 10.º ano são cerca de 16 ou 17 alunos. Temos uma turma por cada ano. São poucos alunos, porque acontece que, por vezes, vêm para estes cursos a pensar que são mais fáceis e não são. São cursos muito direccionados para aquela área. Os alunos, provavelmente, noutras disciplinas têm menos exigências, mas nas disciplinas técnicas, há muita exigência, o que os obriga a bastante trabalho. Quando os alunos vêm a pensar que vão jogar, que são só jogos de computador, e depois vêem que têm que trabalhar... bem, e por vezes, desistem pelo caminho.

4 - COMO AVALIA A GESTÃO DA ESCOLA GABRIEL PEREIRA?

Vejo-a com bons olhos e penso que faz um bom “papal”. Existem alguns problemas, reconhecidos mesmo a nível da gestão, relativos à circulação de informação. É um problema que nós, a nível informático estamos a tentar, também, colmatar, incrementando as Novas Tecnologias, nomeadamente, através do uso do correio electrónico.

Abstraindo-nos deste pormenor, gosto bastante do esquema de gestão da escola, pois trata-se de uma gestão muito aberta e participada.

4.1 - AVALIA-A COMO DEMOCRÁTICA?

Sim, penso que sim. É uma gestão democrática com as devidas restrições, porque em democracia, por vezes, é um pouco difícil e não se pode dar resposta a tudo e a todos. Existem limitações que, às vezes, transcendem a própria gestão, que obrigam a decisões que podem não ser democráticas, mas as que podem, penso que são.

5 - A NÍVEL DOS ALUNOS DAS ARTES VISUAIS COMO VÊ OS CONHECIMENTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS TRAZIDOS DO EB?

Por acaso, no primeiro ano que leccionei aqui na escola, orientei a disciplina de TIC a duas turmas de Artes e foi uma experiência muito engraçada, porque os alunos, de facto, não tinham muitos conhecimentos das Tecnologias e, até havia assuntos que os aborrecia. Mas, por exemplo, tínhamos uma unidade da matéria, que eram apresentações electrónicas no PowerPoint e os alunos aí foram engraçadíssimos e muito mais criativos. Fizeram trabalhos fantásticos comparativamente a outras experiências que eu já tinha tido com outros alunos dos cursos gerais. Essa turma conseguiu elaborar trabalhos bastante originais, mesmo sem conteúdo nenhum, mas a criatividade e a arte de cada um estava lá. Foi uma experiência divertida que eu gostei muito, porque era a ferramenta que lhes dava e que lhes permitia fazer coisas muito engraçadas.

6 - COMO AVALIA AS COMPETÊNCIAS ADQUIRIDAS PELOS ALUNOS EM ARTES VISUAIS?

Esses alunos agora já não têm TIC, nem nenhuma outra disciplina de Informática, aqui na escola. O Curso de Artes que existe nesta escola, é um Curso Geral e a disciplina TIC deixou de existir nesses cursos, fazendo parte, unicamente, do currículo dos Cursos Profissionais. No entanto, no 12.º ano, há alunos que têm uma disciplina denominada Multimédia que é leccionada, não pelos professores do Departamento de Informática, mas sim, pelos professores de Artes e, aí, é que é feita a ligação entre as Artes e as Tecnologias.

7 - CONCORDA COM A ABOLIÇÃO DAS TIC NO 10.º ANO?

Não concordo. Concordaria se nos anos anteriores houvesse um trabalho que preparasse os alunos, convenientemente. Mas se não houver esse trabalho prévio, os alunos chegam ao 10.º ano e não têm os conhecimentos necessários, nem as competências mínimas exigidas para elaborarem certos trabalhos que lhes são solicitados pelos professores. Além disso, tal poderá contribuir para a existência de uma maior diferenciação social e certos alunos poderão ficar claramente desfavorecidos em relação aos seus pares. De certa forma essa disciplina de TIC no 10.º ano, acabaria por colmatar essas diferenças e daria oportunidade aos alunos que não têm acesso às Novas Tecnologias fora da escola.

Quanto à disciplina Multimédia, é opcional nos 11.º e 12.º anos para os alunos das Artes Visuais.

As aulas de Informática decorrem para todos os alunos, inclusive os das Artes Visuais, em espaços próprios e em várias salas. Os alunos de Artes têm aulas de Multimédia nas salas de Informática.

8 - COMO VÊ O ENSINO ARTÍSTICO AQUI NA ESGP?

Em relação ao ensino artístico não sei...

9 - ACHA QUE A NÍVEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS A ESCOLA RESPONDE CABALMENTE?

Sim, estou completamente de acordo e os alunos têm muitas condições na escola, para utilizarem as Novas Tecnologias, inclusive não só para os alunos que têm aulas de Informática nas salas, mas na Mediateca. Esta tem um conjunto de computadores disponíveis aos alunos. Neste momento, na Biblioteca também existem alguns recursos, que os alunos podem utilizar, não só na sala de aula, mas também para fazerem trabalhos.

Os alunos que não têm computador em casa ou que não tenham acesso, podem rentabilizar o tempo disponível que estão na escola.

10 - QUAL A AVALIAÇÃO QUE FAZ DA ESCOLA?

Tenho conhecimento que a escola é muito procurada pelos alunos e sei de uma percentagem considerável de alunos que quer prosseguir os estudos nesta escola.

E9-ENTREVISTA AO PROFESSOR DE GEOMETRIA DESCRITIVA E COORDENADOR DO DEPARTAMENTO DAS TECNOLOGIAS

1 - COMO ANALISA A VISÃO DA ESGP?

A ESGP, visa como todas, em geral, promover o sucesso educativo dos jovens que a frequentam. A pensarmos que no seio de Évora, a ESGP está bem cotada, porque das três Secundárias ela só tem mais alunos que as outras duas. Portanto, é susceptível porque tem mais escolhas. A oferta também é mais alargada. As vias profissionais e as vias de acesso ao Ensino Superior, chamadas vias do ensino e portanto a escola consegue conviver bem com essas duas vias distintas e ... não só consegue conviver em termos das opções que toma no seu interior, como eu já disse: o clima mesmo entre os alunos é positivo.

2 - E RELATIVAMENTE À MISSÃO DA ESGP?

A missão é: formar alunos para o mercado de trabalho e para o acesso ao Ensino Superior. Portanto, não é, não é uma escola petrificada. É uma escola técnica, mas com uma vertente de promoção ao ensino superior. A ESGP tem um modelo pluricultural e tem uma pluri-oferta que lhe permite compatibilizar essas duas vias...é uma escola que tem cumprido os seus objectivos.

Nos seus objectivos tem um Projecto Educativo que vai ser ajustado novamente.

Tem tido resultados positivos, isto falando pelos exames a nível nacional positivos, num contexto mesmo nacional. E muito positivos, considerando, no contexto Alentejo. Tem sido por vezes a melhor escola do Alentejo, a nível desses resultados que não dizem tudo.

3 - COMO CLASSIFICA A ESGP RELATIVAMENTE AO AMBIENTE DE TRABALHO E AO TIPO DE LIDERANÇA?

É uma escola com ambiente de trabalho positivo, quer a nível de professores, quer a nível de alunos. A escola..., a liderança é uma liderança aberta, que passa, transmite muita responsabilidade aos Departamentos, ...os professores têm certa autonomia, os Departamentos... também, que permite fazerem e terem iniciativas e não estarem a ser muito controlados no dia-a-dia. Permite portanto um certo á vontade no trabalho.

A relação entre os professores e a gestão é uma relação aberta de uma forma geral. Há sempre casos mais difíceis, mas é uma relação aberta....

O apoio da gestão é consoante as circunstâncias, têm, têm existido muitos projectos na escola, quer projectos a nível da própria escola, quer projectos nacionais e internacionais, ... a escola tem já uma certa cultura... Tem vivido bem com isso. Portanto, a nível disciplinar no caso da disciplina da Geometria Descritiva, nós programamos no início do ano, organizamos logo apoios para os alunos que exercem e sentissem necessidade disso. ...quer ao nível do 1º ano de GD, quer ao nível do 2º ano de GD, que é correspondente ao nível do 12º ano. Neste momento é uma disciplina bienal. Quem começa no 10º acaba no 11º e quem começa no 11º ano, acaba no 12º ano. O programa é o mesmo. Creio que agora vai ser fixada no 10º ou 11º por questões que têm a ver também com outras ofertas a nível dos currículos.

4 - (Para forçar a resposta)

E A LIDERANÇA EM CONTEXTO DE MUDANÇA?

A liderança como já disse: penso que é uma liderança democrática. Nalguns casos liberal...Tem aspectos positivos, também tem aspectos menos bons.

Mas a escola tem, de uma forma ou de outra, tem sabido viver com essa realidade. Vamos ver agora neste momento de mudança que se aproxima quais serão as opções e a dinâmica que a escola vai trazer. O facto de, de ... estar o mesmo presidente do executivo há 25 anos, também leva de certa forma, por outro lado, à parte menos boa, e algum comodismo em termos de dinâmica interna, de alguns professores, ou grupo de professores. Portanto, não há a esse nível um grande questionamento em relação às decisões tomadas. Há um, há um habituar de aceitar as decisões facilmente. Em relação ao novo regime eu penso que independentemente de quem seja a pessoa, vai estranhar certamente. Porque vai ter que adaptar-se métodos a novos modelos, novos métodos de funcionamento. Com o próprio modelo de avaliação também. Há muita coisa que se vai alterar mas, são questões futuras que penso no entanto que a escola está a tratar com alguma cautela e alguma moderação.

5 - ACHA JUSTA A CLASSIFICAÇÃO DA AVALIAÇÃO EXTERNA DA IGE, SOBRE A ESGP?

Quer dizer eu acho que a Avaliação é um acto para a Autonomia ...em traços genéricos é correcta, mas é pouco profunda. Quer dizer a avaliação é muito genérica. É superficial. Mas isso é...em todas as escolas, considero a avaliação feita muito superficial, muito genérica. Não vai ao fundo dos problemas.

6 - COMO AVALIA A CULTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA?

A cultura é boa, a comunicação nem sempre.

O ambiente, o clima, que a escola tem, que é um clima fácil de trabalho, propício ao trabalho e a iniciativa.

E daí que: o contributo que o executivo tem é criar, nestes anos criou um clima de fácil trabalho.

Um clima amigável, digamos assim! Um bom clima! Que se transmite também na relação professor – aluno e na própria relação entre os alunos. Portanto, há um clima de acesso fácil às coisas.

Um clima de permissão para as iniciativas que se queiram fazer, desde que estejam naturalmente, contempladas no âmbito do Projecto Educativo da Escola. E portanto acabam por se repercutir evidentemente no bom aproveitamento.

7 - A COMUNICAÇÃO ENTRE OS ÓRGÃOS DE GESTÃO E OS DOCENTES, FUNCIONA?

Os Órgãos, e as estruturas intermédias funcionam. O Conselho Executivo está, está aberto a sugestões e a propostas, etc. Mas não... mas não quer dizer que tudo, tudo funcione bem. Há aspectos que vão funcionando bem, há outros aspectos, e este da comunicação organizacional, que é um aspecto inferior talvez da própria orgânica da escola.

8 - SEGUNDO A AVALIAÇÃO EXTERNA DA IGE, OS RESULTADOS DOS ALUNOS TÊM SIDO BONS, QUAL A RELAÇÃO COM O TIPO DE LIDERANÇA?

Quer dizer em termos de apoio directo, eu acho que esse apoio directo não se repercute imediatamente na avaliação.

9 - (Para forçar a resposta) ENTÃO A RESPOSTA É SIM?

Sim. Não há uma influência directa, mas há uma influência indirecta pelo clima criado.

10 - EM RELAÇÃO A GD COMO PODEM COLMATAR AS DIFICULDADES?

...Aí na Geometria Descritiva nós temos neste momento, 6 professores, salvo o erro, a trabalhar na disciplina.

Embora sejam 2 departamentos diferentes. O das Tecnologias e outro das Artes. São 4 das Tecnologias e 2 das Artes.

Eu sou do Departamento das Tecnologias. Sou neste momento o coordenador do Departamento. E tenho por vezes alguma dificuldade em fazer a ligação com os outros departamentos, porque não há no regulamento interno aquilo que se chama um coordenador de disciplina. E devia de haver no regulamento interno, que vai ser revisto agora também...

13 - OFERTA FORMATIVA OS ALUNOS SAEM DAQUI PARA O MERCADO DE TRABALHO?

No caso das vias de acesso do ensino superior, esses são alunos mais vocacionados para prosseguirem os estudos.

Aqueles com...eventualmente com...mais direccionados para o mercado de trabalho são os alunos dos cursos profissionais, ... que vão sair agora o primeiro leque. Começaram há três anos. Vão sair agora.

14 - SÃO OS DA AERONÁUTICA?

Esses ainda vêm, ... no... só começaram este ano, uma turma ... são os de manutenção mecânica, que a estrutura do curso é idêntica, mas, ...estes não tinham essa especialidade.

Os que começaram este ano o 10º ano, é que estão a ter a especialidade de aeronáutica.

15 - A OFERTA FORMATIVA ANUNCIADA FOI CUMPRIDA NA TOTALIDADE?

Não tenho a certeza mas em termos do regime diurno, acho que sim. Quer dizer, a nível dos cursos profissionais...sei que não houve... Também a intenção não era essa. A intenção era abrir um leque e... este ano a estratégia é a mesma; são oferecidos cinco cursos para abrirem três. Portanto, os alunos, a escolha dos alunos, é que vai decidir.

16 - SERÁ O NÚMERO DE ALUNOS É QUE VAI DECIDIR QUAIS OS CURSOS A ABRIREM?

Exactamente. Exactamente. A ESGP escolheu aqueles que acha que tem melhores condições para oferecer. Que acha que, ... são mais actuais em termos do mundo em que vivemos e do mercado em que estamos inseridos.

17 - O MUNDO DIGITAL, A REQUALIFICAÇÃO RELATIVAMENTE À REQUALIFICAÇÃO QUE A ESGP VAI SOFRER VAI TRAZER MELHORIAS/NOVAS FERRAMENTAS DO MUNDO DIGITAL?

Eu penso que sim, mas aliás não só no Plano Tecnológico; estão previstos alguns investimentos. Ouvi há dias, por exemplo, falarem de um quadro digital por cada três salas. Não sei se se vai concretizar ou não.

Não quer dizer que as Tecnologias por si só, resolvam os problemas todos. Não resolvem porque tendo a Tecnologia, e se a metodologia se mantiver como era, os resultados pouco diferem. Ah ... se nós tivermos um quadro inter – activo.

Isto por exemplo, se o professor do 1º ciclo, se ensinasse a Matemática a cantar: $2 \times 1 = 2$, $2 \times 2 = 4$ e com o quadro inter - activo continuar a fazer a mesma coisa só que vai pondo os números no quadro, a metodologia pouco se alterou ou, ... ou nada, aí os resultados não poderão ser significativamente diferentes, apenas um impacto inicial, depois vai desvanecendo à medida que o tempo passa.

18 - A ESGP JÁ ERA UMA ESCOLA MUITO SOLICITADA PELOS ALUNOS. COM A REQUALIFICAÇÃO COMO SERÁ?

Pode ficar mais moderna sob o ponto de vista tecnológico, mais atractiva sob o ponto de vista físico e ... poderá ficar e deve caminhar para também melhorar outros aspectos da ... da sua vivência interna.

19 - EM RELAÇÃO À GD O MUNDO DIGITAL TROUXE AVANÇOS? E ESTÃO A SER APLICADOS NA DISCIPLINA DE GEOMETRIA DESCRITIVA NA ESGP?

O mundo digital traz grandes contributos. Traz!

Estão em parte, não são cabalmente, porque nem todas as pessoas têm o mesmo domínio dessas tecnologias, mas por exemplo, na visualização do espaço, 3D.

Ah... Os meios informáticos trouxeram novas potencialidades. Podemos criar modelos inexistentes, permite-nos simular situações que de outra forma era mais difícil.

20 - NA ESGP EXISTEM COORDENADORES DE DISCIPLINA?

Não há, que eu me lembre. Pelo menos aqui, que devia haver. Não há coordenador de disciplina. Cria algumas dificuldades por vezes. Já tem aparecido e este ano, há uma das professoras que já tem mais alguma dificuldade, não só técnicas mas na própria relação com, com, os alunos. Embora seja dado apoio informal a essa pessoa, ...formalmente...

21 - OS PROFESSORES NA ESGP PARTILHAM OS CONHECIMENTOS?

Sim, acompanham os conteúdos, tentam acompanhar.

Eu individualmente por maior facilidade na, na utilização das TIC, tenho uma página, na página da ESGP em Geometria e os alunos, os alunos da minha turma, estão inscritos na Plataforma Moodle, onde eu vou depositando, materiais sobre todos os conteúdos. As próprias fichas formativas, testes e tudo, ficam lá depositados e eles podem consultar sempre que querem. Mesmo aqueles materiais didácticos que eu faço para as minhas aulas.

22 - SENTE QUE A EXISTÊNCIA DESSA PÁGINA TEM CONTRIBUÍDO PARA COLMATAR DÚVIDAS?

Sim. Porque aquilo, normalmente são, sínteses dos manuais. São exercícios escolhidos. Servem de facto para eles mais rapidamente irem recuperar qualquer situação, que não tenham percebido.

23 - E OS ALUNOS DAS ARTES VISUAIS TÊM TIDO MUITAS DIFICULDADES EM GD?

Eu penso que ...designadamente com esta professora com quem falei, penso que têm algumas dificuldades que ainda não, não avaliei, porque têm surgido este ano, ... creio que têm origem na dificuldade do relacionamento do domínio,... do espaço aula. Mas é a única situação entre estas que tenho presente. Vamos ver agora...

24 - NOS ANOS ANTERIORES A SITUAÇÃO NÃO SE VERIFICAVA?

Houve aqui de facto há 2 ou 3 anos, uma situação também com um professor que esteve aí, de resto em relação aos outros professores, ... o grosso, ... tem, tem funcionado com, com resultados positivos. No caso das vias de acesso ao Ensino Superior, designadamente no caso das Ciências e Tecnologias, tem havido excelentes notas.

25 - INTERNACIONALIZAÇÃO QUAL A SUA OPINIÃO RELATIVAMENTE AOS PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DA ESGP?

Acho que são experiências positivas. Muito positivas. Eu não tenho participado em nenhum desses projectos. Há pessoas que... participam sistematicamente.

Único inconveniente que eu tenho, que vejo, é que, ele está cingido a um leque de pessoas a nível de escola, relativamente curto, não quer dizer que os outros não possam participar. Mas criou-se assim uma espécie de um clã que não é positivo.

Não é visto muito bem. São quase sempre as mesmas pessoas... Embora também algumas delas são elas que se têm voluntariado para apresentar este projecto e colaborarem na sua preparação. Mas, ... devia haver mais abertura!

26 - E COM ÁFRICA?

“Eu via um óptimo campo de cooperação. E ... tenho pena que, que ele não, não esteja já mais desenvolvido. Porque acho que, era importante quer para, para os europeus, quer para os africanos, nos dois sentidos e ... haver estes projectos também nessa direcção, sejam as experiências que se fazem a nível dos projectos europeus, que se pudessem fazer não só nesse âmbito mas também noutros âmbitos, com os países africanos. Países africanos e Brasil também”.

D10 – DEPOIMENTO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E FRANCESA (regime nocturno)
--

1 - RELATIVAMENTE À GESTÃO DA ESCOLA, COMO A AVALIA?

O presidente da escola, que é o professor Ananias tem um relacionamento com toda a comunidade escolar que ultrapassa a mera burocracia de gestão do que é próprio do fazer no dia – a – dia. Aquelas questões que às vezes se põem... e ele tem um lado humano que contribui bastante para que se estabeleça um ambiente bom.

E há de facto um ambiente bom entre os professores e os funcionários.

E até com os alunos também. Por exemplo, não há problemas disciplinares nesta escola.

Acho que há 20 anos é que houve um problema assim grave. Retirando isso, não há...

Nós ouvimos falar por exemplo de outras escolas de Lisboa. Aqui nesta escola não há esse tipo de problemas. Mesmo entre professores – alunos há um bom relacionamento.

Neste aspecto é uma gestão boa, é evidente. Isso contribui, isso contribui!

2 - AVALIA A GESTÃO COMO DEMOCRÁTICA?

Democrática sim! Muitas coisas são decididas a nível do Conselho Pedagógico.

E a nível dos Departamentos também se discutem os problemas da escola.

(A nível dos Departamentos, a nível dos Conselhos de Turma).

Departamentos e Pedagógico!

Neste momento de mudanças as coisas estão a ser discutidas também.

Com alguns a favor e outros contra como é normal.

O contexto de mudança, que as escolas estão a sofrer são mais, a nível dos cursos nocturnos.

Nos cursos diurnos as coisas, ...os exames e algumas disciplinas vão deixar de existir.

3 - OS EXAMES VÃO DEIXAR DE EXISTIR?

Em algumas disciplinas vão. E alguns exames também!

4 - NA SUA DISCIPLINA OS RESULTADOS DOS ALUNOS SÃO SATISFATÓRIOS?

São.

4.1 - E EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS DISCIPLINAS?

Em relação à média nacional, sim. São satisfatórios.

5 - COMO JUSTIFICA OS BONS RESULTADOS DOS ALUNOS DA ESGP?

...Desde que haja um bom relacionamento. Eu acho que os resultados depois aparecem.

Acho eu! Desde que haja simplicidade na resolução das tarefas, ou nos problemas que possam surgir.

Ou seja desde que as pessoas se inter – ajudem neste aspecto, podem demorar mais tempo, menos tempo, mas os resultados acabam sempre por aparecer. Nós não podemos, ... Eu estou a falar dos cursos da noite.

Nós não podemos olhar o aluno da noite, por exemplo, como alguém que tem todo o tempo do mundo, para estudar e se preparar. Eles trabalham o dia inteiro. Neste momento, por exemplo, estou à espera deles. As aulas começam às 7 H15min. E eles estão a trabalhar, saem as 7h00, 7h e pouco. Chegam aqui portanto já depois, ... e aí temos que jogar com todos esses aspectos. E a escola... a nível da gestão da escola, porque a escola também compreende isso. Portanto há um ... Não estou a falar de 'facilitismo'. Como é que eu hei de dizer: mais uma certa compreensão em relação à situação de cada aluno. Mas os cursos à noite mudaram completamente. Não têm nada a ver com os currículos que nós tínhamos há 30 anos, que eram iguais aos de dia.

6 - OS BONS RESULTADOS DA ESGP DEPENDEM DO QUÊ?

Se calhar, ... do esforço deles, sobretudo esforço dos próprios alunos ... e do trabalho dos professores, acho eu.

6.1 - ACHA QUE OS PROFESSORES ENCONTRAM APOIO JUNTO DO C. EXECUTIVO?

Sim. A nível da direcção de escola sim. Encontram! Como a nível do próprio Departamento há entajuda por parte dos membros do Departamento (de Línguas). E a motivação também...acho...motivação por parte dos próprios professores. Se os resultados são bons, melhores serão porque eles estão motivados. Acho que a motivação também. A pessoa sente-se satisfeita.

7 - ACHA QUE OS BONS RESULTADOS DOS ALUNOS TÊM A VER COM A CULTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA?

Têm, têm. Também têm. Bastante! A escola, a escola é muito activa. Há sempre actividades. Agora aí, ... se percorrer os pavilhões há-de ver, há-de ver coisas penduradas, poemas e tudo, ... Como vai ver quando sair daqui. Há muita actividade na escola. Há um interesse cultural. E isso ... também puxa pelos alunos; pelos professores e pelos alunos.

7.1 - EM ÁREAS DE PROJECTO?

Em Áreas de Projecto, exactamente. Exactamente.

7.2 - E NAS OUTRAS DISCIPLINAS TAMBÉM?

E nas outras disciplinas! Por exemplo, há Teatro. Agora passei por ali e estão a ensaiar com um colega meu de Português, que é a pessoa encarregue dessa parte.

8 - HÁ COOPERAÇÃO COM OUTROS PAÍSES?

Também temos. Também temos. Agora há pouco tempo o director da escola, e a coordenadora do meu Departamento e outros professores foram, (já não me lembro, a que país é que foram. Saíram.

8.1 - HÁ RESULTADOS DESSA COOPERAÇÃO?

Há, há, há. Também há resultados nesse aspecto. E há trocas.

9 - A GLOBALIZAÇÃO FAZ-SE SENTIR NA ESCOLA?

Aí no bom sentido. Globalização no bom sentido. Quando nós falamos de globalização, a gente sabe o outro lado da globalização. O negativo da globalização...

9.1 - COMO CLASSIFICA ESSE OUTRO LADO?

Negativo. O outro lado, estava a pensar no aspecto político, económico da globalização. Que nivelam por baixo, em relação a outros países que estão a emergir no ponto de vista de económico, no caso da Índia, ou da China. A emergir em pleno século XXI como grandes potências económicas. A nível da sua população, deixam muito a desejar. A nível dos Direitos Humanos, a China...

10 - A ESGP ESTÁ MUITO ENVOLVIDA NA LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS?

Está. Está, está. Aí está. E estou com algum receio. Começamos a nivelar por baixo, ... Portanto as questões liberais. E nós estamos a sentir neste momento na Europa a tentativa do neo-liberalismo entrar por aí. Há esse perigo. Quando a gente devia fazer o contrário. Era nivelar por cima. Se os outros países nos seguissem e nos vissem como exemplo...

D11 - DEPOIMENTO DO PROFESSOR DE INFORMÁTICA

1 - É O EXEMPLO DE UM JOVEM PROFESSOR QUE CONSEGUIU A FIXAÇÃO?

Nesta escola há professores do QE e do QZP e estagiários. É caso raro mas consegui logo.

2 - TEM CONHECIMENTO DA AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA ESGP?

Tenho sim. Sei que das escolas daqui de Évora, é a que costuma ficar no ranking mais acima. Mais também sei que o ranking na realidade... da maneira como é feito pelos jornais, é muito simples de fazer; aquele ranking não quer dizer muito.

TENDO PRESENTE OS DADOS DA AVALIAÇÃO EXTERNA EFECTUADA PELA IGE, NO QUE CONCERNE AOS RESULTADOS DOS ALUNOS, PRETENDE-SE SABER:

3 - OS PROFESSORES TÊM ENCONTRADO APOIO JUNTO DOS ÓRGÃOS DE GESTÃO?

3.1 - ESSE APOIO REFLECTE-SE NOS RESULTADOS DOS ALUNOS?

Sim, encontram, encontram. Aí sim.

Eu pelo menos sempre tenho sentido apoio nos Órgãos de Gestão, em tudo quanto tenho feito. Mas penso que talvez não seja tanto pela organização da escola em si, mas talvez pelo quadro de professores, que é já bastante experiente penso que seja mais por aí.

Penso que seja mais por aí. Pelo quadro de professores.

4 - TEM ENCONTRADO APOIO POR PARTE DOS COLEGAS DO DEPARTAMENTO?

Sim, sim, sim.

5 - VOLTANDO ATRÁS, ACHA QUE NÃO É SÓ A BOA GESTÃO ESCOLAR QUE INFLUENCIA OS BONS RESULTADOS DOS ALUNOS?

Não.

6 - OS PROFESSORES ENCONTRAM OU NÃO BOM AMBIENTE DE TRABALHO?

Encontra-se, encontra-se. Encontra-se, se não houvesse, não se conseguia fazer um trabalho em condições.

7 - ACHA QUE SE NÃO HOUVESSE BOM AMBIENTE NÃO SE DISPONIBILIZAVAM TANTO?

Aqui, acho que se disponibilizam bastante, até. Mas penso que se podiam disponibilizar ainda mais. Penso que em outros tempos já se disponibilizaram mais. Mas neste momento com todas as confusões e problemas com o ME desmotivam os professores a se disponibilizarem. Penso que se não fosse esse tipo de problemas... vem desmotivar toda a gente.

8 – COMO AVALIA A SUA PARTICIPAÇÃO RECENTE NO PROGRAMA SÓCRATES?

Foi muito porreiro. Fiz um mês e meio do programa de formação Sócrates / Comenius na Dinamarca, a propósito do meu mestrado com o objectivo de fazer a investigação lá, isto não oficialmente. Porque oficialmente foi num âmbito de formação. Uma das minhas colegas já foi 3 vezes lá fora.

Conheci lá uma miúda turca que estava também no programa Comenius noutra escola eu penso que as pessoas vêem mais, outras pessoas vêem mais outras culturas por causa do turismo e aqui em Évora talvez isso não aconteça tanto, apesar de também ter muito turismo. Mas penso que é excelente para as pessoas trocarem impressões mesmo os miúdos verem outras escolas, outras culturas e abrirem um pouco os horizontes.

9 - É ENRIQUECEDOR?

É, é. É

10 - EM QUE CONSISTE O PROGRAMA SÓCRATES / COMÉNIUS?

O que eu fiz era uma bolsa de formação Comenius. O objectivo era eu ir para lá e receber formação. A formação que eu tive, não era uma formação oficial e proposta por eles, mas proposta por mim e não era em sala de aula, era investigação eu estava lá, via como funcionavam, como trabalhavam.

Mas depois há outras. O programa Comenius aqui da escola, é mais no âmbito de intercâmbio cultural e conhecer as outras culturas na Europa, conhecer outros países.
É mais isso. É mais dirigido aos alunos e para os professores conhecerem outros contextos escolares.

11 - CLASSIFICA A CULTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA COMO BOA, MUITO BOA, REGULAR OU MÁ?

Há sempre aspectos a melhorar. Mas penso que o fundamental é o apoio dos órgãos executivos. E sente-se esse apoio. Sente-se muito esse apoio.

12 - ACHA QUE ESTA QUESTÃO SE CENTRA NA FIGURA DO PRESIDENTE DA ESCOLA?

No presidente e nos vice-presidentes.
É o Órgão Executivo, no todo. Mas o presidente acima de tudo.

13 - CONCORDA COM A CONTINUIDADE DOS MANDATOS?

Isto é uma questão... geralmente diz-se que em equipa que ganha não se mexe, não é?
Mas às vezes faz jeito, faz bem mudar as coisas para ter outra perspectiva de mudanças, novas ideias, novas perspectivas faz bem. Até porque as pessoas quando ficam muito tempo no mesmo cargo, acabam por muitas vezes se acomodar e deixar de trabalhar com muita intensidade. Pelo que eu sei aqui nesta escola, ao longo dos anos tem sido o mesmo presidente mas os vice-presidentes têm mudado muito.
Tem havido muita rotação. E talvez por isso, não se tenha notado tanto o...o executivo estagnado. Tem sido, pelo menos dá-me a impressão, tem sido uma escola, onde as coisas têm sido muito mexidas ao longo dos anos.

14 - AVALIA A GESTÃO ESCOLAR COMO DEMOCRÁTICA? E AS RELAÇÕES?

Sim. Sim, sim. E as relações são boas.

D12 - DEPOIMENTO DA PROFESSORA DE FILOSOFIA

1 - COMO VÊ OS RESULTADOS DOS SEUS ALUNOS NA DISCIPLINA QUE LECCIONA?

Este ano lectivo lecciono a disciplina de Filosofia, somente a cinco turmas do 10.º ano de escolaridade.

Se comparar os resultados dos meus alunos há alguns anos atrás com a actualidade, verifico que as turmas de Humanidades, concretamente em Filosofia, tinham um melhor aproveitamento escolar, isto é, as suas classificações eram mais interessantes, relativamente aos outros alunos. Hoje em dia, isso já não se verifica.

Como, ultimamente, não tenho leccionado a alunos de turmas de Humanidades, estou a constatar que, agora, de uma maneira geral, quem opta por esta área é “gente que vai a fugir da Matemática”, falando de uma maneira prática. Assim sendo, não significa que esses alunos tenham muita apetência, nem muita vontade para trabalhar temas ligados à Filosofia, o que seria normal, habitual e compreensível. Isto para dizer que, as minhas melhores classificações não são nas turmas de Humanidades, mas nas turmas da área das Ciências. Cada uma, das duas turmas, que lecciono, nesta última área é constituída por 28 alunos, e verifico que, dou uma ou duas negativas, no máximo, tendo os restantes alunos níveis positivos. Tenho, inclusivamente, alguns alunos que, na realidade, são mesmo muito bons. Por outro lado, na área das Humanidades não se passa nada disto e o que se verifica, na realidade, é que acabo por ter duas classificações completamente diferentes, daquilo que seria desejável. Os piores resultados são precisamente, numa das minhas duas turmas na área das Humanidades. Já tentei várias estratégias, em termos de aula, de trabalho de casa e de apoio mais

individualizado. Semanalmente, às segundas-feiras, todos os alunos sabem que estou disponível para os ajudar mas, a maior parte deles, concretamente, numa dessas turmas, nunca comparece. Por vezes, passam uma ou mais semanas e o número de alunos, que solicita a minha ajuda, é reduzido. Não é, se calhar, muito significativo, se eu olhar para o total dos alunos e pensar que tenho mais de cento e trinta. Mas, para mim, é muito significativo ter consciência que alguns alunos não respondem ao meu apelo. Sinto alguma frustração por as coisas não resultarem, apesar de todas as tentativas que tenho feito. Por outro lado, posso justificar o porquê de as coisas não resultarem em termos de contexto, de antecedentes, de estudo, etc ... Muitos dos alunos não trazem hábitos de estudo, nem estão muito interessados em adquiri-los. Para além disso, estes alunos de Humanidades têm grandes dificuldades em termos de vocabulário e de escrita, o que se torna muito complicado, porque pelo menos, na minha disciplina, têm que elaborar um discurso, minimamente, coerente, com algum rigor de linguagem e não só. Os alunos não o fazem com facilidade, mas pelo contrário, e alguns revelam alguma desmotivação, aspecto, que para mim, foi difícil de superar.

Falando, agora, um pouco da turma de Artes, que é a minha quinta turma, é uma situação um pouco diferente. De uma maneira geral, a minha experiência com turmas de Artes é a de que os alunos são, na globalidade, bastante bons em Filosofia. Contudo, este ano apercebo-me, também, da existência de alguma desmotivação, mas mesmo assim, não tenho os maus resultados como, por exemplo, tenho em Humanidades. Por isso é que comecei por falar nas turmas de Humanidades, porque é um assunto que me tem feito pensar e tentar perceber, um pouco, porque é que tal acontece. A minha formação também é em Humanidades e quando optávamos por esta área, é porque, geralmente, tínhamos apetências para Humanidades. Antigamente, escolhíamos a área científica em que éramos melhores ou em que tínhamos mais capacidades, em termos cognitivos. Estou em crer que, talvez fosse importante, no final do ano lectivo, dialogar um pouco com estes alunos e com os respectivos encarregados de educação e ver, se, de facto, escolheram a área certa. Eu penso que muitos alunos que vêm para o 10.º ano, vêm com uma expectativa e numa busca de projectos de vida, que muitas vezes, não se encaixam, verdadeiramente, na sua personalidade e nas suas competências, quer a nível afectivo, quer a nível cognitivo. Então, é preciso repensar as coisas. Estou convicta de que, alguns desses meus alunos, poderiam obter, se calhar, boas classificações e não entrar neste risco e neste ciclo da frustração e da má nota.

2 - COMO VÊ A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA RELATIVAMENTE AOS RESULTADOS DOS ALUNOS? TEM OU NÃO INFLUÊNCIA?

Eu sou da opinião que tem influência, se houver uma organização boa. Penso que, a escola, tem uma organização que é boa, ou seja, tem uma gestão que é aberta e democrática. É uma gestão que facilita a vida aos colegas, ou seja, aos professores. “Sentimo-nos à vontade”, podemos trabalhar com os alunos. Temos meios técnicos e espaço, apesar do nosso espaço não ser muito. A escola está sobrelotada, mas são-nos oferecidas condições para podermos trabalhar e penso que isto vai, com certeza, beneficiar os próprios alunos. Se os professores têm mais disponibilidade, mais meios e mais liberdade para concretizar o seu trabalho, é evidente que isso vai influenciar e ter repercussões nas classificações dos próprios alunos.

3 - HÁ UM GRANDE TRABALHO NA ESCOLA ALUSIVO À DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS. SÃO FEITOS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA?

Podem ser ou podem não ser. Neste caso, muitos deles foram.

E ESTE ANO FORAM PORQUÊ?

Porque em Filosofia, a última rubrica do programa do currículo do 10.º ano de escolaridade aponta para um leque de temas muito variado, com uma panóplia imensa de sugestões, onde a turma pode optar por um tema_ problema. Optámos por este tema e resolvemos os problemas que lhe são inerentes. Tal como referi, anteriormente, vou explicar-lhe o meu trabalho, ou seja, a minha decisão. Como tinha trabalhado com os alunos o tema ”A ÉTICA”, e na Ética, temos uma última parte que trata da relação com a Justiça, com todo o aspecto da Solidariedade Social, entre outros assuntos, eu e os alunos aderimos, imediatamente, a essa matéria, uma vez que, constatámos que, se se fala tanto na justiça é porque, se calhar, ela falha e se falha, então, os Direitos Humanos não são muito visíveis na

prática. Esse passou a ser o nosso tema_ problema. Eu, achei por bem, que fosse trabalhada a questão dos Direitos Humanos, que me pareceu pertinente, ligada à questão da noção da Justiça e da Ética. Esse é o trabalho que temos vindo a desenvolver desde o segundo período e acabámos este período. Como concretização do nosso trabalho foram elaborados dossiês, com temas variadíssimos, que estiveram expostos na exposição que se realizou no final do ano lectivo. Tratou-se de mais um trabalho de pesquisa, de consciencialização, de partilha de informações, mas essencialmente para percebermos, ainda que não haja a Justiça Social que desejássemos, ainda que os Direitos Humanos não sejam cumpridos, nem na íntegra, nem em parte, porque muitos deles não são nem em parte, a verdade é que são ideais e, enquanto ideais, eles estão na nossa vida. E como se fosse um objectivo, uma meta a atingir, não é verdade? Porque eles não são leis. Não há nenhuma lei que lhe esteja, directamente, ligada. São, apenas, grandes ideais, grandes propostas. Eu penso que tem a ver, também, com a própria disciplina de Filosofia e com a missão do educador, porque penso que as duas coisas estão inter-ligadas. Por um lado, o próprio programa propõe que os alunos sejam conduzidos por uma linha de direito se Cidadania e de saberem, de facto, o que é isso de viver como cidadão, ser participativo, ser responsável e não viver independentemente dos problemas. E é exactamente isso que os Direitos Humanos propõem.

4 - CONSIDERA QUE OS ALUNOS TRAZEM CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO E CIDADANIA OU FORMAÇÃO CÍVICA?

Eu penso que os alunos trazem alguma sensibilização. Eles têm alguma sensibilidade em relação a esses temas e, penso que são capazes de se envolver em projectos de cidadania. Mas, por outro lado, penso que não. Por exemplo, em termos de postura na aula, penso que alguma coisa está muito mal. Não compreendo muito bem que haja alunos a terminar o 10.º ano e, tal como aconteceu a semana passada, estavam às 8 horas da manhã, a jogar futebol com os seus próprios telemóveis. Não é uma atitude que eu considere normal para uma criança de 15/16 anos. Estou a rotulá-los de crianças, pela atitude, mas de facto, não são crianças. São mais do que adolescentes. Penso que lhes falta algo mais, mas que não tem a ver só com a escola. Tem a ver com muitas coisas que não cabem aqui nesta entrevista. Mas a verdade é que estou convicta que é, essencialmente, uma questão de educação.

5 - MAS NÃO HÁ CASOS DISCIPLINARES AQUI NA ESCOLA?

Muito pontualmente, pode acontecer um aluno responder e ser mais incorrecto mas, no geral, o problema não é tanto esse. O que acontece com frequência é a desatenção contínua nas aulas, muita conversa com os colegas, falta de postura em termos daquilo que é uma sala de aula. Para muitos alunos estar na sala de aula ou no pátio da escola é igual.

6 - SERÁ POR SE TRATAR DE UMA DISCIPLINA DE ESTUDO?

Não, penso que não. Na minha opinião deve-se, ao facto, dos alunos não trazerem hábitos de trabalho e de estudo e, pura e simplesmente, facilita-se-lhes a vida demasiado. E tal atitude começa em casa. Eu falo por mim. Também tenho filhos e a minha opinião é que essas coisas começam em casa. Se não se impõem regras às crianças,... Hoje, acha-se que os meninos são uns “coitadinhos”, muito frágeis e a quem se dá tudo para não terem frustrações e, portanto, a regra não faz parte deste mundo, só que a situação está a tornar-se insuportável.

A regra é outra coisa, como diz Daniel Sampaio: Haveria de dizer não, mas diz-se sempre sim. Porque o não é mais difícil, de facto. Traz-nos mais problemas.

E se se vai dizendo sempre sim às crianças, quando elas atingem esta idade, para além de serem profundamente irresponsáveis, também são imaturas, em relação àquilo que podiam ser as atitudes numa sala de aula. No entanto, não quero, de qualquer modo, generalizar. E o que eu me apercebo e rejeito, nestes rapazes e nestas raparigas é que há, aqui, duas facetas neles, que é o seguinte. Por um lado são imaturos, mas por outro lado, já têm comportamentos de adulto, e depois, nos outros comportamentos todos, verifica-se que, alguns chegam a raiar aquilo que será a infantilidade de uma escola básica.

7 - COMO SÃO PLANIFICADAS AS VISITAS DE ESTUDO?

Nós, a nível de grupo, sempre que podemos fazemos visitas de estudo, em conjunto mas, por vezes, acontece que cada professor realiza as suas, particularmente. Por outro lado, depende, também, das oportunidades que temos e das ofertas que há. Há anos em que a oferta vinda de Lisboa abunda, desde a Fundação Calouste Gulbenkian a outros espaços, onde, de facto, encontramos coisas boas e tem havido várias visitas. Há anos lectivos em que não existe tanta oferta e, aí, temos nós que a procurar. Este ano, para aproveitar o que existe em Évora, que tem espaços muito bons e que, às vezes, não são devidamente aproveitados, levei os meus alunos à Exposição do Dali “O Divino Ilustrador” na Fundação Eugénio de Almeida. Aí fizemos uma triagem, em função do tema e do visionamento da Exposição.

Conseguimos com esta exposição atingir dois objectivos. Como na última parte da matéria os alunos têm a possibilidade de escolher e trabalhar mais a dimensão religiosa ou a dimensão estética e onde, normalmente, também faço com eles uma actividade livre, aconteceu que, na exposição cada turma pôde escolher o que quis trabalhar, e eu dei conforme os seus gostos.

Como o tema era sobre a religião, e como Dali permitia desenvolver a parte técnica surrealista, eu trabalhei com as turmas que escolheram a religião, aproveitei aí, para falar, também, da Divina Comédia e falar de todo o processo dos três momentos e, tudo isto, ligando mais a experiência religiosa. Claro que estes alunos não aproveitaram a dimensão estética. Para mim foi excelente essa exposição, porque eu aproveitei, também, a dimensão estética, no que diz respeito à pintura, às técnicas e não só.

Pessoalmente, foi uma experiência muito gratificante e penso que os alunos partilham da mesma opinião.

Quanto às visitas de estudo, no geral, como lhe disse, nós fazemo-las conforme as possibilidades que temos. Quando há exposições internacionais que vêm ao nosso país, nós tentamos aproveitar, mas por vezes, depende, ...

8 - COMO AVALIA OS PROJECTOS SÓCRATES NA ESGP?

Neste momento, não estou integrada em nada. Para o ano, a nossa escola aderiu, a Universidade aderiu e eu também aderi, ou seja, vamos concorrer a um Projecto em relação aos Direitos Humanos, mas isto é um assunto do qual não vou falar ainda.

9 - A ESGP ESTÁ CONOTADA COMO DEFENSORA DOS DIREITOS HUMANOS?

Não sei se essa é a conotação, como uma escola que defende seriamente os Direitos Humanos. Não sei se essa é a conotação. Agora, de facto, há uma tentativa de passar essa mensagem nas várias disciplinas. Penso que sim,

nas várias disciplinas. Aliás, a exposição tinha trabalhos de Filosofia, de Português, e História e de Educação Moral e Religiosa Católica, portanto, eu penso que há uma tentativa de passar, de facto, esta mensagem, do que é ser cidadão responsável, acima de tudo.

D13 – DEPOIMENTO DA RESPONSÁVEL PELO PELOURO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA

1 - PODE FAZER UM BALANÇO SOBRE ESTAS ACTIVIDADES DA AMOSTRA “ MONTRA JOVEM 2008 ”?

Está quase a terminar, ao fim de dois dias. É bastante positivo, na medida em que foi a primeira vez que se fez um evento desta natureza e em que estamos a verificar uma adesão enorme de ... por parte, se calhar dos restantes membros da comunidade educativa. Os pais fundamentalmente. Avós, como tivemos aí ontem. Irmãos. Portanto os outros elementos da família que não a escola, ... estarem aqui para ver os trabalhos feitos pelos seus filhos, netos e sobrinhos que é, muito importante. Esta oportunidade que a Câmara deu, este repto que nós resolvemos assumir conjuntamente com os alunos das turmas que estão a desenvolver em Área de Projecto das três escolas, parece-nos uma iniciativa a valorizar não só por parte da Câmara mas também, deveria ter toda a articulação por parte das

entidades. Era aqui que se podia, pôr um triângulo entre o Ministério de Educação, as Escolas, os professores que estão aqui, os professores de Área de Projecto que têm estado cá, a autarquia e o resto da comunidade. Também cá têm estado pessoas de fora que não têm a ver com pais, nem com familiares de alunos, porque ouviram, viram o programa, viram que havia uma área que lhes interessava que vinha alguém convidado para... E que era bom que os alunos do Secundário mostrassem no final aquilo que fizeram, aquilo que são capazes, o seu olho crítico em relação a sociedade em geral e ao Concelho em particular. A Câmara portanto, está de facto a fazer o seu trabalho, enquanto cidade educadora, enquanto ... por um lado, por outro lado também, enquanto estratégia para a juventude, que é promovê-los.

Digam o que é que faz falta, mas também participem na mudança. E constatamos que os trabalhos feitos ao longo deste ano foram de uma riqueza no ponto de vista social, e de envolvimento no Concelho, nos problemas do Concelho, diagnóstico, e de encontrar soluções... Esperemos que estes jovens possam, ou com cursos universitários, ou com experiências, ou com cursos menos longos que eles possam dar asas de facto a se empenharem na construção de uma sociedade aqui em Évora, e perspectivar a sua vida profissional de uma forma activa e perceber que eles são os agentes de mudança e de construção de uma sociedade e de Évora sustentável e sustentada.

Os trabalhos de Artes que eles têm feito também são extremamente importantes. O que mostra que de facto nós temos alguma noção que Évora tem qualidade de vida, tem ambiente, mas também tem um património a todos os níveis, que importa preservar, e que eles também são património e que têm que fazer parte desse património.

Por isso, digo que o futuro aqui em Évora será de facto através do Conhecimento, do Património, das Artes, aos diferentes níveis, e que é isso que eles têm que, seja qual for a sua área do saber, contribuir para esse todo.

E as escolas são muito importantes, nesse aspecto. E a Escola Gabriel Pereira tem sido uma escola exemplar nesse aspecto.

2 - PODE REFERIR OUTROS MOMENTOS DE COOPERAÇÃO ENTRE A CÂMARA E A ESGP

Com todas as escolas, e com a ESGP temos tido... uma série de outros projectos, que se tem feito portanto dentro das Áreas das Artes, que é um pólo importante em termos de participação, ... é uma série de outros eventos, portanto, nós também apoiamos.

A mostra dos trabalhos feitos pelos alunos, que até são vendidos na própria Câmara. Portanto. Exposição. Esteve em exposição, eles trabalharam à Área da Segurança Rodoviária e tivemos nos Paços do Concelho a exposição feita pelos alunos. Promovemos de facto, para quem... (sorrisos).

Têm havido outras cooperações, na área de ... (risos de satisfação/emoção) da colaboração da gestão do dia - a - dia.

Portanto, os alunos dos Heróis do Ultramar almoçam todos os dias numa Escola Secundária, que é a ESGP, que nem sequer é do Agrupamento, mas que todos os dias portanto, eles lá, fazem a sua refeição. É relevante. E depois, é também uma escola que está sempre disponível para colaborar connosco.

Os alunos do Temporal têm participado activamente, quando foi no mês do idoso, eles no ano transacto, eles colaboraram nas iniciativas e na recepção aos idosos, nos espectáculos. Eles, não só acompanhando os idosos para sentarem, animando-os. Tem sido encontros intergeracionais. Portanto...

E nós apoiamos naquilo que houver necessidade também.

1 - EM QUE CONSISTE A DISCIPLINA DE MULTIMÉDIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS

A disciplina de Oficina de Multimédia ‘B’ enquadra-se, no contexto da formação específica dos alunos do Curso Científico – Humanístico de Artes Visuais, na perspectiva de dotar os alunos das ferramentas e conhecimentos fundamentalmente práticos mas com suporte em conceitos nucleares de base.

Sendo uma disciplina pensada com carácter eminentemente prático, não se esquece que este só é eficaz e útil se fundamentado em conceitos nucleares que explicam os quês e os porquês dos programas, dos algoritmos, dos efeitos, filtros da manipulações digitais no contexto de realização e produção multimédia. Assistindo-se a alguma tendência generalizada no panorama nacional de multimédia para mascarar o essencial à custa do acessório, promovendo o ‘facilitismo’ de ensino de comandos e menus de aplicações e programas (software) em detrimento de conceitos, o programa desta disciplina contraria essa tendência reforçando a componente prática, mas com um suporte e uma estrutura baseados no porquê das coisas das causas dos fenómenos. Só assim se constrói o verdadeiro saber e se permite ao aluno ganhar uma capacidade de raciocínio que lhe permita adaptar-se de forma fácil a ambientes de trabalho heterogéneos. O objectivo primordial em mente é o de permitir que se aprenda a aprender através do conhecimento do núcleo do saber, sem entrar em detalhes teóricos que, neste âmbito, não são justificáveis.

Através deste equilíbrio entre conhecimento de base e forte aplicação prática, procura-se que a disciplina de Oficina de Multimédia B seja o espaço onde os alunos integram e aplicam, no âmbito multimédia, todos os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação anterior: realizar multimédia nesta linha de actuação é ir ao encontro das recomendações de associações profissionais internacionais (SIGGRAPH e EUROGRAPHICS) que congregam docentes e profissionais a nível mundial no sentido de estudar, promover, recomendar e difundir as práticas correctas de ensino ao nível das áreas emergentes de visualização, computação gráfica e multimédia.

2 - QUAIS OS OBJECTIVOS DA DISCIPLINA?

♦ Necessidade de actualização dos currícula face às rápidas mudanças tecnológicas que se verificam, ensinando-se os núcleos do conhecimento que são independentes das contextualizações tecnológicas de um dado momento, de modo a garantir que os alunos adquiram o know-how que lhes permita evoluir adaptando-se às novas variantes tecnológicas: deve ensinar-se as bases e ensinar a aprender;

♦ Necessidade de inculcar nos alunos, futuros profissionais, mecanismos que permitam a criação de capacidade de diálogo inter- e intra- áreas ; o maior desenvolvimento de áreas já estabelecidas (como jogos por computador, comércio electrónico, Web design e visualização e arquitectura, entre outras) e o desenvolvimento de áreas emergentes (como televisão na Web, técnicas narrativas em ambientes digitais, marketing electrónico, interfaces multimédia de qualidade com recurso a sons, animação e vídeo para todo o tipo de produtos e ambientes) implica a formação de artistas plásticos, designer, analistas, programadores, especialistas de comunicações e gestores que dominem termos de uma linguagem comum, de modo a permitir que as equipas multidisciplinares desenvolvam, de forma integrada, produtos e serviços de forte base tecnológica com conteúdos dinâmicos de elevado valor técnico e artístico.

O aluno deverá:

♦ Dominar os conceitos base nucleares associados aos diferentes componentes multimédia, de modo a desenvolver uma autonomia de conhecimento, independente de aplicações específicas e particulares, gerando uma capacidade de adaptação a diferentes ambientes e processos de trabalho;

♦ Conhecer, dominar e utilizar as ferramentas de tratamento e geração de material digital para multimédia nas suas diferentes vertentes “imagens, gráficos, sons, vídeos, animações... ;

♦ Desenvolver as capacidades de organização e desenvolvimento de projectos multimédia;

- ♦ Gerir e desenvolver projectos de pequena dimensão (projectos individuais) ou de média dimensão (projectos em grupo);
- ♦ Explorar e reutilizar material de áreas afins e complementares (desenho, pintura, escultura, vídeo, animação...), fazendo o seu aproveitamento e integração no contexto de material digitalizado para promoção e desenvolvimento de projectos multimédia;
- ♦ Aprender a analisar e criticar trabalhos, os seus e de terceiros, numa perspectiva de melhoria de formas e conteúdos;
- ♦ Desenvolver formas de colaboração em equipa que permitam levar a cabo os objectivos traçados na prossecução de um projecto.

3 - OS ALUNOS CHEGAM AO 10º ANO COM CONHECIMENTOS SUFICIENTES PARA A AQUISIÇÃO DAS COMPETÊNCIAS OFERECIDAS PELA DISCIPLINA DE MULTIMÉDIA?

Esta disciplina é de carácter opcional e apenas no 12º ano.

4 - VÊ MAIOR ADESÃO DOS ALUNOS DO GÉNERO MASCULINO?

Não.

5 - AS COMPETÊNCIAS ADQUIRIDAS PELOS ALUNOS SÃO SUFICIENTES PARA INGRESSAREM NO MERCADO DE TRABALHO?

Não, e não é isso que se pretende, isso é apenas uma oficina multimédia A esta é B. “ver 2.”

6. A DISCIPLINA CONTEMPLA A REALIZAÇÃO DE TRABALHOS EM TELEVISÃO, VALORIZAÇÃO DOS TRABALHOS TRADICIONAIS (ARTESANATO), FOTOGRAFIA, BD, ETC.?

Sim e não, no que respeita à T.V. não há estúdio! Mas tudo o resto é possível de fazer com meios quase domésticos.

Penso que o perfil abaixo esclarece sobre a abordagem da disciplina.

Os docentes devem ter, antes de mais, uma apetência pessoal pela multidisciplinaridade e o gosto de explorar novos modelos de organizar a informação audiovisual, base essencial do bom e equilibrado desenvolvimento do ensino da multimédia. Sem este requisito toda a formação tecnológica de actualização servirá apenas para promover tecnicidades com poucos, ou contraproducentes, ganhos ao nível de necessária e obrigatória actualização multimédia.

Pretende-se que o professor seja, antes de mais, o promotor de mudanças de visão sobre e realidade multimédia; o suporte tecnológico e toda a informação associada só desempenharão um bom papel se equacionados enquanto forma e meio para chegar ao fim, e não como um fim em si mesmo.

A actualização tecnológica dos docentes tem que entrar em linha de conta com estas realidades e promover nos mesmos a confiança de que o conhecimento tradicional não é, nunca, de somenos importância. E maior importância ganha quando colocado e equacionado nos, e para os, novos meios e suportes digitais e multimédia. Esta é uma acção de particular importância já que há a tendência mecanicista de pensar que o conhecimento “novo” elimina o “velho”. Nada de mais errado em multimédia. Assim, para o bom sucesso desta aprendizagem tem que ser encontrado no docente a apetência pelo novo, como forma de se completar, não de anulação do que já traz como formação

anterior e de base. É esta a ‘definição’ e abordagem que se defende aqui - de apetência pela multidisciplinaridade.

Assim, para o bom sucesso desta aprendizagem tem que ser encontrada no docente a apetência pelo novo como forma de se completar, não de anulação do que já traz como formação anterior e de base. É esta “definição”, i.é, abordagem que se pretende aqui de apetência pela multidisciplinaridade..

Textos fornecidos pelo único professor de Multimédia.

4.3. ANÁLISE DE DISCURSO DOS ENTREVISTADOS

E1 - QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DE DISCURSO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO DA ESGP.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES E ANÁLISE DO DISCURSO
1. Visão e Missão	Formação integral e Ensino especializado	<p><i>1.1.1 “... A formação integral do aluno, como em qualquer estabelecimento de ensino deste país”.</i></p> <p><i>1.1.2 “A nossa perspectiva é sempre o equilíbrio entre o ensino profissional, e o ensino Científico Humanístico... para a vida activa, profissional, e também para ingressar no Ensino Superior”.</i></p> <p>O presidente da ESGP justificou o seu desempenho ao longo dos 27 anos de exercício devido à boa representação do Conselho Pedagógico, como órgão consultivo da gestão. Entendemos que uma boa gestão consiste da união de esforços do Conselho Pedagógico, do bom trabalho dos Directores de Turma e uma boa equipa do Conselho Executivo. E com bom senso e equilíbrio consegue-se resolver as situações de âmbito geral.</p>
1.1 Organização da ESGP no passado	Ensino Técnico	<p><i>1.1.3 “... chamou-se Escola Comercial e Industrial de Évora... somos uma escola, por tradição, mais ligada, ao ensino técnico,...especializado, quer nas áreas das artes, quer nas outras áreas técnicas...”.</i></p> <p><i>Os alunos do Ensino Profissional saem com o 12º ano e fazem os estágios nas empresas da sua área de especialização.</i></p> <p>A história da ESGP é longa reporta-se à antiga Casa Pia de Évora. E com outras denominações e locais até se fixar como Escola Comercial e Industrial Gabriel Pereira homenageando um eborense. Esta escola formou muitos dos técnicos recordados nesta cidade. Peças existentes no Museu da Escola são um testemunho desse tempo.</p>

<p>No Presente</p>	<p>Ensino Especializado</p>	<p><i>1.1.4 “Os do Científico Humanístico têm entrado na sua primeira escolha...entraram 85% dos alunos”.</i></p> <p>O Curso de Artes Visuais está enquadrado na área acima citada. E apreendemos que os alunos desse curso têm tido êxito na continuidade dos estudos a nível do Ensino Superior.</p>
<p>No futuro</p>	<p>Êxito na oferta formativa Novos Cursos</p>	<p><i>1.3.13 “Abrimos o Curso Técnico de Manutenção de Aeronaves, ... não é, ... uma especialização de Évora, mas ... da Europa. Sabemos que há um défice...”.</i></p> <p>Testemunhámos o trabalho de divulgação deste novo curso que é orientado pela ESGP e pela Academia de Aeronáutica de Évora que visitámos, no âmbito da semana de divulgação da oferta formativa.</p>
<p>2.Recursos Materiais</p>	<p>Monitorização</p>	<p><i>1.2.5 “ Estamos a fazê-lo a partir de agora...arranjar uma solução para saber daqueles que terminam e dos que não terminam”.</i></p> <p>O presidente da ESGP admitiu ser uma lacuna da escola o facto de não saberem qual o percurso posterior dos seus ex-alunos; em que cursos superiores ingressam, quais os resultados obtidos nesse percurso, bem como mudanças, dificuldades sentidas, etc.</p>
<p>2.Recursos Materiais</p>	<p>Remodelação</p>	<p><i>1.7.21 “...a escola está razoavelmente adequada. Relativamente às tecnologias de ponta já as temos mas, ... a funcionar em poucos sítios e em pouca quantidade, ou seja, temos dois quadros interactivos, ... temos lutado há muitos anos, pelo conforto dentro da escola...”</i></p> <p><i>“A nível físico a escola tinha mesmo que ser alterada, um edifício de 37 anos ... As oficinas vão abaixo. Vamos ter laboratórios novos, aquecimento e salas de trabalho para os professores e alunos. Vão manter a fachada”.</i></p> <p>Esta necessidade de remodelação já há muito tempo que se faz sentir, atendendo aos seus quase 40 anos.</p> <p>Embora a gestão tenha vindo a responder dentro do possível, só essa remodelação poderá preparar esta escola para os desafios do séc. XXI.</p>
<p>3.Políticas Educativas para o Ensino Artístico</p>	<p>Necessidade de maior autonomia</p>	<p><i>1.6.17 “Vamos manter o curso de Artes Visuais. Estamos a desenvolver projectos para o hospital local. Há bastante intervenção em relação às artes ... a participação é grande”.</i></p> <p><i>“É a área onde há mais participação da ESGP na comunidade e vice-versa, mas quer dizer, não há flexibilidade suficiente, para que nós</i></p>

	<p>Curso mais escolhido</p>	<p><i>possamos dizer, as aulas hoje vão ser dadas... fazer isto e aquilo. Não há essa flexibilidade...”</i></p> <p><i>1.8.23 “É o de Artes Visuais seguido do Curso de Ciências Tecnológicas”.</i> <i>“Os alunos para o curso de Arquitectura podem ir pelas Artes se tiverem feito Matemática ou pelo Curso de Ciências Tecnológicas, que prepara também os alunos para os cursos de Engenharias, Medicina e Arquitectura...”</i></p> <p><i>1.5.16 “Este tipo de ensino artístico, ...mais alguma autonomia em termos da escola poder manobrar este tipo de ensino...não se compadece só dentro da Escola, também tem que ir para fora e isso é uma dificuldade”.</i></p> <p>Este dirigente acha que uma escola com um ensino especializado como a Gabriel Pereira, ... deveria ter uma regulamentação diferente e que lhe proporcionasse uma gestão mais autónoma. Maior flexibilidade na resolução das situações a vários níveis, quer curricular, quer de conteúdos, quer da pedagogia aplicada, carga horária, etc.</p> <p>Constatámos que o curso de Artes Visuais é uma das áreas que dá nome à ESGP ao receber alunos da cidade e de toda a região. Durante muitos anos os alunos tinham que deslocar-se a outras cidades como Lisboa para frequentarem Curso de Artes a nível do Secundário.</p>
<p>4. Gestão dos Recursos Humanos em contexto de Mudança</p>	<p>Docentes</p>	<p><i>1.3.12 “...tem passado ao longo dos anos por um quadro de docentes sobretudo muito estável. Não temos nenhum contratado, ... quinze anos ...ajuda muito, ... a atingir os objectivos definidos ... tem todos os grupos disciplinares, ... implica ter engenheiros civis, mecânicos, informáticos, contabilistas, economistas ... Têm grande conhecimento do mercado de trabalho, que responde às ofertas e às necessidades locais. Quando abrimos um curso é porque há ... outros ... quer dizer”.</i></p> <p><i>1.4.14 “A nível de professores, temos pessoas muito empenhadas nos postos intermédios,...Um dos pontos fortes da escola...Somos 160 professores e ...pessoas empenhadas. ... O Director de Turma ... assume a integração sócio-familiar dos alunos na escola”.</i></p> <p>Uma escola com esse número de professores e uma oferta formativa significativa implica ter um conjunto de profissionais empenhados e conscientes do seu papel enquanto formadores de uma geração que tem o futuro por construir. Acreditamos que se efectivamente os resultados não fossem uma realidade, o nível de adesão seria outro e não o que consta na cidade.</p>

<p>Complemento de Formação</p>	<p>Centros de Formação em standby e a nova regulamentação</p>	<p><i>1.4.15 “Normalmente tem havido uma resposta... Ultimamente por questões financeiras e por imposição da legislação foram definidos outros critérios, beneficiando apenas a Físico-Química e a Matemática... neste momento estão em fase de espera da nova legislação. Há um centro a funcionar aqui na escola”.</i></p> <p>Relativamente às acções de formação contínua de Professores, estas começaram por beneficiar mais umas áreas em detrimento de outras, e presentemente os Centros, à semelhança do que existe na ESGP, aguardam nova legislação que regule a sua funcionalidade. Estas questões têm surgido devido aos cortes de verbas para a formação dos docentes em exercício.</p>
<p>5. Relação Escola/Família</p>	<p>Fraca resposta da Associação dos Pais</p>	<p><i>1.6.19 “Os pais são chamados a vir à escola... mas há muito pouca participação... Associação de Pais na escola é muito fraca. Este ano até não tem direcção. Há participação dos Pais, nas reuniões com o Director de Turma, essa presença é elevada... ao longo dos últimos cinco anos tem sido um fiasco”.</i></p> <p>Relativamente à pouca participação dos pais, o presidente da ESGP sente que estes educadores não querem uma maior aproximação com a escola, interessando-se apenas pelos aspectos directamente relacionados com a avaliação dos seus educandos.</p>
<p>6. Cooperação entre a ESGP e:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comunidade - Autarquia - Escolas estrangeiras 	<p>Relação positiva e recíproca</p>	<p><i>1.6.18 “Temos muitos e variadíssimos convites para intervir... Temos até dificuldades em responder a todos”.</i></p> <p><i>“...estamos a desenvolver projectos para o hospital local. Há já bastante intervenção. Em relação às artes a participação é grande...será a área onde há mais participação da ESGP na comunidade e vice-versa”</i></p> <p><i>1.6.20 “ ... temos ... uma relação boa com a Autarquia. Sempre houve. Quer agora, quer de anos atrás. Há também uma grande abertura por parte da Autarquia. E a escola também tem sido chamada a participar nos eventos da Câmara”.</i></p> <p>Esta escola está aberta a estabelecer relações com a comunidade local, regional, nacional e internacional. A comprová-lo está a existência de ligações com escolas de Santarém, e de outras localidades, de onde recebe estagiários. Com o Poder Local depreendemos que a cooperação existente não se fundamenta em ideologias políticas, dado que independentemente da força política que seja eleita para o Poder Local, as relações institucionais entre a Autarquia e a ESGP, sempre foram boas. As relações inter-escolas a nível internacional também têm sido positivas</p>

	<p>estratégias para a superação das dificuldades dos alunos em Geometria Descritiva</p>	<p><i>bons. A GD tem uma particularidade: os alunos ou têm muito bons resultados, ou têm resultados muito baixos. Chega a haver alunos com 20 a GD nos exames".</i> <i>"Há muitos, muitos alunos a terem GD. Aliás é uma disciplina muito importante, obviamente. E no Curso de Artes Visuais, estas disciplinas de opção têm uma pequena particularidade, são disciplinas bienais. São disciplinas que os alunos iniciam no 10º ano e terminam no 11º ano por exame também".</i></p>
	<p>10. A Cooperação e os projectos</p>	<p>2.5.27 <i>"A escola tem projectos com outros países. Temo - nos candidatado aos Projectos Sócrates e Comenius.. E já há alguns anos que temos a tradição de ...termos dois ou três projectos em curso. As nossas candidaturas têm sido praticamente todas aceites, temos ...desenvolvido projectos financiados por vários países da Comunidade Europeia".</i> 2.6.28 <i>"Com África, curiosamente, também já tivemos algum intercâmbio com Cabo Verde... recolhemos livros e enviámos para lá...eles tiveram tantas dificuldades, ... depois o projecto acabou por não ir avante".</i></p>
	<p>Como estudam os alunos de hoje.</p>	<p>2.6.29 <i>"Eu penso que um ensino para o século XXI tem que ser um ensino com as condições do Séc. XXI".</i> <i>Do ponto de vista físico, as escolas estão desadequadas, pouco atractivas.</i> <i>É claro que as condições físicas não basta. O ensino para o Século XXI tem que ser um ensino em que o aluno é preparado para os desafios que a actual comunidade lhe coloca".</i> 2.6.30 <i>"Portanto, temos que lhes dar ferramentas que lhes permitam resolver questões, serem inovadores, passar de um emprego para outro, e rapidamente se adaptarem, e simultaneamente desempenharem várias funções e funções diversificadas. Porque é o que, os nossos alunos e os nossos filhos agora fazem".</i> 2.6.31 <i>"Têm o computador ligado, ouvem música no MP3, têm o telemóvel disponível e têm livro. Eles são capazes de simultaneamente estar a coordenar tudo".</i></p> <p>Na qualidade de professora de Biologia receu particularizar as questões relativas ao ensino artístico por não ser a sua área. Acredita que a ESGP vai ser substancialmente melhorada, conferindo-lhe melhores condições físicas e maior atractividade do que actualmente. Relativamente à preparação dos alunos no passado e à do presente fez uma comparação muito realista apontando as consequências dessa mudança, nomeadamente à preparação para o ingresso num emprego; temos que preparar os alunos para responder às solicitações várias da vida, e para as constantes alterações a que eles estão a ser submetidos. A responsabilidade da escola hoje é muito maior e tem que</p>

		<p>atender a aspectos da actualidade. Comparou ainda a geração dos professores e a dos alunos de hoje.</p>
	<p>13. A remodelação e o mundo digital</p>	<p><i>2.6.32 “A nossa escola tem uma particularidade, nós temos tido sempre alunos dos cursos tecnológicos de informática. E...temos feito um esforço grande para nos mantermos actualizados no que diz respeito às Novas Tecnologias. Somos no entanto confrontados com várias dificuldades. Dificuldades de ordem financeira. Essas são logo uma grande limitação, e depois também, dificuldades de ordem técnica”.</i></p> <p>Não deixou de fazer a comparação entre o antigo edifício que não fora construído tendo em conta as actuais necessidades, daí terem passado todo o tempo a improvisarem condições de trabalho e adaptabilidade.</p> <p>As dificuldades de mão-de-obra técnica foram um dos constrangimentos apreendidos na descrição das dificuldades com que a ESGP viveu. Dificuldades superadas graças à boa vontade e disponibilidade de alguns professores para trabalharem para além do horário laboral.</p> <p>O elevado estado de degradação das instalações ultrapassava as competências do C.E.; aquando do nosso trabalho, já a ESGP tinha conhecimento de que iria ser alvo de uma requalificação.</p>

E3. QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DO DISCURSO DA ENTREVISTA

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES E ANÁLISE DO DISCURSO
Políticas Financeira	<p>A autonomia do 115A/89</p> <p>Fontes de rendimento e rentabilização dos recursos físicos</p>	<p><i>3.1.1 “... o regime jurídico e a autonomia das escolas é regulado pelo 115. O 115A/89, que tem a ver com a gestão das escolas ... que define a autonomia em termos pedagógicos, culturais, administrativos e financeiros de 1989, o que continua em vigor é o Decreto - Lei 43/89. Este define o enquadramento da autonomia das escolas”.</i></p> <p><i>3.1.2 “A escola tem duas grandes fontes de financiamento: Uma que advém directamente do <u>Orçamento Geral do Estado</u> - as transferências de verbas e uma outra que é o <u>Orçamento de Intercepções de Despesas</u>, conhecido como <u>Orçamento Privativo das Escolas</u>. O <u>Orçamento de Despesas Próprias...engloba... taxas de matrícula dos alunos; emolumentos; inscrições para exame; os lucros, que são poucos mas são alguns, os do Buffet, ... tudo o que seja receita gerada pelos próprios edifícios escolares, ... aluguer de salas, ... pavilhão desportivo;...”.</u></i></p> <p><i>Os emolumentos dos exames, ... estão legislados só para os alunos fora da escolaridade obrigatória (Ensino Secundário) nas Escolas Básicas só pagam os alunos com mais de 15 anos. As escolas</i></p>

		<p><i>procuram rentabilizar os seus recursos físicos e materiais quando destas práticas não advêm prejuízos e resultam em alguma margem de lucro, que é o caso do Buffete.</i></p> <p><i>3.1.3 “...Aquilo que são transferências do Orçamento Geral do Estado cobre o funcionamento básico da escola ... as despesas das instalações, o telefone, a electricidade, o gás, alguma conservação, ...”.</i> <i>Os salários do quadro de profissionais do Ministério de Educação advêm deste orçamento.</i></p> <p><i>3.1.4“...os Fundos Comunitários ... Há determinadas medidas no âmbito, quer do PRODEP - Programa de Desenvolvimento de Educação em Portugal, que é uma das medidas do Fundo Social Europeu,...quer esses Programas Específicos, no âmbito do Programa Sócrates... financia intercâmbio de alunos de vários países ... formação contínua de professores, ... Ensino Tecnológico, Ensino Profissional, aí a ESGP soube tirar algum partido...”.</i> A existência destes Fundos é uma valia da integração de Portugal na Comunidade Europeia, e a ESGP tem sabido colocar essas verbas ao seu serviço. Esta escola tem um vasto conhecimento na organização dos processos de candidatura aos vários programas comunitários, havendo nesta escola, quem se dedique exclusivamente à elaboração desses processos.</p>
	Fundos Comunitários	
O Poc – Educação	Instrumento de escrituração	<i>utilizamos o POC Educação, enquanto instrumento de escrituração.</i>
Formação Formativa		<i>não havendo dinheiro específico para ela, não sei se vai haver ou não. Penso que sim.</i>
As Artes Visuais	Preocupação	<p><i>3.2.6 “As Artes, não são, por Fundos Comunitários...são importantes e caracterizam a escola. Representam um Curso Científico – Humanístico, como os outros do ensino regular ... em particular são uma preocupação porque exigem da parte dos alunos alguma despesa. Utilizam materiais específicos, e nós temos tido sempre a preocupação de nunca exigir nada aos alunos, desde tintas, telas e outros materiais. O que os alunos compram é deles. A escola investe ... uma parte significativa das suas disponibilidades financeiras”.</i></p> <p>As artes que, por um lado dão nome à ESGP, por outro lado, representam um peso significativo no orçamento da escola, uma vez que não são contempladas com pelos Fundos Comunitários; isto sucede, devido ao facto de não se poderem enquadrar nos Cursos Técnicos e Profissionais.. No entanto, a escola fornece materiais para todos os seus alunos de arte, independentemente da sua</p>

E.4 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DO DISCURSO DA ENTREVISTA

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES E ANÁLISE DO DISCURSO
<p>Missão e Visão:</p> <p>A Gestão Organizacional da ESGP</p> <p>Passado</p> <p>Futuro da ESGP</p>	<p>Cumprimento dos Objectivos do ensino artístico</p>	<p>4.2.6 “... já temos também alguma tradição aqui na escola...há muitos anos que as Artes estão a funcionar aqui...temos vindo a fazer um bom trabalho de equipa, ... importante no distrito.</p> <p>4.5.15 “ As oficinas de mecânica infelizmente acabaram ... Se temos nesta cidade excelentes profissionais de mecânica devemos muito a esta escola porque era uma escola técnica”.</p> <p>O ensino técnico de outros tempos passou a ter lugar fora das Escolas Industriais. E ainda é recordado por muitas pessoas como uma remodelação do ensino que deu lugar a outras áreas mas também constituiu uma lacuna que se veio sentir mais tarde, porque possibilitava a formação intermédia.</p>
	<p>Relações interpessoais da ESGP</p>	<p>4.6.17 “Muito boas! Todas as relações interpessoais a nível da escola são muito boas... temos uma gestão, ... que permite isso. ... Um Conselho Executivo muitíssimo bom, com competências muitíssimo boas. Ouvem várias partes. Decidem! Há muito bom senso nesta escola. Sentimos que há uma...Cultura Organizacional, um Conselho Executivo com bom senso. Há normas, ... democracia a partir do diálogo. Sente-se!”</p> <p>Estas palavras confirmaram - nos existirem elos de ligação na rede escolar trazidos pelos órgãos de gestão.</p>
	<p>Avaliação do ambiente</p>	<p>4.6.17 “Há muito bom ambiente. Por exemplo... reflecte-se no bem - estar do pessoal docente e não docente e dos alunos. Em relação às artes quero frisar, que temos um excelente departamento ao nível de troca de experiências. Aprendemos todos uns com os outros”.</p> <p>...O ambiente é fundamental para o bom funcionamento da escola.</p>
	<p>Ambiente no Departamento das Artes</p>	<p>4.6.18 “Somos sete professores de momento. Trabalhamos mesmo em grupo. Se alguém tem uma aprendizagem nova, partilhámo-la. Não quer dizer que estejamos todos de acordo, mas respeitamo-nos uns aos outros. Eu acho condição fundamental. Os alunos sentem isso”.</p> <p>Igualmente no Departamento de Artes, a harmonia é uma das condições que todos os elementos sabem usufruir, o que contribui para a realização das actividades extra-curriculares no exterior da escola.</p>

	<p>Ausência do cumprimento das regras de Segurança e Higiene no Trabalho e na Saúde</p>	<p>esse condicionalismo.</p> <p>4.10.30 “... temos aparelhos de ar condicionado, a funcionar com pós cerâmicos ... dentro das salas de aula... se pensarmos em termos de saúde”.</p> <p>Interrogada sobre o cumprimento das regras de Segurança e de Higiene, apreendemos que apesar da ligação que alunos e professores têm com este espaço, as poucas condições físicas das oficinas de Arte da ESGP condicionam o cumprimento das normas em vigor, relativamente a todo o equipamento.</p>
<p>Artes Visuais</p>	<p>Reconhecimento à Professora e Pintora</p>	<p>4.1.1 “...vêm - me mais como professora, embora como pintora também... Vou agora realizar também uma exposição... acho que a nossa sensibilidade transmite-se e passa... vêm-nos também com outra sensibilidade, com outro olhar ... a nossa formação vai ter influência no poder de observação dos nossos alunos”.</p> <p>Depreendemos que o facto desta professora, ser, também ela, artista, cria laços a um nível mais subtil, da sensibilidade, admiração e até identificação, propiciando uma relação não apenas de professor-aluno e aluno-professor, mas também de artista-artista; e este, poderá ser um factor de motivação acrescida para que os alunos desenvolvam o seu potencial artístico, criando, realizando e valorizando a arte.</p>
<p>Cumprimento dos Objectivos do curso e do Programa Curricular</p>	<p>A organização das Artes na ESGP</p>	<p>4.1.4 “Iniciámos ... com 30 alunos e terminamos com 26”. É complicado chegar a todos individualmente”.</p> <p>Nesta informação sentimos que é grande a dificuldade que os professores têm em apoiar os alunos, sobretudo por se tratar de aulas com características diferenciadas das disciplinas teóricas.</p>
<p>Êxito nas Artes</p>	<p>No EB 2,3</p>	<p>4.3.9 “Claro que os alunos vêm com conhecimentos. Aliás isso é fundamental...os alunos vêm com conhecimentos ... com abertura, uns num sentido, outros noutra ...e depois há ... um trabalho nosso a ser desenvolvido”.</p> <p>Afere-se destas afirmações que o trabalho desenvolvido pelos professores do Ensino Artístico EB 2,3, é um trabalho meritório. Isto é, corresponde ao que é esperado do ensino básico: preparar o caminho, lançar as bases, que, serão posteriormente desenvolvidas, a nível do ensino secundário. “vêm com conhecimentos ... com abertura, uns num sentido, outros noutra ...”</p> <p>Pensamos que poderia ser útil, os professores do EB</p>

	<p>Constituição das Turmas quanto ao gênero</p> <p>Dificuldades do curso</p>	<p>4.4.11 “Está muito equilibrado”. O número de elementos do gênero feminino e masculino no total dos anos do curso, não se revela com discrepâncias.</p> <p>4.1.3 “...insucesso na Geometria e na Matemática...”. “...faltam alunos com ... qualidade, como ... tínhamos há muitos anos ...e eu não sou saudosista, ...”</p> <p>4.5.14 “... têm que arranjar apoio complementar no exterior/explicação externa e ...”</p> <p>Embora a Matemática do curso das Artes seja a ‘B’, alguns destes alunos têm a Geometria Descritiva como uma barreira para concluírem o curso. E para ingressarem no Ensino Superior, as médias em Arquitectura são geralmente 17 valores. E os alunos que revelam dificuldades em alguma destas disciplinas têm que recorrer ao exterior para obter explicações.</p>
<p>Políticas educativas do ensino artístico</p>	<p>Necessidade de ajustes no programa curricular</p>	<p>4.1.4 “No 10º ano geralmente as turmas são muito grandes... uma turma com essas características... É complicado chegar a todos ... Depois infelizmente, por algum insucesso na Geometria Descritiva ou na Matemática, ... no 12º Ano as turmas são mais pequenas. Iniciámos com 30 alunos e terminamos geralmente com 26 alunos”.</p> <p>Esta professora é de opinião que as turmas devessem ter menos alunos no 10º ano para que o acompanhamento fosse mais individualizado de acordo com as dificuldades do aluno.</p> <p>4.2.7 No 10º ano... queremos que ele saiba, como: aprender a ver, perceber o que é a linguagem visual e a importância dessa linguagem para aprender a ver. Ter bases a nível da linguagem visual e a nível da representação objectiva. Saber técnicas de representação e depois a nível das técnicas ter uma variedade de técnicas bidimensionais e tridimensionais. Formas ainda muito simples a nível da natureza morta, com várias técnicas: carvão, a sanguínea, grafite, lápis de cor, guache, aguarela. Procuramos fazer isso e também um pequeno trabalho que não está previsto no programa mas que achamos ser muito importante...abordar a tridimensionalidade, representando uma forma em barro ou em arame”.</p> <p>“No 11º ano aprofundamos esses conhecimentos... e dos objectos mais distantes...a figura humana e o rosto. Adquire aprendizagem de proporções e como trabalhar a criatividade”.</p> <p>“No 12º ano, o aluno aprofunda todos esses</p>

		<p><i>leio legislação, leio, leio, leio. Procuro informar o melhor possível, os meus colegas. Faço parte da Comissão para a avaliação de desempenho dos professores. Estou a sentir-me mal, pressionada...eu queria ter tempo para poder estar e preparar as minhas aulas. Não estou a ter tempo nenhum...</i></p> <p>Acredita que a nova estrutura física traga melhorias a vários níveis, nomeadamente uma nova organização do curso de artes, mais ajustadas às pedagogias artísticas e às do mundo digital também.</p>
Serviço de Psicologia da ESGP	Apoio na orientação vocacional/alternativas às opções iniciais	<p><i>4.5.13 "... a psicóloga da escola.... tem feito um trabalho excepcional ... orienta os nossos alunos o melhor possível, porque eles começam a ver uma estrada sem saída. Tem que existir ... caminhos, procurando responder aos interesses e necessidades destes alunos".</i></p> <p>Este Serviço responde a um vasto leque de solicitações, nomeadamente as NEE. Ao Ensino especial e a Orientação Vocacional".</p>
Complemento de formação dos docentes	Ausência de verbas	<p><i>4.7.20 "... a situação está complicada... comprometida, ... nós queremos Acções de Formação (...) a única que está creditada por exemplo é a do Moodle. Houve 'O computador para professores'... em relação a mim, prefiro uma Acção de Formação de Cerâmica ou de Raku" não estamos a receber verbas nenhuma e a formação de professores...".</i></p> <p>Revelou-nos estar receptiva às Novas Aprendizagens mas dada a sua área de formação, tem preferência por áreas artísticas.</p>
Internacionalização	Balanço positivo	<p><i>4.6.17 ... " Há projectos europeus com a Turquia, a Eslovénia, ... Há uma troca de experiências. A escola é aberta e isso...com África não tenho conhecimento, infelizmente..."</i></p> <p>lembrou-se de um intercâmbio existido com Cabo Verde. Relativamente aos Projectos Europeus, não está envolvida neles e nem ninguém do Departamento que coordena.</p>
O Museu da ESGP	Boa organização deficiente valorização	<p><i>4.7.21 " vi ... a ser organizado, por três colegas com o máximo de empenho e as peças ... lindíssimas...muito interessantes. Acho que não valorizamos esse espaço, sinceramente. Temos obras de pintores da nossa terra, um Palolo, ... Júlio Resende, ... pintores consagrados. É uma das lacunas, ... o Museu está 'morto'."</i></p> <p>Acha que o mesmo poderia ter outras utilidades. Podia estar aberto à comunidade escolar e ter outras valias.</p>

E5 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DO DISCURSO DA ENTREVISTA

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
<p>Gestão Escolar, Cultura Organizacional e Resultados</p>	<p>Caracterização do Órgão de Gestão e o clima criado</p>	<p>5.4.13 <i>“O presidente acaba por se cercar de pessoas que ... trabalham ao mesmo ritmo e com o mesmo objectivo...mas há uma marca muito clara dele ... falar da pessoa, é falar do presidente, ... sei que é praticamente unânime na escola... tem sido um homem de facto ligado a esta escola e que a marca profundamente em todos os aspectos. Esta escola tem um clima que ele criou, ... de tranquilidade, de diplomacia ... que é reconhecida ... funciona muito bem. ...há uma relação muito íntima ... tivemos uma avaliação ... nessa área e foram tiradas conclusões ... que vêm de encontro aquilo que nós pensamos e em que acreditamos”.</i></p> <p>Valorizou a figura do presidente mas também as pessoas que ele tem tido ao seu lado em perfeita conjugação de esforços Em relação aos professores que por ali passam sentem-se satisfeitas por verem o seu trabalho valorizado ao obterem autorização para a realização das suas inovações ou estratégias para a resolução das situações que surgem.</p>
	<p>Apoio da gestão</p>	<p>5.1.2 <i>“esta gestão tem tido um resultado magnífico ... que desde o princípio foi incrementada na escola. E... o grupo de trabalho ... no Conselho Executivo... tem sido de uma maneira muito clara responsável por toda esta dinâmica...Não só por esses incentivos mas pelo apoio que é muito claro e que de facto estimula estas participações”.</i></p> <p>Referiu-se ao apoio por parte do Conselho Executivo, relativamente às permissões para as realizações levadas a efeito pelos docentes e alunos, sem as quais viam - se impossibilitados de responder às solicitações feitas por outras entidades.</p>
	<p>Dinâmica da escola</p>	<p>5.1.3 <i>“...a dinâmica desta escola prende-se indiscutivelmente com a forma como ela é gerida e eu penso que as duas coisas estão intimamente ligadas, enfim, de uma forma muito intensa...”.</i></p> <p>Atribuiu à gestão da escola todo o dinamismo pelo qual a escola é reconhecida, quer por elementos internos, quer por elementos externos.</p>
	<p>O Teatro</p>	<p>5.1.1 <i>“...estou ligado ao grupo de Teatro há 19 anos... trata-se de uma actividade que envolve muita gente ... tem um grande dinamismo...uma actividade que criou uma larga tradição, ... temos quatro grupos a</i></p>

		<p><i>5.2.6 “Estas coisas estão ligadas e só podem estar ligadas”. ...este ambiente, ... de ensino artístico, é muito importante e penso que é devido ... às nossas reflexões mais imediatas”.</i></p> <p>Mais uma vez fez referência à ligação entre o clima promovido pela gestão e o ensino artístico, nomeadamente às atitudes dos docentes.</p> <p><i>5.3.10 “...hoje vim de um lugar onde se debateu e com intensidade, espírito muito científico, o valor das artes no ensino. O valor do ensino artístico ...Seria hoje provado claramente quais são os benefícios do ensino artístico nas escolas... E o que nós hoje temos é o Ministério de Educação que recusa aceitar o ensino artístico, ... valorizá-lo, como devia ser. havia uma disciplina no 10º, 11º e 12º ano, disciplina ligada a Expressão Dramática, que foi extinta. Portanto, eu vejo com muita relutância... e com muita preocupação, ... quando de facto se afastam da escola as artes e o ensino artístico. E, ... e o futuro não sei, como é que será em relação a estas coisas. Não sei. Não depende somente da escola”.</i></p> <p>A veemência com que relatou os factos, em defesa do ensino artístico, emitindo pormenores e omitindo outros, deixou transparecer a sua discórdia relativamente às políticas públicas do ensino artístico.</p>
	Requalificação da ESGP	<p><i>5.3.9 “É indiscutível que a mudança física trará mais valias importantes para a escola. Haverá espaço para o teatro de certeza absoluta e acima de tudo...repare, haverá espaço para estas actividades que caracterizam hoje a Escola Gabriel Pereira”.</i></p> <p>Apesar da extinção da disciplina de Expressão Dramática, nos três anos do Ensino Secundário conta ter outros espaços físicos e de tempo para continuar a trabalhar em prol desta modalidade artística no novo edifício, no âmbito não curricular, por falta de enquadramento, mas numa condição de dar resposta à vontade dos cidadãos que desejam trabalhar em representação dramática.</p>
Internacionalização	Projectos Europeus e Relações com	<p><i>5.4.11 “A nossa escola tem uma grande tradição também de relações com África e de relações com Timor. E temos tido umas</i></p>

	<p>países de Expressão portuguesa</p>	<p><i>experiências muito bonitas aqui e tivemos uma série de actividades muito ligadas a Timor, na altura da sua independência ...temos uma relação também muito activa com Angola e Moçambique, sei que sim”.</i></p> <p>Não revelou ter participado nos projectos europeus desenvolvidos pela escola e nem especificou, à excepção do caso de Timor, não especificou em que consistiram as relações com Angola e Moçambique. Deu a entender que gostaria de ver incrementadas as relações entre todos.</p>
--	--	--

E6. QUADRO DA ANÁLISE DO DISCURSO DA ENTREVISTA

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ANÁLISE DO DISCURSO
<p>Organização do SPO</p>	<p>Divulgação dos cursos</p>	<p><i>6.1.1 “Há muitos anos que é apenas uma Escola Secundária. Tivemos uma interrupção nos 3 anos lectivos anteriores, em que tivemos 2 turmas do 3º ciclo. ... a maioria é proveniente ... da cidade e também de escolas dos arredores. A ESGP... faz um trabalho de divulgação da sua oferta ao nível do ensino secundário...”</i></p> <p><i>“Semana da Gabriel Pereira”, ... a meados do 3º período...junto da comunidade educativa”.</i></p> <p><i>“... há escolas ... na cidade que têm serviços de Psicologia e ...não têm. De qualquer das formas, por exemplo, ... através da Universidade de Évora, ... Mas fazemos esse trabalho...na Área da Psicologia e da Psicologia Vocacional com alunos do 9º ano”.</i></p> <p>A Psicóloga deixou transparecer que o facto de terem tido um aumento de alunos, ao terem recebido 2 turmas do EB 3, ocasionou um excesso de trabalho. Esse factor contribuiu para que as práticas realizadas pelo SPOE tivessem alterações. A normalidade voltou com o funcionamento apenas como escola secundária. Voltaram a fazer a promoção da ESGP no estabelecimento de ensino, na Feira de S. João. Deveriam ser as escolas a fazer a aproximação entre as suas turmas do 9º ano e as Escolas Secundárias dando a conhecer os diferentes tipos de ensino que a cidade oferece.</p>
<p>Planificação dos serviços</p>	<p>Apoios escolares</p>	<p><i>6.2.2 “Este...Serviço...tem um profissional da área da Psicologia”. “tenho por hábito, ... apresentar-me a todas as turmas do 10º ano...podem obter do Serviço de Psicologia e Orientação, através da sua vinda ao Gabinete... vêm ao gabinete por questões de aconselhamento vocacional, são alunos do 10º ano que... querem reformular a sua escolha.</i></p> <p><i>...no 11º ano procuram informações sobre cursos e saídas profissionais relativas à escolha feita. Às vezes consultamos em conjunto as universidades,</i></p>

		<p><i>fazem coisas giras... só aqui é que há essa oferta. É o caso dos alunos ... das Artes Visuais. O Curso Científico – Humanístico de Artes Visuais ... Cursos Profissionais, fazem com que alunos de outras escolas e de outros Concelhos venham à nossa escola”.</i></p> <p>Uma das razões porque a escola se distancia das outras secundárias da cidade consiste no facto das outras não oferecerem os cursos que caracterizam a ESGP, organização que já vem do passado. O factor oferta possibilita a mobilidade dos alunos.</p>
Associação de Pais	Participação	<p><i>“...os Encarregados de Educação e a maioria vêm à escola por motivos que se relacionam com o percurso escolar dos seus filhos, ...Agora não vêm muito à escola para participarem noutra tipo de actividades”</i></p> <p>Embora a escola cumpra a legislação que obriga à constituição da Associação de Pais, estes não se disponibilizam para participar em outras actividades, Interessando-se unicamente em saber da vida escolar dos seus educandos. Deixou entender que as pessoas têm o seu tempo preenchido.</p>
Comunicação	Boas relações com o Poder Local	<p><i>“A escola tem boas relações com a autarquia ... A intervenção da Câmara a nível de situações do dia-a-dia, relativamente ... à logística. Não temos tido problemas”.</i></p> <p>Uma vez que há cooperação entre as duas instituições os protocolos estabelecidos entre ambas são cumpridos e ganham os alunos, a escola e a sociedade.</p>

E7 QUADRO DE CATEGORIAS E ANÁLISE DO DISCURSO do COORDENADOR DAS TIC

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
Recursos humanos	Rentabilização	<p><i>“O Departamento tem catorze elementos ... existem mais quatro agregados ao Departamento de Administração”.</i></p> <p>São elementos das Tecnologias que dão apoio à área Administrativa.</p> <p><i>“As Tecnologias incluem a Informática, a Electrotecnia, a Mecanotecnica e a Construção Civil”.</i></p> <p>A disciplina que é leccionada nas Artes, Multimédia, não faz parte deste Departamento, mas sim do das Artes Visuais.</p>

Recursos Físicos e Materiais	Desatualizados	<i>“Podemos considerá-lo insuficiente, ou desatualizado, pelo menos”</i>
Gestão Curricular da TIC	transdisciplinar	<p><i>“o Currículo TIC é igual para todas as áreas disciplinares, para todas as áreas profissionais. De qualquer das formas existe flexibilidade suficiente para se adequar quer aos conteúdos, quer às ferramentas de acordo com as necessidades e com as aprendizagens e os domínios que essas áreas exigem”.</i></p> <p>O conhecimento da ferramenta das novas tecnologias a nível das artes visuais por parte deste professor, resume-se ao que ouve e vê relativamente às produções nesta área, desses alunos; porque a ferramenta tecnológica das artes visuais é a Multimédia, que não faz parte das TIC.</p>
Avaliação do género Nas TIC	Mais destreza por parte dos rapazes	<p><i>“o masculino manifesta mais apetência, e mais destreza, e mais facilidade. Talvez porque se dedique mais, talvez porque comunique mais. No entanto, a parte feminina também desenvolve bem e responde bem.”</i></p> <p>Pelas afirmações, concluímos que os rapazes têm mais facilidade nesta disciplina.</p>
Conhecimentos das TIC no EB 2,3	Boa preparação	<p><i>“Aqueles que se entregam e ingressam numa área tecnológica e/ou com TIC, já trazem um domínio muito razoável e muito seguro.”</i></p> <p>Considera como bons os conhecimentos que o aluno traz do ensino básico.</p>
Internacionalização	Vantagens Europa África	<p><i>“Eu não lhe posso concretizar, eu penso que só um elemento do Conselho Executivo é quem lhe podia dar informações mais concretas. Eu sei que não é tradição, mas nós sempre que podemos trabalhamos em parcerias.</i></p> <p><i>Estou agora a lembrar que há quatro, cinco anos também decorreu entre esta escola e mais seis escolas nacionais e seis escolas Macaenses, o desenvolvimento de um programa, por dois anos consecutivos, que se chamou, Portugal, Macau, Internet e as Escolas, em que nós fomos vencedores desse concurso nesses dois anos.”</i></p> <p>Com este testemunho verificamos que esta escola já tem uma longa tradição a nível da cooperação. Relativamente a África, remeteu-nos para as peças do museu da ESGP.</p>
A requalificação		<i>“...não temos nenhuma informação, se vão reformular os equipamentos mas sim, apenas as instalações...estamos em crer que haverá o reequipamento dessas instalações com novos equipamentos mais actuais, e se calhar mais potentes, respondendo em maior número às nossas necessidades.</i>

		Depreende-se que espera que a requalificação da escola traga também requalificação ao nível do equipamento.
--	--	---

E8 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DA ENTREVISTA

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	DISCURSO E ANÁLISE
Organização	Órgão de Gestão	<p><i>8.2.3 “O órgão de gestão preocupa-se em dar resposta...conforme as verbas financeiras estão disponíveis”.</i></p> <p><i>8.4.10 “...a escola é muito procurada ... sei de uma percentagem considerável de alunos que quer prosseguir os estudos nesta escola”.</i></p> <p>Em toda a entrevista observamos algum cuidado por parte desta profissional ao expressar-se sobre as questões que lhe foram colocadas particularmente em relação à gestão escolar.</p> <p>Disse-nos que os profissionais da sua área costumam disponibilizar-se para colaborar na deficiência que apontou relativa à circulação da informação que debilita a comunicação.</p> <p>Foi mais uma pessoa a recordar-nos que a ESGP é muito solicitada pela população escolar.</p>
Tipo de Gestão	Democrática	<p><i>8.2.4 Vejo-a com bons olhos e penso que faz um bom “papel”. Existem alguns problemas, ...relativos à circulação de informação. Não obstante ... gosto bastante do esquema de gestão... uma gestão muito aberta e participada”.</i></p> <p>Ainda na sequência da descrição supra , pareceu-nos querer dizer que aos olhos de todos a gestão não apresenta situações difíceis, sendo todas resolvidas no seu seio.</p> <p><i>8.2.5 “É uma gestão democrática com as devidas restrições, porque em democracia, ... não se pode dar resposta a tudo e a todos. Existem limitações que, ... obrigam a decisões que podem não ser democráticas, ...”</i></p> <p>Porém não quis deixar de apontar que a gestão ainda que democrática tem restrições nas suas decisões, o que não agrada a todos os profissionais que se apercebem de algumas decisões que poderiam ser analisadas e com soluções diferentes. No entanto, disse que a sua análise carece de outros conhecimentos que leva os elementos de gestão a tomarem certas decisões.</p>
Recursos Humanos	Empenho dos professores e	<i>8.1.1 “Em relação aos recursos humanos... acho que a escola está muito bem servida...”</i>

	resultados escolares	<p><i>no geral, professores e funcionários são bons profissionais. Os professores são pessoas empenhadas com os resultados do ensino reflecte-se nos resultados dos exames...aparecem nos rankings,... Mas, também é o único indicador que temos”.</i></p> <p>Refere a inexistência de outros indicadores, à excepção dos Rankings. Avalia os professores, atribuindo um elevado nível qualitativo ao trabalho produzido.</p>
Recursos Materiais	<p>Físicos</p> <p>Tecnológicos</p>	<p><i>8.1.2” Em relação aos recursos materiais, penso que esta escola, também, pode não ser a ideal...queremos sempre melhor. Mas em relação à maioria das escolas e pelo feedback...”</i></p> <p>Fez uma comparação entre a ESGP e outras escolas; sendo esta uma escola antiga, tem procurado a todos os níveis responder às suas necessidades, sem desapontar a população que a considera um estabelecimento de ensino de prestígio. Recordou-nos que foi aluna na ‘Gabriel Pereira’, num período em que os alunos ingressavam no antigo 7º ano.</p> <p><i>“... esta escola está bem servida em termos de recursos materiais, dependendo das áreas...acho que há deficiências em termos físicos e não só...”</i></p> <p>Confirma que há áreas que carecem de melhores condições, mas a sua área de trabalho tem sabido manter o equipamento actualizado e capaz de responder aos programas curriculares a nível da Área de Informática, que coordena com muito trabalho.</p>
Curso de Artes Visuais	Grau de Conhecimentos Tecnológicos dos alunos	<p><i>8.4.8 Em relação ao ensino artístico não sei... Observamos não haver entre o corpo docente, conhecimento das várias áreas existentes.</i></p> <p><i>8.3.6 “... leccionei ... TIC a duas turmas de Artes e foi uma experiência muito engraçada, ... não tinham muitos conhecimentos e havia assuntos que os aborrecia. Mas, ... apresentações electrónicas no PowerPoint os alunos foram engraçadíssimos, ... criativos e originais, ...foi uma experiência divertida ... gostei muito...”</i></p> <p>Considerou essa experiência como muito positiva e produtiva, onde os alunos revelam com essa ferramenta as suas capacidades criativas.</p>

		<p>8.3.7“... tem uma disciplina Multimédia...leccionada por professores das Artes, é feita a ligação entre as Artes e as Tecnologias... É opcional no 11º e 12º para os alunos do Curso de Artes Visuais”.</p> <p>Apesar dos alunos terem a disciplina de Multimédia, acha que deveriam continuar a ter TIC no 10º ano. Dando igualdade de oportunidade na aquisição de conhecimentos.</p>
--	--	---

E9 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DE DISCURSO

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Visão	Promoção e sucesso da ESGP	<p>E9.1.1 “Visa...promover o sucesso educativo dos jovens que a frequentam...tem mais alunos que as outras Secundárias...é susceptível porque tem mais escolhas”.</p> <p>A preferência dos jovens pela ESGP pode ter a ver com o facto de constar na cidade que esta escola tem cursos profissionais e artísticos, que só ela ministra no Alentejo Central e no Sul do país. Apesar da particularidade da oferta diversificada, divulgar os seus cursos e dar cumprimento aos seus objectivos segundo a constituição, foram aspectos deixados transparecer.</p>
Missão	Resultados do cumprimento dos objectivos.	<p>E9.1.2 “A oferta também é mais alargada: as vias profissionais e de acesso ao Ensino Superior... a escola consegue conviver bem com essas duas vias distintas e ...em termos das opções que toma no seu interior”.</p> <p>Para que a escola faça as opções acertadas para dar cumprimento aos seus objectivos, é preciso ter um Órgão de Gestão com verdadeiro conhecimento a vários níveis e poder conviver com todos os intervenientes da comunidade escolar, nomeadamente, Professores, Alunos de várias proveniências e de áreas diferenciadas, Pais e Encarregados de Educação, Funcionários e Auxiliares de Acção Educativa. E ainda o Poder Local e os parceiros externos, porque o número de áreas de formação e o número de profissionais é elevado, pelo que sem a criação de um bom ambiente, o cumprimento dos objectivos a que a escola se propõe, seria comprometido.</p> <p>Relativamente ao Curso de Artes Visuais, os jovens que desejam frequentá-lo ao nível do Secundário podem fazê-lo em Évora. Fora desta</p>

		<p>Cidade têm que optar pela Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis no Porto, ou pela Escola António Arroio em Lisboa, com despesas acrescidas pela distância entre a região alentejana e essas cidades.</p>
	<p>Oferta Formativa e as Novas Tecnologias</p>	<p>E.9.5.3 “...são oferecidos cinco cursos para abrirem três. (a escola)...escolheu aqueles que acha que tem melhores condições para oferecer. Que acha que, ... são mais actuais em termos do mundo em que vivemos e do mercado em que estamos inseridos. Portanto, os alunos, a escolha dos alunos é que vai decidir”.</p> <p>Os alunos do curso das Artes Visuais são habitualmente um dos grupos que mais responde à oferta formativa, permitindo que se constituam três turmas.</p> <p>E9.5.3 “... no Plano Tecnológico estão previstos alguns investimentos. Ouvi... falarem de um quadro digital por cada três salas”. “ Não sei se, se vai concretizar, ou não”.</p> <p>“Não quer dizer que as Tecnologias por si só, resolvam os problemas todos. Não resolvem porque tendo Tecnologia e se a metodologia se mantiver, ao que era, os resultados pouco diferem”.</p> <p>“... Se a metodologia pouco se alterou ou, ... ou nada, aí os resultados não poderão ser significativamente diferentes, apenas um impacto inicial, depois vai desvanecendo à medida que o tempo passa”.</p> <p>E9.5.5 “ O mundo digital traz grandes contributos , ... em parte, não são cabalmente, porque mais difícil”.</p> <p>É preciso que a formação contínua dos profissionais do ensino, seja, efectivamente, uma realidade, no quotidiano das escolas, disponibilizando os meios necessários aos interessados. A escola, como fio condutor da implementação das novas tecnologias junto dos jovens. Desta forma, poderá contribuir para um ensino de qualidade científica e tecnológica, já que a escola deve estar atenta ao desenvolvimento global, num mundo cada vez mais “digital”.</p>
<p>O Ambiente</p>	<p>Clima da ESGP e a relação com os órgãos de gestão</p>	<p>E9.1.22 Há casos mais difíceis ... mas a relação é aberta”. “A relação entre os professores e a gestão é aberta.</p> <p>E9.1.3 “O clima mesmo entre alunos é positivo”.</p> <p>E9.1.19 “É uma escola com ambiente de trabalho positivo, quer a nível de professores, quer a nível de alunos”. E9.2.1 “A escola tem já uma certa cultura ...tem vivido bem com isso”. “É um clima fácil de trabalho, propício ao trabalho e à</p>

	<p><i>iniciativa</i>”. “Um clima de permissão para as iniciativas, que se queiram fazer, desde que estejam, naturalmente, contempladas no âmbito do Projecto Educativo da Escola. E portanto, acabam por se repercutir evidentemente no bom aproveitamento”.</p> <p>Apesar de uma opinião positiva relativamente ao clima e à cultura, o entrevistado argumentou que a nível da gestão, a participação dos restantes elementos do corpo docente poderia ser maior. Pela longevidade desta escola e com um conjunto de valores positivos atribuí – lhe uma certa cultura pela tradição e pela cultura orgânica. Não exclui no entanto, que existiram no passado momentos difíceis, tendo sido superados há seis ou oito anos atrás.</p> <p>Porém, o seu discurso e postura, indiciam a existência de boas condições para a promoção do ensino-aprendizagem.</p> <p>Este professor classifica a relação entre docentes e gestão, como boas. Porém, refere um aspecto, “... este da comunicação organizacional, que é um aspecto inferior talvez da própria orgânica da escola”, deixando transparecer a existência de uma lacuna ao nível da comunicação; Subentendemos que o grau das relações entre a gestão e os restantes elementos são de total estabilidade. Assim, aponta a comunicação como o factor principal, ou mesmo o único factor de fricção nas relações hierárquicas. Outra lacuna apontada prende-se com a ausência de um Coordenador de Disciplina, ou seja, o elemento chave nas relações entre os professores de cada departamento. Pela argumentação, considera tratar-se de uma lacuna que resolvida possibilitaria atenuar ou mesmo resolver a ausência de estratégias pedagógicas na sala de aula de alguns professores. Citou o exemplo abaixo descrito:</p> <p>E9.6.2 “...esta professora, com quem falei, penso que têm algumas dificuldades...no domínio...”. “Mas é a única situação entre estas que tenho presente. Vamos ver agora...”.</p> <p>A partilha de saberes não tem tido lugar por falta da nomeação de um docente nesse cargo.</p> <p>Recordamos a fricção existente entre a docente de Geometria Descritiva da área das Artes Visuais com os estudantes. Situação idêntica vivida por um professor que lá tinha estado na escola, há uns anos atrás. E que não havendo quem faça a análise dessa questão e contribua na sua resolução, os alunos são prejudicados e a profissional não responde cabalmente às suas funções. Em nosso entender, a profissional poderá necessitar de uma actualização</p>
--	--

	<p>Apoio</p> <p>Resultados</p>	<p>trabalho que se reflecte no exterior, através dos resultados dos alunos.</p> <p><i>E9.1.23 “O apoio da gestão é consoante as circunstâncias...têm tido muitos projectos ...da própria escola, ... nacionais e internacionais”.</i></p> <p>Aferimos que os professores encontram apoio para a sua prática pedagógica.</p> <p><i>E9.4.5 “Quer dizer em termos de apoio directo, eu acho que esse apoio directo não se repercute imediatamente na avaliação”.</i></p> <p>O tipo de liderança organizacional da ESGP conduz a uma prática pedagógica promotora de sucesso, <i>“Não há uma influência directa mas há uma influência indirecta pelo clima criado”.</i></p> <p>Uma das práticas apontadas para o sucesso dos alunos deste entrevistado, prendem-se, quanto a ele, com as recursos que usa... <i>“... os alunos da minha turma, estão inscritos na Plataforma Moodle, onde eu vou depositando, materiais sobre todos os conteúdos. As próprias fichas formativas, testes e tudo, ficam lá depositados e eles podem consultar sempre que querem. Mesmo aqueles materiais didácticos que eu faço para as minhas aulas”.</i></p> <p><i>E9.6.3 “No caso das vias de acesso ao Ensino Superior, designadamente no caso das Ciências e Tecnologias, tem havido excelentes notas”</i></p>
	<p>Duração dos Mandatos</p> <p>Contexto de</p>	<p><i>E9. 2.5 “Estou em desacordo que as pessoas estejam mais de três mandatos, quer a nível da presidência da república, quer a nível de escola e de todos os cargos públicos”. “ É um espaço de tempo razoável”.</i></p> <p>O desacordo consistiu no facto de considerar que a gestão continuada tem aspectos desfavoráveis, independentemente do âmbito dessa representação, dando lugar a “facilitismos” ou resistências, por parte de alguns colaboradores, podendo essa postura fragilizar o poder e o desempenho dos profissionais.</p> <p>A actual legislação veio corroborar esta teoria, relativamente à gestão continuada por mais de quatro mandatos, perfazendo 12 anos no mesmo cargo de direcção, segundo o Decreto lei 75/2008.</p> <p>A justificação que apresentou relativamente à gestão continuada foi a de conduzir a um lado desfavorável que produz: <i>“algum comodismo em termos de dinâmica interna, de alguns professores, ou grupo de professores”.</i></p> <p><i>E9.2.3 “Vamos ver agora neste momento de</i></p>

Internacionalização	Mudança	<p><i>mudança, ... quais serão as opções e a dinâmica que a escola vai trazer”.</i></p> <p><i>“Em relação ao novo regime eu penso que independentemente de quem seja a pessoa, vai estranhar certamente, porque, vai ter que adaptar-se a novos métodos, a novos modelos, e a novos métodos de funcionamento”.</i></p> <p><i>“São questões futuras que a escola está a tratar com alguma cautela e alguma moderação”.</i></p>
	Programa Sócrates / Erasmos	<p><i>E9.7. “Acho que são experiências positivas. Muito positivas. Eu não tenho participado em nenhum desses projectos. Há pessoas que... participam sistematicamente”.</i></p> <p><i>“Único inconveniente que eu...vejo, é que, está cingido a um leque de pessoas a nível da escola, relativamente curto, não quer dizer que os outros não possam participar. Mas criou-se assim uma espécie de um clã que não é positivo. Não é visto muito bem. São quase sempre as mesmas pessoas... Embora também algumas delas, são elas que se têm voluntariado para apresentar este projecto e colaborarem na sua preparação. Mas, ... devia haver mais abertura!”</i></p> <p>O que nós depreendemos foi uma acentuada crítica ao facto de serem sempre as mesmas pessoas a serem chamadas a participar nestes programas, que considera como experiências muito positivas.</p>
	África e Brasil	<p>Relativamente à eventualidade de haver programas de cooperação com os países de expressão portuguesa, disse: <i>“Eu via um óptimo campo de cooperação. E ... tenho pena que, que ele não, não esteja já mais desenvolvido. Porque acho que era importante quer para..., para os europeus, quer para os africanos, nos dois sentidos e ... haver estes projectos também nessa direcção, sejam as experiências que se fazem a nível dos projectos europeus, que se pudessem fazer não só nesse âmbito mas também noutros âmbitos, com os países africanos. Países africanos e Brasil também”.</i></p>
	Requalificação da ESGP	<p><i>E9.5.4 “...Pode ficar mais moderna sob o ponto de vista tecnológico, mais atractiva sob o ponto de vista físico e ... poderá ficar e deve caminhar para também melhorar outros aspectos da ... da sua vivência interna”.</i></p> <p>Não deixando de apostar nessa requalificação como uma melhoria, reforça, no entanto, a necessidade de melhorar outros aspectos da sua vivência interna.</p>

D10 – QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DE DISCURSO DO DEPOIMENTO

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
-----------	--------------	-----------------------------------

<p>Nível de satisfação na ESGP</p>	<p>Bom Ambiente</p>	<p><i>“O presidente da escola tem um relacionamento com toda a comunidade escolar que ultrapassa a mera burocracia de gestão... ele tem um lado humano que contribui bastante para que se estabeleça um ambiente bom. Há de facto um ambiente bom entre os professores e os funcionários. E até com os alunos...não há problemas disciplinares...Mesmo entre professores alunos, há um bom relacionamento”.</i></p> <p>Este docente do regime nocturno, atribui o bom ambiente à figura do presidente do C.E., realçando mais o seu lado humano do que o seu lado de gestor.</p> <p>Não nos pareceu ter qualquer tipo de constrangimento.</p>
<p>Avaliação do modelo de Gestão da Escola</p>	<p>Democrático</p>	<p><i>“Gestão Democrática sim! Muitas coisas são decididas a nível do Conselho Pedagógico. E a nível dos Departamentos também se discutem os problemas da escola. Departamentos e Pedagógico! Neste momento de mudanças as coisas estão a ser discutidas também, com alguns a favor e outros contra como é normal”.</i></p> <p>Como em todas as questões, também nesta nos respondeu de uma forma aberta e afirmativa não nos indiciando qualquer factor que indicasse o contrário.</p>
<p>A gestão e os Resultados escolares dos alunos</p>	<p>Resultados satisfatórios</p>	<p><i>“É uma gestão boa, é evidente, isso contribui, isso contribui. Em relação à média nacional sim, são satisfatórios”.</i></p> <p>Reforçou a resposta dada na questão anterior, relativamente à democraticidade da gestão, confirmou que a gestão contribui para os bons resultados dos alunos.</p>
<p>Justificação dos resultados</p>	<p>Convergência de esforços de todos</p>	<p><i>“Desde que haja um bom relacionamento. Eu acho que os resultados depois aparecem. Acho eu! Desde que haja simplicidade na resolução das tarefas, ou nos problemas que possam surgir. Ou seja desde que as pessoas se inter – ajudem...podem demorar mais tempo, menos tempo, mas os resultados acabam sempre por aparecer. Se calhar, depende do esforço deles, sobretudo do esforço dos próprios alunos ... e do trabalho dos professores. Acho eu”.</i></p> <p>Justifica os resultados dos alunos, pela convergência de esforços de todos, em especial dos alunos e dos professores.</p>
<p>Apoio da Gestão aos docentes</p>	<p>Motivação</p>	<p><i>“E a motivação também. Motivação por parte dos próprios professores. Se os resultados são bons, melhores serão porque eles estão motivados. Acho que a motivação também. A</i></p>

		<p><i>“ pessoa (o professor) sente-se satisfeita”.</i></p> <p>Os professores sentem-se motivados pela gestão, o que se reflecte no seu trabalho e se traduz em satisfação com os resultados que, por sua vez, alimentam essa motivação.</p>
Cooperação com outros países.	Resultados dessa cooperação	<p><i>“Também temos. Também temos. Agora há pouco tempo o director da escola, e a coordenadora do meu Departamento e outros professores foram, (já não me lembro, em que país, é que foram. Saíram).</i></p> <p><i>Também há resultados nesse aspecto e há trocas”.</i></p> <p>Não está envolvido em qualquer programa de cooperação; refere que há resultados, mas não os identifica, nem lhes atribui uma importância de tal forma, que se lembre quais os países de cooperantes.</p>
Laços com África	Desconhecimento	<p><i>“ Com África não sei, não tenho conhecimento. A nível dos países da Europa sei que há”.</i></p>

D11 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DE DISCURSO DO DEPOIMENTO

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
A gestão e os resultados dos alunos	Os rankings dos resultados escolares	<p><i>“... também sei que o ranking na realidade da maneira como é feito pelos jornais, é muito simples de fazer aquele ranking não quer dizer muito”.</i></p> <p>Este professor tem conhecimento que a ESGP é uma das escolas de Évora, que constam dos rankings, devido ao nível dos resultados dos alunos, que não atribui à Organização da Escola, mas ao quadro de professores, que considera ser bastante experiente.</p> <p><i>“ penso que seja mais por aí, que não é só a boa gestão escolar que influencia os bons resultados dos alunos”.</i></p>
O apoio da gestão aos docentes		<p><i>“... o fundamental é o apoio dos órgãos executivos e sente-se esse apoio. Sente-se muito esse apoio, no presidente e nos vice-presidentes”</i></p> <p>Disse-nos que sempre encontrou apoio junto dos Órgãos de Gestão e dos colegas do Departamento, ressaltando: Deixou transparecer que os apoios obtidos têm sido por parte de todos os elementos, mas reforçou: <i>“do presidente acima de tudo”.</i></p>
O ambiente de trabalho e as relações		<p>Os professores encontram bom ambiente de trabalho, <i>“se não houvesse, não se conseguia fazer um trabalho em condições”.</i></p> <p><i>“Acho que se disponibilizam bastante...Mas penso que podiam disponibilizar-se ainda mais. Penso que em outros tempos já se disponibilizaram mais. Mas neste momento com todas as confusões e problemas com o ME desmotivam os professores a se disponibilizarem. Penso que se não fosse esse tipo de problemas... vem desmotivar toda a gente</i></p>
Avaliação da		<i>“Há sempre aspectos a melhorar...”.</i>

gestão		Preferiu omitir-nos a avaliação qualitativa dos aspectos da Cultura Organizacional da escola, argumentando: Relativamente à Gestão da ESGP classificou-a como democrática e promotora das boas relações no seio da comunidade escolar.
Continuidade Dos Mandatos	Aspectos positivos	<p><i>“... diz-se que na equipa que ganha não se mexe...mas às vezes faz jeito, faz bem mudar as coisas para ter outra perspectiva de mudanças, novas ideias, novas perspectivas faz bem. Até porque as pessoas quando ficam muito tempo no mesmo cargo, acabam por muitas vezes se acomodar e deixar de trabalhar com muita intensidade. Pelo que eu sei aqui nesta escola, ao longo dos anos tem sido o mesmo presidente mas os vice-presidentes têm mudado muito. Tem havido muita rotação. E talvez por isso, não se tenha notado tanto o...o executivo estagnado. Tem sido, pelo menos dá-me a impressão, tem sido uma escola, onde as coisas têm sido muito mexidas ao longo dos anos”.</i></p> <p>Defende a rotatividade da liderança, a fim de combater a estagnação; no caso da ESGP, refere que não estagnou, apesar do presidente se manter no cargo há 27 anos, devido ao facto de ter havido muita rotação ao nível dos outros cargos de gestão.</p>
Cooperação	Programa Sócrates.	<p>Disse-nos: <i>“Foi muito porreiro. Fiz um mês e meio do programa de formação Comenius / Sócrates na Dinamarca a propósito do meu mestrado com o objectivo de fazer a investigação lá, isto não oficialmente. Porque oficialmente foi num âmbito de formação. Uma das minhas colegas já foi 3 vezes lá fora”.</i></p> <p><i>“Conheci lá uma ‘miúda’ turca... no programa Comenius, ... penso que é excelente as pessoas trocarem impressões, mesmo os miúdos verem outras escolas, outras culturas e abrirem um pouco os horizontes... aqui em Évora talvez isso não aconteça tanto, apesar de também ter muito turismo”.</i></p> <p>Para este professor, a integração nos programas de cooperação, deu-lhe a possibilidade de também efectuar, no seu tempo disponível, a investigação para o seu mestrado, como desejava.</p> <p>Achou ser enriquecedor para os alunos na adolescência, poderem conhecer outras escolas e outras culturas.</p> <p>Explicou-nos em que consistia o programa Comenius na ESGP, <i>“é mais no âmbito de intercâmbio cultural e conhecer as outras culturas na Europa, conhecer outros países. É mais isso. É mais dirigido aos alunos e para os professores conhecerem outros contextos escolares”.</i> <i>“...era uma bolsa de formação Comenius. O objectivo era eu ir para lá e receber formação. A formação que eu tive, não era uma formação oficial e proposta por eles, mas proposta por mim e não era em sala de aula, estava lá, via como funcionavam, como trabalhavam - investigava .</i></p>

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
Avaliação de aspectos disciplinares dos alunos	Comportamentos pontuais na sala de aula	<p><i>“...no geral o problema não é ... não é tanto esse, não é do aluno responder e ser incorrecto. Isso pode acontecer muito pontualmente. Geralmente o que acontece são: desatenção contínua nas aulas, muita conversa com os colegas, falta de postura em termos daquilo que é uma sala de aula. Estar numa sala de aula ou estar se calhar no pátio da escola é igual”.</i></p> <p>Não sendo um estabelecimento de ensino de nível obrigatório, os seus alunos deveriam ter consciência das suas posturas e do seu querer em relação às aprendizagens.</p>
Avaliação da Organização e gestão da ESGP		<p><i>“... eu penso que a escola tem uma organização que é boa. Ou seja ...é uma gestão aberta, uma gestão que eu penso que é democrática. É uma gestão facilita a vida aos colegas. ‘sentimo-nos à-vont podemos trabalhar com os alunos. Temos meios técnicos e de espaço apesar do... espaço, não ser muito. Estamos muito cheios na escola. Mas são-nos oferecidas condições para podermos trabalhar. Eu penso que isso vai com certeza beneficiar os próprios alunos,...os professores têm mais disponibilidade, têm mais meios, e têm mais liberdade para trabalhar com eles é evidente que isso vai influenciar as classificações dos alunos”.</i></p> <p>Este testemunho de motivação proporcionada pela gestão aberta e democrática em que os professores têm total liberdade de ajustar os seus horários com os dos alunos no sentido dos mesmos colmatarem dificuldades;</p>
Os resultados escolares dos alunos das Artes em Filosofia	Bons resultados	<p><i>“A turma de Artes, ... que é a minha quinta turma, ...é uma situação um ‘bocadinho’ diferente, porque geralmente a minha experiência com turmas de Artes é que eles são também bastante bons em Filosofia. Noto também neles alguma desmotivação, mas não tenho os maus resultados, por exemplo, como tenho em Humanidades. Por isso é que eu comecei por falar em Humanidades”.</i></p> <p>Avalia os resultados, as atitudes e valores dos alunos das Artes Visuais com apreciação positiva relativamente a alunos de outros cursos, que por dificuldades em certas disciplinas, revelam alguma desatenção à disciplina de Filosofia.</p>
Avaliação da influência da gestão nos resultados dos alunos.	Influência nos resultados escolares	<p><i>“Tem influência. Tem influência. Tem influência. Tem, tem influência. Porque é assim. Se houver uma organização boa, que seja uma organização boa eu penso que a escola tem uma organização que é boa”.</i></p>

	<p>Disponibilidade e superação de dificuldades das aprendizagens dos alunos</p>	<p>Concorda que existe influência do modelo de gestão nos resultados escolares dos alunos, visto que este órgão dá total apoio aos professores para a sua gestão pedagógica.</p> <p><i>“Tentei várias estratégias, em termos de aula, em termos de trabalhos de casa, em termos de apoio. Disponibilizei-me. Estou a ficar... todo o dia de Segunda – feira, e portanto eles sabem que eu tenho aquelas horas para estar com eles, mas a maior parte deles numa das turmas, nem sequer aparecem”</i></p> <p>Este excerto é revelador que por parte de alguns alunos não têm plena consciência da oportunidade que a ESGP lhes está a dar para a melhoria dos resultados escolares nesta disciplina.</p>
Cooperação	<p>Aspiração a outros projectos</p>	<p><i>“Eu não estou integrada em nada neste momento. Para o ano ainda, mas isto é uma coisa que não vou falar muito. Que a nossa escola aderiu, a Universidade aderiu e eu também aderi mas... vamos concorrer a um Projecto em relação aos Direitos Humanos”.</i></p> <p>Revelou não estar envolvida nos Projectos Europeus de Cooperação, porém sem demonstrar desagrado por isso, mas com a esperança de se envolver em outro projecto em parceria com a Universidade local.</p>

D13 QUADRO DAS CATEGORIAS E ANÁLISE DE DISCURSO DO DEPOIMENTO

Categoria	Subcategoria	Indicadores e Análise do Discurso
<p>Actividades da “Montra Jovem 2008”</p>	<p>Balanço</p>	<p><i>“É bastante positivo, na medida em que foi a primeira vez que se fez um evento desta natureza e em que estamos a verificar uma adesão enorme ... por parte, se calhar dos restantes membros da comunidade educativa. Os pais fundamentalmente. Avós, como estiveram aí ontem. Irmãos. Portanto, os outros elementos da família que não a escola, ... estarem aqui para ver os trabalhos feitos pelos seus filhos, netos e sobrinhos, ... é muito importante”.</i></p> <p>Quanto à realização do evento das três escolas secundárias da cidade no Palácio D. Manuel que contou com o apoio do seu pelouro, deixou - a satisfeita, facto que não ocultou, rindo ao proferir o seu depoimento.</p>
<p>Cooperação ESGP/ C.M.E.</p>	<p>Participação recíproca</p>	<p><i>“Os alunos do Temporal têm participado activamente, ... quando foi o mês do idoso, ... no ano transacto, eles colaboraram nas iniciativas e na recepção aos idosos, nos espectáculos. Eles, não só acompanharam os idosos para se sentarem, ... animando-os. Tem sido encontros inter-geracionais. Portanto...e nós apoiamos naquilo que houver necessidade também”.</i></p>

		<p>Outro aspecto da sua satisfação foi o facto dos alunos nas suas acções junto de pessoas de mais idade, terem revelado sensibilidade e respeito, demonstrando que são portadores de sólidos valores morais.</p>
	<p>Cumprimento das orientações de acordo sobre as cidades educadoras</p>	<p><i>“Têm havido outras cooperações, na área de ... (risos de satisfação/emoção) da colaboração da gestão no dia - a - dia. (portanto) os alunos dos Heróis do Ultramar almoçam todos os dias numa Escola Secundária, que é a ESGP, que nem sequer é do Agrupamento, mas que todos os dias ... eles lá, fazem a sua refeição. É relevante”.</i></p> <p>Aqui riu-se por se recordar que as crianças de uma escola fazem a sua refeição do almoço numa escola de gente mais crescida, tudo pela cooperação que a ESGP proporciona.</p> <p><i>A Câmara (portanto) está de facto a fazer o seu trabalho, enquanto cidade educadora, ... por um lado, por outro lado também, enquanto estratégia para a juventude, que é promovê-los.</i></p> <p><i>Digam o que é que faz falta, mas também participem na mudança. E constatamos que os trabalhos feitos ao longo deste ano foram de uma riqueza no ponto de vista social, e de envolvimento no Concelho, nos problemas do Concelho, enquanto diagnóstico, e de encontrar soluções... Esperemos que estes jovens possam, ou com cursos universitários, ou com experiências, ou com cursos menos longos que eles possam dar asas de facto a se empenharem na construção de uma sociedade aqui em Évora, e perspectivar a sua vida profissional de uma forma activa e perceber que eles são os agentes de mudança e de construção de uma sociedade e de Évora sustentável e sustentada.</i></p> <p>Disponibilidade do organismo a que preside para continuar um trabalho de cooperação.</p> <p>Apenas o tempo dirá se efectivamente estes jovens que hoje se formam encontrarão espaço na cidade de Évora para se tornarem profissionais nas suas localidades de origem ou na cidade onde estudaram.</p>
<p>As Artes e a cidade</p>	<p>Exposições</p>	<p><i>“... o que se tem feito. (portanto) dentro das Áreas das Artes, que é um pólo importante em termos de participação, ..., é uma série de outros eventos, ..., nós também apoiámos ... a mostra dos trabalhos feitos pelos alunos, que até são vendidos na própria Câmara. Portanto. Exposição. Esteve em exposição, eles trabalharam a Área da Segurança Rodoviária e tivemos nos Paços do Concelho a exposição feita pelos alunos. Promovemos de facto, para quem...” (sorrisos).</i></p> <p><i>“Os trabalhos de Artes que eles têm feito também são extremamente importantes. O que mostra que de facto nós temos alguma noção que Évora tem qualidade de vida, tem ambiente, mas também tem um património a todos os níveis, que importa preservar, e que eles também são património e que têm que fazer parte desse</i></p>

		<p><i>património”.</i></p> <p><i>“Por isso, digo que o futuro aqui em Évora será de facto através do Conhecimento, do Património, das Artes, aos diferentes níveis, e que é isso que eles têm que, seja qual for a sua área do saber, contribuir para esse todo”.</i></p> <p>Uma vez que as práticas citadas têm tido lugar na cidade, com o apoio da edilidade, e a mesma pretende associar a sua juventude como património humano, ao vasto património que permitiu a Évora o título de Património Mundial, pois entendemos que as entidades pretendem valorizar os seus cidadãos em benefício da cidade, da região, etc.</p>
--	--	---

CAPÍTULO 5.
CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Análise da Gestão Organizacional da ESCG

Fazemos a abordagem dos aspectos gerais, com base na pergunta de investigação e nos dados obtidos no trabalho de campo efectuado sobre a ESGP:

Neste capítulo das considerações incluímos os seguintes itens: Análise Qualitativa da ESGP relativa à Gestão, (Clima e Cultura Organizacional), o cumprimento do Projecto Educativo no Plano Anual de Actividades, a Oferta Formativa para uma Educação de âmbito profissional e artística de qualidade. Analisámos ainda as relações internas e externas (comunidade e o Poder Local), bem como as relações internacionais desta escola, quer com países europeus, através dos Programas Europeus, quer com os países de expressão portuguesa. Por fim, a análise da influência da gestão nos resultados dos alunos, através das avaliações dos Rankings e da Avaliação Externa da IGE.

- **O perfil do gestor**

Iniciamos esta parte com uma nota sobre o perfil do Presidente do Conselho Executivo, que nos era desconhecido, até à realização do presente trabalho.

Consideramos estar perante uma pessoa idónea, cujos valores éticos deixou sempre transparecer. Um cidadão que desempenhou as funções de um dos mais altos cargos escolares, com responsabilidade acrescida, relativamente ao ensino geral, devido à grande oferta formativa da ESGP, posição que manteve durante vários mandatos por ser uma personalidade de forte carácter e ter sabido rodear-se de pessoas com quem partilhava os mesmos desafios.

Para além da nossa análise pessoal, baseámo-nos também nos depoimentos de todos os intervenientes entrevistados: ***“O presidente da escola tem um relacionamento com toda a comunidade escolar que ultrapassa a mera burocracia de gestão. Ele tem um lado humano que contribui bastante para que se estabeleça um ambiente bom, tudo passa evidentemente pelo professor...”*** (D10), que sintetiza a opinião de todos eles.

Após esta breve nota sobre o perfil do presidente do conselho executivo, passamos a analisar situações relativas às relações interpessoais, clima, comunicação, entre outras, que se inserem na qualificação da ESGP, com base na análise dos discursos dos actores entrevistados.

Posteriormente serão esses indicadores que nos darão ou não a resposta à nossa pergunta de investigação e às hipóteses do trabalho.

A Escola Secundária Gabriel Pereira chega ao conhecimento dos alunos do EB 2,3 através da “Semana da Gabriel Pereira”, levada a efeito pelo SP0E, organizada pela Psicóloga da Escola (E6). A Oferta Formativa diversificada e particularmente a do Curso das Artes Visuais e do trabalho de Expressão Dramática (E5) que dão nome à escola, complementada com o ambiente apelativo do agrado dos jovens conforme citação da professora e coordenadora do departamento das Artes (E4).

- **Condições do espaço físico**

Relativamente à requalificação da escola, todos os intervenientes foram unânimes em confirmar o elevado estado de degradação dos edifícios e a inevitabilidade da sua remodelação, particularmente no que diz respeito às Oficinas das Artes. Todos os envolvidos esperam que esta requalificação se traduza numa mais-valia para a escola, não só ao nível da estrutura física e da climatização, mas também que, por arrastamento, traga consigo o equipamento de ponta a nível do Mundo Digital, que lhe possa conferir o nível de qualidade adequado para um ensino do Séc. XXI.

- **Missão e Visão da ESGP**

(E1). *“... a formação integral do aluno, ... a nossa perspectiva é sempre o equilíbrio entre o ensino profissional e o ensino Científico Humanístico ... para a vida activa, profissional, e também para o ingresso no Ensino Superior”.*

(E9) *“ a missão é formar alunos para o mercado de trabalho e para o acesso ao ensino superior... tem sabido cumprir os seus objectivos”.*

(E4) *“... temos também alguma tradição aqui na escola...há muitos anos que as Artes estão a funcionar aqui...temos vindo a fazer um bom trabalho de equipa, ... importante no distrito.*

A ESGP, não se limita a implementar as orientações do Ministério; vai mais longe, acrescentando criatividade, sentido de partilha e inteligência ao nível da direcção, cujo líder se tem sabido rodear de elementos que trabalham ao seu ritmo e com os mesmos objectivos.

Corroboramos assim que a ESGP cumpre os objectivos e a missão, em conformidade com o seu lema “ formar para valorizar”.

- **As relações interpessoais na ESGP, a nível dos alunos – alunos, professores - alunos e entre os professores e a gestão e entre todos os intervenientes no seio da escola.**

(E4) disse:

alunos – alunos: *“São boas, são boas!”*

alunos, professores – *“Muito boas também!”*

professores e órgãos de gestão – **“Muito boas!”**

entre todos os intervenientes no seio da escola – **“Todas as relações interpessoais a nível da escola são muito boas”**.

- Aliás temos uma gestão que eu acho que permite isso mesmo.

- Temos uma Gestão da Escola, um Conselho Executivo muitíssimo bom.

Com competências muitíssimo boas. Ouvem várias partes. Decidem! Há muito bom senso nesta escola. Sentimos que há uma... (Cultura organizacional?) um Conselho Executivo com bom senso. Há normas, mas com democracia, digamos, e a partir do diálogo. Sente-se. Há muito bom ambiente. Por exemplo se nós quisermos fazer alguma coisa estão sempre disponíveis. Claro que isso reflecte-se no bem - estar do pessoal docente e não docente e dos alunos. Em relação às artes quero frisar que temos um excelente departamento ao nível de troca de experiências. Aprendemos todos uns com os outros”.

(E4) “Somos sete professores de momento. Trabalhamos mesmo em grupo. Se alguém tem uma aprendizagem nova, partilhamo-la. Não quer dizer que estejamos todos de acordo, mas respeitamo-nos uns aos outros. Eu acho condição fundamental. Os alunos sentem isso”.

E5 “Esta escola vive ... um ambiente ... desde sempre sem grandes alterações numa política de incentivo àquilo que são as actividades extra-curriculares ... esse apoio é sempre muito claro e muito consciente e muito preparado.

Nestes discursos, valorizou-se a escola pela política de incentivos que contribui para a realização do conjunto de actividades extra-curriculares desenvolvidas no seio da comunidade e também no interior da escola, num trabalho conjunto entre os órgãos de gestão superior e intermédia.

(E.9). “A relação entre os professores e a gestão é aberta”.

Classifica a relação entre docentes e gestão como aberta, mas aponta casos difíceis existentes no seio da escola. Poder-se-á subentender que o grau das relações entre a gestão e classe imediatamente abaixo não são de total estabilidade. Aponta a comunicação como o factor inferior, senão o mais forte pela negativa ou mesmo o único de fricção entre as relações hierárquicas. Outra lacuna apontada na hierarquia da escola foi a ausência de um Coordenador de Disciplina, ou seja, o elemento chave nas relações entre os professores de cada departamento. Pela argumentação, considera tratar-se de uma lacuna que se fosse colmatada, poderia atenuar ou mesmo resolver questões pedagógicas na sala de aula de alguns professores.

(D11)- Os professores encontram bom ambiente de trabalho, “se não houvesse, não se conseguia fazer um trabalho em condições”.

(E4) “Muito boas! Todas as relações interpessoais a nível da escola são muito boas... temos uma gestão que permite isso ... um Conselho Executivo muitíssimo bom, com competências muitíssimo boas. Ouvem várias partes. Decidem! Há muito bom senso nesta

escola. Sentimos que há uma...Cultura Organizacional, um Conselho Executivo com bom senso.

Estas palavras confirmaram - nos a existência de elos de ligação na rede escolar promovidos pelos órgãos de gestão.

(E4) *“Há muito bom ambiente. Por exemplo... reflecte-se no bem - estar do pessoal docente e não docente e dos alunos. Em relação às artes quero frisar, que temos um excelente departamento ao nível de troca de experiências. Aprendemos todos uns com os outros.... “...há de facto um ambiente bom entre os professores e os funcionários... e até com os alunos também”.*

(D10) *“...O ambiente é fundamental para o bom funcionamento da escola”. “Trabalhamos mesmo em grupo. Se alguém tem uma aprendizagem nova, partilhamo-la. Não quer dizer que estejamos todos de acordo, mas respeitamo-nos uns aos outros. Eu acho condição fundamental. Os alunos sentem isso”*

(D11).*“... se não houvesse, não se conseguia fazer um trabalho em condições ... acho que se disponibilizam bastante...Mas penso que podiam se disponibilizar ainda mais. Penso que em outros tempos já se disponibilizaram mais. Mas neste momento com todas as confusões e problemas com o ME desmotivam os professores a se disponibilizarem. Penso que se não fosse esse tipo de problemas vem desmotivar toda a gente”*

Sobre o apoio aos objectivos individuais ninguém nos apontou um único caso de falta de apoio por parte dos colegas do Departamento e sobretudo do Conselho Executivo.

(D11) *“... o fundamental é o apoio dos órgãos executivos e sente-se esse apoio. Sente-se muito esse apoio, no presidente e nos vice-presidentes, ... do presidente acima de tudo”.*

- **Aspectos de situações disciplinares**

(E4) *“... não há problemas disciplinares nesta escola... há um bom relacionamento”*

Relativamente aos aspectos de indisciplina, apenas observámos um único apontamento **(D12)**: *“...eles não trazem hábitos, pura e simplesmente porque hoje facilita-se a vida demasiado. E isso começa em casa. Se não se impõem regras às crianças...”*

“...como diz, Daniel Sampaio: Haveria de dizer, não, mas diz-se sempre sim. Porque o não é mais difícil, de facto. Dá-nos mais problemas. E se se vai dizendo sempre sim às crianças, quando elas chegam a esta idade para além de serem profundamente irresponsáveis, pelo menos, não estou a falar de todos no geral, são irresponsáveis e imaturos em relação àquilo que podiam ser as atitudes numa sala de aula.

“...estes rapazes e estas raparigas, há aqui duas facetas deles, em que eles são imaturos mas já têm comportamentos de adulto, e depois os outros comportamentos, todos em que alguns chegam a raiar aquilo que será a infantilidade de uma escola básica”.

Esta professora que também é mãe, não aponta qualquer situação grave de indisciplina, mas sim de alguma infantilidade por parte de alguns dos seus alunos. Por exemplo, alunos do 10º ano que pelas 8h00 já jogam futebol nos telemóveis.

Aponta deficiências no seio familiar, responsabilizando os pais pelo comportamento dos seus filhos, aceitáveis ao nível do ensino básico e não do Ensino Secundário.

Esta exposição no entanto não retira qualquer credibilidade às outras opiniões sobre a ausência de casos de indisciplina no seio escolar.

- **Cooperação internacional e local**

A ESGP tem integrado o programa *Sócrates/Comenius* que consiste no intercâmbio cultural entre Escolas ao nível europeu. Pretende promover a troca de experiências e de contextos escolares.

Pretendemos saber quais as mais-valias dessa cooperação, na óptica dos entrevistados.

(D10) *“...temos, ... o director da escola, e a coordenadora do meu Departamento e outros professores foram...há resultados... e há trocas”.*

(D11) *“Fiz um mês e meio do programa de formação Comenius / Sócrates na Dinamarca (...) Uma das minhas colegas já foi 3 vezes lá fora(...)conheci lá uma ‘miúda’ turca...que estava também no programa Comenius, ... penso que é excelente as pessoas trocarem impressões, mesmo os miúdos verem outras escolas, outras culturas e abrirem um pouco os horizontes... é mais no âmbito de intercâmbio cultural e conhecer as outras culturas na Europa, conhecer outros países. É mais isso. É mais dirigido aos alunos e para os professores conhecerem outros contextos escolares...”*

Achamos ser enriquecedor para as trocas de experiências escolares e sociais entre os adolescentes. Porém, concluímos que enquanto alguns elementos beneficiaram com mais do que uma ida ao estrangeiro, outros não têm um verdadeiro conhecimento dos programas de intercâmbio europeus.

- **As relações entre a ESGP, a comunidade e o poder local**

“... é ...uma escola que está sempre disponível para colaborar connosco... os alunos dos Heróis do Ultramar almoçam todos os dias numa escola ... que nem sequer é do Agrupamento.

(D13) *“Os alunos do Temporal têm participado activamente...no mês do idoso, no ano transacto, eles colaboraram nas iniciativas e na recepção aos idosos, nos espectáculos. Eles, não só acompanharam os idosos para sentarem, animando-os. Têm sido encontros inter-geracionais ... dentro das Áreas das Artes que é um pólo importante em termos de*

participação. A amostra dos trabalhos feitos pelos alunos, até são vendidos na própria Câmara ... nós apoiamos naquilo que houver necessidade...”.

- **Avaliação da organização e da gestão**

A ESGP está considerada como uma das melhores escolas do Alentejo, segundo o Ranking de 2007; durante vários anos manteve um quadro de pessoal docente e não docente estável 95% (E1), estando os restantes na situação de professores do Quadro de Zona Pedagógica e em profissionalização. Observámos a presença de docentes do género feminino e masculino, sem grande disparidade entre os números dos géneros, incluindo um significativo número de profissionais de aparência bastante jovem, exemplo do interveniente (D11) efectivo nesta escola com apenas 6 anos de serviço.

E.9 *“Tem sido ...a melhor escola do Alentejo...está bem cotada...tem mais alunos que as outras duas...consegue conviver bem com essas duas vias distintas (profissional e acesso ao ensino superior)...”.*

Este entrevistado defendeu a qualidade da escola, referindo-a como a melhor do Alentejo, adiantando que é uma escola com um modelo pluricultural e com uma oferta diversificada, o que lhe permite formar alunos para o mercado de trabalho e para o acesso ao ensino superior.

- **Gestão Pedagógica / Disponibilidade**

Pretende-se saber qual é a disponibilidade dos professores para que os resultados apareçam.

(D11) - *“Acho que se disponibilizam bastante...Mas penso que se podiam disponibilizar ainda mais. Penso que em outros tempos já se disponibilizaram mais; mas neste momento...todas as confusões e problemas com o ME (Ministério da Educação) desmotivam os professores a se disponibilizarem...esse tipo de problemas vem desmotivar toda a gente...”.*

(E5) *“Esta escola vive ... um ambiente ... desde sempre sem grandes alterações numa política de incentivo àquilo que são as actividades extra-curriculares ... esse apoio é sempre muito claro e muito consciente e muito preparado. Muito preparado. ... a postura deste órgão de gestão ... é de facto decisivo... evidente, é preciso que a escola também corresponda. E ela corresponde. E depois os outros órgãos são também, ...estou a falar do Conselho Pedagógico, ... dos Departamentos. Não bastaria que fosse só da vontade do Conselho Executivo para que as coisas acontecessem, como é evidente.”*

- **Gestão, Democraticidade e Cultura Organizacional**

(E4) *“...um Conselho Executivo muitíssimo bom, com competências muitíssimo boas, ouvem várias partes, decidem! Há muito bom senso nesta escola. Sentimos que há uma...Cultura Organizacional, ...há normas, ... democracia a partir do diálogo. Sente-se!”*

(E8). *“vejo-a com bons olhos (à gestão) e penso que faz um bom papel...gosto do esquema de gestão...uma gestão muito aberta e participada”*

Preferiu omitir-nos a avaliação qualitativa dos aspectos da Cultura Organizacional da escola, porém classificou-a como democrática e promotora das boas relações no seio da comunidade escolar.

(E9) *“...a gestão é participada pelos serviços dos Departamentos e dos professores”*

Faz referência ao facto da gestão ser uma gestão participada pelos serviços dos Departamentos. Assim, estamos perante uma gestão não centrada, em que ocorre a delegação de funções.

(D10). *“é uma gestão boa, é evidente. Isso contribui, isso contribui...!”*

(D11) - *“Há sempre aspectos a melhorar...”*

Relativamente à Gestão da ESGP classificou-a como democrática e promotora das boas relações no seio da comunidade escolar. No entanto, preferiu omitir-nos a avaliação qualitativa dos aspectos da Cultura Organizacional da escola.

- **Democraticidade**

(E8). *“é uma gestão democrática”*

(D10) *“...uma Gestão Democrática,..muitas coisas são decididas a nível do Conselho Pedagógico e a nível dos Departamentos também se discutem os problemas da escola, ...a nível dos Conselhos de Turma... e Pedagógico! Neste momento de mudanças as coisas estão a ser discutidas também”*

(E4) *“Há normas, ... democracia a partir do diálogo. Sente-se!”*

(E8). *“Existem alguns problemas relativos à circulação da informação.”*

(E9). *“há insuficiências, por exemplo, ao nível da comunicação interna...nem sempre as coisas funcionam da melhor forma, muitas vezes por uma ausência de comunicação, uma comunicação menos boa...”*

Pelo número de afirmações positiva feitas, concluímos que há uma gestão flexível e democrática.

Os únicos bloqueios que nos foram apontados verificam-se ao nível da comunicação entre os órgãos de gestão e os docentes, e não propriamente das relações.

- **Gestão Financeira**

Relativamente ao pessoal da empresa de Serviços de Limpeza contratada, estamos em crer que essa opção terá sido encontrada no sentido de se reduzir as despesas com o aumento de pessoal interno já que a escola como uma empresa tem que saber gerir os recursos financeiros dando cumprimento às suas obrigações. Os Cursos de Artes Visuais não são abrangidos pelos Fundos Europeus, a razão do não enquadramento à semelhança dos outros cursos gerais do Científico -Humanístico, não nos foram justificados. Podemos concluir por ser considerado um curso de valor artístico de menor importância relativamente aos outros.

- **Gestão em contexto de mudança**

(E5) *“O que eu concordo é que acima de tudo haja uma discussão à volta da nova gestão sobre as escolas que haja uma ponderação muito séria, que haja uma ponderação séria e se calhar feita por pessoas e não por políticos que estão de passagem pelo Ministério que estão ali 4 anos ... e que passam muito ao de leve por cima destas coisas, cuja preocupação, é uma preocupação política que tem a ver com outras coisas (...) que podem não ter a ver com a qualidade, com o dia-a-dia... podem ter a ver com outras motivações. Não pode ser de carácter eleitoral, de carácter imediato, e de serviço a um partido, a outro e a outro ... A escola tem que passar muito longe disso tudo. Depois a escola tem que ser pensada pelos técnicos que a vivem, que a conhecem, por aqueles que a estudam e investigam sobre ela”.*

(D11) *“...diz-se que em equipa que ganha não se mexe... faz bem mudar as coisas para ter outra perspectiva de mudanças, novas ideias, novas perspectivas faz bem. Até porque as pessoas quando ficam muito tempo no mesmo cargo, acabam por muitas vezes se acomodar e deixar de trabalhar com muita intensidade. Pelo que eu sei aqui nesta escola, ao longo dos anos tem sido o mesmo presidente mas os vice-presidentes têm mudado, ... tem sido uma escola, onde as coisas têm sido muito mexidas ao longo dos anos”.*

Estas declarações expressam o momento que as escolas vivem, numa altura em que se está a preparar a transição para a implementação da nova legislação publicada no Diário da República.

- **O Projecto Educativo, Plano Anual de Actividades e Actividades Extracurriculares**

Guilherme d'Oliveira, na Revista Escolhas da edição de Novembro de 2007, defende que a integração das actividades artísticas no Projecto Educativo promovem melhores resultados nas disciplinas tradicionais e maior sucesso para a escola como um todo.

Este autor também defende a perspectiva da arte como elemento de integração social pela ligação entre artistas e professores quando estas se enquadram no projecto educativo das escolas e no âmbito curricular.

Depois de termos visto o conjunto de actividades desenvolvidas ao longo do ano lectivo e principalmente as que foram levadas a efeito no exterior da escola, concluímos que o Plano Anual de Actividades, que consta do Projecto Educativo da ESGP teve neste ano da nossa investigação, um elevado número de trabalhos de grande qualidade.

Segundo a nossa observação e a análise da (D13), temos que concluir que o Projecto Educativo da ESGP foi cumprido, quer ao nível da Área de Projecto das Artes Visuais, quer pelas várias exposições no Polivalente da escola (das turmas dos três anos deste curso), e ainda 'As actividades de Final de Ano Lectivo' decorridas no Palácio D. Manuel, intituladas 'Montra Jovem 2008'; estas decorreram do envolvimento conjunto das escolas Secundárias desta cidade, e contaram com a colaboração da autarquia de Évora. Isto comprova a inovação e valorização das actividades desenvolvidas e apresentadas pelos alunos à comunidade escolar e a todos os que se deslocaram ao Palácio D. Manuel durante dois dias.

(D13) “É bastante positivo ... foi a primeira vez ... estamos a verificar os pais, avós, irmãos... aqui para ver os trabalhos feitos pelos seus filhos, ... é muito importante ... a Câmara deu este repto que nós resolvemos assumir. Parece-nos uma iniciativa a valorizar não só por parte da Câmara mas ... por parte das entidades. Era aqui que se podia, pôr um triângulo entre o Ministério de Educação, as Escolas, ... (os professores de Área de Projecto), a autarquia e o resto da comunidade. Também cá têm estado pessoas de fora...era bom que os alunos mostrassem, aquilo que são capazes.... o seu olho crítico em relação a sociedade em geral. A Câmara está de facto a fazer o seu trabalho, enquanto cidade educadora, ...

No âmbito das 'Actividades Extra - Curriculares' acompanhámos ainda as pinturas de Humanização da Unidade Familiar do Hospital do Patrocínio.

- **O Serviço de Psicologia e Orientação Escolar**

(E4)“... a psicóloga da escola ... tem feito um trabalho excepcional ... orienta os nossos alunos o melhor possível, porque eles começam a ver uma estrada sem saída. Tem que existir ... caminhos, procurando responder aos interesses e necessidades destes alunos”.

Embora a visibilidade do SPOE se verifique fundamentalmente no período de preparação da “Semana de Divulgação da Oferta Formativa” da ESGP, o seu dinamismo é revelado ao longo do ano através da coordenação dos serviços do GAS (Gabinete de Apoio e Sexualidade) e ainda pelas solicitações relativas às Necessidades de Educação Especial e ao apoio aos casos de dificuldades de aprendizagens e de mudanças de cursos.

O SPO Educativo é aqui trazido porque no entender de todos, a sua contribuição é elevada para o sucesso dos alunos, nomeadamente os que, ao mudarem de área de estudo, vêem os seus resultados melhorar e concluem os cursos com médias capazes para prosseguirem os estudos.

Refira-se que, segundo o entrevistado E1, não se verificam mudanças a nível dos alunos das artes mas sim de alunos de outros cursos a transitarem para as artes,

A ausência de um estúdio de fotografia (negativo) activo e outro destinado a realização de trabalhos de TV na disciplina de Multimédia, foram um dos pontos fracos a nível das Artes Visuais já que segundo o professor de Multimédia da ESGP, todo o resto é possível de executar com meios quase domésticos.

- **Monitorização, os rankings, os resultados e inovação**

A monitorização efectuada pela ESGP, no momento do nosso trabalho, consistia numa análise crítica da avaliação dos resultados da actividade desenvolvida pela escola, no final de cada ano lectivo, levada a efeito junto dos órgãos internos da escola.

Embora se verifique a inexistência de um plano estruturado de auto-avaliação do desempenho da ESGP e de medidas para fazer face a eventuais fragilidades, houve, no entanto, acções que visaram a melhoria dos resultados dos alunos, nomeadamente ao nível da Matemática do 10º ano, bem como um reforço da informação interna.

Assim, a nível dos alunos das artes visuais, sabemos apenas que fazem parte dos 85% de alunos da ESGP que ingressam no Ensino superior; no entanto, não sabemos quais os êxitos e desvios da sua trajectória ao longo dos seus cursos.

Por outro lado, também não existe qualquer informação sobre a situação profissional dos jovens que não completaram os seus cursos, de Artes Visuais em particular, qual a situação laboral dos que não prosseguiram os estudos, e qual a empregabilidade dos que concluíram ou ainda quais as dificuldades sentidas no percurso dos seus estudos universitários, para que a

ESGP possa fazer ajustes na aplicação dos programas, no sentido dos seus alunos não só terem acesso, mas também corresponderem às exigências desse nível de ensino.

As respostas a estas questões serão certamente encontradas com o processo de monitorização a ser implementado em breve.

Esta medida poderá constituir uma mais-valia para o ensino em geral, pois prevê uma responsabilização e empenho por parte das escolas na progressão dos seus alunos para o nível seguinte. Por exemplo, é suposto que o 1º ciclo se responsabilize pela qualidade dos conhecimentos dos alunos que envia para o 2º ciclo, e assim sucessivamente. Refira-se que o que tem ocorrido até ao momento, tem sido atribuir aos níveis anteriores a deficiente formação quando os alunos não correspondem aos níveis de competência que lhes são exigidos.

Como referimos, esta monitorização destina-se a colmatar lacunas, devendo as escolas proceder aos ajustes necessários a nível das práticas pedagógicas. No entanto, esta questão remete-nos para uma outra problemática que, embora não se verifique ao nível da ESGP, dada a estabilidade do seu corpo docente, verifica-se em muitas outras escolas, e que tem a ver com a mobilidade dos professores.

Acreditamos que a ESGP possa consolidar ainda mais os seus resultados quando implementar essa monitorização. Dessa forma poderá fazer ajustes nas suas práticas pedagógicas com vista a atingir melhores resultados escolares dos seus alunos.

(E1) “ *Estamos a fazê-lo a partir de agora...arranjar uma solução para saber daqueles que terminam e dos que não terminam*”.

Relativamente aos rankings, transcrevemos um excerto respeitante à ESGP, que refere que:

A Escola Secundária Gabriel Pereira apresentou este ano a melhor média de entre as três escolas de Évora na primeira fase dos exames nacionais do 12º ano, alcançando o 66º lugar no ranking nacional, de entre 592 escolas analisadas. De acordo com os resultados disponibilizados pelo Ministério da Educação, os 752 exames realizados na Escola Secundária Gabriel Pereira apresentaram uma média de 12,167 valores (escala 0-20)...Feitas as contas, um aluno que ao longo do ano obtenha uma média de 12 valores na avaliação contínua apenas na Gabriel Pereira poderá antever sair do exame nacional com nota positiva...”.

(D11) “... *também sei que o ranking na realidade da maneira como é feito pelos jornais é muito simples de fazer aquele ranking não quer dizer muito*”

Segundo apreendemos, os resultados das estatísticas podem não reflectir todos os aspectos do trabalho realizado pelas escolas, neste caso pela ESGP, como podemos constatar na observação deste professor, ao desvalorizar o ranking.

No que concerne aos resultados dos alunos e à sua relação com o modelo de gestão da ESGP, obtivemos as seguintes respostas:

(D10) *“Os resultados em relação à média nacional são satisfatórios ... desde que haja um bom relacionamento...simplicidade na resolução das tarefas, ou seja desde que as pessoas se entre - ajudem, ...os resultados acabam sempre por aparecer”.*

“Dependem ... do esforço dos próprios alunos, ... e do trabalho dos professores, ... da direcção de escola, ... do próprio Departamento e da motivação também. Se os resultados são bons, melhores serão porque eles estão motivados. A pessoa sente-se satisfeita”.

Em relação à influência dos órgãos de gestão nos resultados dos alunos disse:

(D10)*“Têm, têm. Também têm. Bastante! A escola, a escola é muito activa. Há sempre actividades. Há-de ver coisas penduradas, poemas e tudo, ... Há muita actividade na escola. Há um interesse cultural. E isso ... também puxa os alunos. Pelos professores e pelos alunos”.*

(D11) *“... não é só a boa gestão escolar que influencia os bons resultados dos alunos...Mas penso que talvez não seja tanto pela organização da escola em si, mas talvez pelo quadro de professores, que é já bastante experiente penso que seja mais por aí...Penso que seja mais por aí, pelo quadro de professores*

Este entrevistado dá mais ênfase ao quadro de professores, que considera bastante experientes, do que à Organização da Escola.

(E1) *Os do Científico Humanístico têm entrado na sua primeira escolha...entraram 85% dos alunos”.*

(E5)*“Não podemos dissociar o que tem sido os bons resultados em todos os aspectos. Quer em termos científicos, quer em termos de trabalho escolar, ... que são as produções e as relações da escola hoje com o meio, com o poder local e... Tudo passa evidentemente pelo professor (presidente do Conselho Executivo)”.*

De forma clara, assume que o sucesso escolar, a todos os níveis, é influenciado pelo presidente do conselho executivo.

Relativamente às Artes Visuais, ficámos a saber que os alunos concluem com sucesso o curso nesta escola, e que fazem parte dos 85% dos que entram no ensino superior.

Seria interessante sabermos quantos entraram na sua 1ª opção, qual a percentagem de alunos que conclui efectivamente os seus cursos superiores, etc.; no entanto, como já foi referido, a ESGP não procede à monitorização dos seus alunos, o que nos impede de obter estas informações.

Acrescente-se que a monitorização traria benefícios significativos, pois com a identificação das lacunas presentes ao nível do ensino superior, poderia proceder-se aos ajustes necessários ao nível pedagógico do ensino secundário.

Ao nível da inovação, destacamos a parceria estabelecida pela ESGP com a Academia Aeronáutica de Évora, através da abertura do Curso Técnico de Manutenção de Aeronaves. Refira-se que esta iniciativa ... *não é, ... uma especialização de Évora, mas ... da Europa. Sabemos que há um défice...*”, como nos referiu o Presidente do Conselho Executivo.

Esta especialização é única, ao nível das escolas secundárias da região;

Nesta área, os alunos têm a componente teórica na ESGP, e a componente prática nas instalações da Academia.

Destacamos ainda como inovador o trabalho desenvolvido pela ESGP, aquando da promoção da Semana da Gabriel Pereira, efectuada pelo SPOE junto dos estudantes do EB 2,3, dando a conhecer a ESGP e a sua oferta formativa e garantindo-lhes posterior acompanhamento, ao nível do secundário.

Portugal faz parte do Conselho Europeu e na condição de membro deve levar a efeito a recomendação do Parlamento Europeu, em Novembro de 2000, que consiste, entre outros objectivos, na avaliação da qualidade do Ensino Básico e Secundário. Recomendou ainda a identificação e divulgação de boas práticas, como indicadores e critérios de aferição no domínio da avaliação e da qualidade da sua Educação.

Assim sendo, estamos em crer que estamos diante de um estabelecimento de ensino que deve dar a conhecer, num acto de partilha, as estratégias aplicadas quer na Gestão Organizacional, quer na orientação das Práticas Pedagógicas, cujo conjunto tem conduzido aos bons resultados escolares e à satisfação das famílias, conforme os rankings e a classificação da Avaliação Externa da Inspeção Geral de Educação ocorrida recentemente.

Recordamos que o nosso trabalho de campo decorreu num período de grande atribulação ao nível das políticas educativas, não tendo os elementos contactados deixado de manifestar os seus sentimentos relativamente a este contexto de mudança. Julgamos, no entanto, ter sabido contornar as situações que se nos depararam, de forma a não nos afastarmos da questão fulcral desta pesquisa que impunha a elaboração de um diagnóstico válido/credível dos aspectos essenciais à consecução do nosso objectivo geral, ou seja, saber em que medida a gestão da ESGP influenciava os resultados escolares dos alunos das Artes Visuais, mediante a criação de condições propiciadoras das melhores práticas pedagógicas.

Saber ainda quais as perspectivas futuras diante da requalificação do espaço para a promoção de um ensino qualitativo, que responda às solicitações do século do mundo digital.

Confirmámos os seguintes aspectos ‘da vida’ da ESGP:

- O agrado geral dos alunos pelo ingresso nesta escola;
- As boas relações com o Poder Local, confirmadas junto da responsável pela pasta da Educação na edilidade de Évora;
- As contribuições da internacionalização entre escolas;
- E sobretudo o dinamismo que se traduziu numa série de iniciativas internas e externas que observámos ao longo de dois períodos lectivos, no ano 2007/08.

Consideramos que são argumentos sólidos que conduzem ao sucesso, patenteado na percentagem de alunos que conclui os seus cursos, cerca de 85 %, entrando no Ensino Superior.

Visto que o nosso estudo se realizou numa região do país, o Alentejo, em busca de políticas de desenvolvimento sustentado, pode essa necessidade ser sustentada com a vinda de alunos candidatos ao ensino artístico e técnico profissional de outras localidades. Depois de termos acompanhado um professor da ESGP e alunos e professores de outras escolas, na ‘Semana de Divulgação da Oferta Formativa’ à Academia de Aeronáutica de Évora, confirmámos que a ESGP é pioneira (a nível nacional) na criação de um Curso de Mecânica de Aviões, no Ensino Secundário, em parceria com outra entidade internacional.

Verificámos que os alunos da ESGP residentes fora da cidade têm encontrado apoio na Residência de Estudantes.

As acessibilidades para este estabelecimento escolar também são uma realidade, o que facilita as deslocções de todos os intervenientes ligados à ESGP. E algumas autarquias dos arredores, que reúnem um número significativo de alunos da sua localidade disponibilizam-se a colaborar no transporte às segundas-feiras e às sextas-feiras, julgamos nós ser este mais um incentivo para que a sua população não se prive de frequentar o curso do qual julga ter vocação, ou pretender frequentar.

Estamos em crer que a requalificação do espaço físico da ESGP, poderá reforçar ainda mais a apetência dos jovens para a frequência da sua vasta e diversificada oferta formativa.

Não podemos deixar de ressaltar as inúmeras iniciativas do Serviço de Psicologia e Orientação, das quais destacamos a Divulgação da Oferta Formativa, que consideramos uma das melhores práticas consolidadas junto das Escolas do Ensino Básico da região.

Foram muitas as observações ligadas às actividades curriculares e extra - curriculares que implicaram uma análise cuidada para as traduzir no nosso trabalho, nomeadamente as medidas adoptadas pelo modelo organizacional instituído.

Perante tantas evidências podemos dizer que estamos perante uma nova realidade da Educação em Portugal, quer pela análise do Clima Organizacional verificado, quer pela abrangência de um conjunto de questões do âmbito pedagógico (a nível dos resultados escolares), quer pelo bom ambiente de trabalho e de relacionamento que é partilhado entre a comunidade escolar. Neste grupo estão incluídos os pais e Encarregados de Educação, que respondem unicamente e com prontidão às solicitações dos Directores de Turma, como elemento de ligação entre a escola – o meio – e a família. Ao contrário da Associação de Estudantes que tem ‘voz’, cumprindo o seu papel na representação da Assembleia de Escola.

A professora de Filosofia (E12) falou-nos da ética na ESGP., que se traduz na partilha de uma conduta deontológica, em que os pares pedagógicos cooperam e se respeitam mutuamente. Esta foi uma afirmação corroborada pela Coordenadora do Departamento das Artes Visuais, que nos fez concluir que a partilha da informação e dos conhecimentos pedagógicos a nível da área das artes são uma constante, assim como o respeito e amizade no seio do departamento, onde as pessoas se conhecem há mais de 20 anos.

Este é mais um facto que se deve atribuir ao líder da gestão deste estabelecimento de ensino, que bem entendeu as vantagens da permanência dos profissionais do quadro docente e não docente. Concluímos assim a concretização dos nossos objectivos gerais e específicos apesar de algumas situações que se nos depararam, nomeadamente:

Nas pesquisas bibliográficas e na Web, não termos encontrado qualquer tese sobre Gestão Escolar de Ensino Artístico; termos visto encurtado o nosso tempo de trabalho de campo, em virtude da ESGP ter sido convidada para uma Avaliação Externa a cargo da Inspeção Geral de Educação, pelo que aguardámos a melhor ocasião para a nossa intervenção; O facto das escolas estarem a preparar os instrumentos de Avaliação de Desempenho dos Professores, sentimos tratar-se de um momento pouco propício; Outro factor teve a ver com o estudo do processo da transição do actual modelo para o novo modelo directivo a que as escolas serão submetidas. O nosso desempenho acabou por decorrer conforme previsto, durante o ano lectivo 2007/08. Contudo, embora não tenhamos direccionado as nossas questões para o âmbito das mudanças em curso ao nível da avaliação de desempenho dos professores, não podemos deixar de fazer referência a essa informação que vinha, frequentemente, ao nosso encontro, aquando das entrevistas.

Cumpre-nos ainda fazer uma especial referência à total disponibilidade do Conselho Executivo e de alguns professores; e dizemos alguns, porque houve professores que, dado o momento acima referido, manifestaram alguma desconfiança.

Por outro lado, o facto de algumas pessoas já terem sido entrevistadas no âmbito da Avaliação Externa, facilitou o nosso trabalho, pois responderam com clareza e muita vivacidade às questões colocadas.

Finalmente não queremos deixar de referir que apesar do gosto pela comunicação verbal oral e escrita e a experiência obtida na parte curricular deste mestrado em Administração Escolar, foram sentidas dificuldades, devido à pouca experiência na execução de trabalhos de carácter científico.

Esta pesquisa contribui assim para a ampliação de conhecimentos e superação de algumas

Pretende-se, com este trabalho, abrir um caminho possível para outras investigações, especialmente ao nível da gestão e das artes.

Com este trabalho, pensamos estar a dar a conhecer uma escola *sui generis*, em que a forma como convivem as artes e as áreas profissionais, lhe confere pleno direito para ser vista como uma referência, não só regional, como nacional.

Perante a observação das Práticas Organizacionais e Pedagógicas da ESGP, referidas ao longo do trabalho, concluímos que estas deverão constituir-se referências de processos de conduta e de boas práticas escolares.

Como referido anteriormente, as orientações europeias defendem a divulgação de boas práticas educativas. Porque estamos cientes de que a Educação também se desenvolve através de trocas e parcerias, acreditamos que este trabalho cumpre o objectivo de dar a conhecer um excelente modelo, que poderá constituir uma mais-valia importante para outras escolas.

Pelo muito que foi dito pelos intervenientes, pessoas com longo conhecimento das políticas educativas e desta escola em particular, julgamos que não se pode dissociar o sucesso desta escola dos seus órgãos de gestão, e especialmente, do presidente do conselho executivo, que soube associar os valores humanos aos valores da ciência, da tecnologia e das artes, em benefício da realidade da escola.

Quadro das Análises dos Discursos das Entrevistas

Gestão Aspectos Gerais	Gestão Pontos fortes	Gestão Pontos fracos	Ambiente e Relações humanas	Democraticidade Cultura	Outras	As Artes	Inovação	Resultados escolares	Necessidades; Falta de condições; Requalificação;
	1.4.14	1.2.5 1.6.19	1.6.20			1.6.17	1.3.13	1.1.4	1.5.16
	1.3.13	2.3.10	2.5.27 2.6.28				2.4.20 2.4.23 2.6.30 2.6.32	2.2.6/2.3.16	2.5.23
	2.4.21 2.4.23						3.3.7 3.4.9 3.6.13 3.7.14		3.2.6
		4.1.4 4.7.21 4.7.20	4.3.8 4.6.17 4.6.18	4.6.17 4.8.23			4.1.1/ 4.1.2 4.2.7 4.3.8 4.5.13 4.7.21	4.2.7	4.1.3 4.5.16 4.6.18 4.1.4
	4.4.9	5.2.6	5.2.6	5.1.2 5.2.5 5.2.7 5.1.4	5.3.10		5.4.13 5.1.3 5.3.9 5.4.11	5.1.4	5.3.9
	5.2.6				6.5.7		6.1.1 6.3.4	6.	
					7.3.11 7.3.12 7.3.15		7.5.18	7.2.7/ 7.2.8 7.2.9	7.2.6
	8.1.1 8.1.2 8.4.8			8.2.3 8.2.5				8.4.10	
	9.1.3 9.1.20 9.4.3	9.1.22 9.2.5 9.3.7 9.4.4 9.4.7	9.1.3 9.2.21 9.6.2	9.3.1 9.4.4 9.1.20	9.2.3 9.2.5 9.2.7			9.1.21 9.4.3	9.5.4

Quadro Nº 21 Número de citações por questões referenciadas

5. 2 O CURSO DE ARTES VISUAIS DA ESGP

(E1) *“O curso mais escolhido, é o de Artes Visuais...”*

- **Saídas Profissionais para os alunos que ingressam no Ensino Superior**

Finalmente apresentamos as nossas considerações finais sobre o estudo obtido, e o nosso ponto de vista relativamente a aspectos da Área das Artes Visuais

Actualmente, os alunos de Artes Visuais têm as seguintes saídas profissionais ao nível do Ensino superior: Arquitectura, Paisagista, de Interiores, de Gestão Urbanista, do Planeamento Urbano e Territorial e Arquitectura de Design; Design: de Comunicação, de Desenvolvimento do Produto, de Multimédia, de Moda, Gráfico, de Interiores e Equipamento, Industrial, e Design de Moda e Têxtil; Artes Plásticas, (Pintura e Escultura); Artes Visuais, Artes Decorativas, Artes e Multimédia, Artes e Design, Artes da Imagem e Artes do Espectáculo; Animação Sociocultural, Animação Cultural e Animação e Produção Artística. Como referimos, são estas as saídas profissionais, para os alunos que ingressam no Ensino superior.

- **Saídas Profissionais para os alunos que não ingressam no Ensino Superior**

Esta é uma questão pertinente, para a qual não conseguimos encontrar resposta. De facto, não temos conhecimento da existência de saídas profissionais da área artística para os alunos que concluem os cursos de artes visuais da ESGP.

Assim, propomo-nos fazer uma breve reflexão sobre as vantagens de uma possível equiparação do curso das artes visuais aos cursos profissionais.

Sendo certo que a *expansão dos cursos profissionais tem contribuído para o aumento do número de alunos no ensino secundário, nos dois últimos anos lectivos, sendo de assinalar a redução da taxa de retenção, neste nível de ensino, de trinta e dois para vinte e cinco por cento*, conforme notícia veiculada pelo Boletim dos professores, nº 10, de Abril de 2008, Ed. ME, defendemos que dotar os cursos de artes visuais, de um cariz profissional, diplomando os seus alunos, constituiria uma saída para integrar no mercado de trabalho todos os que não pretendessem ou não pudessem seguir o ensino Superior.

Esta medida apresenta-se, quanto a nós, como uma solução que beneficiaria tanto o mercado de trabalho, como os alunos e famílias, cujo esforço no sentido de educarem os seus jovens, seria compensado, uma vez que ao fim dos três anos de formação, os seus educandos estariam creditados para exercer uma profissão, dentro da sua área de vocação.

Sabemos também que a lei exige que a escola assegure aos alunos dos cursos profissionais, os respectivos estágios. Neste sentido, parece-nos perfeitamente plausível que o mesmo se faça relativamente aos cursos de Artes visuais.

Entenda-se que não se trata de discordarmos do facto do curso das Artes visuais, fazerem parte da área Científica Humanística; o que se defende aqui, é uma maior

abrangência e flexibilidade dos currículos, ajustando-se os mesmos, com vista à valorização e dignificação do ensino artístico, a um nível intermédio.

Insistimos neste ponto por nos parecer importante equiparar os dois tipos de ensino, proporcionando aos alunos das artes as mesmas oportunidades, nomeadamente ao nível de estágios e de integração em projectos de cooperação apoiados por fundos europeus. Este é um aspecto que a ESGP, enquanto referência regional, poderá reivindicar junto da tutela, alargando ainda mais o seu quadro de oferta e serviço à comunidade.

Afinal, se os seus alunos conseguem ter acesso ao ensino superior é porque adquiriram competências para tal. Então, porque não credenciá-las ao nível do 12º Ano, conferindo a essas pessoas legitimidade para exercerem uma profissão?

Assumimos que não detemos um conhecimento exaustivo do mercado de trabalho ao nível da região, até porque não era esse o âmbito do nosso trabalho; no entanto, sabemos que Évora e a região Alentejo, têm um vasto património ao nível do artesanato e do turismo, por exemplo. Assim, dar uma formação intermédia como temos vindo a referir, parece-nos constituir uma mais-valia. Os alunos sairiam capacitados para se estabelecerem por conta própria dentro da sua área de formação, por exemplo integrando pequenas empresas de artes gráficas, publicidade, tipografias, design de azulejo, decoração, teatro de marionetas, artesanato, azulejaria, artes performativas, clubes de leitura, etc., ou exercendo funções como monitores do ensino artístico não formal, (crianças, jovens e adultos). Veja-se a este nível, o caso dos projectos culturais promovidos pelo Centro Nacional de Cultura²⁵, em que a Arte, conforme refere o presidente dessa Associação, Guilherme d' Oliveira Martins, é defendida como um factor de inclusão e um estímulo muito forte para a valorização das escolas e para a ligação entre a escola e a comunidade, (Escolhas, 2007:9-11). Note-se que projectos deste tipo, normalmente prevêem uma formação complementar em exercício, visando direccionar o profissional para a sua função como monitor. Neste sentido, parece-nos constituir uma saída profissional digna para a aplicação das competências adquiridas no curso científico de artes visuais, pelos jovens do ensino secundário, ao invés de serem empurrados para outras profissões, que os afastam irremediavelmente, muitas vezes, da sua vocação artística.

Assim, embora este trabalho se tenha debruçado sobre a *Realidade Organizacional e Pedagógica da Educação Artística no Ensino Formal*, permitimo-nos também defender a aprendizagem de âmbito não formal, por considerarmos que se complementam, visando ambos educar pela Arte.

²⁵ <http://www.cnc.pt/Artigo.aspx?Cod=APRESENTACAO>

Finalmente, defendemos aqui a coesão de um ensino artístico de nível secundário, apoiado e orientado pelo Estado, que deverá contemplar o envolvimento de profissionais com conhecimento da realidade no terreno.

- **Qual a Educação Artística que o nosso sistema de ensino formal oferece?**

A Política Educativa apenas oferece Ensino Artístico ao nível do Básico 1, em que a Expressão Plástica foi retirada das áreas de enriquecimento curricular, quando esta tem tanta importância, quanto a Educação Musical e Educação Física. Ao nível do Básico 2, temos a Educação Visual e Tecnológica, Educação Física e Educação Musical, ao nível Básico 3, Educação Visual e Educação Tecnológica, sendo esta uma disciplina optativa.

Relativamente à ESGP, não podemos falar em Educação Artística, por duas ordens de razão; por um lado, porque se centra no Curso de Artes Visuais; por outro lado, porque disciplinas como Educação Musical e Expressão Dramática, não fazem parte do mesmo. De notar que a Expressão Dramática que tem lugar na ESGP, ocorre fora do âmbito formal, ou seja, ocorre no espaço da escola, devido à vontade dos ex-alunos de Expressão Dramática, e pela disponibilidade do seu coordenador, mas sem carga curricular, e sem estar contemplada em qualquer curso.

Segundo o Programa curricular, a área curricular (de transmissão dos saberes constituídos) e a Área de Complemento Curricular (espaço de criação e livremente escolhido), jogando interactivamente, deveriam empenhar os corpos docente, discente, auxiliar e administrativo, pais e comunidade, por meio de iniciativas no espaço escolar e no espaço público, em estratégias de permanente renovação, que aderissem às linhas de força emergente da raiz comunitária.

- **A Pedagogia e Organização Curricular do Curso Científico de Artes**

O Curso de Artes Visuais tem disciplinas comuns ao Curso Científico Humanístico de Ciências e Tecnologias, que visam a formação geral do aluno, e disciplinas específicas do Curso de Artes. Destas deverão constar obrigatoriamente uma disciplina trienal, duas bienais e duas anuais, que o aluno deverá escolher consoante o ramo que pretenda seguir. Para além destas, há ainda, no 12º ano, a área de projecto, área curricular não disciplinar, que pretende integrar os saberes e competências desenvolvidos nas várias disciplinares.

Os métodos pedagógicos e as condições físicas do espaço de trabalho, devem estar ajustados às exigências de cada disciplina. Assim, logicamente, a leccionação ao nível do Desenho, da Geometria Descritiva e da Oficina de Artes, exige condições físicas de espaço adaptadas à especificidade das mesmas, nomeadamente estiradores, cavaletes, bancadas, lavatórios, etc., bem assim como salas suficientemente amplas, dado que se trata de disciplinas que implicam uma maior mobilidade dos alunos.

A gestão pedagógica culmina na avaliação dos alunos, baseada em parâmetros pré-estabelecidos e atendendo à especificidade de cada disciplina, que vão desde a avaliação dos conhecimentos teóricos e práticos até aos comportamentos.

Fazemos constar dos anexos, as orientações das disciplinas Desenho ‘A’, Oficina de Artes, Geometria Descritiva, História e Cultura das Artes e Área de Projecto, por nos parecerem ser as mais pertinentes para o presente estudo, sem contudo, deixarmos de fazer referência a alguns aspectos que achamos importantes, relativamente à Oficina de Artes, Geometria Descritiva “A”, Multimédia e Área de Projecto.

- **A Oficina de Artes**

Esta disciplina, em nosso entender, deveria permanecer no currículo como trienal como sucedia nos currículos anteriores e não estar restringida unicamente ao 12º ano. Sendo certo que esta restrição representa um decréscimo de despesas nos orçamentos de escolas que, como a ESGP, tentam participar na aquisição de materiais para o desenvolvimento das actividades curriculares, não é menos certo que tal se reflecte, na mesma medida, num decréscimo de conhecimentos e aprendizagens importantes para a formação do aluno. Assim, discordamos deste aspecto da política educativa, por entendermos que esta medida, ao restringir o tempo de leccionação, se traduz, em última instância, num défice de qualificação.

Luísa Malhó da Cruz, na página 36 da edição nº 7 da revista *Escolhas*, defende que as artes reforçam a capacidade de análise e espírito crítico, desenvolvendo nos indivíduos uma consciência cívica e pluralista, transmitindo simultaneamente todo o capital cultural das sociedades (perpetua usos, costumes, valores e tradições) ao mesmo tempo que proporcionam uma aprendizagem intercultural.

Neste sentido, parece-nos indiscutível a importância da disciplina de Oficina das Artes, como uma das respostas para o desenvolvimento do potencial dos criadores e dos estudantes das Artes Visuais, ao mesmo tempo que desenvolve uma consciência cívica e dissemina os valores culturais de qualquer sociedade.

Além do que nos foi dado a conhecer pela Coordenadora do Departamento das Artes Visuais da ESGP, pudemos observar no espaço onde decorrem as aulas de Oficinas das Artes, que os alunos são orientados para as áreas de exploração, como Pintura, Cerâmica, Escultura, etc., tendo presente o estudo do ambiente e não descurando a política dos 3R (recuperar, reutilizar e reciclar materiais).

O docente da disciplina de Multimédia referiu-nos que a ESGP não dispõe de um estúdio de fotografia (negativo) nem de um estúdio vocacionado para a realização de trabalhos de TV, cujos trabalhos se poderiam realizar com meios quase domésticos.

A disciplina de Multimédia é parte constituinte do mais alto nível do mundo digital, é uma área tecnológica estudada pelos alunos das Artes Visuais e possibilita a realização de inúmeras práticas como a aplicação da fotografia digital, do vídeo digital, da Internet, da Televisão, do Cinema desde que haja o equipamento indispensável. É considerada a principal ferramenta na transferência de projectos concebidos pelos alunos em formato bidimensional para o tridimensional.

Concordamos com Rui Dinis, quando refere que no âmbito das tecnologias, a arte hoje pode deixar de ser uma realidade fechada e passar a ser uma expressão de liberdade, sustentada pela democratização do acesso à arte e à criação artística. Dinis, Rui (Escolhas, Cidanet, 2007:48). Acrescenta ainda que as Novas Tecnologias são hoje um poderoso recurso de desenvolvimento artístico porque torna mais fácil a criação e produção de arte, levadas às mais variadas áreas do desenvolvimento humano, nomeadamente no crescimento estético relativamente às mais diversas expressões artísticas.

(E4) “...a Área de Projecto, é para haver alguma abertura para pôr o aluno a pensar! ...deverá desenvolver nos alunos a sua autonomia, responsabilidade e outras competências importantes”

Esta área de estudo vem ao encontro da teoria de integração curricular defendida por James Beane, no intuito de ser concretizada uma educação democrática. Nesta teoria indica a aplicação da Alta Pedagogia, assente na Planificação Participada pelos alunos, podendo assim toda a turma partilhar e beneficiar dos estudos realizados por todos os grupos.

Desta forma é era visível o trabalho desenvolvido por cada grupo e particularmente de cada elemento dos grupos constituídos. No final, alunos, professores e comunidade escolar não deixavam de revelar o que tinham visto e atribuíam de autêntica aprendizagem, nomeadamente pelo enorme envolvimento dos alunos no estudo de assuntos cujos temas eram baseados em questões pessoais e sociais a nível mundial.

Os alunos realizam os seus estudos utilizando diferentes meios ao seu alcance dentro e fora da escola, recorrendo às metodologias da investigação, cujas abordagens podem ser quantitativas ou qualitativas, de método de estudo de caso, estudos de multicasos ou experimentação no campo, aplicando ainda as técnicas como o inquérito, a observação e a análise documental e os seus instrumentos respectivamente, como a entrevista e o questionário, as grelhas e escalas de atitudes ou ambas, e na análise documental podem fazer a análise de conteúdo. Esses alunos têm total liberdade para revelar criatividade e inovação.

As apresentações dos trabalhos são feitas de forma aberta à turma numa primeira fase de avaliação e alargada, numa segunda fase, sempre que tal seja possível, a todos os interessados. A todo este processo James Beane atribui a designação de pedagogia de qualidade numa gestão democrática. É aqui que incluímos as apresentações dos estudos realizados pelos alunos da ESGP, que observámos no auditório, numa sessão aberta. Posteriormente, com a cooperação da autarquia, foram publicamente apresentados os resultados a todos os familiares presentes, professores, público em geral e responsáveis do Poder Local, neste caso a nossa interveniente E13.

Estas são as considerações a que nos pareceu importante fazer referência, sobre as disciplinas de Geometria Descritiva, Oficina de Artes, Multimédia e Área de Projecto.

• **Da Necessidade da Emergência de um Novo Paradigma para a Educação Artística**

O ensino das artes visuais, assenta actualmente nos modelos de Wassily Kandinsky²⁶, pioneiro do abstraccionismo, Bruno Munari²⁷, um dos expoentes da Arte, Design, Pintura e Poesia do séc. XX, e no Modelo da Bauhaus, que surge da ideia da fusão harmónica entre arte e técnica, como:

(...) uma contrapartida à transformação do artesão em operário industrial, ao fracasso do ensino académico e à degradação da qualidade estética da produção industrial. Pretendia-se a reeducação estética tanto de produtores quanto de consumidores: mercado de arte para a massa. No final da primeira década do século XX, em conformidade com o espírito reformista da educação artística e a revisão do papel social do artista, a escola alemã *Bauhaus* promove a formulação de uma nova síntese para as artes frente às possibilidades técnicas e estéticas advindas da revolução industrial e do modernismo: o *Design*. A *Bauhaus* constitui-se no entroncamento de várias correntes aparentemente contraditórias, e embora sua experiência não tenha sido isolada, foi extremamente original na forma como engendrou, no mesmo ambiente escolar, o ensino artístico teórico com o ensino prático, exercendo forte influência sobre as escolas norte-americanas e, a partir daí, sobre o resto do mundo.²⁸

²⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wassily_Kandinsky; (25/11/2008)

²⁷ http://en.wikipedia.org/wiki/Bruno_Munari; (25/11/2008)

²⁸ <http://www.arquitetura.ufmg.br/ia/disciplina%20e%20legitimidade.html>; (25/11/2008)

Sendo este o modelo vigente no séc. XX, alicerçado no período que se seguiu à Revolução Industrial, como resposta ao modelo académico tradicional, será pertinente questionarmo-nos sobre se o mesmo serve aos conteúdos programáticos da área das artes visuais, nos dias que correm.

De facto, o ritmo vertiginoso das inovações, nomeadamente das tecnológicas, desde o computador ao i-pod, passando pelos telemóveis, cuja função mais básica é a de comunicar, pois rapidamente passou a obsoleto todo o telemóvel que não tira fotografias, filma, tem ligação à Net, etc., confronta-nos com o benefício material que tal representa, mas também, com todo o malefício, muitas vezes disfarçado que essas inovações acarretam.

Gilles Lipovetsky, filósofo contemporâneo²⁹ cujas obras têm como tema recorrente a situação do homem moderno, perdido numa era de hiper-individualismo e hiper-consumismo, atolado num excesso de informação, e sem valores a que se apegar, refere que há com a sociedade de hiper-consumismo, uma fragilização dos indivíduos que faz com que o bem-estar material cresça, mas ao mesmo tempo a existência se torne mais difícil, mais geradora de ansiedade (2008)³⁰.

Sendo certo que é neste tempo de consumismo, de mediatização e de solicitações de toda a ordem, em que somos diariamente bombardeados com imagens, slogans, sons, que temos de educar os nossos jovens, não é menos certo que novos e grandes desafios se colocam aos agentes educadores, nomeadamente professores e pais.

No que diz respeito à Educação artística, Leonardo Charréu³¹ refere que é neste hiato que se encontram muitos dos arte-educadores hoje, procurando “situar-se” na complexa iconosfera em que se tornou a sociedade ocidental, onde o “aparecer” se sobrepôs definitivamente ao “ser” e, até, ao “ter”. O que não “aparece” mediatizado “não existe” e, conseqüentemente, se não nos mediatizarmos, não temos existência social. (2007:2)³²

Na verdade, a vertiginosa evolução, nomeadamente ao nível tecnológico, abalou profundamente todos os sectores da nossa sociedade, quer no aspecto material, obviamente, mas muito mais nas implicações ao nível do social, das relações, do estar e do fazer.

A respeito do papel socioeducativo da Arte, em conformidade com recentes pesquisas no campo da Psicologia, que atribuem à prática artística um elemento transformador e modelador de comportamentos, Carvalhais, Glória (*Revista Escolhas*, 2007:12), diz que

²⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles_Lipovetsky

³⁰ Em entrevista concedida por Lipovetsky à revista ComCiência em : <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista>; (21/11/2008)

³¹ Docente, supervisor de estagiários para a docência das Artes Visuais da Universidade de Évora; http://www.ciep.uevora.pt/investigacao/membros/cv/cv_charreu.pdf

³² Conferência Nacional de Educação Artística, Porto: 28,29/10/2007 <http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/LeonardoCharreu.pdf> (21/11/2008)

«Através da arte é possível realizar um importante trabalho educativo, pois esta procura através das várias tendências individuais, encaminhar a formação do gosto, estimular a inteligência e contribuir para a formação da personalidade do indivíduo»

Qual será então, na conjuntura actual, o papel da Arte e do ensino das artes?

Sobre esta problemática, António Quadros Ferreira³³ (2006:114), defende que o ensino – aprendizagem em arte deve dar resposta à descoberta da aprendizagem e à aprendizagem activa, mediada por uma estratégia pedagógica.

Refere que a arte e o ensino se vêm actualmente confrontados com o dilema, (eventualmente falso), de um paradigma da contemporaneidade, hesitando os modelos e estratégias da escola de arte, entre a invenção de um paradigma moderno e a desconstrução de um paradigma pós-moderno (idem:ibidem).

Neste sentido, não se imporá uma reformulação dos currículos disciplinares, com vista a dar lugar a essa aprendizagem activa, uma vez que, como bem refere Charréu (2007:2), o que dirá o ponto, a linha e o plano kandynskiano ou a forma-função Munariana a um grupo de adolescentes completamente absorvidos por uma cultura digital multimédia, da Internet, dos telemóveis de última geração, i-pods, playstation e outros artefactos tecnológicos, sendo certo que, conforme ainda o mesmo autor, boa parte dos programas de estudo da escola oficial, não só não contempla, como até ignora, a mudança identitária e cultural do público juvenil que nos dias de hoje chega à escola, extraordinariamente marcado pelos novos media (idem: ibidem).

Também Lipovetsky, é da mesma opinião, referindo que

Há uma crise da escola, porque a escola se choca agora contra os *mass media*. Antes, a escola laica chocava-se com a religião. Hoje, a escola laica choca-se com a televisão e a internet. E nós vamos ter de transformar muito os métodos da educação a fim de que a escola integre a capacidade que temos hoje de ter uma informação ilimitada e fácil. Portanto, um dos novos desafios é recompor o que devem saber os cidadãos. Isso não está claro, pois os saberes e as informações são superabundantes, pode-se ter tudo no plano da informação. A escola ainda não compreendeu isso. Portanto, é preciso repensar o que deve ser uma cultura geral, para se orientar dentro do saber e para permitir ter algumas grandes linhas referenciais importantes, para poder depois orientar-se dentro da superabundância de informação. A escola também deve oferecer aos jovens não somente saberes, mas também experiências que ampliem seus horizontes.³⁴

³³ http://sigarra.up.pt/fbaup/funcionarios_geral.FormView?P_CODIGO=243135#; (21/11/2008)

³⁴ Excerto retirado de uma entrevista concedida por Lipovetsky à revista ComCiência em : <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista>; (21/11/2008)

Se entendermos a Arte como uma expressão da cultura do seu tempo, não deverão os conteúdos programáticos atender a um quotidiano em que proliferam a tecnologia, a imagem e o apelo aos sentidos, e que, está já expresso na arte actual?

Não deverá ainda ser este o espaço que privilegie a capacidade crítica do aluno, levando-o a descobrir em si ferramentas que promovam a sua independência e selectividade, enquanto artista e, fundamentalmente enquanto Ser Humano, face à massificação e ao bombardeamento de mediocridade a que é sujeito diariamente?

Socorremo-nos ainda de Charréu (2007:07), que nos diz que a prioridade no currículo oficial do ensino básico e secundário do sistema educativo do nosso país para a Educação Visual e todas as disciplinas com ela relacionadas, deveria ser a de mostrar, expressar e criticar os fenómenos humanos produzidos visualmente, condicionados pelos contextos de cada momento histórico.

Então, numa altura em que imperam a fugacidade, o (i) mediatismo e a realidade virtual, reservará ainda a escola, e no que aqui nos interessa, o currículo das artes visuais, um espaço para o imaginário?

António Quadros Ferreira diz-nos que:

(...) uma escola de arte deve ser um lugar aberto à experimentação, à procura do saber e do conhecimento, aberto ao imaginário dos criadores como antecâmara para a produção da arte, ou para a pré-formação dos artistas. (...) Uma escola de arte pode e deve aspirar a mais: uma escola como lugar de reflexão, como espaço de liberdade dos estudantes e dos artistas, como espaço privilegiado que permite o desenvolvimento do acto de criação no sentido de uma instrumentação crítica, de uma capacidade de distanciação, pelo que, e finalmente, se constituiria como a prova ontológica da necessidade da sua existência. (2006:49,50)

Também Victor Silva, diz a este respeito, que se trata «de refutar o poderoso álbi da educação artística, o de um saber sem contradições, onde cada vez mais o olhar sobre os objectos de arte não existe. Trata-se de compreender e fazer compreender a natureza dos objectos de arte, a sua condição de fetiche, de ‘objecto transicional’, tanto da estética como do esteticismo». Silva, Vítor (1999)³⁵.

Charréu defende que :

³⁵ Retirado de: <http://www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html>; (15/09/2008)

(...) o grande desafio colocado à educação artística consistirá, então, em definir o que hoje deverá ser considerado axial entre os conteúdos tradicionais da arte formalista, como é que estes deverão dialogar com os conteúdos do mundo digital e, em particular, como é que vida e a cultura contemporânea, que borbulha fora da escola, se poderá *escolarizar*, num espaço curricular da experimentação, criação e fruição crítica das visualidades, para bem da própria escola e daqueles que a frequentam. Charréu (2007:07)

E, na mesma linha de pensamento, Lipovetsky refere que a escola também deve oferecer aos jovens não somente saberes, mas experiências que ampliem os seus horizontes. (...) Deveríamos abrir a escola para o mundo exterior. As pessoas mudam muito em função das experiências, dos encontros com outras pessoas e com coisas que elas não conhecem. Lipovetsky (2008).

Concordamos com as opiniões destes quatro pesquisadores, cujos pontos de vista convergem no que concerne à necessidade de reformular o instituído.

Relativamente às estratégias pedagógicas, fazemos aqui um parêntesis para deixar uma breve nota sobre o papel do professor, pois parece-nos importante questionar se ele próprio, enquanto mediador pedagógico, estará preparado para as exigências de um ensino do Séc. XXI. e, por outro lado, até que ponto as reformulações a que vimos assistindo no que se refere ao seu estatuto, prevêem um espaço para uma pedagogia adaptada às enormes mudanças no perfil social e cultural dos jovens.

A pertinência desta nota advém do facto de não nos parecer possível dissociar conteúdos programáticos do exercício da docência.

Temos vindo a referir vários autores, em especial Leonardo Charréu, António Quadros Ferreira e Gilles Lipovetsky, para dar suporte à nossa afirmação da necessidade de um novo paradigma para a educação artística condicente com a sociedade do Séc. XXI.

Também na ESGP, espaço onde, ao longo de dois períodos consecutivos, realizámos o nosso estudo, encontrámos eco do que vem sendo exposto, na voz de professores em exercício nesta escola.

Leonor Serpa Branco (E4)³⁶, a respeito do Programa Curricular e da Coordenação do Departamento das Artes Visuais, refere: “*Que as turmas tivessem menos alunos... no Programa Curricular, o Desenho fosse Desenho e Artes Plásticas. Pudessem tocar outras técnicas como a Cerâmica, o Raku, os Gessos... Houvesse mais abertura..., mais formação em várias áreas*”.

Relativamente à questão da adequação do ensino ao Séc. XXI, diz-nos esta docente que, pelo contrário, se está na Idade Média, acrescentando logo em seguida que o professor

³⁶ Professora de Artes Visuais, Directora de Turma, Coordenadora do Departamento com assento no Conselho Pedagógico e membro da Comissão de Avaliação do Desempenho dos Professores.

está a ser completamente castrado com as novas legislações; ou que o professor deixa de ser educador para começar a ser um burocrata, referindo que “... *tivesse menos (atribuições de cargos) ... estou no Pedagógico...ultimamente tem havido uma selva de legislação. Sinto-me completamente atrofiada, ... leio legislação, leio, leio, leio. Procuo informar o melhor possível, os meus colegas. Faço parte da Comissão para a avaliação de desempenho dos professores.*” (E4), ou ainda que a ênfase do seu trabalho assenta na quantificação, na massificação e que, segundo a sua opinião, se está a regredir absolutamente.

Esta docente identifica-se com o Modelo de Escola Cultural³⁷, referindo que “... *a Escola Cultural dava importância à Formação Integral do Aluno...*” e que, actualmente, ao invés de estar a formar alunos, a Escola está a formatar alunos.

Assim, e porque não podemos ignorar uma evidência, parece-nos relevante a opinião de uma docente em exercício no ensino secundário há 22 anos, sintomática do espírito que subjaz actualmente à prática pedagógica.

Ainda perante a mesma questão, referimos a opinião de um outro docente, (E5), em exercício há 23 anos, que nos remete para o distanciamento verificado entre quem elabora as directrizes e quem as implementa no terreno, quando refere que é preciso lembrar que a qualidade do ensino não depende dos professores, porque não são os professores que fazem os programas; não são os professores que fazem as orientações, não são os professores que fazem os horários, não são os professores que fazem as cargas horárias, não são os professores que definem as regras principais que gerem o ensino. O que o professor transmite é condicionado por orientações superiores. Para este docente, a escola, só por si não poderá resolver os problemas da escola do Séc. XXI, cabendo ao Ministério transformar-se, crescer, modernizar-se no sentido de também ele construir e colaborar na construção dessa escola. (E5)

“*Estou a sentir-me mal, pressionada...eu queria ter tempo para poder estar e preparar as minhas aulas. Não estou a ter tempo nenhum...*” (E4). Assim, não se trata apenas de reformular os currícula, mas também de pensar sobre o ser e o estar de todos os agentes envolvidos no processo de educação, nomeadamente os professores.

Cabe lembrar uma questão que acima referimos, sobre se os professores estariam ou não, eles próprios preparados para um ensino no contexto que temos vindo a referir.

³⁷ A Escola Cultural defendia uma Organização Escolar na dimensão de clubes escolares de tempos livres, de complemento curricular decorrendo fora da sala de aula regular, num clima de escola para a adolescência. Uma área de complemento curricular de transmissão dos saberes constituídos num espaço de criação livremente escolhido. Contava com o empenho do corpo docente, discente, auxiliar, administrativo, pais e comunidade, por meio de iniciativas no espaço escolar público, em estratégias de permanente renovação.

A este respeito, sabemos que muitas vezes são os próprios profissionais que oferecem alguma resistência à mudança; isso sucede em qualquer organização onde se pretenda implementar alterações. Parece-nos, no entanto, que o que é exigido do professor actualmente, conforme expresso acima, e que ultrapassa bastante o exercício da docência, deixa muito pouco espaço para que o professor verdadeiramente se interesse, se motive e (re) aprenda, ele próprio.

Quanto à defesa do interesse pelos estudos artísticos, acreditamos que devemos todos, pedagogos, docentes e discentes conjugar esforços para que Portugal venha a ter um tipo de ensino com orientações programáticas actualizadas, com profissionais motivados, capaz de, mediante o desenvolvimento do potencial artístico, crítico e criativo de cada um, promover uma maior realização pessoal e um maior bem-estar para todos.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, I. FREITAS, C. V. PONTE, J. P., ALARCÃO, J., & TAVARES, M. J. F. (1997). *A formação de professores no Portugal de hoje* (Documento de um grupo de trabalho do CRUP - Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas).
- ARNHEIM, R. (1986). *Arte e Percepção Visual* – Nova versão. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- BARDIN, L. (1995) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARRET, M. (1979). *Educação em Arte*. Lisboa: Edições Presença.
- BEANE, J.A. (2002). *Integração Curricular: A Concepção do Núcleo da Educação Democrática*. Lisboa: Didáctica.
- BERTRAND Y. & GUILLEMENT, P. (1988). *Organizações: uma abordagem sistémica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BIASE, F. D., (1995) *O Homem Holístico*. Petrópolis: Editora Vozes.
- BOGDAN R. & BILKEN, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BRUNET, Luc (1995): *Clima de trabalho e eficácia da escola*, in NÓVOA, A. (ed.): *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote
- BUCHA, A. (2002). *A caracterização das organizações educativas como estratégias de gestão*. Tese não p. Univ. Católica Portuguesa, Lisboa.
- CÂMARA, Pedro B.da, GUERRA, Paulo Balreira, Rodrigues, Joaquim Vicente (1997), *Humanator: Recursos Humanos e Sucesso Empresarial*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- CANDEIAS, António. (1994). *Educar de Outra Forma. A Escola Oficina N.º 1 de Lisboa 1905 – 1930*. Lisboa: Ed. Instituto de Inovação Educacional
- CEIA, Carlos. (2003). *Normas para a apresentação de Trabalhos Científicos*, 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença
- CHIAVENATO, Idalberto. (1993). *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 4. ed. São Paulo: Makron Books.

- CLÍMACO, Maria do Carmo *et al.* (1988). *Práticas de gestão. Ensino Preparatório e Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.
- CREMA, R. (1998). *Introdução à Visão Holística*. São Paulo: Summus Editorial
- DIAS, J.M.B. (org). (2001). *Cidadania e Deficiência* . Coleção Rumos e Perspectivas. Évora: Ed Associação Pós-Pólio de Portugal.
- DORFLES, G. (1988). *O devir das artes*. Lisboa, Ed, D. Quixote.
- DRUCKER, Ferdinand P. (1998). *A Profissão de Administrador*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- DRUCKER, Ferdinand P.(2002). *Introdução à Administração*. 3. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- EÇA, Teresa (2000). *150 anos de Ensino das Artes em Portugal*. Comunicação apresentada nas IV Jornadas de Historia de La Educación Artística. Barcelona . (24/11/2000)
- EFLAND, A.D.(1999). *Culture, Society, art and Education in a Postmodern World*. Comunicação apresentada na conferência da INSEA em Taiwan.
- EFLAND, A.D.(2003). *Una historia de la educación del arte*. Barcelona: Paidós.
- EFLAND, A.D.; FREEDMAN, K. e STUHR, P. (2003). *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós.
- ERIKSON, F. (1986). *Qualitative methods in research on teaching*. In Merlin C. Wittrock (ED.) *Handbook of research on teaching*. Londres: Macmilian.
- ESTÊVÃO, Carlos. (1998). *Redescobrir a escola privada portuguesa como organização*. Braga: Ed. Universidade do Minho.
- FEITOSA, A. M. (s.d.) *Contribuições de Thomas Khun para uma epistemologia da Motricidade humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FONTANA, D. (1991). *Psicologia para professores*. São Paulo: Editora Manole Lda.
- FONTANEL-BRASSART, S. & ROUQUET (1977). *A educação artística na acção educativa*. Coimbra: Ed. Livraria Almedina.
- FORMOSINHO, João (1988). *Princípios para a organização e administração da escola portuguesa*. In CRSE, *A gestão do sistema escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- GARDNER, H. (1990). *Educación artística y desarrollo humano*. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica, S.A.

- HOBBS, T. (1982). *Le Citoyen on le fondement de la Politique*. Paris: Flammarion.
- CORMARY, Henry. (1980). *Centros de Interesse*. In Dicionário de Pedagogia e Psicologia Moderna. Lisboa: Ed. Verbo.
- HERNÁNDEZ, F. (1991). *Qué és la education artística?* Barcelona: Sendai Ediciones.
- HUTMACHER, W., (1992), *A Escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias de estabelecimentos*, In, NÓVOA, A. *As organizações Escolares em Análise*. Lisboa. D. Quixote.
- NÓVOA, António. Para Uma Análise das Instituições Escolares. In: NÓVOA, António (Org). *As Organizações Escolares em Análise*. (1995). Lisboa.m análise. Lisboa, Dom Quixote.)
- JESUS, Jorge M. R. (2007). *Educação - Pilar da Soberania, Caminho do Desenvolvimento em Angola*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2.
- LACOMBE, F.J.M.; HEILBORN, G.L.J. (2003). *Administração: princípios e tendências*. 1.ed. São Paulo: Saraiva.
- LIMA, Licínio C. (1998). *A administração do sistema educativo e das escolas (1986/1996) - Evolução do Sistema Educativo e o Prodep*. Estudos Temáticos, vol. I, Lisboa: ME.
- LOBROT, Michel (s/ d.). *Por que razão está o ensino em crise*. In Jacques Brissaud et al., *Modifiquemos a Escola*. Lisboa:Editorial Pórtico.
- Amaral, Luís & Varajão, João, (2000) *Planeamento de Sistemas de Informação*, (3ª Ed). Lisboa: FCA Editora de informática.
- MINTZBERG, Henry. (1995). *Estrutura e Dinâmica das Organizações*. Lisboa: publicações D. Quixote.
- NEVES, Arminda. (2002). *Gestão na Administração Pública* (1ª edição). Cascais: Editora Pergaminho.
- NEVES, José Gonçalves. (2000). *Clima Organizacional, Cultura Organizacional e Gestão dos Recursos Humanos*. Lisboa: Editora RH
- OCDE.(1985). *O Ensino na Sociedade Moderna*. Rio Tinto: Edições Asa.
- PAIN, S. *Teoria e arte-terapia*. Porto Alegre: artes médicas.
- PATRÍCIO, M. F.(1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Univ. Aberta.

- PEDROSA, Júlio & QUEIRÓ, João Filipe. (2005). *Governar a universidade portuguesa. Missão, organização, funcionamento e autonomia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PERDIGÃO.(1981). *Ensino artístico*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
- PIAGET, J. (1972). *Problemas da Psicologia Genética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*.Lisboa: Gradiva.
- QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa:Gradiva.
- READ, Herbert.(1982). *A Educação pela arte*. Lisboa: Edições70.
- ROCHA, J. A. Oliveira. 1999. *Gestão Pública e Modernização Administrativa*. Oeiras: INA
- ROLDÃO, M.(1995). *Os professores e a gestão do currículo*. Porto: Porto Editora
- SANTOS, A. (1992). *Por uma perspectiva psico - pedagógica da arte e educação em Portugal*, Ensino Artístico7. Porto: Edições Asa.
- SANTOS, A. S. (1989). *Estudos de Pedagogia da Arte*. Lisboa: Livros horizonte.
- SERRANO, António e tal. (2004). *Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação*. (3ª edição). Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- SOUSA, A. (1979). *A Educação pelo movimento Expressivo*. Lisboa: Básica Editora.
- STERN, Arno. (1974) *A Expressão*. Porto: Civilização Editora.
- TEIXEIRA, Sebastião. (1998). *Gestão das Organizações*. Lisboa: Ed. McGrawhill
- CORREIA, L., Serrano, A. (1998). *Envolvimento Parental em Intervenção Precoce: Das práticas Centradas na Criança às Práticas Centradas na Família*. Porto: Porto Editora.
- VYGOTSKY. (1996). *A imaginação e a arte na infância*, Madrid: Edição Akal

LEGISLAÇÃO CITADA

Lei n.º 8/90, de 20 de Fevereiro que define as Bases da Contabilidade Pública
Lei n.º 6/91, de 20 de Fevereiro, Lei de enquadramento do Orçamento de Estado
Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março que regula o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais
Decreto-Lei n.º 272/2007 de 26 de Julho que revoga o D.L. 74/ 2004;
Decreto-Lei n.º 155/92, de 28 de Julho que estabelece o novo regime da Administração Financeira do Estado
Decreto-Lei n.º 191/99 de 5 de Junho que define o regime de Tesouraria do Estado;
Decreto-Lei n.º 562/99, de 21 de Dezembro que estabelece um novo classificador económico das despesas e receitas públicas;
Portaria n.º 671/2000, de 10 de Março que regulamenta o Cadastro e Inventário dos Bens do Estado (CIBE).
Portaria n.º 792/2000, de 20 de Setembro, Plano Oficial de Contabilidade para o sector da, Educação (POC-E)
Dec.-Lei nº 46/86 de 14 de Outubro
 Lei de Bases do Sistema Educativo.
Dec.- Lei nº 43/98
Dec.-Lei nº 344/90 de 2 de Novembro
 Estabelece as Bases Gerais do Ensino Artístico (art.º 3 alínea b)
Dec.Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto.

SITES CONSULTADOS

<http://centrorefeducacional.com.br/pestal.html> (20/11/2008)
http://eden.dei.uc.pt/~dourado/cadeiras/pg/public_html/acetatos/cap2.pdf
http://en.wikipedia.org/wiki/Bruno_Munari ; (25/11/2008)
http://en.wikipedia.org/wiki/Harold_LasswellM; (20/11/2008)
<http://geocities.com/2809/holistic.htm>
<http://lheiterer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html>
<http://lheiterer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html>; (20-11-2008)
http://odiliamaria.blogspot.com/2008_06_26_archive.html (21/11/2008)
http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_de_conte%C3%BAdo ;(20/11/2008)

http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_do_discurso ;(20/11/2008)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_de_informa%C3%A7%C3%A3o

http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_Comte(20/11/2008)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>; (20/11/2008)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Eric_Hobsbawm;(20-11-2008)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estruturalismo>http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles_Lipovetsky

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Welwitschia>

http://sigarra.up.pt/fbaup/funcionarios_geral.FormView?P_CODIGO=243135#; (21/11/2008)

<http://www.ideas-soltas.net/> (2007/05/21)

http://www.antonioarroio.org/estrugraf/lateral_iger/hesc/hesc_main.html

<http://www.arquitetura.ufmg.br/ia/disciplina%20e%20legitimidade.html>; (25/11/2008)

http://www.bdalentejo.net/conteudo_a.php?id=115; (20/11/2008)

http://www.ciep.uevora.pt/investigacao/membros/cv/cv_charreu.pdf; (30/11/2007)

<http://www.cnc.pt/Artigo.aspx?Cod=APRESENTACAO>

[http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista;);
(21/11/2008)

[http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=38&tipo=entrevista;);
(21/11/2008)

<http://www.conexaorh.com.br/climaorg.htm>(21/11/2008)

<http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/LeonardoCharreu.pdf>
(21/11/2008)

<http://www.esec-gabriel-pereira.rcts.pt> -A Formação de professores no Portugal de hoje. (v.e.)

<http://www.min-edu.pt> (20/11/2008)

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2765/1896>>.
(20/11/2008)

<http://www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html>; (15/09/2008)

http://www.strategia.com.br/Estrategia/estrategia_corpo_capitulos_organizacoes.htm(20/11/2008)

<http://www.thefutureoflife.com/speakers/davis.htm> ;(20/11/2008)

<http://www2.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/>; (05/10/2007)

<http://www2.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/>; (05/10/2007)

<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm> (20.11.2008).

http://www.notapositiva.com/dicionario_gestao/missao_organizacao.htm(05/10/2007)

DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

A importância da motivação, Aprender o Desenvolvimento da Inteligência Edição Marina Editores vol. 3. (1997: 246-248) vol. 4 (355-356) e vol. 5 (502,503).

Dicionário biográfico de notáveis eborenses 1900/2000, recolha e selecção Joaquim Palminha Silva: 2004

E-DICIONÁRIO DE TERMOS LINGUISTICOS

CORMARY, Henry .(1980). *Centros de Interesse*, Dicionário de Pedagogia e Psicologia Moderna 1980 sob a orientação de. Ed. Verbo (1980)

CEIA, Carlos, *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia

BROCHURAS

O Caminho para a Autonomia não é a Contratualização! Edição da Federação Nacional dos Professores. (29/05/06)

REVISTAS

Boletim dos professores nº8 , Dez. 2007, Ed. ME.

Boletim dos professores nº 9, Dez. 2007, Ed. ME.

Boletim dos professores nº 10, Abril 2007, Ed. ME.

Boletim dos professores nº 10, Abril 2007, Ed. ME.

Boletim dos professores nº 9, Dez.2007, Ed. ME.

Boletim dos professores nº 9, Dez.2007, Ed. ME.

Revista Escolhas, nº7, Dez. 2007.Ed.Programa Escolhas

TESES DE MESTRADO NÃO PUBLICADAS

Antunes, Beatriz .(2007). *Configurações Estruturais da Escola*. Universidade de Évora.

Duarte, Hermínia (1999:11) cit. Alarcão, “Conceitos de Família” A.T.L. Apoio ao Ensino Regular, Instituto Piaget .

Emanuel, Duarte. (2004). *A influência da gestão dos resultados em Escolas Secundárias de Cabo Verde*. Universidade de Évora.

ANEXOS

Tendo em conta o desejo comum de desenvolver relações de cooperação mais estreitas no domínio da luta contra a droga e toxicod dependência, expresso no Acordo de Cooperação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Portuguesa para a Redução da Procura, Combate à Produção e Repressão ao Tráfico Ilícito de Drogas e Substâncias Psicotrópicas, celebrado em 7 de Maio de 1991;

Considerando o disposto no artigo II do supracitado Acordo:

Ajustam o seguinte:

Artigo I

As Partes Contratantes estabelecerão um Plano de Formação de Técnicos para desenvolver acções formativas do pessoal técnico responsável pela coleta, tratamento e divulgação dos dados relevantes em matéria de caracterização do fenómeno e prevenção das toxicod dependências.

Artigo II

Os órgãos executores do presente Protocolo serão, pelo lado da República Federativa do Brasil, a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) e, pelo lado da República Portuguesa, o Ministério da Saúde, através do Instituto Português da Droga e da Toxicod dependência (IPDT).

Artigo III

Comprometem-se as Partes Contratantes, em matéria de prevenção primária das toxicod dependências, a desenvolver todos os esforços necessários para a uniformização de procedimentos técnico-científicos aplicáveis à coleta, tratamento e divulgação de informação.

Artigo IV

Comprometem-se as Partes Contratantes a trocar, periodicamente, informação referente às toxicod dependências e, ainda, a prestar mutuamente toda a assistência técnico-científica para um melhor conhecimento do fenómeno da droga e da toxicod dependência.

Artigo V

O Ministério da Saúde, através do IPDT, assegura a comparticipação financeira para o desenvolvimento do acima estipulado, até o montante de € 125 000 por ano, durante o prazo máximo de três anos.

Artigo VI

1 — O Ministério da Saúde, através do IPDT, e a SENAD assegurarão que o presente Protocolo seja implementado de forma rápida e eficaz.

2 — O presente Protocolo poderá ser modificado, se tal for considerado relevante por ambas as Partes.

Artigo VII

O presente Protocolo entrará em vigor 30 dias após a data da última notificação por escrito e por via diplo-

mática de que foram cumpridas todas as formalidades exigidas por cada uma das ordens jurídicas nacionais.

Assinado em Brasília, aos 12 do mês de Junho de 2002, em dois exemplares originais em língua portuguesa, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

Pela República Federativa do Brasil:

Pela República Portuguesa:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 74/2004

de 26 de Março

No quadro das grandes linhas da reforma do ensino secundário enunciadas no Programa do XV Governo Constitucional, estabelece-se através do presente diploma os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens referentes ao nível secundário de educação, procedendo a uma reforma que constitui componente estratégica nuclear no âmbito de uma política de educação determinada em obter resultados, efectivos e sustentados, na formação e qualificação dos jovens portugueses para os desafios da contemporaneidade e para as exigências do desenvolvimento pessoal e social.

A par do combate ao insucesso e abandono escolares, fenómenos que assumem no nível secundário de educação elevada expressão no conjunto do sistema educativo, e da acção de superação das deficiências detetadas no campo do ensino das ciências e da matemática, constitui opção estratégica nacional promover o aumento da qualidade das aprendizagens, indispensável à melhoria dos níveis de desempenho e qualificação dos alunos e ao favorecimento da aprendizagem ao longo da vida.

Para a consecução destes desideratos, impõe-se realizar a revisão curricular deste nível de educação, procedendo ao ajustamento de currículos e conteúdos programáticos, garantindo uma correcta flexibilização dos mecanismos de mobilidade horizontal entre cursos, empreendendo uma resposta inequívoca aos desafios da sociedade da informação e do conhecimento, apostando na formação em tecnologias da informação e comunicação, assegurando a articulação progressiva entre as políticas de educação e formação, potenciando a diversidade e qualidade das ofertas formativas, bem como promovendo o reforço da autonomia das escolas.

No quadro desta revisão curricular, foi colocado à discussão pública o «Documento orientador da reforma do ensino secundário», criando-se assim espaço para

um vasto conjunto de iniciativas, visando o esclarecimento e o debate e permitindo a participação de professores, investigadores, individualidades dos mais diversos sectores da sociedade portuguesa, associações profissionais, sociedades científicas e organizações sindicais e empresariais.

Os contributos obridos foram acolhidos em larga medida na versão final do referido «Documento», sem dúvida o mais relevante dos trabalhos preparatórios que antecederam o presente diploma.

De entre as medidas inovadoras, destaca-se a diversificação da oferta educativa, acentuando a sua especificidade consoante a natureza dos cursos de ensino secundário, procurando adaptá-la quer às motivações, expectativas e aspirações dos alunos quer às exigências requeridas pelo desenvolvimento do País.

Nesta perspectiva, introduzem-se modificações importantes, estabelecendo-se cursos científico-humanísticos, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior, cursos tecnológicos, orientados na dupla perspectiva da inserção no mercado de trabalho e do prosseguimento de estudos, cursos artísticos especializados, visando proporcionar formação de excelência nas diversas áreas artísticas e, consoante a área artística, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior ou orientados na dupla perspectiva da inserção no mercado de trabalho e do prosseguimento de estudos, e cursos profissionais, vocacionados para a qualificação inicial dos alunos, permitindo o prosseguimento de estudos.

Consagram-se ainda cursos científico-humanísticos, tecnológicos e artísticos especializados de ensino recorrente, que visam proporcionar uma segunda oportunidade de formação que permita conciliar a frequência de estudos com uma actividade profissional.

Assumem especial relevo enquanto princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, a articulação com o ciclo de escolaridade anterior, com as outras formações de nível secundário e com o ensino superior, a integração do currículo e da avaliação, a flexibilidade na construção de percursos formativos, a permeabilidade entre cursos, permitindo a reorientação do percurso escolar, e a transversalidade da educação para a cidadania e da valorização da língua e da cultura portuguesas em todas as componentes curriculares.

Não menos importância reveste a consagração de outros princípios, nomeadamente o equilíbrio na distribuição das cargas horárias de cada um dos três anos lectivos, a racionalidade da carga horária lectiva semanal e o alargamento da duração dos tempos lectivos, de forma a permitir maior diversidade de metodologias e estratégias de ensino e melhor consolidação das aprendizagens.

Destaca-se, ainda, a especial valorização da aprendizagem das tecnologias da informação e comunicação através da introdução do ensino obrigatório da disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação. Favorece-se a integração das competências já adquiridas, nas dimensões teórica e prática, através da estatuição de formas específicas de aprendizagem em contexto de trabalho nas componentes de formação tecnológica, técnico-artística e técnica, nos cursos tecnológicos, nos cursos artísticos especializados e nos cursos profissionais.

São igualmente definidos o objecto, as modalidades e os efeitos da avaliação, enquanto processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das aquisições realizadas pelos alunos.

Determinam-se ainda os requisitos da conclusão do nível secundário de educação, fixando-se a competência para a emissão dos documentos de certificação respectivos.

Por último, estabelece-se a calendarização da produção de efeitos relativamente aos cursos de nível secundário, consoante a sua natureza.

Foi ouvido o Conselho Nacional de Educação.

Foram ouvidos os órgãos do governo próprio das Regiões Autónomas.

Foram observados os procedimentos decorrentes da Lei n.º 23/98, de 26 de Maio.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido na alínea e) do n.º 1 do artigo 59.º da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Princípios gerais

Artigo 1.º

Objecto e âmbito

1 — O presente diploma estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens, referentes ao nível secundário de educação.

2 — As disposições constantes do presente diploma aplicam-se aos cursos de nível secundário, nomeadamente aos cursos científico-humanísticos, aos cursos tecnológicos e aos cursos artísticos especializados, incluindo os de ensino recorrente, bem como aos cursos profissionais, ministrados em estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo que ofereçam o nível secundário de educação.

Artigo 2.º

Currículo

1 — Para efeitos do disposto no presente diploma, entende-se por currículo nacional o conjunto de aprendizagens a desenvolver pelos alunos de cada curso de nível secundário, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo.

2 — O currículo nacional concretiza-se em planos de estudo elaborados com base nas matrizes curriculares anexas ao presente diploma, do qual fazem parte integrante.

3 — As aprendizagens a desenvolver pelos alunos de cada curso de nível secundário têm como referência os programas das respectivas disciplinas, homologados por despacho do Ministro da Educação, bem como as orientações fixadas para as áreas não disciplinares.

4 — As estratégias de desenvolvimento do currículo nacional são objecto de um projecto curricular de escola, integrado no respectivo projecto educativo.

Artigo 3.º

Organização do ano escolar

1 — O ano escolar é o período compreendido entre o dia 1 de Setembro de cada ano e o dia 31 de Agosto do ano seguinte.

Artigo 23.º

Entrada em vigor

O presente decreto-lei entra em vigor no 1.º dia do mês seguinte ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 22 de Fevereiro de 2007. — José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa — Fernando Teixeira dos Santos — António Fernando Correia de Campos — José Mariano Rebelo Pires Gago.

Promulgado em 12 de Abril de 2007.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendado em 16 de Abril de 2007.

O Primeiro-Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 272/2007

de 26 de Julho

O Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 44/2004, de 25 de Maio, estabelece os princípios orientadores da organização e gestão do currículo e da avaliação das aprendizagens do nível secundário de educação.

Por sua vez, o Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 23/2006, de 7 de Abril, veio introduzir alterações ao Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, promovendo reajustamentos no regime de avaliação e certificação dos cursos do nível secundário de educação e consagrando a possibilidade de livre escolha de uma língua estrangeira nos cursos do nível secundário de educação.

No âmbito dos objectivos prioritários da política educativa, o XVII Governo Constitucional consagra no seu Programa a avaliação do processo de aplicação dos novos currículos do ensino secundário e a implementação dos ajustamentos considerados necessários.

A avaliação e o acompanhamento da implementação dos actuais planos de estudo dos cursos científico-humanísticos do nível secundário evidenciou alguns constrangimentos, designadamente no que diz respeito à excessiva flexibilidade dos percursos formativos, a qual se traduziu numa falta de identidade dos cursos e numa deficiente formação científica, à operacionalização da componente prática e experimental das disciplinas científicas e artísticas e à viabilidade do curso de Línguas e Literaturas, o qual tem vindo a registar um nível de procura cada vez mais reduzido.

Estes problemas têm sido identificados pelo grupo de avaliação e acompanhamento da implementação da reforma do ensino secundário (GAAIRES), sendo igualmente diagnosticados no acompanhamento às escolas efectuado no âmbito das competências dos serviços centrais e regionais do Ministério da Educação.

Neste quadro e sem prejuízo dos princípios orientadores da organização e gestão do currículo consagrados no Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, entende-se oportuno promover alguns reajustamentos nos planos de estudo dos cursos científico-humanísticos com vista a assegurar

uma formação científica sólida no domínio de cada um dos cursos, o reforço do ensino prático e experimental e uma escolha menos condicionada aos alunos que pretendam prosseguir estudos na área das Línguas e Literaturas.

Os reajustamentos introduzidos contemplam o início das duas disciplinas bienais da componente de formação específica no 10.º ano, restringindo a oferta a disciplinas que conferem identidade ao curso, e a frequência de duas disciplinas de opção anuais no 12.º ano, estando uma delas obrigatoriamente ligada à natureza do curso e podendo a outra pertencer a outra área do saber.

É atribuído um reforço de carga horária nas disciplinas bienais de Física e Química A e de Biologia e Geologia, na Língua Estrangeira II ou III da formação específica do curso de Línguas e Humanidades, bem como nas disciplinas anuais de Física, Química, Biologia e Geologia e nas disciplinas de carácter oficial do curso de Artes Visuais, no sentido de viabilizar a componente prática e experimental destas disciplinas.

Determina-se a criação do curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades resultante da junção dos cursos de Ciências Sociais e Humanas e de Línguas e Literaturas, contemplando a oferta de disciplinas da componente de formação específica dos dois cursos.

Consagra-se, ainda, o termo da possibilidade de redução da carga horária semanal na disciplina de Educação Física por se considerar estarem reunidas as condições logísticas para que esta disciplina funcione com duas unidades lectivas semanais.

A disciplina de TIC é transferida do ensino secundário para os 7.º e 8.º anos do ensino básico, considerando-se ser a esse nível que deve ser adquirida a formação essencial nesta área, apostando-se na transversalidade da utilização das tecnologias de informação e comunicação no nível secundário de educação.

Foi ouvido o Conselho Nacional de Educação.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido na alínea e) do n.º 1 do artigo 62.º da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pelas Leis n.ºs 115/97, de 19 de Setembro, e 49/2005, de 30 de Agosto, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Alteração aos anexos do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março

Os anexos n.ºs 1 e 1.1 a 1.4 do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 44/2004, de 25 de Maio, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 23/2006, de 7 de Maio, passam a ter a redacção constante dos anexos n.ºs 1 e 1.1 a 1.4 do presente decreto-lei, que dele fazem parte integrante.

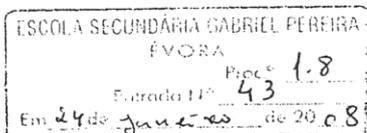
Artigo 2.º

Norma de aplicação no tempo

1 — O presente decreto-lei produz efeitos de acordo com o calendário adiante enunciado, sem prejuízo do disposto no n.º 2:

- a) 2007-2008, no que respeita ao 10.º ano de escolaridade;
- b) 2008-2009, no que respeita ao 11.º ano de escolaridade;

6 copias para o C.E.
1 copia para a 'chefe de S.A.E. + 1 para o Dr. Luís



Exm^o(a) Senhor(a)
Presidente do Conselho Executivo da Escola
Secundária de Gabriel Pereira
Rua Dr. Domingos Rosado

7000-887 ÉVORA

Sua referência:

Sua comunicação de:

Nossa referência:

NID/Data:

DRA/08
Proc.10.16

S/01219/RA/08
2008.01.22

Assunto: **AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS**

Junto remeto a V. Ex.^a o relatório da Avaliação Externa, concretizada nessa Escola, que contém a informação detalhada sobre os cinco domínios e factores objecto de observação e avaliação, tendo em vista o exercício do direito ao contraditório, para o que se fixa o período de 15 dias úteis após a sua recepção. Se, no prazo referido, não for recebida qualquer resposta ou comentário, a DRA dará o presente processo de avaliação por encerrado, com a publicação do relatório no *site* da IGE.

A IGE pretende que as dinâmicas subjacentes e as conclusões decorrentes dos processos de avaliação interna e externa da Escola, que permitiram identificar as evidências, os pontos fortes e fracos, os constrangimentos e as oportunidades de progresso e de desenvolvimento organizacional, expressos no presente relatório, constituam um factor indutor de uma cultura institucional de avaliação e aperfeiçoamento continuados, suportados por actividades de planeamento, monitorização e reflexão sobre as iniciativas e processos adoptados e os resultados escolares efectivamente alcançados.

Para o efeito, solicito a V. Ex.^a a entrega de um exemplar do presente relatório ao Presidente da Assembleia, ao docente/equipa que assegurou a coordenação do processo de avaliação interna, ao Presidente da Direcção da Associação de Pais e Encarregados de Educação e a outras entidades da comunidade educativa que entenda por conveniente.

Com os melhores cumprimentos

A Delegada Regional

Ana Maria Pacheco

Ana Maria Pacheco

DELEGAÇÃO REGIONAL DO ALENTEJO
Apartado 2112
Travessa dos Lagares, 20 7000-565 Évora
Telf. 266 737 950
Fax 266 737 969
E-mail dra-ize@ire.min-edu.pt

GUIÃO DE BASE

5.1 A ESGP PROCURA SABER QUAL É A PROVENIÊNCIA SÓCIO-CULTURAL DOS SEUS ALUNOS? TEM ALGUM TIPO DE PROGRAMA OU ESTRATÉGIA PARA INTEGRAÇÃO DE ALUNOS COM NEE OU PROVENIENTES DE MINORIAS.

5.2 QUAIS OS PROCEDIMENTOS NA ACESSIBILIDADE DOS ALUNOS À ESGP?

5.3 QUE "VOZ" TÊM OS ALUNOS NAS DECISÕES DA ESCOLA? E SUAS FAMÍLIAS?

(QUANDO SOLICITADAS A INTERVIR, QUAL A QUALIDADE DA SUA INTERVENÇÃO?)

5.4 COMO CLASSIFICA OS CONHECIMENTOS DOS ALUNOS DE ARTES VISUAIS, À

ENTRADA DA ESGP A VÊM BEM PREPARADOS DO ENSINO BÁSICO?

5.5 QUAIS OS CURSOS MAIS ESCOLHIDOS PELOS ALUNOS?

5.6 COMO VÊ A PREPARAÇÃO DOS ALUNOS PARA O SEU INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR ARTÍSTICO? COM PREOCUPAÇÃO PARA A ESGP?

5.7 A ESCOLA FAZ ALGUM TIPO DE MONITORIZAÇÃO PÓS-SECUNDÁRIO AOS SEUS ALUNOS? PROCURA SEGUIR OS PERCURSOS SEGUIDOS NO ENSINO SUPERIOR E A PARTIR DESSA INFORMAÇÃO MODIFICAR O SEU PROJECTO PEDAGÓGICO? AS SUAS PRÁTICAS DE SALA DE AULA ETC.?

Segunda fase da avaliação externa de escolas

O relatório final da actividade do Grupo de Trabalho de Avaliação das Escolas apresenta os termos de referência para a auto-avaliação e para a avaliação externa dos estabelecimentos de ensino, bem como a informação relativa ao lançamento da segunda fase de avaliação externa, a decorrer em 2007.

O Grupo de Trabalho de Avaliação das Escolas apresentou um relatório da actividade desenvolvida, no qual dá a conhecer o quadro de referência para a avaliação externa, articulando estreitamente esta última com o processo de auto-avaliação dos estabelecimentos de ensino.

Num primeiro momento, a actividade deste grupo de trabalho, liderado pelo professor Pedro Guedes de Oliveira, incidiu na preparação da fase-piloto de avaliação externa de escolas. Neste período, que decorreu até ao final do ano lectivo transacto, o grupo de trabalho elaborou um modelo de avaliação externa e desenvolveu um projecto-piloto de avaliação externa de agrupamentos e escolas.

Após este período, o grupo de trabalho lançou uma segunda fase de avaliação externa, a decorrer em 2007, sob a responsabilidade da Inspeção-Geral da Educação. Em simultâneo, preparou um documento no qual sugere um conjunto de medidas de apoio ao desenvolvimento do processo de auto-avaliação das escolas, fundamental para a preparação da avaliação externa dos estabelecimentos de ensino.

Para esta segunda fase de avaliação, o grupo de trabalho convidou todas as escolas que se tinham candidatado a integrar o projecto-piloto de avaliação externa, mas não tinham sido seleccionadas.

Das 115 escolas convidadas, 102 aceitaram integrar esta segunda fase do processo, que tem como objectivo último a generalização da avaliação externa a todas as unidades de gestão, enquanto condição essencial para o reforço da autonomia das escolas.

O modelo de avaliação externa concebido pelo grupo de trabalho concretiza-se através de visitas com uma duração de dois a dois dias e meio, realizadas por uma equipa de avaliação constituída por três avaliadores com valências diversificadas, de modo a garantir uma visão mais abrangente do processo.

Dominios de avaliação

O quadro de referência de avaliação externa elaborado privilegia cinco domínios, através dos quais procura encontrar resposta para cinco questões:

- 1. Resultados:** Como conhece a escola os resultados dos seus alunos, quais são e o que faz para os garantir?
- 2. A prestação do serviço educativo:** Para obter esses resultados, que serviço educativo presta a escola e como o presta?
- 3. Organização e gestão escolar:** Como se organiza e é gerida a escola para prestar esse serviço educativo?
- 4. Liderança:** Que lideranças tem a escola e que visão estratégica está por trás da organização e da gestão?
- 5. Capacidade de auto-regulação e progresso da escola:** Como garante a escola o controlo e a melhoria deste processo?

Das 115 escolas convidadas, 102 aceitaram integrar a segunda fase do processo, que tem como objectivo a generalização da avaliação externa a todos os estabelecimentos de ensino.



